

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**CUBA E A FORMAÇÃO DOCENTE REVOLUCIONÁRIA: A  
CONSTRUÇÃO DO *HOMEM NOVO***

**DAYANE DE FREITAS COLOMBO ROSA**

**MARINGÁ  
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**CUBA E A FORMAÇÃO DOCENTE REVOLUCIONÁRIA: A CONSTRUÇÃO DO  
*HOMEM NOVO***

Dissertação apresentada por DAYANE DE FREITAS COLOMBO ROSA, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO

Orientador:

Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO

Coorientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. ROSELI GALL DO AMARAL DA SILVA

MARINGÁ  
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Rosa, Dayane de Freitas Colombo

R788c Cuba e a formação docente revolucionária: a construção do *homem novo*/ Dayane de Freitas Colombo Rosa. -- Maringá, 2019.

200 f. : il. color., figs. , tab

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo.  
Coorientadora: Prof.a. Dr.a. Roseli Gall do Amaral da Silva

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Educação, 2019.

1. Formação de docente - Cuba 1961. 2. História e historiografia da Educação. 3. Revolução. 4. Campanha de Alfabetização. 5. Alfabetizamos. 6. *Homem Novo*. I. Melo, José Joaquim Pereira, orient. II. Silva, Roseli Gall do Amaral da, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD 22. ED.370.97291

Jane Lessa Monção CRB1173/9

DAYANE DE FREITAS COLOMBO ROSA

**CUBA E A FORMAÇÃO DOCENTE REVOLUCIONÁRIA: A CONSTRUÇÃO DO  
*HOMEM NOVO***

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo – UEM

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Gall do Amaral da Silva - UTFPR - Apucarana

Prof. Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin – PUC/PR

Prof. Dr. Alex de Novais Dancini – UEM

Maringá, 15 de março de 2019.

Dedico este trabalho a todos os professores que foram **luz** na minha vida, assim como os alfabetizadores cubanos foram **luz** na vida de muitos.

Aos *maestros*: Roseli Gall do Amaral da Silva, José Joaquim Pereira Melo, Carmen Lúzia Nagel Paiva, Magna Maria da Silva, Eliza Conceição Fantatto Encinas e Neuza Maria Julião Fortunato com carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me revestiu de Força em cada momento dessa árdua batalha intelectual, emocional e espiritual.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo por me ensinar com tanto cuidado e carinho. Por me proporcionar a concretização desse sonho. Pela sua intelectualidade que tanto me inspira. E, por sua humanidade.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Gall do Amaral da Silva minha querida Coorientadora e pastora por me orientar com tanta paciência e dedicação. Por sempre me ajudar a trazer a memória aquilo que me traz esperança. Por me ensinar pelo exemplo de sua vida a crer em esperança contra a esperança, assim como fez Abraão. E, por me lembrar sempre que é necessário fazer como Paulo de Tarso, esquecer das coisas que ficaram para trás e avançar às que estão adiante, prosseguindo para O alvo: Jesus.

Ao Prof. Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin e ao Prof. Dr. Alex de Novais Dancini, banca examinadora desta dissertação, pelas valorosas contribuições.

Ao meu querido esposo Márcio que do seu jeitinho sempre esteve ao meu lado, preocupando-se com meu bem estar. Por abdicar de seus sonhos para que os meus pudessem se concretizar. Por cuidar de mim e puxar a minha orelha quando necessário.

Aos meus pais, Djair e Marlene, por todos os esforços realizados para que esse momento fosse possível. Pela educação rígida que me deram e por simplesmente escolherem me amar.

A Coleta Freitas, Darlene Colombo e Ana Cristine pela compreensão das ausências nas festividades familiares.

A Joyce querida, minha amiga desde o pré, que tem coragem de me zoar, que me alegra e me abençoa por simplesmente existir.

As amigas Adriana Stoppock, Maria Luciane por me fortalecerem sempre.

Em especial a minha amiga Stela por concretizar a #EstarJunto em todos os momentos. Tanto para COMERMorarmos, quanto para ORARMOS.

A Carmen LÍzia Nagel Paiva, Magna Maria da Silva, Eliza Conceição Fantatto Encinas e Neuza Julião Fortunato pelo cuidado de não medirem esforços para que eu continuasse a graduação.

Se não fosse Deus e todos vocês esse sonho não seria possível. Muito Obrigada!

*É tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos. (Aníbal Quijano)*

*(...) Vocês viram e ouviram.  
E viram o que é comum  
O que está sempre ocorrendo.  
Mas a vocês nós pedimos:  
No que não é de estranhar  
Descubram o que há de estranho!  
No que parece normal  
Vejam o que há de anormal!  
No que parece explicado  
Vejam quanto não se explica!  
E o que parece comum  
Vejam como é de espantar!  
Na regra vejam o abuso  
E, onde o abuso apontar  
Procurem remediar! (Bertolt Brecht)*

*A terceira série "C", do ensino fundamental. Começa mais um seminário, recitando esse jogral: O homem do mundo moderno, tão capaz, tão global. Voltou para a idade da pedra, ou voltou para Neanderthal. (Zé Bruno)*

ROSA, Dayane de Freitas Colombo. **CUBA E A FORMAÇÃO DOCENTE REVOLUCIONÁRIA: A CONSTRUÇÃO DO *HOMEM NOVO***. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2019.

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo discutir a Educação e a formação docente revolucionária em Cuba, no período compreendido entre 1959 a 1961, a partir da análise do manual *Alfabetecemos*, elaborado em 1961 e das cartilhas *Venceremos*, *Producir-Ahorrar-Organizar* de aritmética e do manual *¡Cumpliremos!* como apoio didático. E, discutir as características de um novo modelo de educação e de homem como resultado desse processo. Além do manual, utilizou-se como fonte discursos de Fidel Castro e de Che Guevara para entender a educação do homem livre apresentado em 1961 no Manual *Alfabetecemos*, como *homem novo* em 1965 nos discursos. As questões problematizadoras que orientaram o desenvolvimento desta dissertação foram: De que forma e em que medida a formação de professores para a Campanha de Alfabetização de 1961 expressaram uma lógica revolucionária? Que tipo de docentes o movimento revolucionário pretendia e/ou necessitava formar? Qual foi a contribuição do manual *Alfabetecemos* (1961a) e dos Discursos de Che Guevara (1965) e do Fidel Castro (1967) nesse processo? E como se deu a construção do modelo de homem ideal nesse período de 1961 a 1967? Na busca por essas respostas, a pesquisa requisitou um referencial bibliográfico relativo ao tema, o qual viabilizou suporte histórico e metodológico para a solução das questões levantadas para o desenvolvimento desse estudo. Foi também preocupação entender historicamente a sociedade cubana e o processo de transformação social por ela promovido, no qual a educação teve papel significativo. Os resultados obtidos permitem inferir que a formação docente revolucionária em Cuba, expressa no manual *Alfabetecemos* (1961a) e nos Discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967), contribuíram para a formação do ideário revolucionário que pretendia um modelo de educação e de *homem novo*, com uma nova consciência, uma consciência coletiva que levaria o povo cubano a autoeducar-se.

**Palavras-chave:** Educação, Revolução, Formação Docente, Campanha de Alfabetização, *Alfabetecemos*, *homem novo*.

ROSA, Dayane de Freitas Colombo Rosa. **CUBA AND THE REVOLUTIONARY TEACHER FORMATION: THE CONSTRUCTION OF THE NEW MAN.** 200 f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Advisor: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Co-advisor: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2019.

## ABSTRACT

This study has as objective discuss Education and the revolutionary teacher formation in Cuba, between 1959 and 1961, from the analysis of *Alfabeticemos* manual, elaborated in 1961. In addition to the manual, discourses of Fidel Castro and Che Guevara were used as sources. And, the booklet *Venceremos*, the arithmetic booklet *Produce-Save-Organize* and the manual *We will comply!* as didactic support. And, discuss the characteristics of a new model of education and man as a result of this process. In addition to the manual, speeches by Fidel Castro and Che Guevara were used to understand the education of the free man presented in 1961 in the Manual *Alfabeticemos*, as a new man in 1965 in the speeches. The problematizing issues that guides the development of this dissertation was: how and to what extent, the teachers formation for the literacy campaign of 1961 expressed a revolutionary logic? The revolutionary movement intends or need to form what type of teacher? What was the contribution of *Alfabeticemos* (1961a) and the speeches of Che Guevara (1965) and Fidel Castro (1967) in this process? And how did the construction of the model of ideal man take place in this period from 1961 to 1967? In the search for these answers, the research requested an bibliographic reference related to the theme, which one made viable methodic and historical support for the solution of issues raised in development pf this study. It was also a concern to understand historically the cuban society and the social transformation process by him promoted, which one the education has significant role. The results allow to say that revolutionary teacher formation in Cuba, expressed in the *Alfabeticemos* manual (1961a) and in the Discourses of Che Guevara (1965) and Fidel Castro (1967) contributed for formation of revolutionary a model of education and a new man, with a new conscience, a collective conscience that would leads the cuban people to self-educates.

**Key-words:** Education, Revolution, Teacher Formation, Literacy Campaign, *Alfabeticemos*, New Man.

## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1</b> – Foto da Capa da Cartilha <i>Venceremos</i> .....	93
<b>Figura 2</b> – Foto da Capa do <i>Manual Alfabeticemos</i> .....	95
<b>Figura 3</b> – Imagem introdutória da Lição da cartilha <i>Venceremos</i> intitulada A Revolução ganha todas as batalhas.....	97
<b>Figura 4</b> – Texto da Lição da cartilha <i>Venceremos</i> intitulada A Revolução ganha todas as batalhas .....	98
<b>Figura 5</b> – Atividades da Lição da cartilha <i>Venceremos</i> intitulada “A Revolução ganha todas as batalhas” .....	99
<b>Figura 6</b> – Foto do Sumário do manual <i>Alfabeticemos</i> .....	101
<b>Figura 7</b> – Foto da Capa do Manual <i>¡Cumpliremos!</i> .....	107
<b>Figura 8</b> – Foto da Cartilha <i>Producir-Ahorrar-Organizar</i> .....	110
<b>Figura 9</b> – Foto da Lição a Safra do Povo .....	111
<b>Figura 10</b> – Foto da Lição <i>O Povo Trabalha</i> da Cartilha <i>Venceremos</i> .....	147
<b>Figura 11</b> – Cultos para ser livres .....	154
<b>Figura 12</b> – Frases de José Martí e Fidel Castro na Cartilha <i>Venceremos</i> .....	155

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. OS ANTECEDENTES DA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CUBA .....</b>	<b>28</b>
2.1. A Situação Revolucionária: o florescer da Revolução .....	31
2.2. O Apogeu Revolucionário em Cuba .....	46
<b>2.2.1 A <i>História me absolverá</i>: O início da Conscientização do Movimento Pedagógico .....</b>	<b>62</b>
2.3 O conceito Cubano de Revolução no <i>Manual Alfabetecemos</i> .....	67
<b>3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR CUBANO NO PERÍODO DE 1959-1961 .82</b>	
3.1. Os objetivos da Educação Revolucionária .....	83
<b>3.1.1 A Alfabetização Como Condição de Liberdade: Pressupostos teóricos dos materiais de Formação Pedagógica .....</b>	<b>90</b>
3.2. A Formação Dos <i>Jovens Maestros</i> no Manual <i>Alfabetecemos</i> : Os Protagonistas de um Novo Processo Formativo .....	100
<b>3.2.1 A formação Didática.....</b>	<b>102</b>
<b>3.2.2 A formação Matemática .....</b>	<b>108</b>
<b>3.2.3 A formação Psicológica.....</b>	<b>112</b>
<b>3.2.4 O treinamento Militar.....</b>	<b>116</b>
<b>3.2.5 O chamado <i>Currículo Oculto</i>.....</b>	<b>124</b>
<b>4. AS NOVAS NECESSIDADES EDUCATIVAS E A PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: TODO APRENDIZ UM MESTRE.....</b>	<b>136</b>
4.1 <i>Homem Novo</i> : O Aprendiz e Mestre.....	138
4.2 Princípios para a formação do <i>homem novo</i> : o Trabalho Voluntário .....	145
<b>4.2.1 A Formação Ideológica, Política, Artística e Cultural.....</b>	<b>152</b>
4.3 A Educação Revolucionária: O autoeducar-se .....	158
4.4 Che Guevara: O modelo de <i>homem novo</i> .....	160
4.5 O conceito de liberdade e autolibertação na proposta pedagógica de 1961.	164

4.6 Contribuições do Ideal de Formação Educacional Cubana para a História da Educação .....	174
<b>4.6.1 O rompimento dos princípios éticos e morais burgueses na educação cubana em 1961 .....</b>	<b>175</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>191</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), insere-se na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação e tem como objeto de investigação a Educação e a formação docente revolucionária em Cuba à construção do *homem novo*. Utilizou-se como fonte de pesquisa o manual do alfabetizador *Alfabetecemos* (1961a), apostila que norteou nesse período a Campanha de Alfabetização realizada no país. Utilizou-se também o discurso de Ernesto Che Guevara *O socialismo e o Homem* de 1965 e, o discurso de Fidel Castro em 1967 no funeral de Che Guevara. Ambos os discursos, podem ser compreendidos como uma possível tentativa de concretizar o ideal formativo da Educação Revolucionária desenvolvido em Cuba a partir da Campanha de Alfabetização. A Cartilha *Venceremos* (1961b), a Cartilha de aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* e o manual *¡Cumpliremos!*, foram utilizados como apoio didático.

Entende-se que os novos princípios formativos necessários para os educadores da época emergiram no processo de transformação de uma sociedade declarada independente. No entanto, até então, liderada pelos interesses liberais imperialistas norte-americanos desde a guerra hispano-americana de 1898<sup>1</sup>, a educação não ficou alheia a essas transformações e, em um cenário de transição da

---

<sup>1</sup>Guerra entre os Estados Unidos e Espanha que culminou na independência de Cuba. Este conflito ficou conhecido como guerra hispano-americana de 1898 pois, segundo Loris Zanatta (2017, p.96), “representou uma virada radical para as relações internacionais da América Latina, [...] Assim o Caribe, de lago europeu que fora até então, tornou-se um lago americano, realizando um antigo sonho estadunidense de exercer o controle sobre a região e, com isso, garantir a segurança das suas fronteiras meridionais”. Segundo o autor, essa guerra contribuiu para acelerar a expansão militar e econômica dos Estados Unidos no hemisfério latino. A independência de Cuba ao preço do direito de intervenção nos seus assuntos internos foi o ponto de partida estadunidense que prosseguiu, segundo Zanatta (2017, p.97) “[...] com o Panamá, onde em 1903 as tropas dos Estados Unidos ajudaram os nacionalistas locais a proclamar a independência da Colômbia em troca de concessão do direito de construir um canal interoceânico, inaugurado em 1914. E prosseguindo com inúmeros países da área onde a influência estadunidense se projetou, da Nicarágua à República Dominicana, da Guatemala ao Haiti: ora através dos sólidos investimentos das multinacionais agrícolas e minerárias, ora através da intensificação da propaganda cultural e das missões protestantes, ou ainda através das crônicas intervenções dos *marines* para manter a ordem, sempre precária, nos pequenos e em geral pobres países da região”.

ordem econômica capitalista burguesa para a socialista fez-se necessário formar um novo professor que atendesse ao novo modelo de homem.

Nesta perspectiva, o objetivo geral desta dissertação foi analisar o manual *Alfabetecemos* (1961a) e identificar de que forma e, em que medida os princípios da formação de professores para a Campanha de Alfabetização de 1961 colaboraram para a consolidação da Revolução em 1965, e qual o papel do professor nessa nova organização social, a fim de desenvolver uma análise de quais características deveriam fazer parte dessa formação.

Dessa forma, convém esclarecer que não se pretende fazer uma apologia ao sistema produtivo cubano, nem tão pouco educacional, e nem aprofundar discussões sobre marxismo-leninismo. Mas, investigar como se buscou em Cuba responder às necessidades educacionais emergentes do processo de transformação social que se materializou na ilha naquele período. O objetivo aproxima-se dos princípios discutidos por Hobsbawm (1995), sobre o papel do historiador: “compreender e explicar por que as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si” (HOBBSAWM, 1995, p.13), assumindo dessa forma, o entendimento de que o historiador se constitui em um ator político que contribui para a construção da identidade de um povo. E pode tanto produzir danos ao transmitir a história como mito no intuito de consolidar ideologias nacionalistas, étnicas e ou fundamentalistas bem como assumir a tentativa de compreender os fenômenos humanos para além da causalidade aparente. Apresentando críticas de possíveis abusos políticos e ideológicos, compreendendo dessa forma, a responsabilidade de discernir entre fato e ficção (HOBBSAWM, 1995).

Assim, compreende-se que as fontes históricas, que se constituem em todo e qualquer documento ou peça que possibilite o levantamento de informações histórico-educativas, necessitam ser analisadas e inseridas no contexto do qual fazem parte por meio de um olhar analítico-sintético que possibilita elucidar as relações humanas que representam (SAVIANI, 2011).

Para tanto, foram delineados como objetivos específicos: analisar a história de Cuba que antecede o movimento revolucionário a fim de entender como se desenvolveu a situação revolucionária em Cuba e sua Revolução; elucidar os

princípios que fundamentaram a ação revolucionária para compreender o conceito de revolução, liberdade e autolibertação desenvolvidos em Cuba no período delimitado; identificar as relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas após o apogeu revolucionário em 1959 para que fosse possível analisar as novas necessidades educativas; relacionar a exigência de se realizar uma Campanha de Alfabetização com os paradigmas que nortearam a formação dos professores com o propósito de identificar o novo ideal de professor cubano e analisar os princípios sociais, políticos e econômicos expressos no manual *Alfabetícemos* (1961a), tendo como apoio a Cartilha *Venceremos* (1961b), a Cartilha de aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) e o manual *¡Cumpliremos!* (1961b). A fim de elucidar o novo professor que se pretendia formar em consonância com os ideais revolucionários e o novo modelo de homem pretendido nos discursos de 1965 e 1967.

A escolha do tema *Cuba e formação docente revolucionária: a construção do homem novo* justifica-se em um primeiro momento, pelo interesse em pesquisar como Cuba, diante do histórico em que apresenta, demonstra nos rankings mundiais, apesar de ser um país latino-americano, indicadores de superação de analfabetismo e tornou-se referência em educação. Nesta perspectiva, o Banco Mundial (2014), destaca de forma qualitativa a educação cubana quando explicita que “[...] Nenhum sistema escolar da América Latina hoje, com exceção talvez de Cuba, está muito próximo de padrões elevados, elevado talento acadêmico [...]” (BRUNS; LUQUE, 2014, p.11)<sup>2</sup>.

Sob esta mesma perspectiva, para Trojan “[...] a educação cubana, a partir da revolução de 1959, desenvolveu uma trajetória que partiu de uma situação precária— com analfabetismo e falta de professores, e alcançou, no século XXI, uma condição invejável [...]”, o que se contrapõe ao contexto atual da maior parte da América Latina (TROJAN, 2008, p.3). E, Rodríguez (2011), argumenta que a educação cubana atualmente “consiste em um sistema bem estruturado [...] com dois Ministérios da Educação, um que atende à Educação Superior e outro, ao resto dos subsistemas” (RODRÍGUEZ, 2011, p.45).

---

<sup>2</sup>[...] No Latin American school system today, except possibly Cuba's, is very close to high standards, high academic talent [...] (BRUNS; LUQUE, 2014, p. 11).

Contudo, entende-se que em Cuba “[...] mediante necessidades diferenciadas, o sistema educacional tomou para si diferentes formas e propostas de ensino, para criar determinado tipo de homem, capaz de responder simultaneamente as necessidades produtivas da sociedade [...]” (PEREIRA MELO, 2000, p.12). Desse modo, compreende-se que os índices educacionais de Cuba da atualidade representam um fato histórico e não podem ser suficientemente compreendidos se não forem vistos como produto de um processo. Portanto, corrobora-se com a ideia de que “os fatos históricos somente têm “algo” a informar quando forem inseridos devidamente no conjunto de que fazem parte” (PEREIRA MELO, 2010, p.18).

Assim, a partir do pressuposto de que esses indicadores são construto humano e de um processo histórico imbricado em uma relação dialética complexa, tornou-se relevante o estudo pretendido.

Desse modo, entende-se de que se faz necessário, enquanto latino-americanos, compreender as origens, numa tentativa de libertação da identidade eurocêntrica que nos foi e, continua sendo impressa. A pesquisa justifica-se no campo da história da educação por fomentar a reflexão acerca de uma pedagogia crítica e transformadora que foi efetiva no que diz respeito à erradicação do analfabetismo em Cuba. Essa pedagogia, segundo o Manual do alfabetizador *Alfabetecemos* (1961a), pretendia proporcionar o ensino da leitura e escrita, bem como a compreensão do processo revolucionário ao camponês e sua politização. Na tentativa, de forma particular e adaptada, de materializar o princípio educativo do trabalho. Dito de outra forma, unificar o mundo do trabalho com o mundo da cultura; a ciência produtiva com a ciência humanista; a escola profissionalizante com a escola desinteressada (GRAMSCI, 1976).

Essas constatações e as discussões realizadas em sala de aula, na disciplina *Revoluções e Educação na América Latina*, do Programa de Pós Graduação em Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá/ UEM, fomentaram para mais o interesse que já existia sobre o objeto de pesquisa desta dissertação, pois, entende-se que a identidade de um povo passa pela politização do indivíduo, sendo sua condição política fundamental.

No levantamento da pesquisa, foi necessário compreender a história cubana que antecede a Revolução. Cuba foi colônia espanhola de 1510 a 1898, conquistou sua independência a partir da intervenção militar dos EUA contra a nação espanhola nos primeiros anos do século XX. Considera-se a tardia independência cubana como uma transição da situação de colônia espanhola para neocolônia americana. Neste sentido, compreende-se como principal fato fenomênico para essa situação a denominada *Emenda Platt*<sup>3</sup> na constituição Cubana. Dessa forma, a nação antes considerada colônia espanhola, quando independente, rendeu-se ao imperialismo estadunidense. A *Emenda Platt*, em seu artigo terceiro, autorizava o governo dos EUA a intervir nos assuntos internos de Cuba; em seu artigo sétimo estava estabelecido que o governo de Cuba venderia ou arrendaria aos EUA as terras que fossem necessárias (PERONI, 2006).

Desse modo, Cuba foi declarada formalmente como República em 20 de maio de 1902. E, caracterizada por Richard Gott (2006) como uma República para norte-americanos, na qual sem concorrentes Tomás Estrada Palma (1835-1908)<sup>4</sup> elegeu-se primeiro presidente. Segundo o autor, este foi o ponto de partida que intensificou no país a violência, corrupção, revoltas militares, gangsterismo, intervenções esporádicas dos militares norte-americanos e prosperidade de uma pequena parcela da sociedade. Assim, após Tomás Estrada Palma, a história de Cuba apresentou uma sucessão de presidentes cujos governos, segundo Sweezy e Huberman (1960), se mostraram característicos de venalidade, nepotismo, incompetência, ambição e despotismo. Ora eleitos pelo voto, ora pela força. Para os autores, nesse grupo de administradores destacaram-se Ramón Grau San Martín (1881-1969)<sup>5</sup>, Carlos Prio

---

<sup>3</sup>Emenda na Constituição Cubana que institucionalizou uma espécie de protetorado estadunidense na ilha de Cuba. Segundo Zanatta (2017, p.98) “Essa emenda reconhecia o direito dos Estados Unidos de intervir na ilha para preservar a paz interna e a independência, e limitava o direito cubano de contrair dívidas livremente e de estipular alianças internacionais que representassem uma ameaça para a segurança do grande vizinho”.

<sup>4</sup>Cidadão cubano nascido nos Estados Unidos. Segundo Gott (2006, p.135) “pertencia a uma classe educada e dominante que não tinha preconceito contra os ocupantes norte-americanos, e ansiava por um relacionamento íntimo e continuado com eles após a independência”.

<sup>5</sup>Ramón Grau San Martín foi um médico fisiologista presidente de Cuba por duas vezes. O seu primeiro mandato ficou conhecido como o governo dos 100 dias, no qual defendeu o lema *Cuba para os cubanos*. Segundo Blanco e Dória (1982, p.30) “se negou a jurar a Constituição de 1901 perante o Tribunal Supremo da República, visto que ela trazia como apêndice a Emenda Platt, preferindo fazer o juramento perante as massas congregadas em frente ao palácio do governo”. No entanto, em 1944 para conseguir seu segundo mandato juntou-se aos comunistas para enfraquecer o exército de

Socorrás (1903-1977)<sup>6</sup>, o General Gerardo Machado (1871-1939)<sup>7</sup> e o Sargento Fulgencio Batista (1901-1973)<sup>8</sup>.

Neste contexto, depois de aproximadas cinco décadas de pequena república, da crise de 1929 e governos ditatoriais, desenvolveu-se em Cuba um cenário crítico, com alto índice de analfabetismo, miséria e precariedade da saúde e educação. Destarte, Fidel Castro (1926-2016) fomentou o assalto ao quartel Moncada em 1953. Esse movimento revolucionário contra a ditadura de Fulgencio Batista, denominado 26 de Julho e liderado por Fidel Castro foi mal sucedido, muitos dos participantes foram mortos. Dos 82 homens que sobreviveram, muitos foram torturados, presos e exilados, dentre eles Fidel Castro que se refugiou no México. Lá, em 1955, seu irmão Raul Castro lhe apresentou Ernesto Che Guevara (1928-1967), retornaram à Cuba em 1956 e confrontaram-se com as forças armadas do governo de Fulgencio Batista. Desse confronto, sobreviveram apenas 22 deles que refugiaram-se nas matas de *Sierra Maestra*. Em 1º de janeiro do ano de 1959, Fidel Castro e Che Guevara, que nesse momento já havia se tornado um dos líderes da guerrilha e

---

Batista e depois voltou-se contra os mesmos. Neste sentido, para Blanco e Dória (1982, p.55) o “governo de Grau San Martín revelou-se pois uma enorme decepção. A corrupção e a violência haviam-se tornado normas da vida política a tal ponto que o próprio Grau era acusado do escandaloso roubo do Diamante do Capitólio e de incentivar oficialmente o gangsterismo”.

<sup>6</sup>Carlos Prio Socorrás foi eleito em 1948, e, o que caracterizou o seu governo foi, segundo Blanco e Dória (1982), a retomada dos protestos populares após uma tentativa de aumentar os preços dos transportes urbanos e das tarifas elétricas. Criou o GRAS (Grupo de Repressão às Atividades Subversivas), no intuito de combater o gangsterismo. Foi deposto em 1952 após Batista entrar na sede do Estado-Maior do Exército, o quartel Colúmbia, e desencadear um golpe de Estado.

<sup>7</sup>Gerardo Machado y Morales foi o sexto mandato presidencial por mais seis anos sem convocar novas eleições. Foi um caudilho liberal típico. Segundo Gott (2006, p.152), “[...] era de origem mais humilde do que os presidentes anteriores. Outrora açougueiro em Santa Clara, a cidade em que nasceu em 1871, vinha de uma família de ladrões de gado, talhando de dia o que tinha arranjado durante a noite. Recruta natural das forças rebeldes na guerra de independência, subiu na vida até chegar a oficial comandante, voltando-se presidente de Cuba, eleito em 1924 estendeu em 1928 o seu governo para a política dos liberais [...]”. Tentou conciliar os interesses da burguesia nacional com os interesses do imperialismo ao mesmo tempo em que iniciou uma forte repressão as forças populares.

<sup>8</sup>Fulgencio Batista Zaldívar foi um militar cubano, segundo Sweezy e Huberman (1960, p.37), Batista “[...] tomou o controle do exército em setembro de 1933 e assumiu o governo no ano seguinte” Foi um ditador sanguinário, cujo regime representou repressões, assassinatos, gangsterismo, suborno e corrupção. É importante ressaltar que de 1933 a 1940, Batista manteve o controle do país como chefe das forças armadas até ser eleito presidente em 1940 até 1944. Retornou ao governo depois de um golpe de Estado em 1952, quando suspendeu a Constituição de 1940 e revogou o direito a greve. Restabeleceu no país a pena de morte e decretou para si mesmo um salário maior do que o do presidente dos Estados Unidos. O regime de Batista foi derrubado em 1959 pelo exército rebelde comandado por Fidel Castro, Che Guevara, Raul Castro e Camilo Cienfuegos.

estabelecido forte amizade com Fidel Castro, e os demais guerrilheiros derrubaram a ditadura de Batista.

Nesse período de Revolução, a temática da formação de um *homem novo*, tendo como instrumento a educação foi alvo de discussões. Isso porque, na perspectiva dos revolucionários, os critérios que pautavam o agir humano da sociedade cubana estavam desatualizados. Desse modo, a reestruturação produtiva exigiu que a sociedade fosse também reestruturada, os valores educativos precisavam dar suporte aos novos padrões de comportamento humano necessários na nova etapa do sistema de produção cubano. Assim, fez-se necessário erradicar o analfabetismo e formar para tanto novos professores.

Isto posto, observa-se que a primeira medida do governo revolucionário em 1959 foi a criação da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental, então Fidel Castro e Ernesto Che Guevara passaram a explicitar em discursos televisionados que o analfabetismo era um inimigo poderoso da Revolução e fazia-se necessário formar um homem livre, culto e miliciano. Ou seja, um soldado vigilante e disciplinado para a defesa da Pátria, liberto das amarras do passado capitalista. Desde então, foram chamados a colaborar mestres voluntários, Enrique Pineda Barnet foi o primeiro a se inscrever como mestre voluntário após ouvir Fidel Castro pela TV explicitando a necessidade de criar um movimento de jovens professores para servir e alfabetizar os trabalhadores rurais para que a consolidação da Revolução se efetivasse.

Segundo Peroni (2006), os professores voluntários tinham três meses de treinamento em *Sierra Maestra* acompanhados pelo próprio Fidel Castro. Recebiam formação em várias disciplinas. Esta dissertação buscou analisar, dentre elas, as disciplinas de Didática, Matemática, Psicologia e Treinamento Militar. É importante destacar que optou-se em discutir e analisar essas disciplinas pois nelas foi possível observar além do conteúdo científico, também um conteúdo ideológico para atender os ideais da Revolução. Permeado as essas disciplinas tinham o chamado *Currículo Oculto* que consistia em conteúdos que estavam pautados nos princípios de amor pela pátria e pelo o próximo que precisavam ser incorporados. Ou seja, “[...] centrado na relação individual/coletivo, na crítica e autocrítica, na disciplina, enfim,

na nova consciência” (PERONI, 2006, p.35). Vale aqui ressaltar também que o Manual *Alfabetemos* (1961a) expressa essa formação, realizada em três meses, na qual essa dissertação empreendeu-se em analisar.

No dia 26 de setembro de 1960, Fidel Castro em um discurso pronunciado na Assembleia Geral da ONU, declarou que dentro de um ano Cuba seria o primeiro país latino-americano livre do analfabetismo e, assim, se iniciou os preparativos oficiais para a Campanha de Alfabetização Cubana. A Campanha de Alfabetização foi estruturada em quatro seções, sendo elas: Técnica, Propaganda, Finanças e Publicações. A seção responsável pela técnica elaborou o material didático pedagógico que deveria ser utilizado para alfabetizar dentre eles: a Cartilha *Venceremos* (1961b), o Manual do alfabetizador *Alfabetemos* (1961a), a Cartilha de aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) e o Manual *¡Cumpliremos!* (1961b).

Ambos os materiais, o Manual do alfabetizador *Alfabetemos* (1961a) de 99 páginas e a Cartilha *Venceremos* (1961b) com 110 páginas, foram publicados no ano de 1961 pela Comissão Nacional de Alfabetização e Ministério de Educação do governo revolucionário, apresentavam uma linguagem simples e didática. O manual do alfabetizador em cada tema que deveria ser trabalhado apresentava uma epígrafe de pessoas consideradas referências para a Revolução como José Martí, Raul Castro, Nuñez Jimenez e Fidel Castro, bem como uma imagem em preto e branco acompanhada de um pequeno texto com os elementos essenciais sobre o tema que deveria ser abordado com os alfabetizandos. As lições da Cartilha *Venceremos* (1961b) começavam com uma imagem em preto e branco da realidade cubana referente ao tema que seria abordado, era acompanhada de um pequeno texto com frases curtas. As lições, também bem simples como reconhecimento de letras, leitura de palavras, cópia e complete, partiam de uma frase principal do texto e esta frase era decomposta em palavras e depois em sílabas, o que caracterizou o método analítico, denominado de sentencição, como o recurso metodológico utilizado para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética na Campanha de Alfabetização.

A Cartilha de aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) seguia o mesmo padrão da Cartilha *Venceremos* (1961b), com imagens em preto e branco e exercícios de alfabetização matemática que partiam da realidade do trabalhador rural. O Manual *¡Cumpliremos!* (1961b), foi elaborado por último com o objetivo de complementar as orientações revolucionárias expressas no manual *Alfabetecemos* (1961a). Continha temas sobre a Revolução e foi escrito pelo próprio Fidel Castro, era dividido em sete capítulos que elucidavam noções sobre a história de Cuba antes da Revolução e as alterações que estavam se concretizando na ilha após a Revolução. Vera Maria Vidal Peroni (2006), explicita que a forma como esses materiais foram elaborados e os conteúdos neles contidos expressavam todo o ideal revolucionário da época vivenciada em Cuba<sup>9</sup>, pois referiam-se às condições materiais necessárias à uma vida digna, assim como aos aspectos subjetivos da existência humana, demonstrando dessa forma “a preocupação com o desenvolvimento de uma nova mentalidade e, por isso, investimento maciço em educação” (PERONI, 2006, p.53).

---

<sup>9</sup>Vale ressaltar que a proposta dessa Campanha de Alfabetização, bem como a forma como foram elaborados os conteúdos dos materiais didáticos utilizados na mesma, ultrapassaram os limites do território cubano na década de 1960. Segundo Maria Elizete Guimarães Carvalho (2015, p.1), “A década de sessenta testemunhou um conjunto de experiências educacionais de caráter popular que se opunha ao sistema regular desenvolvido nas escolas públicas, buscando a erradicação do analfabetismo e o desenvolvimento da consciência social e política dos setores populares” dentre os quais se destaca o vivenciado em Cuba. Neste sentido, a campanha de alfabetização cubana influenciou no Brasil, em 1963, a campanha de alfabetização *De Pé no Chão também se Aprende a Ler* realizada no Rio Grande do Norte em Natal. Com o objetivo de erradicar o analfabetismo na Capital e despertar a consciência política, o prefeito Djalma Maranhão (1915-1971), iniciou um movimento educacional que apresentou como filosofia “convocar as forças vivas da comunidade a um trabalho do, com e para o povo” (GÓES, 1991, p.95). O material didático elaborado para essa campanha em Natal, ficou conhecido como *O Livro de Leitura de Pé no Chão*. Segundo Góes (1995), esse material se aproximou ao manual *Alfabetecemos* e a cartilha *Venceremos* utilizados em Cuba. Para o autor, essa aproximação se deu nos temas contidos no *Livro de Leitura de Pé no Chão* que discutiam a realidade do alfabetizando, no conteúdo político que pretendia a conscientização do povo e na metodologia (método analítico). Assim, explicita Carvalho (2015, p.5), que “com efeito, a sintonia da educação popular no Nordeste dos anos 60 com a campanha de erradicação do analfabetismo em Cuba aponta, também, para uma conexão no sentido político-ideológico de deter a trajetória da dominação”. Góes (1991, p.119) ao tratar do discurso da Campanha de alfabetização realizada em Natal, explicita que: “Por trás desse novo discurso da Campanha, está a influência da Revolução Cubana, que se exerceu em todos os movimentos progressistas da época. Uma consulta aos jornais de então e, no caso específico de Natal, à Folha da Tarde, de propriedade de Djalma Maranhão, constatará a grande repercussão, no Brasil, da revolução fidelista”.

Nesse período, empreendeu-se em fomentar a necessidade de todo cubano atingir a humanização, necessitando para isso, formar professores que apresentassem em si os princípios morais, políticos e econômicos do novo ideal de homem pretendido, ou seja, formar voluntários que iriam educar e se autoeducar ao mesmo tempo. E, em 22 de setembro de 1961, Fidel Castro declarou Cuba como território livre de analfabetismo.

É importante destacar, que o projeto antropológico cubano foi se desenvolvendo e ganhando características no processo de formação docente revolucionária à Campanha de Alfabetização. No entanto, aparece sistematizado como *homem novo* no discurso de Che Guevara em 1965 e de Fidel Castro em 1967. É dessas constatações que se desdobra a problemática da dissertação: De que forma, em que medida os princípios da formação de professores à Campanha de Alfabetização de 1961, expressavam os ideais revolucionários de construção do *homem novo* apontados nos discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967)? Que tipo de docentes Cuba liderada por Fidel Castro pretendia e/ou necessitava formar? Qual a contribuição do manual *Alfabetecemos* (1961a) e dos discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967) nessa formação?

Para responder a estas questões buscou-se empreender uma análise sobre os novos conhecimentos de caráter político, social, econômico e cultural expressos no Manual do alfabetizador produzido para a Campanha de Alfabetização *Alfabetecemos* (1961a). A análise não foi tomada como objeto de explicação, não, ao menos, no sentido de explicar a si mesma, mas sim abordada como meio de apreender concepções, diagnósticos, prioridades, direcionamentos e orientações em relação aos princípios educativos que deveriam nortear a sociedade cubana naquele período.

Tratou-se de apreender em que medida as ideias expressas na proposta pedagógica *Alfabetecemos* (1961a), são expressões da necessidade de reordenar a sociedade tendo por base a nova materialidade que se contrapõe a uma ordem econômico-político-social baseada nos pressupostos capitalistas e, considerando também a demanda social por um novo tipo de homem, o homem revolucionário.

É neste cenário de discussões que o objeto da pesquisa se insere, e, para entendê-lo, foi essencial realizar uma análise histórica, na tentativa de compreender de forma dialética a proposta educacional à formação do *homem novo* em Cuba para que se descortinassem os ideais, os anseios, as perspectivas e contradições da formação docente revolucionária para a Campanha de Alfabetização e, por fim, o entendimento de como o educador em Cuba nesse período foi educado. O princípio que norteou essas investigações foi o elucidado por Marx e Engels (1986) em a *Ideologia Alemã* de que “a coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou autotransformação só pode ser tomada e racionalmente entendida como práxis<sup>10</sup> revolucionária (MARX; ENGELS, 1986, p.104) e que para tanto primeiramente o educador precisa ser educado.

Nesse sentido, a pesquisa apresenta como fonte primária o manual *Alfabetecemos* (1961a), que foi formulado como material de apoio aos professores voluntários da Campanha de Alfabetização e os discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967). O manual *Alfabetecemos* (1961a) feito com material simples, aparentemente de papel jornal e com imagens em preto e branco foi dividido em três partes. A primeira constitui-se em orientações de como o alfabetizador deveria se comportar. Na segunda parte são desenvolvidos vinte e quatro temas de orientação revolucionária para politizar o professor e conscientizá-lo dos interesses da Revolução para que ao trabalhar as lições dessa Cartilha, com o alfabetizando, pudesse, ao mesmo tempo, alfabetizá-lo e instruí-lo nos caminhos da Revolução. A terceira e última parte contém a Primeira Declaração de Havana e um vocabulário simples conceituando as palavras revolucionárias, como por exemplo as palavras: Revolução, liberdade, libertação, imperialismo, OEA (Organização dos Estados Americanos) e latinoamericanismo.

---

<sup>10</sup>Para Marx, práxis consiste no momento em que as explicações da vida social partem e retornam à sociedade por meio da ação se materializando em concreto pensado. E ainda, em Marx (1978), a práxis “não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado” (MARX, 1978, p.117). Nesse sentido, Kosik (1989) define o que é práxis: “A práxis é ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente, unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade” (KOSIK, 1989, p. 202). Como a realidade humano-social é criada pela práxis, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano: o que é humano e o que não é humano não são já predeterminados; são determinados na história mediante uma diferenciação prática. A práxis se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade (KOSIK, 1989).

Em 14 de março de 1965 no Seminário *Marcha* realizado em Montevideu no Uruguai, foi publicada uma carta que Che Guevara havia escrito ao editor de jornal Carlos Quijano. Este texto, ficou conhecido como *O Discurso Socialismo e o homem em Cuba*, elucidado também como um dos mais importantes escritos de Che Guevara. Nele, Guevara desenvolveu um possível manual da pedagogia revolucionária com vistas a formar o perfil de homem ideal para a consolidação do movimento revolucionário cubano. Neste discurso Che Guevara, explicitou como Cuba havia compreendido que a educação deveria ser um dos pilares fundamentais para a construção do socialismo, ao mesmo tempo em que a sociedade como um todo estava, em Cuba, se transformando em uma escola. Adotando para isso, o princípio do trabalho voluntário.

Na tentativa de garantir a concretização desse possível ideal formativo, que foi propagado na formação docente revolucionária em Cuba como um homem livre, culto e miliciano e denominado no discurso de Che Guevara de 1965 de *homem novo*. Ao fazer uma homenagem ao companheiro que havia sido morto em combate na Bolívia, Fidel Castro (1967) no velório de Guevara, apontou-o como o modelo de homem a ser seguido. O modelo no qual o povo cubano deveria se espelhar para a formação das novas gerações.

Assim, para a compreensão dos pressupostos que fundamentaram a Revolução Cubana e, a proposta pedagógica para aquele período foi utilizada a Cartilha *Venceremos* (1961b), a Cartilha de aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c), as obras de Fidel Castro como o manual *¡Cumpliremos!* (1961b), *A História me Absolverá* (2001); *Educação em Revolução* (1976); *O homem novo e a nova mulher em Cuba* (1979); *Foi assim que Fidel Castro falou* (2008), assim como discursos pronunciados por Fidel Castro entre os anos de 1959 a 1961. Também foram analisados os textos de Che Guevara: *Venceremos! Os Discursos e Escritos de Ernesto Che Guevara* (1968); *Uma Atitude Comunista frente ao Trabalho* (1982) e *Notas para o Estudo da Ideologia da Revolução Cubana* (2004). Foram ainda consultadas para a compreensão do objeto, as obras de Karl Marx e Engels em *A ideologia alemã* (1986); *A Sagrada Família* (2003); *Manifesto do partido comunista* (1996); *Crítica da educação e do ensino* (1978) e Marx em *A Questão Judaica*

(1991); *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (2004); *Contribuição à crítica da economia política* (2008) e *Crítica do Programa de Gotha* (2012).

Também foram utilizados como referências autores comentadores como José Joaquim Pereira Melo (2017); Luiz Alberto Monis Bandeira (2009); Michel Huteau e Jacques Lautrey (1976); Richard Gott (2006); Eric Hobsbawm (1995) e (2017); Abelardo Blanco e Carlos Dória (1982); Eric Nepomuceno (1981); Monolo Pérez (2001); Vera Peroni (2006), Newton Ferreira da Silva (2011). Sobre o método utilizou-se Gentil Corazza (1996), Karel Kosik (1989), Mario Alighiero Manacorda (2007), José Cláudio Barriguelli (1982) e Adolfo Sanches Vazquez (2004). Foram ainda consultados outros autores como: Carlos Roberto Jamil Cury (1986), Dermeval Saviani (2003), Walter Mignolo (2007), Aníbal Quinjano (2005) e Pedro Quental (2012).

Desse modo, o ponto de partida para a análise do objeto buscou explicitar que “a educação se opera, na sua unidade dialética com a totalidade, como um processo que conjuga as aspirações e necessidades do homem no contexto objetivo de sua situação histórico-social” (CURY, 1986, p.13).

A educação é, portanto, determinada historicamente por um modo de produção dominante e, em Cuba, as condições materiais do período delimitado se tornam especiais pois é um período de luta entre uma velha ordem social e uma nova que se pretendia estabelecer, não a princípio como veremos, mas, no decorrer da própria materialidade histórica desenvolvida pela derrubada do governo de Batista em 1959. Tratar sobre educação e a formação docente revolucionária em Cuba nesse período em especial exige estar mais atento às contradições que nele estão expressas. Portanto, [...] Conceber uma tal metodologia sem a contradição é praticamente incidir num modo metafísico de compreender a própria realidade” (CURY, 1986, p.27).

Compreende-se que os homens são os produtores das suas representações, das ideias, mas, os homens reais, tais como se encontram condicionados por determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do intercâmbio que a estas corresponde até às suas formações mais avançadas estão dotados de contradições, contradições humanas que não os fazem melhor ou pior, apenas

comprovam sua humanidade (PEREIRA MELO; AMARAL, 2007). Dessa maneira, se em toda a ideologia os homens e as suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa Câmera obscura, é porque este fenômeno deriva do seu processo histórico de vida, da mesma maneira que a inversão dos objetos na retina deriva do seu processo diretamente físico da vida (MARX, 1986).

Assim, a educação e a formação docente revolucionária em Cuba pode ser compreendida como construto da produção do saber social, logo, ocorreu no interior das relações sociais que encontraram terreno fértil para florescer.

A proposta pedagógica *Alfabetecemos* (1961a) implicou em expressar de forma sistematizada o saber que surgiu da prática social. Nesta perspectiva, adotou-se como procedimento técnico de pesquisa o caráter bibliográfico. Nesse sentido, foi realizada uma leitura atenta e sistemática, do manual *Alfabetecemos* (1961a), do Discurso de Che Guevara (1965) e de Fidel Castro (1967), da Cartilha *Venceremos* (1961b) e de algumas páginas da Cartilha *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) e do o Manual *¡Cumpliremos!* (1961b), assim como de fontes constituídas principalmente de livros e artigos de periódicos que permitiram compreender os aspectos políticos, econômicos e sociais de Cuba no período de 1959-1961, sob o objetivo de conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema abordado.

A análise do objeto de pesquisa foi articulada ao processo de transformação da sociedade cubana, ao processo de reestruturação produtiva da mesma e as novas relações educativas necessárias para atender o novo modelo societário constituído. Dessa forma, a análise bibliográfica foi realizada pelo entendimento de totalidade, transformação social e contradição.

Para tanto, estruturou-se a dissertação em cinco capítulos: o primeiro teve o intuito de apresentar o tema, objetivos, justificativa, problema de pesquisa, método e metodologia adotada, assim como breves constatações e resultados.

No segundo capítulo, intitulado de *Os Antecedentes da Campanha de Alfabetização e a Formação de Professores em Cuba*, buscou-se apresentar, assim como historicizar e analisar o contexto histórico que antecedeu a Campanha de Alfabetização em Cuba e proporcionou a materialidade da formação docente revolucionária que foi ao campo alfabetizar e tratou de enunciar os novos

conhecimentos que foram se desenvolvendo com a prática social que se transformava na época e apontando o conceito Cubano de Revolução no *Manual Alfabetecemos* (1961a).

O terceiro capítulo *A Formação do Professor Cubano no Período de 1959-1961*, pretendeu analisar a Campanha de Alfabetização e a formação do professor no período delimitado, em especial, a formação didática, psicológica, militar e os princípios do *Currículo Oculto* expressos no manual *Alfabetecemos* (1961a), a fim de apontar as contribuições desse material à formação do novo tipo de professor que se pretendia formar, o revolucionário homem livre, culto e miliciano que anos mais tarde seria sistematizado como *homem novo*.

No quarto capítulo, *As Novas Necessidades Educativas e a Práxis Revolucionária: Todo Aprendiz Um Mestre*, objetivou-se destacar o resultado pretendido com a formação de professores, por meio do *Manual Alfabetecemos* em 1961, na possível formação do *homem novo* expressos nos discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967). Ao analisar as necessidades educativas que foram geradas a partir do movimento revolucionário, a preocupação foi identificar os princípios que deveriam nortear a formação ideal para o *homem novo*, e elucidar as possíveis contribuições do ideal de formação educacional cubano para a história da educação.

Nesta perspectiva, ressalta-se que os princípios aqui discutidos não foram no intuito de copiá-los, pois entende-se que cada povo tem suas particularidades determinadas por suas condições materiais. Todavia, o exemplo educacional do povo cubano nos leva a fomentar discussões do processo educacional no Brasil, quanto aos objetivos ideológicos e a qualidade de uma práxis transformadora que possibilite a politização consciente do nosso povo.

## 2. OS ANTECEDENTES DA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CUBA

A educação e a formação docente revolucionária em Cuba, no período delimitado, faz parte de um conjunto de acontecimentos que expressam o movimento concreto da história de transição do modo de produção capitalista para o *socialismo cubano*<sup>11</sup>. Dentre esses acontecimentos, destacam-se a Revolução<sup>12</sup> e a Campanha de Alfabetização.

---

<sup>11</sup>A expressão *socialismo cubano* será utilizada para demonstrar que o modo de produção desenvolvido em Cuba no período estudado ganhou características próprias na medida que foi se desenvolvendo no empirismo para atender as dificuldades que a Revolução impôs aos seus líderes para se consolidar diante aos embates do tempo vivido. Dessa forma, a própria Revolução foi desenvolvendo sua identidade e não ficou presa somente nos princípios do marxismo-leninista. Leal (2008), explica que prevaleceu em Cuba um espontaneísmo que não proporcionou um efetivo Estado proletário, mas que essa constatação não retira de Cuba algumas características socialistas “tipificado este na estatização da grande propriedade capitalista em favor da melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras. Mas inelutavelmente o coloca no mesmo campo histórico de um tipo de socialismo, como o concretizado nos países do leste da Europa” (LEAL, 2008, p.280), e ao mesmo tempo o que mais se aproximou do socialismo explicitado nos escritos de Marx.

<sup>12</sup>Segundo Silva (2009), o termo Revolução, começou a ser utilizado no Renascimento para fazer referência ao movimento lento, regular e cíclico das estrelas. Para a autora, a expressão ganhou significado político apenas no século XVII, com a revolução Inglesa. “Nesse período, revolução significava retorno à ordem política anterior que tinha sido alterada por turbulências. Assim, naquele momento, a Revolução Inglesa não foi entendida como a guerra civil e a ascensão de Cromwell, mas a volta à monarquia” (SILVA, 2009, p.362). No entanto, para a autora, foi com a Revolução Francesa que a palavra ganhou o significado de mudanças drásticas e de forma violenta da estrutura de determinada sociedade, provocada por um confronto entre classes. Dessa forma, a autora complementa que para acontecer uma Revolução “[...] é preciso primeiro que haja um conflito social, uma situação de crise revolucionária” (SILVA, 2009, p.363). Pensando em Revolução como um conflito entre as classes, Marx e Engels (1996), definiram dois tipos de Revolução: a Revolução burguesa e a Revolução proletária e ou socialista. Para os autores, a Revolução Francesa seria o modelo de Revolução burguesa que abriria espaço para a Revolução socialista. A Revolução socialista Marx e Engels (1996) explicitam como uma ruptura violenta de uma velha ordem socioeconômica e a consolidação de uma transformação social que garanta a liberdade e igualdade social entre os homens, ou seja, Revolução proletária é quando “o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia” (MARX; ENGELS, 1996, p.7). Na América Latina, na perspectiva de Hector Bruit (1988), as revoluções tiveram um caráter mais nacionalista do que de classes. No entanto, ele classifica a Revolução Mexicana como burguesa e as revoluções cubana e nicaraguense como proletárias. Para Florestan Fernandes (1984, p.1), a palavra Revolução “tem sido empregada de modo a provocar confusões”, principalmente no emprego político do termo. Para o autor, essas confusões, na maioria das vezes, são realizadas de forma intencional por determinada parcela da sociedade. A palavra tem sido utilizada, segundo o autor, para denominar golpes e ou reformas. Isto porque, o “[...] uso das palavras traduz relações de dominação. Se um golpe de Estado é descrito como “revolução”, isso não acontece por acaso. Em primeiro lugar, há uma intenção: a de simular que a revolução democrática não teria sido interrompida. [...] Em segundo lugar, há uma intimidação: uma revolução dita as suas leis, os seus limites e o que ela extingue ou não tolera [...] É por aí que começa a inversão das relações normais de dominação. Fica mais difícil para o dominado

O movimento revolucionário que derrubou a ditadura de Fulgencio Batista teve início em 1953 e conquistou seu apogeu em 1º de janeiro de 1959. Seus principais líderes foram Fidel Alejandro Castro Ruz (1926-2016)<sup>13</sup> e Ernesto Che Guevara (1928-1967)<sup>14</sup>, em uma parceria que se iniciou no México quando Fidel Castro conheceu Che Guevara e viu nele as características necessárias para ajudar a consolidar a proposta de Revolução em Cuba.

Compreende-se que a Revolução Cubana desperta o interesse de muitos que tendem a interpretá-la ora de maneira positiva ora negativa. Para Carvalho (2004), o processo revolucionário cubano por muitas vezes foi vinculado pela imprensa como uma luta entre o bem e o mal, ora o mal representado pelo vilão imperialista Estados Unidos e o bem pela força libertadora, ou seja, a Revolução, ora o mal era representado pelo inimigo externo, o comunismo e Cuba estava “pronta a espalhar sua ‘infecção’ letal pelo solo latinoamericano; enquanto se fazia necessária uma ‘aliança’, com os Estados Unidos, para o combate ao inimigo comum” (CARVALHO, 2004, p.119). Para a autora, essa divisão sobre o processo revolucionário cubano, ou seja, a representação de Cuba ora como o paraíso ora como o inferno, trata-se de pontos de vistas que tentam projetar verdades com julgamentos ideológicos.

Nesta perspectiva, corrobora-se com Bordin (2013, p.23) quando explicita que “sentimo-nos inclinados, pelas nossas próprias origens ou heranças teóricas, a

---

entender o que está acontecendo e mais fácil defender os abusos e as violações cometidas pelos donos do poder” (FERNANDES, 1984, p.1). Essas considerações, proporcionam o entendimento de Revolução como uma mudança radical na estrutura da sociedade bem como no modo de produção da mesma. Neste sentido, deve-se ter uma preocupação e cuidado ao fazer uso da palavra. Pois, corrobora-se com Silva (2009, p.365-366) que “[...] Toda palavra tem seu significado e sua função específica na sociedade; assim, toda palavra tem um uso político. Por isso devemos ser precisos com os conceitos e falar de golpe de Estado quando houver um e de revolução quando for o caso”.

<sup>13</sup>Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu em 13 de agosto de 1926 em Birá/Cuba. Filho do fazendeiro Ángel Castro Argiz (1875-1956) com Lina Ruz González (1903-1963), estudou direito na Universidade de Havana em 1945, se envolveu com ativismo estudantil, apaixonou-se pelo movimento anti-imperialismo se opondo a intervenção dos Estados Unidos no Caribe, fez campanha sem sucesso para presidente da Federação de Estudantes Universitários, dedicou parte do seu tempo à prática de esportes, depois de graduado dedicou-se à oposição do Governo Batista, conquistou e consolidação da Revolução Cubana. Teve 6 filhos frutos dos seus 2 casamentos e 4 frutos de relacionamentos extraconjugais. Permaneceu na função de chefe de Estado desde a Revolução até 2008 quando se afastou por motivos de saúde. Faleceu no dia 25 de novembro de 2016 em Havana com 90 anos de idade.

<sup>14</sup>Ernesto Che Guevara filho mais velho de Ernesto Guevara y Lynch (1901–1997) e de Celia de la Serna y Llosa (1906–1965) nasceu na Argentina, Província de Rosário no dia 14 de junho de 1928, foi médico, fotógrafo, guerrilheiro, político, jornalista e escritor. Pai de 5 filhos fruto de dois casamentos, faleceu aos 39 anos em combate na Bolívia em 9 de outubro de 1967.

assumir um lado ou outro [...]”. Todavia o autor explica que faz-se necessário superar o subjetivismo, compreender os acontecimentos históricos em uma perspectiva de totalidade e estar atento para as contradições que neles estão expressas. Assim, assume-se a postura de que a análise dos eventos históricos que contribuíram à materialização da educação e formação docente revolucionária em Cuba necessita ser crítica, portanto histórica e compreende-se conforme Leal (2008, p.38) que do ponto de vista teórico “as revoluções, por históricas, são fundamentalmente fonte de lições”.

Como mencionado, além da Revolução Cubana, outro evento histórico do qual a educação e a formação docente revolucionária em Cuba no período de 1959 a 1961 faz parte, é a Campanha de Alfabetização realizada no país durante nove meses no ano de 1961 a fim de consolidar a Revolução e iniciar o processo de formação de um *homem novo*. Participaram desta Campanha mais de 100 mil professores e estudantes voluntários dos quais mais de 40 foram mortos pelo movimento de resistência da Revolução. Dessa forma, o ano de 1961 foi nomeado no país, como o *Ano da Educação*<sup>15</sup>. Desde então, Fidel Castro passou explicitar em discursos televisionados que “o analfabetismo era um inimigo tão poderoso quanto o

---

<sup>15</sup>É importante elucidar que desde a vitória revolucionária os cubanos fazem a contagem dos anos a partir da Revolução, dando um nome próprio para cada um de forma simultânea com o ano compartilhado com o resto do mundo (SILVA LML, 2012). Dessa forma segue a nível de curiosidade o calendário da Revolução Cubana: 1959 – Ano da Libertação; 1960 – Ano da Reforma Agrária; 1961 – Ano da Educação; 1962 – Ano do Planejamento; 1963 – Ano da organização; 1964 – Ano da Economia; 1965 – Ano da Agricultura; 1966 – Ano da Solidariedade; 1967 – Ano do Vietnã Heroico; 1968 – Ano do Guerrilheiro Heroico; 1969 – Ano do Esforço Decisivo; 1970 – Ano dos dez Milhões; 1971 – Ano da Produtividade; 1972 – Ano da Emulação Socialista; 1973 – Ano do XX Aniversário; 1974 – Ano do XV Aniversário; 1975 – Ano do primeiro Congresso; 1976 – Ano do XX Aniversário do Granma; 1977 – Ano da Institucionalização; 1978 – Ano do XI Festival; 1979 – Ano XX da Vitória; 1980 – Ano do Segundo Congresso; 1981 – Ano do XX Aniversário de Girón; 1982- Ano XXIV da Revolução; 1983 – Ano do XXX Aniversário da Moncada; 1984 – Ano do XXV Aniversário do Triunfo da Revolução; 1985 – Ano do III Congresso; 1986 – Ano do XXX Aniversário da chegada do Granma; 1987 – Ano 29 da Revolução; 1988 – Ano 30 da Revolução; - 1989 à 1994 – Ano 31, 32, 33, 34, 35 e 36 da Revolução; 1995 – Ano do Centenário da queda de José Martí, 1996 – Ano do Centenário da queda de Combate de Antonio Maceo; 1997 – Ano do 30º Aniversário da queda em combate do guerrilheiro heroico e seus companheiros; 1998 – Ano do 40º Aniversário das batalhas decisivas da guerra de libertação; 1999 – Ano do 40º Aniversário da Revolução; 2000 – Ano do 40º Aniversário de Pátria ou Morte; 2001 – Ano da Revolução Vitoriosa no novo milênio; 2002 – Ano dos Heróis prisioneiros do Império; 2003 – Ano dos Gloriosos Aniversários de Martí e Moncada; 2004 – Ano do 45º Aniversário da Revolução; 2005 – Ano da Alternativa Bolivariana para as Américas; 2006 – Ano da Revolução Energética em Cuba; 2007 – Ano 49 da Revolução; 2008 – Ano 50 da Revolução; 2009 – Ano do 50º Aniversário do Triunfo da Revolução; 2010 à 2018 – Ano 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59 e 60 da Revolução.

imperialismo e por isso era preciso continuar o trabalho educacional iniciado pelo Exército Rebelde, na etapa insurrecional” (PERONI, 2006, p.32). Neste sentido, compreende-se que os discursos de Fidel Castro pronunciados nos períodos de 1959 a 1961 podem ser considerados instrumentos políticos-sociais para a disseminação e consolidação dos ideais revolucionários da política educacional que passou a fundamentar a pedagogia cubana a partir da reestruturação produtiva (RODRÍGUEZ, 2011).

Para Lucia Maria Leite da Silva (2012), se em Cuba a “revolução política ainda gera polêmicas a revolução educacional é quase unanimidade” (SILVA LML, 2012, p.52). Desse modo, compreende-se que a Revolução Cubana, a Campanha de Alfabetização e por conseguinte a formação docente revolucionária em Cuba é fruto de um processo histórico dotado de relações econômicas sociais que foram se constituindo desde a conquista da América. Nesta perspectiva, o objetivo deste capítulo foi compreender o contexto histórico que fomentou a Revolução Cubana. Conseqüentemente, os princípios que fundamentaram a ação revolucionária e a concepção de Revolução desenvolvidos a partir desse período para a formação de professores. Nesse sentido, fez-se importante discutir, a seguir, a trajetória histórica das relações sociais desenvolvidas com a conquista da América que influenciaram as relações de domínio dos povos. E, que contribuíram para o desenvolvimento da situação revolucionária<sup>16</sup> em Cuba.

## 2.1. A Situação Revolucionária: O florescer da Revolução

---

<sup>16</sup>Florestan Fernandes (1984), explicita que para ocorrer uma Revolução é necessário o desenvolvimento de uma situação revolucionária. No entanto, também argumenta que nem toda situação revolucionária culmina em uma Revolução. Para o autor, uma situação revolucionária pode ser identificada por meio de três indícios básicos. Sendo eles: “[...] 1) impossibilidade para as classes dominantes de manter sua dominação sob uma forma inalterada; crise do 'vértice', crise da política da classe dominante, o que cria uma fissura pela qual os descontentes e a indignação das classes oprimidas se abrem um caminho. [...] 2) agravamento, mais do que é comum, da miséria e do desespero das classes oprimidas; 3) intensificação acentuada, pelas razões indicadas acima, da atividade das massas, que se deixam pilhar tranqüilamente nos períodos 'pacíficos' mas que, no período tempestuoso, são empurradas, seja pela crise no seu conjunto, seja pelo próprio (vértice', para uma ação histórica independente” (FERNANDES, 1984, p.7-8). Para o autor, um exemplo de situação revolucionária que gera uma Revolução são as relações políticas, sociais e econômicas desenvolvidas em Cuba desde sua conquista, e, que se intensificaram após os governos ditatoriais.

A América<sup>17</sup> era desconhecida pelos europeus até 1492, quando Cristóvão Colombo (1451-1506), desembarca em Santo Domingo, ilha conhecida como Hispaniola ao leste de Cuba, dando início ao processo de conquista do *Novo Mundo*.

Neste processo, os espanhóis defrontaram-se com a figura do nativo, com características culturais, religiosas e sociais distintas. O que proporcionou diversas discussões sobre como haveriam de dominá-los (SANTOS, 2012). Essas discussões, podem ser consideradas hoje, como o ponto de partida para o desenvolvimento da ideia de raça da modernidade. Pois, as diferenças biológicas como cor dos olhos, do cabelo e da pele, assim como os costumes tidos como civilizados e não-civilizados, constituíram o que passou a ser nomeado de índio, negro, mestiço, europeu, branco, espanhol e português. Aos poucos essas diferenças definiram tanto a localização geográfica quanto os papéis e hierarquias de cada um nas relações sociais de dominados e dominantes. Aníbal Quijano (2005, p.118) explicita que:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial.

---

<sup>17</sup>O nome América foi institucionalizado em 1492 em homenagem ao comerciante italiano Américo Vesúcio (1454-1512) que revelou que o território conquistado por Cristóvão Colombo não se tratava das índias e sim de um Novo Mundo.

Desse modo, as novas relações sociais estabelecidas nesse período, proporcionaram também um padrão global como nunca antes na história de controle de trabalho, e cada controle esteve a princípio e ou até hoje está relacionado com a raça na qual cada um se insere. Aos brancos a exploração se converteu na relação capital-salário e aos índios, negros e mestiços ao trabalho sem remuneração. “O fato é que já desde o começo da América, os futuros europeus associaram o trabalho não pago ou não-assalariado com as raças dominadas, porque eram raças inferiores” (QUIJANO, 2005, p.120). Na América, essas formas de controle do trabalho não se constituíram de forma linear e sim simultaneamente, e todas configuraram aquilo que seria denominado de capitalismo mundial. Assim, Para Quijano (2005, p.120), o “capitalismo mundial foi, desde o início, colonial/moderno e eurocentrado”.

Outro fator que contribuiu para *naturalizar* o povo europeu como raça superior e todas as outras que existiram antes como passado, além do controle das diversas formas de trabalho, foi também o fato de que a Europa concentrou esforços para assumir o controle da cultura, subjetividade e da produção de conhecimento. Aníbal Quijano (2005, p.121) explicita que para efetivar essa prática coercitiva:

Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas – entre seus descobrimentos culturais – aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América Ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança intelectual objetivada. [...] Em terceiro lugar, forçaram – também em medidas variáveis em cada caso – os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa.

Assim o etnocentrismo<sup>18</sup> europeu se deu por meio da classificação racial dos povos, do controle das mais variadas formas de exploração do trabalho e pela captura da subjetividade de outros povos, controle da cultura e do conhecimento, a partir da conquista da América, o que desenvolveu outro fenômeno denominado de eurocentrismo.

Nesta perspectiva, a figura do nativo colocada como naturalmente inferior pelos conquistadores, e, segundo Pereira Melo (2017, p.70), “a visão fantástica e mítica projetada pelos europeus sobre o Novo Mundo, [...] foi decisiva para a elaboração das bases de um projeto colonial concreto, fundamentado na percepção e na caracterização da América enquanto *butim*”. Segundo o autor, *butim* corresponde a atividade do saque, e, foi nesta perspectiva que se estruturou o primeiro modelo de economia colonial.

Essa prática, fez com que as reservas naturais bem como grande parte da mão de obra nativa logo se esgotassem na ilha de Hispaniola, sendo necessário entre 1508 e 1511 estender a população colonial para as ilhas que se encontravam próximas.

Assim, neste período de conquista da América, a extensão territorial que hoje compreende o país de Cuba, começou a ser conquistada pelos espanhóis no intuito de encontrar ouro e especiarias para que pudessem ser saqueadas. No entanto, quando descobriram que lá, havia poucas jazidas começaram a utilizar a nova colônia como *trampolim* do continente, que os conduzia à novas conquistas. Neste sentido, para Gott (2006, p.35) “não apenas despojavam a ilha [...] como conferiram a Cuba o papel essencialmente insignificante e periférico de mera escala no caminho para o continente americano”.

Neste sentido, para Richard Gott (2006), a história de Cuba antes da chegada de Colombo é bastante negligenciada e segundo ele ainda “habita o reino da conjectura e da imaginação criativa” (GOTT, 2006, p.27). Todavia, segundo o autor, ocorreram acontecimentos na ilha nos primeiros séculos da chegada colonial que “deixou uma marca permanente no povo, na sociedade e na economia” (GOTT, 2006, p.27).

---

<sup>18</sup>Uma visão antropológica que considera uma etnia superior as demais.

O povo mais antigo que se tem registro na ilha segundo Gott (2006), foram os *guanahatabeyes*, mas na época em que Cristóvão Colombo navegou pela primeira vez provavelmente em Baracoa<sup>19</sup> em 1492 os habitantes que ali estavam chamavam-se *Taínos* e *Siboneyes*. Os *Taínos* eram mais desenvolvidos tecnologicamente e fizeram dos *Siboneyes* seus servos. O frei Bartolomeu de Las Casas<sup>20</sup> (1484-1566) descreveu os nativos de Cuba em *Historia de Las Indias*, como “um povo muito simples, muito bonito, carente de todos os vícios, muito abençoado, sem apenas conhecimento verdadeiro de Deus” (LAS CASAS, 1992, p.83, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Mas como em todo processo de conquista esses nativos foram colocados pela classe dominante que chegava, sob uma situação de “exploração aberta, direta, despudorada e brutal” (MARX; ENGELS, 1996, p.42). O designado para assumir a função de consolidar as condições de dominação que acontecem como Marx e Engels (1996, p.49-50) esclarecem *no Manifesto do Partido Comunista* “submetendo toda a sociedade às suas condições de apropriação” foi Diego de Velásquez (1465-1524), isso porque segundo Las Casas (1992):

[...] na verdade, ninguém mais nesta ilha foi encontrado, uma vez que tinha que ser enviado para povoar sob alguns critérios (ou seja, despovoar e destruir). Um deles era ser mais rico que nenhum outro; outra era que tinha muita experiência em derramar sangue desta gente ímpia; outra era ser amado por todos os espanhóis que viviam sob seu regimento, porque tinha uma condição alegre e humana e toda sua conversa era de prazeres e entretenimento, entre jovens não muito disciplinados, em seu posto sabia guardar a sua autoridade e queria que a guardassem; outra era que tinha todas as suas fazendas em Xaraguá, e naquelas regiões, junto ao porto do mar o mais propício a ilha de Cuba, que havia de ser povoada. Ser homem muito gentil de corpo e de rosto [...] embora tivesse grosso

---

<sup>19</sup>Cidade fundada em 1511 por Diego de Velásquez primeiro Governador de Cuba, nomeado por Diego Colombo (filho mais velho de Cristóvão Colombo) para dirigir a expedição de conquista efetiva de Cuba. (PEREIRA MELO, 2017).

<sup>20</sup>Bartolomeu de Las Casas se destaca por defender uma cristianização no período colonial pacífica. “Sua vida, bem como toda a sua obra se assenta na plena convicção de que os nativos são dotados de racionalidade e que por isso deveriam ser educados/formados de modo pacífico e sem açoites, como era comum nas terras descobertas” (SANTOS, 2012, p.44).

<sup>21</sup>“gente simplicíssima, boníssima, careciente de todos vícios, y beatíssima, sin solamente verdadeiro conocimiento de Dios tuviera” (LAS CASAS, 1992, p.83).

entendimento; mas que soubessem enganar o povo (LAS CASAS, 1992, p.83, tradução nossa).<sup>22</sup>

Ao assumir o seu posto, Velásquez navegou para Cuba no final de 1510 acompanhado de aproximadamente 300 homens e em 1511 se estabeleceu em Baracoa encontrando como resistência o cacique Hatuey (1478-1512)<sup>23</sup> refugiado em Cuba desde o massacre em Xaraguá pelo próprio Velásquez. Hatuey foi rapidamente capturado e queimado vivo e os indígenas passaram a liderança da resistência à Caguax forçando Velásquez a solicitar ajuda de Pánfilo de Narváez (1478-1528) conquistador espanhol descrito por Bartolomeu de Las Casas como extremamente cruel, que conseguiu derrotar as forças nativas.

Bartolomeu de Las Casas (1974, p.39) em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, relata que presenciou o massacre dos habitantes de Caonao quando Pánfilo e seus militares iam em direção ao oeste da ilha:

Uma vez vieram nos receber com mantimentos e presentes a umas dez léguas do grande povoado, e nos deram grande quantidade de peixe, pão e todos os demais alimentos que podiam nos oferecer. Os cristãos foram subitamente inspirados pelo Demônio e, sem a menor provocação, trucidaram, diante de meus olhos, cerca de três mil almas, homens, mulheres e crianças, que estavam diante de nós. Eu

---

<sup>22</sup>[...] en la verdad ninguno outro en esta isla se hallara, ya que se había de enviar a poblar según el modo y leyes y camino que, em poblar (o por com muy mayor verdade decir, despoblar y destruir) estas tierras se usaba y acostumbrada, que tuviese tales ni tantas partes. Una era ser más rico que ninguno outro; otra era que tenía mucha experiencia en derramar o ayudar a derramar sangre destas gentes maleventuradas; otra era, que de todos los españoles que debajo de su regimiento vivían era muy amado, porque tenía condición alegre y humana y toda su conversación era de placeres y agasajos, como entre mancebos no muy disciplinados, puestro que a sus tempos sabía guardar su autoridad y quería que se la guardasen; otra era que tenía todas sus haciendas em Xaraguá, y em aquellas comarcas, junto a los puertos de la mar los más propincuos a la isla de Cuba, que había de ser poblada. Era muy gentil hombre de cuerpo y de rostro [...] aunque tenido por grueso de entendimiento; peo enganados estaban com él (LAS CASAS, 1992, p.83).

<sup>23</sup>Segundo Las Casas (1992), uma história famosa lembra a natureza particular do ódio de Hatuey contra a tentativa dos invasores cristãos de convertê-lo à sua fé: “[...] ao ser amarrado à estaca, ouviu de um monge franciscano um breve esboço dos mitos cristãos: O monde disse que se ele acreditasse no que estava ouvindo iria para o Paraíso, e poderia desfrutar do descanso eterno, mas, se não acreditasse, iria para o Inferno, onde sofreria dor e tormento eternos. Hatuey pensou um pouco e então perguntou ao monge se os cristãos iam para o Paraíso. Quando veio a resposta de que os bons cristãos iam, ele retorquiu, sem precisar mais refletir, que, nesse caso, ele escolhia ir para o Inferno, pois assim teria a certeza de nunca mais pôr os olhos naqueles bárbaros cruéis” (LAS CASAS, 1992, p.28).

vi nesse dia atrocidades mais terríveis do que qualquer homem vivo jamais viu, nem jamais pensou ver (LAS CASAS, 1974, p.39)<sup>24</sup>.

Assim, os nativos foram de forma rápida praticamente exterminados e os que foram sobrevivendo se embrenharam nas montanhas e matas, e aos poucos foram calados pela historiografia, atendendo as necessidades das autoridades da época que interessavam-se em dizer que os índios tinham desaparecido, mesmo sendo a presença deles significativa por muito tempo (GOTT, 2006). Para o autor, corre sangue indígena nas veias da maior parte do povo cubano até hoje. Isto porque:

[...] Muitos dos povos originais da ilha sobreviveram em reservas oficiais ou em assentamentos nas montanhas pelo menos até o século XIX, e também mantiveram contato com os habitantes que chegaram depois, particularmente os negros. Os nomes que eles deram aos lugares ainda estão em evidência, e muitas palavras do seu vocabulário apimentam a língua espanhola hoje falada em Cuba. O próprio nome 'Cuba' é uma palavra indígena. Colombo ouviu os habitantes nativos das Bahamas referindo-se a 'Cuba' e a 'Cubanacán' como uma grande ilha ao sul [...] (GOTT, 2006, p.19-20).

Neste processo, logo foi necessário encontrar trabalhadores fora da ilha, pois coagir os índios a trabalhar como escravos tornou-se uma tarefa difícil devido a resistência apresentada pelos que sobreviviam. Isso também, porque os conquistadores logo perceberam que não podiam depender exclusivamente da exploração das riquezas e minerais da ilha, pois, as jazidas de ouro e os estoques de minerais foram rapidamente exauridos. Esta situação fez Velásquez entender que era necessário investir na agricultura. Desse modo, as primeiras gerações de negros foram trazidas para ilha no início do século XVI para trabalharem nas poucas minas de ouro e cobre que restaram e principalmente nas plantações de tabaco e cana-de-açúcar.

---

<sup>24</sup>Una vez, saliéndonos a recibir con mantenimientos y regalos diez leguas de un gran pueblo y llegados allá nos dieron gran cantidad de pescado y pan y comida, con todo lo que más pudieron. Súbitamente se les revistió el diablo a los cristianos, y meten a cuchillo en mi presencia (sin motivo ni causa que tuviesen) más de tres mil ánimas que estaban sentados delante de nosotros, hombres y mujeres y niños. Allí vide tan grandes crueldades que nunca los vivos tal vieron ni pensaron ver (LAS CASAS, 1974, p.39).

O desembarque de milhares de africanos durante os anos posteriores tornou-se um problema, para os conquistadores, quando perceberam que o número de escravos chegara a ser maior do que o número de homens livres. Fato que proporcionou várias rebeliões dos escravos e o medo, por parte dos espanhóis, de Cuba tornar-se uma nação negra.

Assim, os chineses, foram trazidos como trabalhadores contratados na tentativa de embranquecer a população. Nesta perspectiva, ao longo dos vários séculos de domínio imperial espanhol, segundo Gott (2006, p.17) “a população de Cuba era dividida por raça, classe e origem étnica, e a história do país caracterizava-se pela violência endêmica e um racismo profundamente enraizado, brancos contra negros e todos os matizes entre si”.

Neste sentido, é possível compreender essa característica violenta desenvolvida em Cuba em meio ao processo de conquista. Porque, além da condição de exploração colonial, as diferenças dos povos - indígenas; espanhóis; africanos e chineses - que ali habitavam, segundo Zanatta (2017, p.16), “[...] produziram muitas outras e do mais variados tipos: econômicos, e por isso também, como é inevitável, sociais e culturais”, o que gerava uma insegurança interna constante.

Essa instabilidade interna, durante os quatro séculos de domínio espanhol, e a necessidade da ordem social competitiva, segundo Florestan Fernandes (1984), fez com que as classes dominantes internas passassem a agir visando cada uma os seus interesses particulares gerando conflitos entre si. Fato este, que segundo o autor “[...] se configura plenamente uma situação revolucionária explosiva” (FERNANDES, 1984, p.100). Essa mesma situação de conflitos internos e o longo período de exploração colonial, contribuiu para desenvolver entre as classes menos favorecidas um nacionalismo<sup>25</sup> radical. No entanto, para Fernandes (1984, p.93):

---

<sup>25</sup>Segundo Martins (2016, p.44), “O nacionalismo, no entanto, sustenta a existência de um Estado nacional e se compromete com a proteção de seus interesses e manutenção de sua cultura. As unidades nacionais da América Latina seriam forjadas, assim, na tensão de sentimentos em relação aos espanhóis e, mais tarde aos norte-americanos. Nesse sentido, os nacionalistas não aceitam que o governante de uma unidade política pertença a outro grupo que não o da maioria daquela nação. O nacionalismo, portanto, influenciou muito os movimentos anticoloniais, uma vez que a colonização era uma ameaça a unidade política determinada pelas nações colonizadas”.

[...] Ele foi paralisado ou neutralizado pela ordem social colonial e, por pouco mais de meio século, pela ordem social neocolonial. O que não impediu que ele crescesse, amadurecesse e acabasse por exprimir um corte vertical de uma sociedade lançada com todo o vigor na aspiração de tornar-se uma nação-livre, independente, senhora de seu destino histórico e de sua soberania política.

Além dos conflitos esporádicos internos, a ameaça de um ataque externo também era manente. Pois, a longa e estreita ilha localizada na América Central, entre o Golfo do México e o mar do Caribe abrilhantavam os olhos de corsários das nações inimigas da Espanha, de piratas e tempos depois dos Estados Unidos. Isto porque, ao norte da ilha estava os Estados Unidos, separados pelo estreito da Flórida, ao Sul as Ilhas do Caribe, ao Leste após o Passo de los Vientos a ilha de Hispaniola e ao Oeste separado pelo Canal Yucatán o México. Ou seja, Cuba estava situada, segundo Gott (2006, p.20) “[...] em mares hostis, às costas de dois grandes continentes [...]”. Portanto, sua localização representava importância geopolítica para o processo de conquista do Novo Mundo e depois para o processo de expansão e dominação estadunidense.

Nesta perspectiva, compreende-se que a posição geográfica da ilha começou a ter significado maior quando os geógrafos e navegadores começaram a entender que “as embarcações impulsionadas a oeste pelo Atlântico a partir da costa da África do Norte chegavam oportunamente a Santiago, na costa meridional de Cuba, pela força do vento predominantemente” (GOTT, 2006, p.44). E, da mesma forma acontecia com as embarcações em Havana que pela força do vento rapidamente eram levadas as Bahamas.

Sobre a posição geográfica de Cuba Salvador Massip e Sarah Ysalgué citados por Hernández Herrera (2005, p.27) argumentaram: “a situação geográfica de Cuba é magnífica. Dominadora do Golfo do México, mereceu ser considerada como a chave do golfo, circunstância tão importante que seu símbolo aparece no escudo de armas da República”. Outro cubano a destacar a posição geográfica da ilha foi Fernando Ortiz quando explicitou: “Cuba deve o mais importante de sua história, a sua posição geográfica” (ORTIZ, 1985, p.50).

Ainda sobre a importância geopolítica do território cubano, destaca-se um trecho da carta destinada à Hugh Nelson, representante estadunidense em Madri

em abril do ano de 1832, escrita por John Quincy Adams (1767-1848), advogado e secretário de Estado dos EUA:

Sua posição de domínio em relação ao Golfo do México e aos mares das Índias Ocidentais, sua situação a meio caminho entre a nossa costa meridional e a Ilha de San Domingo, seu porto seguro e espaçoso em Havana, em frente à nossa extensa linha costeira destituída dessas mesmas vantagens, a natureza de sua produção e de suas necessidades fornecendo suprimentos e carecendo dos retornos de um comércio imensamente lucrativo e reciprocamente benéfico, lhe dão uma importância no total dos nossos interesses nacionais com que nenhum outro território estrangeiro pode ser comparado, e pouco inferior àquela que mantém os diferentes membros desta nação unidos. [...] entre os interesses daquela ilha e deste país, tais são, certamente, as relações geográficas, comerciais, morais e políticas formadas pela natureza [...] (ADAMNS, 1917, p.373-374).

Assim os registros historiográficos demonstram que a localização geográfica da ilha sempre foi mais significativa do que os seus recursos naturais. E, que aos poucos “Havana tornou-se o fulcro em torno do qual o comércio espanhol com as Américas deveria girar” (GOTT, 2006, p.44), e, anos mais tarde, com a expansão dos Estados Unidos a *menina dos olhos* estadunidense. Fato este, que Eduardo Galeano consideraria em 1979 o início do desenvolvimento do capitalismo mundial e da história do subdesenvolvimento da América Latina.

Desse modo, compreende-se que Cuba apresenta um passado de exploração colonial peculiar que acumulou tensões internas e externas, das quais foram se agravando com o tempo, bem como um legado cultural e político permanente (FERNANDES, 1984). Nesse sentido, o longo período de exploração colonial bem como a localização geográfica de Cuba, desencadeou um processo de luta entre classes, que se agravou no período neocolonial e com governos ditatoriais. Este contexto particular e histórico permitiu o desenvolvimento de um processo revolucionário, nas palavras de Fernandes (1984, p.41), “irrefreável, arrasador e construtivo”.

Esse processo peculiar, segundo Fernandes (1984), denota duas faces. Uma que segundo o autor é histórica e não se repete fora de Cuba, e, outra estrutural que

“é universal entre os países da América Latina” (FERNANDES, 1984, p.40), dos quais permaneceram durante anos sob exploração colonial e depois neocolonial.

A análise da face histórica, permite a compreensão na perspectiva de Gott (2006, p.23) de que “[...] quando Castro evoca [...] *Patria o Muerte* ao final dos seus discursos, não está usando as palavras como retórica romântica. Para ele, e para o seu povo, elas têm uma relevância sentida em profundidade, que ecoa ao longo dos séculos”. Fato, que proporciona o entendimento de que as condições materiais que culminaram no movimento revolucionário de 1959 foram peculiares e de difícil repetição. Portanto, não podem ser compreendidos sob outra luz a não ser mediante a própria luz da historicidade cubana (HOBSBAWM, 2017).

No entanto, a análise da face estrutural da história do período colonial cubano, segundo Fernandes (1984), necessita ser pensada “[...] à luz da interação entre estruturas em mudança e história da sociedade global envolvendo também fatores psicológicos e políticos que operam em continuidade e em profundidade” (FERNANDES, 1984, p.92).

Nesta perspectiva, concomitantemente a insegurança interna e da ameaça de ataque externo que Cuba sofria no século XIX e da situação revolucionária que ali se agravava, derivadas do processo de conquista e colonização. Ocorria no mundo: revoluções de independência das colônias; a oposição de Napoleão III para com a expansão dos Estados Unidos bem como a tentativa de diferenciar os habitantes que viviam abaixo do Rio Grande<sup>26</sup> dos anglo-saxões. Assim, se desenvolveu um movimento literário denominado de romantismo e uma doutrina denominada de panlatinismo. Esses movimentos pretendiam reunir politicamente todos territórios que se encontravam abaixo da fronteira do México e Estados Unidos. Portanto, começaram a usar o termo *race latine* para identificar as diferenças de raças, cultura e língua dos habitantes dessa região, assim como para consolidar a superioridade política de alguns grupos sobre outros (QUENTAL, 2012).

Desse modo, o nome América latina para referenciar os países que se localizavam abaixo do Rio Grande, apareceu pela primeira vez em 1856 no poema *Las dos Americas* do jornalista colombiano José Maria Torres de Caicedo, utilizado

---

<sup>26</sup>Fronteira do México e Estados Unidos.

como combate a expansão dos Estados Unidos que influenciado pelo movimento Lenda Negra<sup>27</sup> e a incompatibilidade religiosa elaboram a doutrina do Destino Manifesto<sup>28</sup>, termo utilizado pela primeira vez pelo jornalista John O' Sullivan.

Esse movimento denominado de Lenda Negra pode ser evidenciado em um trecho do diário do quinto presidente dos EUA John Quincy Adams. No qual compara os espanhóis aos porcos: “são vadios, sujos e malvados, em suma, seria justo compará-los a uma vara de porcos” (TAYLOR; FRIEDLAENDER, 1981, p.17-27). Os princípios da doutrina do Destino Manifesto, podem ser compreendidos na exposição de Albert Beveridge de 1900:

Deus não preparou os povos anglófonos e teutônicos por mil anos para uma contemplação vã e inútil e a auto-admiração. Não! Ele nos fez os mestres organizadores do mundo para estabelecer um sistema onde reina o caos. Ele nos deu o espírito do progresso para sobrepujarmos as forças da reação por toda a terra. Ele nos fez adeptos do bom governo para que possamos administrá-lo aos povos selvagens e senis. Não fosse por tal força, esse mundo se afundaria no barbarismo e nas trevas. E, de toda nossa raça, ele marcou o povo americano como Sua nação escolhida para finalmente liderar no trabalho de regeneração do mundo. Essa é a missão divina da América, e ela reserva a todos nós, todo os proventos, toda a glória e toda a felicidade possível ao ser humano. Nós somos os depositários do progresso mundial, os guardiões da paz virtuosa (BEVERIDGE, 1900, p.85).

Assim, para garantir sua expansão e conduzir a história da humanidade os Estados Unidos passaram a se denominarem americanos e atribuir adjetivos pejorativos aos que não eram anglo-saxões ou brancos considerando-os latino-americanos.

Sobre esse movimento estadunidense, Galeano (1979) argumenta:

[...] perdemos o direito de chamarmo-nos americanos, ainda que os haitianos e os cubanos já aparecessem na História como povos novos, um século antes de os peregrinos do Mayflower se estabelecerem nas costas de Plymouth. Agora, a América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: nós habitamos, no

---

<sup>27</sup>Forte sentimento antiespanhol que se iniciou no século XVI na Grã-Betanha cruzou o Atlântico e se estendeu aos Estados Unidos pelos colonizadores Ingleses.

<sup>28</sup>Crença entre os habitantes dos Estados Unidos de que eram o povo escolhido por Deus para civilizar todo o continente e conduzir a história da humanidade.

máximo, numa sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação (GALEANO, 1979, p.14).

O autor explicita América de segunda classe e de nebulosa identificação porque durante muito tempo o nome América Latina foi sinônimo de subdesenvolvidos, não civilizados, povo pobre, nativo e corrupto. Ou seja, foi e talvez ainda é, utilizado num sentido ideológico e pejorativo, como adjetivo e não substantivo. Fato, que envolveu discussões do âmbito da linguística até a biologia e que devido a sua pluralidade ainda não está totalmente definido, para Diniz (2007), o nome de América Latina é visto como problemático.

Nessa perspectiva, a expressão América Latina quando incorporada como adjetivo, contribuiu para a consolidação do processo de dominação e naturalização dos habitantes dessa região como povo periférico e inferior, resultando em uma dependência histórica, identitária, econômica e no subdesenvolvimento. Reis (1988) afirma que:

O homem latino-americano era o objeto e não sujeito de sua história. Pois a história nos foi imprimida pelo colonizador. Enquanto a América Latina não assumiu (não assume) a condição de seu processo histórico, a realidade em vigência entre nós foi (tem sido) a europeia. Ou seja, fomos (somos) dependentes culturalmente. E é claro, a dependência cultural é o corolário de uma dependência econômica e política (REIS, 1998, p.26).

Essa dependência, pode ter feito com que esse homem desconhecesse suas origens nativas, Astecas, Incas e Maias<sup>29</sup> e fosse buscar nos europeus sua identidade. Sobre este fenômeno, Walter Mignolo (2007, p.17) explicita que:

Desde Bartolomeu de Las Casas, no século XVI, até Hegel, no século XIX, e desde Marx até Toynbee, no século XX, os textos que foram escritos e os mapas que foram construídos sobre o lugar que ocupa a América na ordem mundial não se afastam de uma perspectiva europeia que se apresenta como universal. É certo que os autores reconhecem que há um mundo e uns povos fora da Europa, mas também é certo que veem esses povos e os continentes que habitam como 'objetos', não como sujeitos, e em

---

<sup>29</sup>Foram povos que dominaram parte da América antes da chegada dos europeus no século XVI e que apresentavam um grau elevado de desenvolvimento cultural, eram organizados em estados e comandados por um complexo sistema religioso.

certa medida, os deixam fora da história. Dito de outra forma, se trata de sujeitos cuja perspectivas não são levadas em conta<sup>30</sup>.

Assim, o desconhecimento de suas origens e a apropriação das origens europeias como suas, pode ter sido um dos fatores que contribuíram para que a discussão sobre a aceitação e consolidação do nome América Latina percorresse um período de quase dois séculos. E, também para que o povo latino americano até hoje seja considerado pelos europeus como um povo segundo Hobsbawm (2017, p.47) “politicamente ignorante e inocente” o que torna fácil comprar seu voto e no qual “[...] a paixão é descarregada sobretudo na torcida de times de futebol [...]”, pois um povo sem identidade é facilmente dominado. Para Arturo Ardao (1978), “não saber como se chama é algo mais do que não saber como se é; é não saber quem se é” (ARDAO, 1978, p.22)<sup>31</sup>.

Nesta perspectiva, a partir desses pressupostos os EUA consolidaram as justificativas morais para conquistar as colônias espanholas, transformando-as em neocolônias americanas, usando de todo e qualquer artifício para isso, como foi o caso de Cuba.

Essa situação de dominação econômica, cultural, política e social bem como o crescimento populacional em grande escala, na compreensão de Hobsbawm (2017), fez com que a América Latina se tornasse o território mais explosivo do mundo. Pois, segundo o autor:

[...] gerou um sentimento de tensão opressiva, uma sensação de que as coisas não podem continuar assim, em todos os lugares, especialmente entre os instruídos e intelectuais. [...] também uma sensação geral de atraso e dominação estrangeira, não menos verdadeira por ser informal (HOBSBAWM, 2017, p.46).

---

<sup>30</sup>Desde Bartolome de Las Casas, en el siglo XVI, hasta Hegel, en el siglo XIX, y desde Marx hasta Toynbee, en el siglo XX, los textos que se han escrito y los mapas que se han trazado sobre el lugar que ocupa América en el orden mundial no se apartan de una perspectiva europea que se presenta como universal. Es cierto que los autores reconocen que hay un mundo y unos pueblos fuera de Europa, pero también es cierto que ven a esos pueblos y a los continentes en que habitan como «objetos», no como sujetos, y en cierta medida, los dejan fuera de la historia. Dicho de otra forma, se trata de sujetos cuyas perspectivas no cuentan (MIGNOLO, 2007, p.17).

<sup>31</sup>“no saber cómo llamarse es algo más que no saber cómo se es; es no saber quién se es” (ARDAO, 1978, p.22).

Sobre este percurso histórico, o autor ainda salienta que o povo latino americano nas décadas de 1950 e 1960 havia se tornado:

[...] classes que se sentem oprimidas pelas oligarquias de latifundiários [...] pessoas que, de qualquer modo, se ressentem dos velhos governantes, [...] Ressentem-se da preguiça e da ignorância dos seus países e estão realmente muito irritadas com a imagem de ópera-bufo de sombreros, carnavais e dragonas que atrai o turismo norte-americano. Não necessitam do estímulo comunista para ser antiamericanas mais do que os povos do Oriente Médio precisavam dele para ser antibritânicos nos dias em que éramos os Big Brothers econômicos da região (HOBSEAWM, 2017, p.49-50).

Desse modo, para o autor, quando o povo latino americano começou na década de 1950 e 1960 a pensar sobre sua condição histórica, independentemente de suas posições políticas, chegaram a conclusão de que deveriam ocorrer quatro mudanças importantes. Deveria acontecer uma reforma agrária; a erradicação da economia semicolonial; o desenvolvimento sistemático da economia de seus próprios países e reformas sociais completas (HOBSEAWM, 2017). Situação revolucionária esta, que fez com que muitos como foi o caso de Josué de Castro (1908-1973) médico e professor ativista brasileiro, chegassem a conclusão de que não haveria outra solução para a América Latina a não ser a violência (GALEANO, 2017).

Isto porque, a América Latina como pontuou Galeano (1979), tornara-se uma região de veias abertas. No qual, segundo o autor:

[...] desde o descobrimento até os nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e

os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra [...] (GALEANO, 1979, p.14).

Nesta perspectiva, compreende-se que as informações levantadas sobre o processo de conquista e colonização cubano, a importância da posição geográfica de Cuba bem como da característica estrutural global sobre a América Latina foram estratégicas para as relações materiais desenvolvidas na ilha. E, por conseguinte influenciaram na história de sua Revolução, o que será discutido a seguir. Isto porque, foi possível apreender que a situação revolucionária foi se desenvolvendo tanto dentro como fora de Cuba desde o processo de conquista.

## 2.2. O Apogeu Revolucionário em Cuba

A situação revolucionária em Cuba, como mencionado, se desenvolveu em um passado conflituoso e violento em meio ao processo de conquista e colonização do seu território bem como da caracterização do homem latino-americano como objeto e não sujeito de sua história. Neste sentido, se para Hobsbawm (2017), devido ao processo de conquista os países que se encontram abaixo do Rio Grande se tornaram em terrenos férteis para movimentos de revolução social. Também é claro para o autor, que dentre esses países, Cuba escolheu o caminho social-revolucionário. Não mediante uma doutrina, mas pelo empirismo, ou seja, pelos embates com a própria situação revolucionária.

Nesta perspectiva, Fernandes (1984), explicita que é possível evidenciar que os revolucionários de Cuba não eram “[...] revolucionários profissionais, mas amantes da revolução por necessidade [...]” (FERNANDES, 1984, p.88). Pois, segundo o autor:

Se observa com cuidado a atividade dos principais líderes da Revolução Cubana e os vários aspectos centrais da situação revolucionária de que ela nasceu, o que sobe à tona e se impõe sobre tudo o mais são palavras simples, como compaixão, humildade, integridade, fraternidade, repulsa, trabalho, prudência, tenacidade, paciência, abnegação, ousadia, cavalheirismo [...] (FERNANDES, 1984, p.88).

Assim, compreende-se que a situação de crise que culminou na Revolução de 1959, não foi inventada ou induzida naquele período, mas, fruto de um processo histórico de exploração dos recursos naturais e humanos que foi se agravando no decorrer dos séculos de domínio espanhol e eclodiu quando Cuba tornou-se neocolônia americana.

Cuba foi colônia espanhola de 1510 a 1898 e sua independência não foi conquistada como por outras ex-colônias no período das guerras napoleônicas<sup>32</sup> e sim por intervenção militar dos EUA no início do século XX. O que fez com que ao deixar de ser colônia espanhola a pequena ilha tornasse neocolônia americana. Por razões econômicas, com o intuito de expandir território do Oeste ao Sul e com medo do predomínio britânico, desde que se tornou independente em 1776 na Inglaterra e reconhecido independente pelos britânicos somente em 1783, pelo Tratado de Paris, os Estados Unidos cobiçou o território cubano. Thomas Jefferson (1743-1826) foi o terceiro presidente dos Estados Unidos e declarou em 1823 que “a anexação de Cuba seria a melhor maneira de promover o poderio norte-americano até o limite máximo de seu interesse” (BLANCO; DÓRIA, 1982, p.12).

---

<sup>32</sup>As invasões napoleônicas fomentaram as guerras de independência na maior parte da América Latina. Segundo Zanatta (2017, p.43) “[...] foi Napoleão Bonaparte quem jogou o fósforo que deflagrou o incêndio para o qual as reformas borbônicas e pombalinas haviam em certa medida preparado o terreno”. Nesse sentido, quando Bonaparte invade Portugal em 1807 e a Espanha em 1808, dá-se início a um período de conflitos que modificam as relações sociais, econômicas e políticas que já haviam se constituído no mundo. Para o autor, essas mudanças ocorreram porque as guerras napoleônicas: “[...] confirmou o declínio dos grandes impérios católicos e universalistas das potências ibéricas; porque, indiretamente, preparou o caminho para a ascensão política, comercial e militar dos Estados-Nações europeus modernos, a começar pela Grã-Bretanha; porque, assim agindo, abriu totalmente as portas dessa parte da América as ideias modernas do Século das Luzes; porque, enfim, favorecendo a emancipação política do Novo Mundo, efetuou um corte abrupto no cordão umbilical que o mantivera ligado à Europa e lançou as premissas para a sua americanização: ou seja, para o início de um caminho destinado a fazer coincidir tempo e espaço, história e geografia, ao longo do qual a América ibérica procurou plasmar uma civilização própria, original. Filha da civilização ibérica, mas diferente e independente dela” (ZANATTA, 2017, p.43). No entanto, faz-se importante problematizar porque as guerras napoleônicas causaram tantas transformações na América? Segundo Zanatta (2017), no caso de Portugal essas transformações se deram pelo fato de Napoleão ter obrigado a família real a se refugiar no Brasil. Fato este, que fez com que o prestígio e importância da colônia se manifestasse e se tornasse o ponto de partida para uma independência indolor. Todavia, no caso da Espanha o rei Carlos IV e seu filho Fernando VII foram aprisionados, deixando seus súditos suscitando questões como: “[...] na ausência do rei legítimo, quem iria dirigir o reino? Baseado em que direitos? Talvez o rei usurpador, José Bonaparte? Ou a junta de Cádiz, que se arroga a suplência do soberano? Ou talvez todos, cidades ou reino, na Espanha e na América, ficariam livres, senhores do próprio destino e da própria soberania política até que o rei recuperasse o trono? Além disso, por que obedecer a Cádiz? [...]” (ZANATTA, 2017, p.45). Assim, o império espanhol foi ao pouco perdendo sua unidade o que proporcionou as guerras de independência.

Luiz Alberto Moniz Bandeira (2009), argumenta que a intenção da anexação de Cuba pode ser evidenciada desde 1810 com as negociações secretas mal sucedidas do cônsul estadunidense e os proprietários de escravos da ainda colônia espanhola em Havana. Em 1821, evidencia-se novas negociações, que foram novamente frustradas, neste período o objetivo da anexação ainda estaria na preservação do modo de produção fundamentado nos princípios da escravidão que a Espanha pressionada pela Grã-Bretanha estaria prestes a abolir. O autor explicita que a formulação da Doutrina Monroe<sup>33</sup> e sua enunciação em dezembro de 1823 foi fomentada pelo desejo de concretizar a anexação de Cuba.

Com a expansão dos EUA e sua chegada a condição de 1º potência mundial industrial, seu desenvolvimento econômico e poder político justificado de forma ideológica pela Doutrina Monroe, fez com que as discussões sobre a anexação de Cuba se fortalecessem, e o Manifesto de Ostend de 1854 explicita que os “Estados Unidos tentariam comprar Cuba da Espanha ou, se o esforço falhasse, tratariam de tomá-la pelas armas” (BANDEIRA, 2009, p.52). Dessa forma, os EUA direta e indiretamente passaram a incentivar as lutas pela independência cubana a partir de 1895.

Grande parte da classe dominante da época em Cuba, os *criollos*<sup>34</sup>, tendiam para a anexação de Cuba aos Estados Unidos, pois seus interesses se concentravam na comercialização do açúcar. Todavia existiam aqueles que

---

<sup>33</sup>A Doutrina Monroe foi enunciada pelo presidente James Monroe em 2 de dezembro de 1823, após o reconhecimento da independência da América Espanhola, dessa forma em um período de fragilidade interna dos novos Estados que se consolidavam e de olhares de potências europeias sobre eles. Essa doutrina apresenta dois pilares sendo o primeiro: “uma advertência aos Estados europeus para que não intervissem nas questões internas dos novos Estados americanos” (ZANATTA, 2017, p.59). O segundo pilar, consiste no “correspondente empenho dos Estados Unidos em permanecer alheios às litigiosas questões europeias e às das colônias europeias já estabelecidas na América” (ZANATTA, 2017, p.59). O lema dessa doutrina ficou conhecido como “América para os americanos”. Desde então os EUA se levantam como porta voz da parte latina do hemisfério e tenta prevenir qualquer aliança dos Estados latino-americanos com a Europa e entendem como sua a missão de: “exportar a nova civilização do qual eram fundadores e dominar o hemisfério para elevar a condição daqueles povos considerados incapazes de se autogovernar devido aos séculos que haviam vivido sob o domínio da monarquia e do clero” (ZANATTA, 2017, p.59). É interessante ressaltar que a Doutrina Monroe começou a se manifestar “de forma mais concreta onde os Estados Unidos tinham prioridades estratégicas e força para impô-las: primeiro no México e depois na zona do Caribe” (ZANATTA, 2017, p.59).

<sup>34</sup>Filhos de espanhóis nascidos na América que ao mesmo tempo em que marcam sua ruptura política com a Europa, mantém sua dependência subjetiva com o modelo de sociedade europeu. (QUENTAL, 2012).

defendiam Cuba como província ultramarina da Espanha. Contudo os que retomam as lutas pela independência cubana em 1895, “repudiavam tanto o projeto de autonomia quanto a ideia de anexá-la aos Estados Unidos” (BANDEIRA, 2009, p.60), dentre eles se destaca José Martí (1853-1895).

Ao lutar pela independência cubana, José Martí desenvolveu concepções de identidade, independência e liberdade bem como denunciou a cobiça estadunidense para com os países latinos. Para Martí, a unidade da identidade latino-americana estava na mestiçagem e na origem indígena. Portanto, para ele era necessário a independência de Cuba e demais países da América Latina, para que a América pudesse reelaborar seu passado e constituir suas próprias raízes. Em seu texto *Nuestra América* publicado pela primeira vez em 1891, evidenciou a importância de valorizar a cultura indígena e a origem latino-americana: “[...] A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária” (MARTÍ, 2005, p.34, tradução nossa)<sup>35</sup>.

Nesse sentido, a liberdade da qual Martí defendia, estava relacionada a república como forma de governo, ao nacionalismo, mas principalmente, a uma necessária mudança de pensamento. Para ele, o povo deveria pensar sobre si a partir de sua própria realidade. Na perspectiva de Martins (2016), Martí compreendia que “[...] a constituição da República de Cuba não seria o suficiente para tornar os cubanos (ou qualquer outro povo da América Latina) livres” (MARTINS, 2016, p.19). Por isso, “[...] insistia na mudança do pensamento, pois sabia que as raízes criadas pela relação colonial eram profundas. Para ele era preciso uma mudança radical para que as estruturas de dominação não permanecessem” (MARTINS, 2016, p.19). Ou seja, para que Cuba fosse livre da Espanha e dos Estados Unidos.

Esse ideal de liberdade, a partir do pressuposto de pensar e conhecer para que o homem cubano, e demais homens da América Latina, pudessem atuar no seu

---

<sup>35</sup> “[...] La historia de América, de los incas acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es nuestra. Nos es más necesaria” (MARTÍ, 2005, p.34).

momento histórico seria recuperado anos mais tarde por Fidel Castro, que em vários momentos se referiu ao Martí como Apóstolo da Revolução Cubana.

No entanto, em um dado momento do processo revolucionário liderado por Fidel Castro, as discussões sobre a necessidade de uma mudança na forma de pensar adquire caminho diferenciado ao que fora proposto por Martí. Isto porque, José Martí admirava a cultura e a liberdade de pensamento estadunidense, o que fizera propor um projeto educacional no qual explicitava a necessidade dos jovens cubanos irem até os Estados Unidos não para aprender a desamar a sua terra e habituar-se a viver fora dela. Mas, para aprenderem como cultivar as fazendas, a mecânica bem como o manejo das forças reais da natureza, para que retornassem para sua terra e aplicassem o que tinham aprendido. Já, a proposta educacional de Fidel Castro ganha característica marxista-leninista e propõe uma revolução na consciência no intuito de garantir a transformação social e erradicar no país a forma liberal de produção, por meio da autoeducação e formação de um *homem novo*.

Dessa forma, Martins (2016, p.50) explicita que “[...] resgatar os discursos martinianos durante a Revolução, portanto, à luz das discussões de seu tempo foi um artifício utilizado por Fidel Castro para legitimar as ações revolucionárias dentro do contexto em que vivia”. Assim, Fidel Castro deu continuidade ao que fora proposto por Martí sobre a independência e autonomia de Cuba, mas os embates à situação revolucionária o levou a uma compreensão diametralmente diferenciada.

José Martí, desse modo, para Zanatta (2017) foi um liberal idealista que “[...] imaginou e defendeu um processo de construção nacional com origem nas bases, na sociedade civil, cuja força e papel tendia a idealizar, e não imposto de cima, como via acontecer ao seu redor” (ZANATTA, 2017, p.98-99). No entanto, na sua visão, conseguiu captar os sinais das verdadeiras aspirações dos Estados Unidos, o que o levou, segundo Zanatta (2017, p.99) “[...] defender, antes de muitos outros, a luta dos povos latino-americanos pela segunda independência”. Por isso, assinou o *Manifesto de Montecristo*<sup>36</sup> que era concluído com o slogan *La Victoria o el Sepulcro*

---

<sup>36</sup>Segundo Gott (2006, p.109) “O documento visualizava uma República Cubana diferente das repúblicas feudais e teóricas da América espanhola, visto que, por seu povo e por sua história, Cuba estava marcada para ser diferente. A guerra de independência seria disputada de uma maneira civilizada, os negros seriam convidados a participar e a propriedade privada e os não combatentes

<sup>37</sup>que expressava a necessidade da independência cubana a qualquer custo. Martí formou uma pequena tropa militar e de Nova York, onde se encontrava exilado, partiu para o Haiti a fim de liderar uma rebelião pela independência de Cuba. No entanto, após seis semanas do seu desembarque em Playitas de Cajobabo, morreu em uma emboscada espanhola na Batalha de Boca de Dois Rios. Sobre sua morte, Gott (2006, p.110) explicita:

[...] Os relatos contemporâneos da morte de Martí o retratam distintamente montado num cavalo branco, um alvo difícil de errar. Alguns acreditam que ele estava ansioso para provar a sua coragem física, para compartilhar os perigos experimentados pelo soldado rebelde comum. Outros sugerem que, na esteira das contínuas disputas políticas com os líderes militares da rebelião, teria cortejado o martírio. [...] Não existem registros adequados das rivalidades internas durante os primeiros meses de 1895 [...] Ele não tinha experiência como guerrilheiro, e o mais provável é que tenha sido incompetente em vez de suicida. Qualquer que seja a razão, a perda prematura e negligente do líder político foi um sério infortúnio à rebelião - e para o futuro de Cuba.

Nesta perspectiva, é possível compreender que José Martí político *criollo* que participou da fundação do partido Revolucionário Cubano, ficou conhecido como referência. Ou seja, herói no processo de luta pela independência cubana. No entanto, para Pedro de Araújo Quental (2012), os *criollos*:

Afirmam um processo de negação da Europa, sem negar, no entanto, sua 'europeidade', ou seja, os modos de vida, costumes, hábitos, visão de mundo, projetos de sociedade europeus. Conflagram sua ruptura com a metrópole justamente por compreenderem que não são reconhecidos como europeus, mas, em verdade, continuam desejando ser. Compreendem a experiência e condição colonial que os conformam, mas não são capazes de deixar de reproduzi-la. Rompem com o colonialismo, mas não com a colonialidade. Deste modo, afirmam sua 'americanidade' sem deixarem de ser europeus e, ao mesmo tempo, demarcam sua diferença em relação aos ameríndios e aos afroamericanos, uma vez que estes, de maneira alguma, teriam como se sentir ou se perceberem europeus, mesmo que marginalmente. Nestes termos, a

---

seriam respeitados. Depois da vitória, um novo sistema econômico daria oportunidade de trabalho a todos".

<sup>37</sup>No intuito de fomentar futuras reflexões, é importante ressaltar, segundo Gott (2006), que quando se olha para trás desse slogan se observa "[...] o grito de Garibaldi, Roma ou Morte, e para a frente, a evocação de Castro Patria o Muerte" (GOTT, 2006, p.109).

consciência *criolla* em relação às suas metrópoles constitui-se como uma contraposição política, mas, do ponto de vista racial, mantém, no âmbito da escala nacional, as mesmas clivagens do sistema-mundo moderno-colonial (QUENTAL, 2012, p.69).

Desse modo, problematiza-se que com Martí não foi diferente: defendeu o desejo de ver Cuba independente da Espanha e dos Estados Unidos. Entretanto, expressava sua contradição humana ao explicitar ideais da fisiocracia americana ancorado no teórico Henry George (1830-1897). Por extensão, teve como referencial a formação do homem cidadão a partir de princípios liberais burgueses, ao propor para que os jovens cubanos aprendessem com aqueles que criticava e temia (PEREIRA; PEREIRA MELO, 2010). Fato este, que não descaracteriza sua importância histórica para o movimento revolucionário cubano.

Assim, desde a morte de José Martí, em 1895, aos 42 anos de idade, os EUA observavam os acontecimentos na ilha esperando a oportunidade para uma possível intervenção. A circunstância conveniente para que a intervenção militar estadunidense acontecesse foi o bombardeio ao norte-americano *Maine* ancorado na cidade de Havana no dia 15 de fevereiro de 1898 que resultou em 260 homens vitimados, os EUA responsabilizaram os espanhóis pela explosão e decidiram que Cuba deveria ser livre e soberana declarando guerra à Espanha no dia 23 do mesmo mês. A guerra finalizou-se com a assinatura espanhola do *Tratado de Paris* reconhecendo a independência cubana. A partir de então Cuba foi ocupada pelos militares norte-americanos comandados pelo general Leonardo Wood (1860-1927). Após a ocupação o senador norte-americano Orville Hitchcock Platt (1827-1905) apresentou a *Emenda Platt* que foi anexada a Constituição da ilha em 1901, fazendo com que a nação considerada independente se sujeitasse ao imperialismo estadunidense.

Essa Emenda previa oito pontos impostos ao governo de Cuba, que são eles:

I. Que o governo de Cuba nunca entrará em nenhum tratado ou outro compacto com qualquer poder ou poderes estrangeiros que prejudiquem ou tendam a prejudicar a independência de Cuba, nem de modo algum autorizem ou permitam obter qualquer poder ou poderes anteriores por colonização ou para fins militares ou navais ou de outra forma, o acesso ou controle sobre qualquer parte da referida ilha. II. Que o referido governo não deve assumir ou contrair

nenhuma dívida pública, pagar os juros sobre os quais e fazer provisão de fundo de amortização razoável para a descarga final da qual as receitas ordinárias da ilha, depois de pagar as despesas correntes do governo, serão inadequadas. III. Que o governo de Cuba consente que os Estados Unidos podem exercer o direito de intervir para a preservação da independência cubana, a manutenção de um governo adequado à proteção da vida, propriedade e liberdade individual e para cumprir as obrigações em relação a Cuba imposto pelo Tratado de Paris nos Estados Unidos, agora assumido e assumido pelo governo de Cuba. IV. Que todos os atos dos Estados Unidos em Cuba durante a sua ocupação militar sejam ratificados e validados, e todos os direitos legais adquiridos sob o mesmo devem ser mantidos e protegidos. V. Que o governo de Cuba executará e, na medida do necessário, se estenderá, os planos já planejados ou outros planos para serem mutuamente acordados, para o saneamento das cidades da ilha, até o fim de que a recorrência da epidemia e as doenças infecciosas podem ser prevenidas, garantindo proteção às pessoas e ao comércio de Cuba, bem como ao comércio dos portos do sul dos Estados Unidos e das pessoas que dela residem. VI. Que a Ilha dos Pinheiros seja omitida das fronteiras constitucionais propostas por Cuba, sendo o título a seguir para o futuro ajuste por tratado. VII. Para permitir aos Estados Unidos manter a independência de Cuba e proteger as suas pessoas, bem como para sua defesa, o governo de Cuba venderá ou arrendará as terras dos Estados Unidos necessárias para coaling ou estações navais em certos pontos especificados, a ser acordado com o Presidente dos Estados Unidos. VIII. Que, por meio de mais segurança, o governo de Cuba incorporará as disposições anteriores em um tratado permanente com os Estados Unidos (CUBA, 1903, p.1).

Foi assim, que em 1903 Cuba cedeu a região de Guantánamo aos EUA. Dessa forma, pode-se considerar a independência cubana como uma independência dependente dos Estados Unidos. Abelardo Blanco e Carlos Dória em *Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868-1959)* de 1982, explicita que o general Wood declarou a respeito da *Emenda Platt* (1982, p.20):

Com o controle que temos sobre Cuba, um controle que sem dúvida logo se transformará em possessão, em breve praticamente controlaremos o comércio do açúcar no mundo. Creio que esta é uma aquisição muito desejável para os Estados Unidos. A ilha se norte-americanizará gradualmente e, a seu devido tempo, contaremos com uma das mais ricas e cobiçadas possessões que há no planeta.

A intenção de americanizar Cuba não ficou apenas sobre a indústria açucareira, nesse período aconteceram modificações na agricultura, na produção do tabaco, mineração, transportes, geração de energia e após a queda em 1920 dos preços do açúcar também no sistema bancário. Dessa forma, a economia de Cuba foi se caracterizando como uma espécie de “economia de sobremesa – produtora de açúcar, tabaco, licores e frutas – a tal ponto que, até 1915, Cuba não possuía sequer moeda própria” (BLANCO; DÓRIA, 1982, p.22). Por consequência, Cuba se tornou do ponto de vista econômico dependente dos Estados Unidos, e o sonho da independência se evaporou, soterrando os ideais propostos por José Martí.

Desde a independência ocorreram três intervenções militares na ilha por parte dos EUA em 1906, 1912 e 1917 o que segundo Gott (2006), contribuiu para gerar uma política de governo instável e insegura, assim como fazer com que banqueiros, comerciantes, investidores, proprietários de engenhos de açúcar procurassem para tudo a ajuda dos EUA, consolidando dessa forma a ideia de que “Cuba torna-se em tudo uma colônia, menos no nome” (GOTT, 2006, p.152). As eleições desde então foram violentas e fraudulentas e uma geração de políticos corruptos se constituiu e em 1920 Gerardo Machado y Morales foi empossado presidente.

Nesse período Cuba enfrentava uma situação econômica difícil devido ao fim da guerra mundial e Machado enfrentou essa situação com severidade, transformando seu governo em uma ditadura o que levou a ser descrito por muitos como o *Mussolini tropical*<sup>38</sup> (GOTT, 2006). As práticas de governo estabelecidas por Machado logo geraram oposições, as primeiras tenderam ao anarquismo e rapidamente foram aniquiladas pela repressão, pois Machado “mandou fuzilar ou deportar líderes anarquistas destacados, ou dá-los de comer aos tubarões” (GOTT, 2006, p.155). Porém, na mesma medida da repressão violenta a oposição aumentava, e segundo Gott (2006, p.156) “[...] todas estavam unidas no desejo de ver o fim da era Machado, e os indivíduos mudavam promiscuamente de uma organização para outra, em busca de ação efetiva em vez de pureza ideológica”.

Dentre os grupos opositores ao governo de Machado, três se destacaram: o Diretório Estudantil, a União Revolucionária e o ABC, esse último assim como

---

<sup>38</sup>Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945) foi um político conhecido como aquele que contribuiu ou criou o fascismo.

Machado, seguia os passos de Mussolini, apresentava ideais fascistas e ninguém jamais revelou o significado de ABC. Porém para Gott (2006, p.157) “ideologicamente em desacordo, os movimentos anti-Machado, à esquerda ou à direita, eram todos ativos da violência, acreditando na tática de terror contra o governo [...]”. Assim, diante desse cenário Machado foi obrigado a deixar o governo em 1933.

O processo de mudança de governo desencadeado após a saída de Machado do poder, como explicita Gott (2006), apresentou três fases, pois cada um dos três movimentos de oposição ao governo de Machado se achou no direito de assumir uma parte do governo. Para o autor:

A primeira teve uma coloração semifascista, e mal durou um mês, vindo do ABC o seu apoio político. A segunda foi uma experiência radical ultra-esquerdista que sobreviveu quatro meses e saiu do Directorio Estudantil, com Antonio Guiteras como ator principal. A terceira fase [...] durou cinco anos, de 1934 a 1939, a qual adquiriu a sua coloração política com Fulgencio Batista, um digno sucessor de Machado (GOTT, 2006, p.159).

Assim, nesse cenário, seguiram-se sete sucessões governamentais, dentre todas elas se encontrava a figura de Fulgencio Batista como pano de fundo influenciando e manipulando os acontecimentos até que em 1940 ele próprio foi eleito a presidente. Ao governar até 1944 durante as condições de ascensão da Segunda Guerra Mundial Cuba prosperou pois a produção açucareira na Ásia e Europa decaíram e fizeram como na Primeira Guerra Mundial todos os olhos se voltaram para a produção açucareira cubana. Porém, Fulgencio Batista consolidou o processo iniciado por Machado ao retornar ao governo após um golpe militar em 10 de março de 1952. Assim, para Sader (2001, p.23) “O governo de Batista, no entanto, foi um período de aumento de especulação, da corrupção, da inflação e do desgaste dos salários, transformando-se rapidamente num governo isolado do povo”.

Neste sentido, compreende-se que após aproximadas cinco décadas da declarada independência cubana e do governo de ditadores como Gerardo Machado y Morales e de Fulgencio Batista, desenvolveu-se um cenário de marginalização e

miséria de grande parte da população, precariedade da saúde e educação. A falta de legislação trabalhista permitia o pagamento por hora aos operários que, por conseguinte necessitavam fazer horas extras o que gerava a produção de um grande estoque em pouco tempo, fazendo com que os donos das indústrias de tabaco suspendessem a produção e também os salários dos operários. Segundo Eric Nepomuceno em *Cuba: Anotações sobre uma Revolução* de 1981, em meados da década de 1950 nos grandes centros urbanos de Cuba “não havia praticamente nenhuma família que não tivesse alguma coisa que ver – promotores ou vítimas, espectadores ou cúmplices – com a corrupção, o tráfico de drogas, o jogo, o subemprego, a prostituição. Escapar da marginalidade era um milagre” (NEPOMUCENO, 1981, p.19).

Segundo o autor, na década de 1950 havia na cidade de Havana oitenta mil prostitutas e outras vinte mil pelo resto da ilha, Cuba se tornara uma enorme fazenda, intercalada de prostíbulos, cadeias e cassinos, “tudo isso a um preço baixíssimo, e a noventa quilômetros do litoral da Flórida. Mais barato e mais exótico que Las Vegas” (NEPOMUCENO, 1981, p.20). Rodríguez (2011), explicita que nesse período “o nível de analfabetismo numa população de 5,5 milhões de habitantes, atingia, em média, 23,6% dos maiores de 15 anos; e nas zonas de montanha e rurais chegava a 40%” (2011, p.45).

Referente a esse período José Herculano da Silva *et al.* em *Quem sabe, ensina; Quem não sabe, aprende: A educação em Cuba* (1986, p.86) explicita que: “as crianças que freqüentavam as escolas públicas saíam em estado de semi-ignorância”. Os autores enfatizam também que em 1953, a porcentagem de crianças que tinham condições de ir à escola era de 56,4% e os que seguiam seus estudos frequentando o ensino médio era apenas 28%. Existia em Cuba nesta década um centro de ensino técnico, seis escolas e um instituto florestal que proporcionavam o estudo para a área agrícola, 11 centros estatais fora as instituições privadas que primavam pelo ensino da economia e administração, era inexistente as escolas de educação especial, seis escolas normais e três faculdades sendo elas em Havana, Las Villas e Oriente (SILVA, JHD, 1986). Assim, para os autores a educação em Cuba na década de 1950 refletia a ordem consolidada pelo governo de Batista, ou

seja, a educação era um privilégio, enquanto a maior parte da população subsistia em miséria, desatenção, insalubridade, frustrações e esperanças.

Diante esse cenário, quando Fulgencio Batista impediu a eleição presidencial por meio de um golpe ao entrar no dia 10 de Março de 1952 no quartel Colúmbia, Fidel Castro compreendeu, segundo Sweezy e Huberman (1960, p.50):

[...] que só havia um processo pelo qual o usurpador poderia ser derrubado - a revolução. Só havia um modo de colocar no poder um governo honesto dedicado ao estabelecimento de uma reforma econômica - a revolução. Só havia um modo de tornar realidade o sonho de Martí, de uma Cuba integralmente soberana - a revolução.

Desse modo, Fidel Castro fomentou o assalto ao quartel Moncada e se dedicou a tarefa de prepará-lo. Para isso, recrutou e treinou durante um ano, em segredo, 200 homens e duas mulheres. A maioria desses voluntários, pertenciam a geração de jovens com menor poder aquisitivo do Partido Ortodoxo e estudantes de aproximadamente 22 e 26 anos de idade, que eram movidos por um sentimento de obrigação moral com a república e influenciados pelas ideias martinianos. O Partido Ortodoxo, segundo Soares (2008), desde sua formação em 1947 por Eduardo Chibás (1907-1951), apresentou um discurso reformista e nacionalista bem como um forte apelo moral. Conquistou, portanto, apoio da população e constituiu núcleos de base em quase todo o país. Esse apoio da população ao Partido Ortodoxo, se deu segundo Soares (2008), porque o povo estava insatisfeito com a realidade vivida. Ao mesmo tempo que ainda acreditava que seria possível promover as alterações sociais desejadas respeitando a Constituição de 1940. Sendo necessário para isso, apenas garantir um governo honesto e fiel aos interesses populares.

Segundo Teixeira (2009), a maioria da geração mais jovem do Partido Ortodoxo e universitários cubanos haviam nascido nas décadas de 1920 e 1930 e eram netos dos que participaram do processo de luta pela independência cubana. Nesta perspectiva, para Teixeira (2009), os rebeldes liderados por Castro: “[...] cresceram desde cedo sob os encantos de um conjunto de heróis e mártires que a independência havia criado tais como José Martí [...]” (TEIXEIRA, 2009, p.21) ao mesmo tempo em que vivenciavam mais de perto a exploração estadunidense.

Portanto, para o autor, “[...] formavam o que ficou conhecido em Cuba como geração do centenário do nascimento de José Martí” (TEIXEIRA, 2009, p.21).

Assim, a geração que participou do assalto ao quartel Moncada, nasceu e se desenvolveu em meio a um cenário de exploração estrangeira, junto a uma classe trabalhadora que narrava a guerra de independência cubana num sentido heroico de personagens que lutaram por uma Cuba livre tanto da Espanha quanto dos Estados Unidos. Mas, que entendia que esse ideal nacional fora frustrado pela intervenção militar estadunidense. Portanto, era uma geração que na perspectiva de Sweezy e Huberman (1960, p.43):

Estavam convencidos de que a terra de Cuba devia pertencer ao povo que a habitava; que racionalmente administrada no interesse de todo o povo, sua ilha poderia tornar-se aquilo que Colombo havia visto, a mais bela terra contemplada pelos olhos humanos.

É importante ressaltar que os jovens do Partido Ortodoxo, os universitários cubanos que participaram do assalto ao Quartel Moncada, e o povo não eram os únicos insatisfeitos com a situação econômica e política vivenciada em Cuba até aquele período. Também existiam grupos da classe mais privilegiada, denominados por Soares (2008), como “[...] grupos de oposição burguesa à ditadura de Batista” (SOARES, 2008, p.79). Dentre os quais se destacaram: o *Partido Auténtico*, um setor da classe mais favorecida do Partido Ortodoxo, a *Sociedad de Amigos de la República (SAR)*, o *Partido Socialista Popular (PSP)*, e a *Junta de Liberación Cubana*.

Aqueles do Partido Ortodoxo que não se aliaram a Fidel Castro, o *Partido Socialista Popular (PSP)*<sup>39</sup> e a *Sociedad de Amigos de la República (SAR)*, optaram, segundo Soares (2008), por se contrapor a ditadura de Fulgencio Batista por meio do diálogo e resistência cívica. Em prol de uma solução pacífica e convocação de novas eleições. Já, o *Partido Auténtico* e a *Junta de Liberación Cubana*, fizeram uso de meios conspirativos e de insurreição armada.

---

<sup>39</sup>Considera-se importante dizer que somente após a tomada do poder pelo exército rebelde em 1959, que o *Partido Socialista Popular (PSP)* se integraria ao grupo revolucionário de Fidel Castro, pois até então, o considerava como pequeno burguês e se dedicava apenas à organização do movimento operário e sindical.

Contudo, mesmo apresentando métodos diferentes para se opor a autoridade de Batista, Soares (2008) explicita:

[...] os objetivos destes grupos eram basicamente os mesmos: forçar a ditadura a uma negociação que conduziria à realização de novas eleições e à restauração da legalidade da Constituição de 1940. Não questionavam o caráter da estrutura sócio-econômica do país e os demais problemas da República e nem exigiam uma modificação desta situação. Em geral, esperavam apenas uma mudança de governo em que seus interesses pudessem estar mais seguros, num clima de maior harmonia e paz social (SOARES, 2008, p.79).

Todavia, Fernandes (1984), argumenta que em Cuba a dominação burguesa era cindida em termos estruturais, por situações de interesses e valores. Ou seja, não era monopolítica e apresentava interesses contraditórios, não em relação a posição contra a ditadura de Batista, mas sim, nos quesitos sociais e econômicos da forma de conduzir o poder em benefício próprio.

Dos que faziam parte desse setor mais privilegiado da sociedade cubana, segundo Fernandes (1984, p.105):

[...] o que os colonos pretendiam era uma espécie de purificação da ordem, como paladinos mais extremados da condição da ordem social competitiva (em suma queriam todas as vantagens do desenvolvimento capitalista, sem a presença asfixiante e os entraves dos estadunidenses). As correntes socialistas e ultra-radicais traziam, pela juventude universitária, os intelectuais ou a esquerda católica, o sopro mais profundo e puro da utopia nacionalista. No entanto, seus comoventes sacrifícios não as retirava de um isolamento relativo desesperador, que as conduzia à revolta moral e ao extremismo, divorciando-as cada vez mais da situação revolucionária de que emergiam e de sua própria condição burguesa.

Assim, para o autor, historicamente não chegou a se constituir em Cuba um grupo nacional burguês hegemônico, capaz de assumir uma posição independente e consolidar uma Revolução Nacional dentro da ordem neocolonial. Fato este, que pode ser um dos fatores que contribuem para responder a seguinte indagação: Por que uma Revolução que começou nacional-democrática se tornou socialista? Nesse sentido, Fernandes (1984) traz a resposta de tal problematização:

Dentro de uma sociedade capitalista neocolonial, não havia como levar a revolução para diante dentro do capitalismo. Ela deslocou e esmagou a burguesia, nacional e estrangeira, porque para liberar a nação e para criar um Estado democrático soberano ela tinha de converter-se em uma revolução contra a ordem, ou seja, anticapitalista (FERNANDES, 1984, p.31).

No entanto, mesmo que o percurso histórico da Revolução tenha exigido que os revolucionários adotassem uma face anticapitalista. A princípio, o plano era atacar o quartel Moncada no período das festividades de carnaval, que ocorriam na ilha na última semana de julho. Apossar-se das armas, tanques e carros blindados, ocupar em seguida as estações de rádio e pedir apoio do povo, que segundo Castro (2001), conheciam a desgraça e eram capazes de lutar com uma coragem sem limites. Portanto, para Fidel Castro, só poderia participar deste movimento aqueles que queriam lutar não somente contra o tirano Batista, mas, pelo ideal de liberdade política e independência econômica, mesmo sabendo que as probabilidades de êxito eram poucas e que o castigo caso fracassassem seria a tortura e a morte.

Nesse sentido, Teixeira (2009, p.94) argumenta que naquele momento “[...] pegar em armas poderia estar vinculado não a uma forma mais racional de se resolver uma querela política, mas a uma resposta a valores mais íntimos e sentimentais presentes em uma geração de jovens”. Argumento este, que leva o autor a denominar a postura dos jovens que participaram desse movimento como ascética. Pois, para o autor “[...] a conduta ascética é aquela em que os meios são escolhidos não exclusivamente pela possibilidade de alcançar de forma mais eficaz os fins políticos almejados, mas pelos valores que neles se encerram” (TEIXEIRA, 2009, p.95). Ou seja, o revolucionário deveria ser movido pela necessidade de cumprir o dever para com a Pátria. Essa necessidade moral de lutar pelo país, segundo Fernandes (1984, p.88) “[...] é a mais simples, a mais imprevisível e também a mais tocante, pois brota de dentro do homem para fora, dos sentimentos e aspirações mais profundos dos humildes e dos condenados da terra”.

O próprio Fidel Castro um ano depois, quando interrogado sobre quem estava por trás do ataque ao quartel Moncada responderia que o autor intelectual do movimento 26 de julho foi José Martí, caracterizado por ele como o Apóstolo da independência cubana. Nesse sentido, fundamentaram esse movimento: o ideal de

*Cuba Libre*, o sentimento de nacionalismo republicano bem como a concepção heroica sobre a liberdade de Cuba (TEIXEIRA, 2009).

O ataque ao quartel Moncada foi mal sucedido, muitos dos participantes foram mortos e outros exilados. E, a luta de classes se expressou nesse momento por meio da força, censura e violência. Pois, segundo Sweezy e Huberman (1960, p.51):

A grande maioria dos rebeldes que perderam a vida foram assassinados depois de concluído o assalto. Começou em Santiago o banho de sangue que caracterizaria o regime de Batista, elevando o número total de vítimas a 20 mil, antes que o ditador fosse finalmente derrubado. Policiais rápidos no gatilho e soldados do exército patrulhavam as ruas, atirando em qualquer pessoa - criança ou adulto. Na busca daqueles que haviam de uma forma ou outra auxiliado os rebeldes, o exército prendia inocentes e culpados - e os matava. As ordens de Batista foram cumpridas: para cada um de seus soldados mortos no ataque, dez prisioneiros tiveram de ser executados. Os direitos civis foram suspensos e uma rígida censura entrou em vigor.

Fidel Castro foi feito prisioneiro e levado a julgamento, e em aproximadamente final de 1953 e início de 1954, ele próprio por ser advogado anunciou sua defesa por meio do documento *A História me Absolverá*. Foram feitas a reprodução de 100 mil exemplares desse documento a pedido de Fidel Castro e distribuído à população cubana num período de quatro meses. Em *a História me Absolverá* Castro (2001) pretendia fazer sua defesa, mas sobretudo denunciar à população os problemas da educação, os problemas relativos a terra, o problema da industrialização, o problema dos domicílios e o problema da saúde enfrentados em Cuba naquele período. Em consequência dos governos corruptos, sobretudo da ditadura de Fulgencio Batista. Nesse sentido, o objetivo era conscientizar a população e fomentar para mais a Revolução. Portanto, caracterizou-se como um recurso didático pedagógico e, ficou conhecido como o Programa de governo do Movimento 26 de Julho, que será discutido a seguir.

### 2.2.1 A *História me absolverá*: O início da Conscientização do Movimento Pedagógico

O documento a *História me absolverá* (2001), por ter sido elaborado intencionalmente com o objetivo de denunciar, dentre tantos problemas, os enfrentados no campo educacional. Pode ser considerado como o ponto de partida para a conscientização do movimento pedagógico que aconteceria na ilha anos mais tarde. Nesta perspectiva, compreende-se que a divulgação desse documento explicita o interesse de Fidel Castro em fomentar a população à uma ação revolucionária. O próprio Fidel Castro ao escrever uma carta solicitando as impressões do documento para Haydée Santamaría (1922-1980) e a Melba Hernández (1921-2014) argumentou que: “Sem propaganda não há movimento de massas; sem movimento de massas não há revolução possível” (CASTRO, 2001, p.5). Esse intuito, fica explícito também quando Fidel Castro explicou no capítulo I do documento os dois motivos que o levaram a assumir sua própria defesa:

Se tive que assumir minha própria defesa perante esse tribunal, foi por dois motivos. Um: porque praticamente fui dela privado por completo; outro: porque somente quem foi ferido tão profundamente, e sentiu a Pátria tão desamparada e a justiça aviltada, pode falar numa oportunidade como esta com palavras que sejam sangue do coração e entranhas da verdade (CASTRO, 2001, p.5).

A intencionalidade por parte de Fidel Castro em fazer uma divulgação ampla do documento torna-se evidente também em outros trechos, quando nas entrelinhas explicitou os ideais da Revolução pretendida, e o que no futuro daria suporte de forma mais fundamentada aos princípios de formação do guerrilheiro *homem novo*. No capítulo II de *A História me Absolverá*, Fidel Castro expôs qual fora a sua atitude e a de seus companheiros na prisão:

Disse que eles não se envergonhavam nem se arrependiam de sua condição de revolucionários e de patriotas pelo fato de ter que suportar as conseqüências de suas atitudes. Nunca me permitiram falar com eles na prisão e, não obstante, pensavam em agir exatamente como eu pretendia. Quando os homens têm um mesmo ideal, ninguém pode isolá-los, nem as paredes de um cárcere nem a

terra dos cemitérios. A mesma lembrança, a mesma alma, a mesma idéia, a mesma consciência e o mesmo sentimento de dignidade alentam a todos (CASTRO, 2001, p.8).

Fidel Castro complementou recuperando o ideal martiniano de que além de seriedade e tenacidade o maior mérito de um guerrilheiro seria “sempre entregar por um ideal tudo o que se tem, inclusive a vida” (CASTRO, 2001, p.20). E que “[...] os revolucionários devem proclamar suas idéias corajosamente, definir seus princípios e expressar suas intenções para que ninguém se iluda, amigos ou inimigos” (CASTRO, 2001, p.34). E terminou o capítulo VI do seu documento de defesa incentivando a população à Revolução: “[...] a esse povo, cujos caminhos de angústia estão calçados de fraudes e falsas promessas, não diríamos: ‘Vamos dar-te’, mas sim: ‘Aí tens, luta agora com todas as tuas forças para que sejam tuas a liberdade e a felicidade” (CASTRO, 2001, p.36).

Logo em seguida Fidel Castro (2001), elucidou o programa do que seria a Revolução em cinco leis revolucionárias: 1ª A restituição da soberania do povo; 2ª Conceder a propriedade da terra aos colonos e subcolonos; 3ª Outorgar aos operários participação efetiva nos lucros das grandes empresas; 4ª Conceder aos colonos 55% do rendimento da cana de açúcar e 5ª Confiscar os bens públicos que foram concedidos por conveniência a poucos. Assim, Cuba se transformaria em “baluarte da liberdade e não em símbolo vergonhoso do despotismo” (CASTRO, 2001, p.38).

Na medida em que no documento Fidel Castro elucidou como deveria ser um revolucionário e o programa da Revolução, também explicitou as condições da saúde, desemprego e educação no país naquele momento de forma a justificar a necessidade de uma Revolução, argumentando que lutar pelos direitos da Constituição não era crime e sim dever. Nesse sentido, conforme se defendia acusava seus acusadores de serem inconstitucionais, demonstrando habilidades esperadas por ser advogado.

A saúde em Cuba, em 1953, enfrentava graves problemas com doenças como a malária, tuberculose, subnutrição e infestação de parasitas. Isto, derivado das condições de saneamento básico daquele período; da dificuldade de acesso a assistência médica e ausência de educação sobre higiene. Dados do censo

realizado na ilha em 1953 demonstravam que apenas 35,2% das residências (urbanas e rurais) tinham água corrente, 28% dispunham de privadas automáticas e um total de 54,1% da população rural não possuíam qualquer tipo de instalação sanitária ou fossa. Em relação as condições de banho, os dados mostravam que 55,6% da população em geral não tinham chuveiros ou banheiras, sendo desse total 90,5% moradores da zona rural (SWEEZY; HUBERMAN, 1960). Diante essas circunstâncias é possível compreender, segundo Sweezy e Huberman (1960), os motivos pelos quais Cuba se encontrava em situação de miserável fracasso na saúde.

Os dados do censo de 1953, denunciaram também que a renda *per capita* do povo cubano era de 312 pesos, equivalente a 6 dólares por semana naquela época. Sendo que uma entre quatro pessoas não tinham emprego. Portanto, as casas da área rural consistiam em choupanas feitas de palmeira e teto de palha, geralmente com uma única divisão (SWEEZY; HUBERMAN, 1960). Essa situação de desemprego, de acordo com Sweezy e Huberman (1960), poderia ser compreendida de maneira mais significativa quando esses dados fossem comparados aos dados dos EUA em sua pior crise. Para os autores:

A significação profunda desse surpreendente - e trágico - fato será compreendida ao nos lembrarmos que no pior ano da pior depressão nos Estados Unidos, havia apenas cerca de 25% de desempregados. *Em Cuba, no que se relaciona com o desemprego, qualquer ano era pior do que o pior ano da depressão mais violenta nos Estados Unidos.* E não havia qualquer sistema de seguro contra desemprego ou assistência ao sem-trabalho (SWEEZY; HUBERMAN, 1960, p.24, grifo dos autores).

Esse alto índice de desemprego, na perspectiva dos autores, era reflexo de uma realidade de políticos que dobravam os seus joelhos ao imperialismo estadunidense bem como da subordinação da economia nacional à produção do açúcar. Por um lado, o problema do açúcar estaria por ser uma produção periódica, desse modo, não proporcionava trabalho durante todo o ano apenas no período de safra. Por outro lado, pelo motivo da economia centralizar-se quase exclusivamente em torno dessa produção. Fato este, que fazia o país não ser autossuficiente na produção de alimentos, tendo que importar arroz, toucinho, legumes, farinha de trigo

e outros tipos de alimentos. As possíveis consequências sobre o perigo de se dedicar ao cultivo de uma plantação, já havia sido denunciado um século antes, por José Martí. Os autores argumentam que no ano de 1883: “[...] José Martí, [...], orador, poeta, filósofo, lançou o alarme: ‘O povo comete suicídio no dia em que baseia sua existência numa plantação única’ [...]” (SWEEZY; HUBERMAN, 1960, p.28-29). No entanto, compreende-se que foi o próprio contexto de imperialismo que proporcionou o desenvolvimento dos grandes latifúndios, deixando grandes extensões de terra sem nada produzir.

Assim, diante dessa realidade, Fidel Castro em seu documento de defesa explicitou sobre a condição da saúde em Cuba:

De tanta miséria só é possível livrar-se com a morte. Para isso, sim, o Estado ajuda: a morrer. Noventa por cento das crianças do campo são devoradas pelos parasitas, que nelas se infiltram da terra pelas unhas dos pés descalços. [...] Crescerão raquíticos; aos trinta anos não terão um dente são na boca, terão ouvido dez milhões de discursos, e, finalmente, morrerão de miséria e decepção (CASTRO, 2001, p.42).

E, a situação do desemprego é explicitada por Fidel Castro quando argumentou:

[...] como deixar de explicar que, de maio a dezembro, um milhão de pessoas não encontram trabalho, e que, com uma população de cinco milhões e meio de habitantes, Cuba tenha atualmente mais desocupados que a França e a Itália, com uma população de mais de quarenta milhões cada uma? (CASTRO, 2001, p.42).

Nas páginas 44 e 45 do documento redigido por Fidel Castro em sua defesa, ele apontou como um governo revolucionário resolveria os problemas denunciados anteriormente. Para ele, após uma varredura na corrupção, um governo revolucionário deveria iniciar a tarefa de industrializar o país, resolver o problema da Terra e realizar uma Revolução no ensino. Ao tratar da importância da Educação, Fidel Castro referiu-se a José Martí como Apóstolo e citou algumas de suas palavras: “O povo mais feliz é o que tiver seus filhos bem educados, na instrução do pensamento e na direção dos sentimentos. Um povo culto sempre será forte e livre”

(CASTRO, 2001, p.46). E a partir disso, denunciou a situação da educação no país naquele período e explicitou como deveria ser:

Mas a alma do ensino é o professor primário. E os educadores em Cuba são pagos miseravelmente. Não obstante, não há indivíduo mais enamorado de sua vocação que o mestre-escola cubano. [...] nenhum professor primário deve ganhar menos de duzentos pesos, como nenhum professor secundário deve receber menos de trezentos e cinquenta, se quisermos que se dediquem inteiramente à sua elevada missão, sem ter que viver atormentados por toda sorte de mesquinhas privações. Ademais, deve conceder-se aos mestres que desempenham seu mister no campo o uso gratuito de transporte; e a todos, a cada cinco anos, pelo menos, férias de seis meses com vencimentos, para que possam assistir a cursos especiais no país ou no estrangeiro, se ponham em dia com os últimos conhecimentos pedagógicos e melhorem constantemente seus programas e sistemas (CASTRO, 2001, p.46-47).

Todavia, nesse ponto do texto aparece uma contradição, que leva a problematizar e refletir: se o professor primário é a alma do ensino, porque o mesmo deveria receber menos que o professor do ensino secundário? Contudo, os argumentos explícitos em *A História me Absolverá* por Fidel Castro (2001) parece muito além de uma defesa e sim um plano de governo, o governo revolucionário que deveria ser instituído com a Revolução e a divulgação do mesmo, intencionalmente, consistia em uma estratégia para tentar conscientizar o povo do que seria a Revolução e incentivá-los a apoiá-la, na medida que no documento denunciou as condições materiais que se encontrava Cuba a partir do governo de Batista e instruções de como agir e se portar um revolucionário. Desse modo, “a ampla divulgação do texto de Fidel Castro foi decisiva, pois ela continha o programa da revolução [...] e sua divulgação constituía parte essencial da estratégia revolucionária” (CASTRO, 2001, p.3-4).

Fidel Castro foi condenado a 15 anos de prisão por conta do assalto ao quartel Moncada, mas Fulgencio Batista assinou uma lei de anistia o que proporcionou à Castro o cumprimento de apenas 2 anos de sua pena. Após sua soltura ele se exilou no México a fim de organizar uma nova guerrilha para derrubar o governo de Batista.

Assim, retornou à Cuba em 1956 junto com 82 voluntários, dentre eles Ernesto Che Guevara, em um pequeno navio comprado por meio de recursos doados por simpatizantes, confrontaram-se com as forças armadas do governo e sobreviveram apenas 22 deles que refugiaram-se nas matas de *Sierra Maestra* a fim de fortalecer a guerrilha no campo e ganhar o apoio da população. Em janeiro 1959 após um longo período de luta armada, tem-se a ofensiva final e a tomada do poder pelos revolucionários, assim como a renúncia de Fulgencio Batista.

Após a declaração por parte de Fidel Castro sobre o caráter socialista da Revolução, em abril de 1961, que será discutida a seguir, os EUA, romperam de forma total as relações diplomáticas com Cuba e decretaram o bloqueio econômico, o que fez com que a ilha passasse a enfrentar severas dificuldades nas esferas econômico e social e as condições materiais fomentaram a necessidade de assumir para a Revolução novos conhecimentos a fim de se consolidar. Para Giliard da Silva Prado (2013) em *Guerrilhas da Memória: Estratégias de Legitimação da Revolução Cubana* em face das dificuldades enfrentadas desde então, fez com que o discurso oficial dos líderes cubanos sofressem significativas mudanças e para tanto, “foi necessário silenciar sobre muitas das declarações anteriores, que já não mais poderiam ser sustentadas” (PRADO, 2013, p.49). Nesse sentido, fez-se necessário discutir o conceito de Revolução para Fidel Castro e a identidade da Revolução adotada para Cuba.

### 2.3 O conceito Cubano de Revolução no *Manual Alfabetizamos*

A Revolução Cubana, como mencionado anteriormente, emanou do povo que estava insatisfeito com o governo de Fulgencio Batista. E, Foi liderada por jovens universitários influenciados pelos ideias de liberdade política e independência econômica de José Martí. Assim, compreende-se que o processo revolucionário em Cuba começou como luta Nacional pela liberdade política e econômica em relação aos EUA e, depois por necessidade, adquiriu um caráter socialista.

Nesse sentido, Fernandes (1984, p.88), explicita que a princípio o discernimento dos revolucionários “[...] não era partidário, exclusivista, o que permitiu que avançassem aos poucos e soubessem aproveitar as oportunidades, espontâneas ou provocadas”. Sob a mesma ótica, Hobsbawn (1995, p.425), declarou que Fidel Castro era: “um jovem forte e carismático de boa família proprietária de terras, de política indefinida, mas que estava decidido a demonstrar bravura pessoal e ser um herói de qualquer causa da liberdade contra a tirania, que se apresentasse no momento certo”.

Assim, para Hobsbawn, (1995, p.426), um dos fatores que proporcionaram a saga de Fidel Castro, Che Guevara e seus guerrilheiros realizarem a Revolução foi o fato de que o:

[...] regime de Batista era frágil, não tinha apoio real, a não ser o motivado pela conveniência e o interesse próprio, e era liderado por um homem tornado indolente por longa corrupção. Desmoronou assim que a oposição de todas as classes políticas, da burguesia democrática aos comunistas, se uniram contra ele, e os próprios agentes, soldados, policiais e torturadores do ditador concluíram que o tempo dele se esgotara.

Desde a tomada do poder por parte do exército rebelde em 1º de janeiro de 1959, a Revolução Cubana despertou questionamentos dos países vizinhos, do mundo e principalmente dos Estados Unidos que problematizavam de que tipo de Revolução se tratava. Seria uma Revolução comunista? A princípio os norte-americanos ficaram divididos sobre o caráter da Revolução Cubana, pois não se tinha provas de que se tratava de uma Revolução comunista e o próprio Fidel Castro não a denominava como tal. Pelo contrário, afirmava sempre que questionado, que se tratava de uma Revolução autônoma, cujo objetivo central era a luta pela liberdade contrapondo-se ao autoritarismo de Batista.

Durante os primeiros meses da Revolução, Fidel Castro percorreu os países vizinhos, assim como os Estados Unidos a procura de apoio e em 24 de abril de 1959 discursou em Nova Iorque e afirmou que a Revolução cubana era democrática e humanista:

Nossa Revolução pratica o princípio democrático, mas uma democracia humanista. O humanismo significa que, para satisfazer as necessidades materiais do homem, não devemos sacrificar os desejos mais caros do homem, que são as suas liberdades (aplausos). E que as liberdades mais essenciais do homem não significam nada se as necessidades materiais do homem também não forem satisfeitas. [...] Humanismo significa justiça social com liberdades e direitos humanos. Humanismo significa o que por democracia se entende, mas não a democracia teórica, mas a democracia real, os direitos humanos com satisfação das necessidades do homem. Por causa da fome e da miséria, uma oligarquia pode ser erguida, mas nunca uma verdadeira democracia (aplausos). Sobre a fome e a miséria pode-se erigir uma tirania, mas nunca uma verdadeira democracia. Somos democratas em todos os sentidos da palavra, mas verdadeiros democratas, democratas que defendem os direitos dos homens de trabalho (aplausos) democratas que postulam o direito dos homens de pão (Aplausos) democratas sinceros porque a democracia que só fala direitos teóricos e esquece as necessidades do homem, não é uma democracia sincera, não é uma verdadeira democracia. Nem pão sem liberdade, nem liberdades sem pão (aplausos). Não há ditaduras de homens. Não há ditaduras de classes. Não há ditaduras de grupos. Nenhuma ditadura de casta. Não há ditaduras de classes. Não há oligarquias de classe. Governo de pessoas sem ditadura e sem oligarquia. Liberdade com pão, pão sem terror (aplausos), isso é humanismo (CASTRO, 1959b, on-line<sup>40</sup>, tradução nossa)<sup>41</sup>.

Ao retornar à Cuba em 8 de maio de 1959, Fidel Castro explicou para a população o motivo da viagem e que estavam sendo acusados de comunistas, que tal afirmação se tratava de calúnia e intriga para que a Revolução perdesse suas

---

<sup>40</sup>Quando a palavra on-line estiver nas referências das citações no lugar do qual deveria se encontrar o número da página é porque o texto disponível no site do Governo cubano não apresenta paginação.

<sup>41</sup>Nuestra Revolución practica el principio democrático, pero una democracia humanista. Humanismo quiere decir que, para satisfacer las necesidades materiales del hombre no hay que sacrificar los anhelos más caros del hombre, que son sus libertades (APLAUSOS). Y que las libertades más esenciales del hombre nada significan si no son satisfechas también las necesidades materiales del hombre. [...] Humanismo significa justicia social con libertades y derechos humanos. Humanismo significa lo que por democracia se entienda, pero no democracia teórica, sino democracia real, derechos humanos con satisfacción de las necesidades del hombre. Porque sobre el hambre y sobre la miseria se podrá erigir una oligarquía, pero jamás una verdadera democracia (APLAUSOS). Sobre el hambre y la miseria se podrá erigir una tiranía, pero jamás una verdadera democracia. Somos demócratas en todo el sentido de la palabra, pero demócratas verdaderos, demócratas que propugnan el derecho del hombre al trabajo (APLAUSOS), demócratas que postulamos el derecho del hombre al pan (APLAUSOS), demócratas sinceros, porque la democracia que habla solo de derechos teóricos y se olvida de las necesidades del hombre, no es una democracia sincera, no es una democracia verdadera. Ni pan sin libertad, ni libertades sin pan (APLAUSOS). Ni dictaduras de hombres. Ni dictaduras de clases. Ni dictaduras de grupos. Ni dictaduras de castas. Ni dictaduras de clases. Ni oligarquías de clases. Gobierno de pueblo sin dictadura y sin oligarquía. Libertad con pan, pan sin terror (APLAUSOS), ese es el humanismo (CASTRO, 1959b, on-line).

forças e reafirmou: “a Revolução Cubana não é nem capitalista nem comunista [...] é uma revolução em si (gritos de: “Cubanísimo, Cubanísimo!”), que tem uma própria ideologia, que tem raízes cubanas, que é total e completamente cubano-americana” (CASTRO, 1959c, p.on-line, tradução nossa)<sup>42</sup>. Em entrevista ao programa televisivo *Ante la Prensa* no mesmo mês, Castro explicitou que a Revolução apresentava um caráter nacional e que não estava disposto a assumir nem o capitalismo nem o comunismo: “porque o problema é que nos colocaram para escolher entre o capitalismo que mata o povo de fome e o comunismo que resolve o problema econômico, mas que suprime as liberdades” (CASTRO, 2008, p.40, tradução nossa)<sup>43</sup>.

Diante essas declarações iniciais e falta de provas se a Revolução seria pró-comunista ou não, os Estados Unidos não agiram de forma imediata para derrubar o governo revolucionário que se instaurava como fizeram anos antes na Guatemala. Para Hobsbawn (1995), o que fez a CIA concluir que a Revolução não era comunista: foi a antipatia que o próprio Partido Comunista Cubano e também Chileno demonstravam pela figura de Fidel Castro. Bandeira (2009), ao corroborar com as conclusões de Hobsbawn acrescenta que a princípio o objetivo da Revolução, assim como seu plano de governo era uma terceira via que afastava-se da bipolaridade do contexto da Guerra Fria, uma via nem de direita nem de esquerda, provavelmente uma via socialdemocrata<sup>44</sup>.

Dwight Eisenhower (1890-1969) era o presidente dos Estados Unidos em 1959, e a princípio mesmo que temeroso se a Revolução era comunista ou não, reconheceu o governo que fora instaurado. Todavia, as relações de inimizade entre

---

<sup>42</sup>“la Revolución Cubana no es ni capitalista ni comunista [...] es una revolución propia (EXCLAMACIONES DE: “¡Cubanismo, cubanismo!”), que tiene una ideología propia, enteramente propia, que tiene raíces cubanas, que es enteramente cubana y enteramente americana” (CASTRO, 1959c, on-line).

<sup>43</sup>“porque el problema es que nos han puesto a escoger entre el capitalismo que mata de hambre a la gente y el comunismo que resuelve el problema económico, pero que suprime las libertades” (CASTRO, 2008, p.40).

<sup>44</sup>Bobbio (1998), conceitua socialdemocracia como um tipo de governo que tolera o capitalismo no que diz respeito a função positiva do mercado e em certa medida a propriedade privada, mas defende a participação efetiva do povo. Assim, segundo o autor, a socialdemocracia luta “contra o reformismo burguês, que levaria o movimento operário a empantandar-se irremediavelmente no sistema, e contra o aventureirismo revolucionário, que o levaria a quebrar a cabeça contra as estruturas ainda sólidas do sistema” (BOBBIO, 1998, p.1188).

os dois países se materializam com a lei da Reforma Agrária decretada em Cuba em maio de 1959. Os EUA responderam a essa ação decretando um embargo parcial as exportações à ilha, e o governo cubano retribuiu confiscando o patrimônio de empresas norte-americanas em Cuba. Foi então que os problemas se intensificaram, pois para resolver o que fora denunciado em *A História me Absolverá* necessitava-se de dinheiro e pessoal capacitado para tal, e os poucos que existiam tinham abandonado o país com medo do exército rebelde. Nepomuceno (1981, p.32), explicita que a partir de então:

[...] pairando sobre esse amontoado de problemas, planos projetos e programas, havia a atitude francamente hostil dos Estados Unidos, que financiavam, criavam, organizavam, treinavam e transportavam grupos terroristas para o interior de Cuba – conforme o seu próprio governo reconhece até hoje – e que tornava necessária a constante manutenção de milhares de pessoas em mobilização militar. Era como tentar criar novos padrões de economia e desenvolver a produção em meio a um clima de guerra aberta.

Ante os problemas enfrentados e a pressão norte americana, fazia-se necessário legitimar a Revolução despojando-se de uma reflexão mais sistematizada, portanto, teórica e chamar a atenção do mundo para o país. Assim, no dia 16 de abril do ano de 1961 em um discurso em homenagem às vítimas de vários atentados em Cuba e as vésperas de uma invasão norte-americana que ficou conhecida como *La Batalla de Girón* na região da Baía dos porcos Fidel Castro declarou:

“[...] fizemos uma revolução socialista diante do próprio nariz dos Estados Unidos! [...] Companheiros trabalhadores e camponeses, esta é a Revolução socialista e democrática dos humildes, com os humildes e para os humildes (Aplausos). E por esta Revolução dos humildes, pelos humildes e para os humildes, estamos dispostos a dar vida (Exclamações).” (CASTRO, 1961a, p.on-line, tradução nossa)<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup>“[...] ¡y que hayamos hecho una Revolución socialista en las propias narices de Estados Unidos! [...] Compañeros obreros y campesinos, esta es la Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes (Aplausos). Y por esta Revolución de los humildes, por los humildes y para los humildes, estamos dispuestos a dar la vida (Exclamaciones).” (CASTRO, 1961a, p.on-line).

Depois da declaração de forma explícita que a Revolução Cubana aderiu ao marxismo-leninismo, os discursos oficiais de Fidel Castro adquirem uma tônica diferente, objetiva-se agora uma transformação social que não deveria acontecer apenas pela luta armada, mas também pelo processo de formação da consciência de que cada cubano deveria ser um revolucionário, um formador e difusor de cultura, um professor, um mercador de sonhos livres da ignorância plena e argumenta que “revolução quer dizer destruição do privilégio, desaparecimento da exploração e criação de uma sociedade justa” (CUBA, 1961a, p. 23, tradução nossa)<sup>46</sup>. Assim, o primeiro desafio da Revolução, para os seus líderes, seria retirar Cuba sob o domínio do imperialismo norte-americano (GOTT, 2006).

A partir dessa mudança na argumentação do que seria a Revolução cubana, Prado (2013), explicita de que para reforçar que o caráter socialista e a necessidade de uma formação de consciência revolucionária “o líder cubano buscou sutilmente recuar no tempo a existência de traços socialistas nas ações e pronunciamentos do governo” (PRADO, 2013, p.51). O que fica explícito em uma entrevista concedida ao Frei Betto, dominicano e escritor brasileiro, cujos fragmentos foram publicados em *Fidel Castro: El Moncada y La Historia Me Absolverá (selección temática 1953-2003)* em 2005, Fidel Castro explicou:

Olhem que coisa curiosa: antes de conhecer a literatura marxista, de fato, e só estudando a economia política capitalista, comecei a tirar conclusões socialistas e imaginar uma sociedade cuja economia funcionasse mais racionalmente. Eu começo sendo um comunista utópico. É só no terceiro ano de minha carreira [advogado] quando realmente tenho contato com ideias revolucionárias, com teorias revolucionárias, com o Manifesto Comunista, com as primeiras obras de Marx, Engels, Lenin (INSTITUTO DE HISTÓRIA DE CUBA, 2005, p.40, tradução nossa).<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup>“revolución quiere decir destrucción del privilegio, desaparición de la exploración, creación de una sociedad justa” (CUBA, 1961, p. 23).

<sup>47</sup>“Pero cosa curiosa, fíjate: antes de encontrarme con la literatura marxista, en realidad, y sólo estudiando la economía política capitalista, empiezo a sacar conclusiones socialistas y a imaginarme una sociedad cuya economía funcionara de forma más racional. Empiezo por ser un comunista utópico. Viene a ser en el tercer año de mi carrera cuando yo tengo realmente contacto ya con las ideas revolucionarias, con las teorías revolucionarias, con el Manifiesto Comunista, con las primeras obras de Marx, de Engels, de Lenin” (INSTITUTO DE HISTÓRIA DE CUBA, 2005, p. 40).

Assim, Fidel Castro passou a argumentar que os líderes revolucionários estudaram desde o movimento 26 de julho os escritos de José Martí, Marx<sup>48</sup> e Lênin<sup>49</sup> e que aprenderam na prática, buscando responder aos problemas que enfrentaram.

Desse modo, as discussões de que a Revolução só seria real se houvesse uma conscientização popular, se materializaram. E, a educação passou a exercer um papel significativo na formação da consciência da população. Para tanto, havia no manual do alfabetizador lições específicas que ao mesmo tempo em que ensinavam como alfabetizar, também esclareciam os fundamentos da Revolução.

Assim, quando o movimento revolucionário percebeu que para consolidar a Revolução era necessário atribuir aos ideais defendidos de liberdade política e independência econômica uma transformação social. Adotaram uma postura anticapitalista, como mencionado, e propagaram a necessidade de proporcionar ao povo cubano uma consciência revolucionária.

---

<sup>48</sup>Para Karl Marx (2008, p.47-48), a revolução acontece quando: “em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem – se em entraves. Abre – se, então, uma época de revolução social. A transformação que se produziu na base econômica transforma mais ou menos lenta ou rapidamente toda a colossal superestrutura. Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção – que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais – e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim”.

<sup>49</sup>Para Lênin toda revolução consiste em: “[...] um processo incrivelmente complicado e doloroso de agonia de uma ordem social antiquada e o surgimento de uma nova ordem social, de um novo regime de vida de milhões de homens” (LÊNIN, 1961, p.451). Compreende-se que a contribuição de Lênin para o conjunto de ideias sobre revolução é produto do fato de que ele viveu na fase imperialista do capitalismo. O imperialismo materializado em Cuba contribuiu para que pequenos fabricantes se transformassem em operários e seus antigos empregados em desempregados, também cuidou de impedir que o conhecimento técnico científico necessário para manter a indústria em funcionamento, chegasse até os cubanos. Eric Nepomuceno (1981, p.18) cita como exemplo desse fenômeno a filial instalada em Bayamo da empresa Nestlé: “Sempre que havia algum problema, o “técnico” telefonava para os Estados Unidos, contando o que ocorrera. E, por telefone, recebia instruções precisas. Quando não conseguia resolver o problema com essas instruções, tornava a ligar. E, em poucas horas, chegavam por avião os “especialistas” – técnicos trazidos de Miami”. Essa assistência aumentava cada vez mais a dívida cubana junto à matriz, pois era considerado como investimento extraordinário. O governo cubano sob a ótica do imperialismo se via obrigado a fazer empréstimos aos bancos norte-americanos para financiar as empresas do próprio Estados Unidos. As maquinarias obsoletas que seriam consideradas ferro velho nos EUA eram trazidas a ilha com o discurso de desenvolvimento industrial em troca de matérias-primas e isenção alfandegária (NEPOMUCENO, 1981).

No entanto, esse processo de desenvolvimento da consciência, deveria acontecer o mais rápido possível. Pois, a disputa política que existia no interior da guerrilha e entre os grupos burgueses contrários a ditadura de Batista, poderiam realizar um aburguesamento da Revolução. Desse modo, a educação seria o meio mais eficaz para se iniciar esse processo.

Portanto, a formação docente revolucionária foi intencionalmente planejada em conjunto da Campanha de Alfabetização e o manual *Alfabetecemos* (1961a) foi produto deste processo. No intuito de materializar o projeto de construção do *homem novo* cubano. Assim, o manual do professor, continha conteúdos críticos ao imperialismo, também sobre a importância da nacionalização e apresentava o conceito de Revolução. Ou seja, contribuía para a formação de uma consciência revolucionária.

Pode-se observar no manual do alfabetizador *Alfabetecemos* (1961a), no Tema XII de orientação revolucionária aos professores que iriam ao campo alfabetizar durante a campanha de alfabetização, uma lição denominada de *O Imperialismo*. Nessa lição apresentava-se o conceito do governo cubano do que seria a fase imperialista do modo de produção capitalista:

O imperialismo é um fenômeno típico de nossa época. São imperialistas aqueles países que têm um grande desenvolvimento econômico, chegam a centralizar em poucas mãos capitais enormes; depois investem esses capitais em outros países no qual exploram economicamente e os obrigam a vender suas matérias primas e a comprar produtos industriais. Assim deformam sua economia e os transformam em países sujeitados. Pode haver um país imperialista que não tenha o domínio político aparente de outro país, quer dizer, que não tenha colônias. Todo país que explora a riqueza de outros países é um país imperialista (CUBA, 1961a, p.45, tradução nossa)<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup>El imperialismo es un fenómeno típico de nuestra época. Son imperialistas aquellos países que teniendo un gran desarrollo económico, llegan a centralizar en pocas manos capitales enormes; después invierten esos capitales en otros países a los cuales explotan economicamente y los obligan a vender sus materias primas y a comprar productos industriales. Así deforman su economía y los convierten en países sometidos. Puede haber un país imperialista que no tenga el dominio político aparente de otro país, es decir, que no tenga colônias. Todo país que explota a otros países es un país imperialista; todo país que controla la riqueza de otros países es un país imperialista (CUBA, 1961a, p.45).

Essa lição do manual é apresentada a partir de uma epígrafe sobre o imperialismo de Raul Castro<sup>51</sup> que compara o mesmo como uma águia com as unhas encravadas no roubo: “o imperialismo yanqui está representado por uma águia com as unhas gastas pelo roubo” (CUBA, 1961a, p.45, tradução nossa)<sup>52</sup>.

O texto dessa mesma lição do manual *Alfabeticemos* (1961a), segue explicando que os Estados Unidos seriam essa águia (o imperialismo), pois mesmo que Cuba aparentemente fosse independente suas riquezas eram exploradas e controladas pelos norte-americanos. A lição explica que os EUA:

Possuíam nossas melhores terras, nossas minas, nossos melhores centros açucareiros e quase todas as nossas fábricas, controlavam as finanças e nossas relações comerciais. De fato, Cuba era uma colônia dos Estados Unidos. Estava sob o domínio do imperialismo norte-americano (CUBA, 1961a, p.45, tradução nossa)<sup>53</sup>.

Assim, a preparação dos professores e a alfabetização em si, estavam diretamente conectadas com os ideais da revolução. Esse cuidado em conectar a formação revolucionária do professor ao mesmo tempo de ensiná-lo como alfabetizar, pode ser evidenciado no seguinte trecho do manual *Alfabeticemos* (1961a):

Tomamos quinze assuntos de interesse nacional que formam as quinze lições de ‘Venceremos’, e através delas fornecemos o treinamento necessário para alcançar o mecanismo da leitura e da escrita. [...] Procure estudar bem este manual ‘Alfabeticemos’ e a Cartilha ‘Venceremos’ para realizar um trabalho eficaz. Cuide de estar provido do Manual e da Cartilha e que seus alunos tenham o

---

<sup>51</sup>Raul Modesto Castro Ruz nascido em Birán (Cuba) em 3 de junho de 1931 é irmão de Fidel Castro, integrante do movimento revolucionário 26 de julho que atacou o quartel Moncada em 1953, participou do planejamento do expedição *Granma* em 1956, declarou-se comunista antes mesmo do próprio Fidel Castro. Foi ministro e general máximo das Forças Armadas de Cuba depois da Revolução. Ao ser afastado da presidência por motivos de saúde em 2010, Fidel Castro transfere seu cargo à Raul Castro que exerce essa função até 19 de abril de 2018, quando a Assembleia Nacional de Cuba aprova com 99,83% dos votos dos deputados Miguel Díaz-Canel como novo presidente do país. Será a 1ª vez desde a Revolução que o país será governado por alguém que não pertence a família Castro.

<sup>52</sup>“el imperialismo yanqui está representado por un águila con las uñas gastadas por la rapiña” (CUBA, 1961, p.45).

<sup>53</sup>Poseían nuestras mejores tierras, nuestras minas, nuestros mejores centrales azucareros y casi todas nuestras fábricas, controlaban las finanzas y nuestras relaciones comerciales. De hecho Cuba era una colonia de los Estados Unidos. Estaba bajo el dominio del imperialismo norteamericano (CUBA, 1961, p.45).

essencial: Cartilha, caderno e lápis. [...] É essencial seguir na própria Cartilha o que vai sendo explicado nestas orientações a fim de se obter uma interpretação correta (CUBA, 1961a, p.12-13, tradução nossa)<sup>54</sup>.

Além de conscientizar o professor sobre como agir, da importância seguir corretamente as instruções do manual e procurar politizá-lo sobre as implicações do imperialismo estadunidense para sociedade cubana. O manual contém no tema VII das orientações revolucionárias, explicações sobre a importância da nacionalização, ao mesmo tempo que evidencia, na perspectiva do Governo revolucionário, traços sobre um dos motivos que fizeram a Revolução se tornar socialista. Devido a importância histórica dessa discussão, optou-se por transcrever esse tema na íntegra:

Tema VII. A NACIONALIZAÇÃO. A economia cubana era controlada em grande parte por algumas empresas estrangeiras que exploravam nossas terras, nossas minas, nossas principais indústrias, nosso comércio, etc. Havia também algumas grandes empresas administradas pelos capitalistas cubanos. Estes nunca se orientaram a buscar o bem-estar nacional ao longo do caminho do desenvolvimento econômico do país, mas apenas tiveram o cuidado de enriquecer-se às custas das necessidades do povo. O governo Revolucionário levou a cabo uma política destinada a resgatar a riqueza do país das mãos estrangeiras e emitiu uma série de medidas que beneficiaram diretamente os industriais nacionais. Por exemplo, a Reforma Tarifária, que ao elevar as tarifas sobre produtos estrangeiros, permitia que produtos domésticos fossem ao mercado, sob condições vantajosas; a Reforma Tributária, que mudou o antigo sistema de impostos e contribuições, tornando-o racional; a campanha 'Consuma Produtos Cubanos', que movimentou a consciência nacional e levou as pessoas a preferirem os produtos do país em vez de produtos estrangeiros. Os capitalistas nacionais foram, portanto, altamente beneficiados com as medidas revolucionárias e o Governo considerou, a princípio, que essa classe social estaria disposta a se unir à Revolução e cooperar no desenvolvimento econômico do país. No entanto, outra foi a atitude dos industriais. Eles se esforçaram para criar problemas e dificuldades para o Governo Revolucionário; abandonaram em

---

<sup>54</sup>Hemos tomado quince asuntos de interés nacional que forman las quince lecciones de que consta 'Venceremos', y a través de ellas hemos proporcionado la ejercitación necesaria para lograr el mecanismo de la lectura y la escritura. [...] Procure estudiar bien este Manual 'Alfabetícemos' y la Cartilla 'Venceremos' para realizar una labor eficaz. Cuide de estar provisto del Manual y la Cartilla y que sus alumnos tengan lo indispensable: Cartilha, libreta y lápiz. [...] Es indispensable seguir en la propia Cartilla lo que se va explicando en estas Orientaciones a fin de lograr una correcta interpretación [...] (CUBA, 1961a, p.12-13).

muitos casos a gestão de suas empresas, foram negligentes na aquisição de matérias-primas, provocaram conflitos com os trabalhadores e tentaram por todos os meios causar sérios problemas econômicos ao Governo Revolucionário. O Governo Revolucionário tem como tarefa fundamental empreender o desenvolvimento econômico nacional. Para isso, o Estado deve ter a direção e o domínio da economia. A nacionalização é, não só recuperar as riquezas que estavam em mãos estrangeiras. Nacionalizar é colocar nas mãos da nação todos os recursos básicos do país e usá-los no desenvolvimento de nossa economia; é colocar a riqueza do país nas mãos do povo; é usar nossos múltiplos recursos para não enriquecer alguns, mas promover o bem-estar da nação como um todo, isto é, enriquecer o povo (CUBA, 1961a, p.34-35, tradução nossa)<sup>55</sup>.

Essa explicação sobre a importância da nacionalização para o novo professor cubano, estava atrelada ao conceito de Revolução que o vocabulário do mesmo material apresenta: “Revolução. Mudança econômica, política e social violenta e profunda que ocorre em um país” (CUBA, 1961a, p.95, tradução nossa)<sup>56</sup>. Desse modo, era importante que o professor compreende-se a necessidade da Revolução e o significado da mesma, para que pudesse se converter no *homem novo* e

---

<sup>55</sup>Tema VII. LA NACIONALIZACIÓN. La economía cubana estaba controlada en su mayor parte por unas cuantas compañías extranjeras que explotaban nuestras tierras, nuestras minas, nuestras principales industrias, nuestro comercio, etc. Había además algunas grandes empresas manejadas por capitales cubanos. Estos nunca se orientaron a buscar el bienestar nacional por el camino del desarrollo económico del país, sino que sólo se ocuparon de enriquecerse a costa de las necesidades del pueblo. El Gobierno Revolucionario lleva a cabo una política encaminada a rescatar las riquezas del país de manos extranjeras y dictó una serie de medidas que beneficiaron directamente a los industriales nacionales. Por ejemplo, la Reforma Arancelaria, que al elevar los aranceles a los productos extranjeros permitió a los productos nacionales ir al mercado, en condiciones ventajosas; la Reforma Tributaria, que cambió el viejo sistema de impuestos y contribuciones haciéndolo racional; la campaña de ‘Consuma Productos Cubanos’, que movió la conciencia nacional y llevó al pueblo a preferir los productos del país en lugar de los productos extranjeros. Los capitalistas nacionales resultaron, pues, altamente beneficiados con las medidas revolucionarias y el Gobierno consideró en un principio que esta clase social estaría dispuesta a sumarse a la Revolución y cooperar al desarrollo económico del país. Sin embargo otra fue la actitud de los industriales. Se empeñaron en crearle al Gobierno Revolucionario problemas y dificultades; abandonaron en muchos casos la dirección de sus empresas, se mostraron negligentes en la adquisición de materias primas, provocaron conflictos con los obreros y trataron por todos los medios de ocasionarle serios problemas económicos al Gobierno Revolucionario. El Gobierno revolucionario tiene como tarea fundamental la de emprender el desarrollo económico nacional. Para ello es preciso el Estado tenga la dirección y dominio de la economía. Nacionalizar es, no sólo recuperar las riquezas que estaban en manos extranjeras. Nacionalizar es poner en manos de la nación todos los recursos básicos del país y utilizarlos en desarrollar nuestra economía; es poner la riqueza del país en manos del pueblo; es utilizar nuestros múltiples recursos no para enriquecer a unos cuantos sino para fomentar el bienestar de la nación en su conjunto, o sea, para enriquecer al pueblo (CUBA, 1961, p.34-35).

<sup>56</sup>“Revolución. Cambio violento y profundo de tipo económico, político y social que ocurre en un país” (CUBA, 1961a, p.95).

corresponder ao apelo da Revolução: contribuir significativamente para a construção da nova sociedade. O Tema I das orientações revolucionárias do manual *Alfabeticemos* (1961a), justificava ao professor a necessidade da Revolução e seu significado:

Tema I. A Revolução. Os povos necessitam da revolução para se desenvolver e avançar. Quando uma nação é dominada por outra nação mais poderosa, somente por meio da revolução pode expulsar o domínio estrangeiro e estabelecer um governo próprio que não está sujeito a ela. Quando as riquezas de uma nação estão em mãos de outra nação, faz falta uma revolução para recuperar essas riquezas. Quando os homens e mulheres humildes de um país vivem sem trabalho, sem terras para cultivar, sem educação, necessitam fazer uma revolução. Quando o trabalho dos humildes serve para que um pequeno grupo de exploradores se encher de riquezas, então os humildes devem fazer sua revolução para que as riquezas que produz o trabalho deixe de ser dos exploradores e pertença ao povo que trabalha. Isso é revolução: liberdade, trabalho, terra, escola, respeito ao que luta e trabalha. E para conquistar isto não basta tomar as armas contra uma tirania, é necessário fazer todas essas mudanças que se realizam atualmente em nosso país (CUBA, 1961a, p.23, tradução nossa).<sup>57</sup>

Assim, compreende-se que os temas do manual *Alfabeticemos* (1961a), expressavam os ideias revolucionários. Na medida, em que procurou proporcionar ao professor o entendimento do momento político vivenciado em Cuba (situação revolucionária) e a necessidade de se libertar do imperialismo estadunidense. Ao mesmo tempo, que justificou a necessidade de defender uma postura anticapitalista já que os capitalistas cubanos ao invés de juntar-se a Revolução apenas causaram problemas e dificultaram a materialização do ideal de independência econômica.

---

<sup>57</sup>Tema I. La Revolución. Los pueblos necesitan la revolución para desarrollarse y avanzar. Cuando una nación es dominada por otra nación más poderosa, solamente mediante la revolución puede expulsar el dominio extranjero y establecer un gobierno propio que no esté sometido a él. Cuando las riquezas de una nación están en manos de otra nación, hace falta una revolución para recuperar esas riquezas. Cuando los hombres y mujeres humildes de un país viven sin trabajo, sin tierras que cultivar, sin educación, necesitan hacer una revolución. Cuando el trabajo de los humildes sirve para que un pequeño grupo de explotadores se llene de riquezas, entonces los humildes deben hacer su revolución para que las riquezas que produce el trabajo deje de ser de los explotadores y pertenezca al pueblo que trabaja. Eso es la revolución: libertad, trabajo, tierra, escuela, respeto al que lucha y trabaja. Y para lograr esto no basta tomar las armas contra una tiranía, sino que es necesario hacer todos esos cambios que se realizan actualmente en nuestro país (CUBA, 1961a, p.23).

Neste sentido, compreende-se que o conceito Cubano de Revolução, segundo Prado (2013) no início pode ser caracterizado como uma Revolução verde-oliva. Ou seja, nacionalista e depois toma para si o adjetivo de Revolução Vermelha e o pressuposto de que as ideias socialistas de Marx e seus seguidores seriam universais e não poderiam como antes serem rejeitadas sob o argumento de que eram exóticas e estrangeiras. Todavia, as interpretações desses princípios são marcadas pela forma peculiar cubana, dando-se primazia para o aprendizado conquistado de forma empírica pela própria experiência do que foi o movimento revolucionário.

Para Florestan Fernandes (2007), a Revolução Cubana apresenta a responsabilidade de retirar: “[...] a América Latina da constante das 'revoluções interrompidas' e da retórica ideológica 'liberal', que proclama o reformismo e o nacionalismo democrático, enquanto o capital se vale da força bruta dos militares e da opressão como estilo de vida [...]” (FERNANDES, 2007, p. 327). O que pode ser observado no discurso de Fidel Castro:

O comunismo não pode se estabelecer, evidentemente, como dizíamos, se não se criarem riquezas em abundância. Mas o caminho, a nosso ver, não é criar consciência como o dinheiro ou com a riqueza, mas sim criar riquezas com a consciência e cada vez mais riquezas coletivas com uma maior consciência coletiva (APLAUSOS) (CASTRO, 1979, p.35).

Destarte, os líderes da Revolução Cubana empreenderam-se em conscientizar a sociedade que se transformava, por meio do professor da Campanha de Alfabetização, de que o processo revolucionário deveria partir do indivíduo autoliberto, que deveria tornar-se ao mesmo tempo aprendiz e mestre. Fidel Castro explicitou:

Porque a Revolução, a grande tarefa da Revolução, consiste essencialmente em formar o homem novo de que aqui se falou, o homem novo de que falou o Che, o homem de consciência verdadeiramente revolucionária, o homem de consciência verdadeiramente socialista, o homem de consciência verdadeiramente comunista (CASTRO, 1979, p.7)

Anos mais tarde, mais especificamente, no dia 1º de maio dos anos 2000 Fidel Castro explicitou o que pretendia a Revolução em Cuba:

Revolução é sentido de momento histórico; é mudar tudo que deve ser mudado; é igualdade e liberdade plenas; é ser tratado e tratar aos demais como seres humanos; é emancipar-nos por nós mesmos e com nossos próprios esforços; é desafiar poderosas forças dominantes dentro e fora do âmbito social e nacional; é defender valores nos quais se crê ao preço de qualquer sacrifício; é modéstia, desinteresse, altruísmo, solidariedade e heroísmo; é lutar com audácia, inteligência e realismo; é não mentir jamais nem violar princípios éticos; é convicção profunda de que não existe força no mundo capaz de esmagar a força da verdade e as ideias. Revolução é unidade, é independência, é lutar por nossos sonhos de justiça para Cuba e para o mundo, que é a base de nosso patriotismo, nosso socialismo e nosso internacionalismo (CASTRO, 2000, p.1, tradução nossa)<sup>58</sup>.

A partir desses princípios os líderes da Revolução Cubana tentaram romper de maneira radical com os princípios tradicionais de propriedade privada e os ideais burgueses de liberdade e igualdade. Entretanto, é importante ressaltar que corrobora-se com Leal (2008), quando constata que a Revolução Cubana não “conseguiu materializar [...] as instituições constitutivas<sup>59</sup> do socialismo revolucionário formuladas por Marx” (LEAL, 2008, p.278). Assim como, os princípios de liberdade e autolibertação também ganharam contornos característicos, pois cada país tem a sua forma de interpretar as ideias revolucionárias na medida que as mesmas vão se constituindo influenciadas pela materialidade que vivenciam. Em Cuba a Revolução caminhou com o conceito de liberdade e autolibertação, que ganhou um caráter altamente pedagógico à formação docente revolucionária.

---

<sup>58</sup>Revolución es sentido del momento histórico; es cambiar todo lo que debe ser cambiado; es igualdad y libertad plenas; es ser tratado y tratar a los demás como seres humanos; es emanciparnos por nosotros mismos y con nuestros propios esfuerzos; es desafiar poderosas fuerzas dominantes dentro y fuera del ámbito social y nacional; es defender valores en los que se cree al precio de cualquier sacrificio; es modestia, desinterés, altruismo, solidaridad y heroísmo; es luchar con audacia, inteligencia y realismo; es no mentir jamás ni violar principios éticos; es convicción profunda de que no existe fuerza en el mundo capaz de aplastar la fuerza de la verdad y las ideas. Revolución es unidad, es independencia, es luchar por nuestros sueños de justicia para Cuba y para el mundo, que es la base de nuestro patriotismo, nuestro socialismo y nuestro internacionalismo (CASTRO, 2000, p.1).

<sup>59</sup>Para Leal (2008), em Cuba, prevaleceu um espontaneísmo que “jamais colocou a estruturação de um estado proletário, a aniquilação da pequena propriedade e a extinção da divisão do trabalho como fundações do socialismo cubano (LEAL, 2008, p.280).

Nesta perspectiva, em meio ao processo revolucionário e de alteração da sociedade cubana ocorreu a elaboração de uma proposta pedagógica com vistas a formação do professor, caracterizado também como o revolucionário homem livre, culto e miliciano e anos mais tarde como *homem novo*. A formação do professor da Campanha de Alfabetização pode ser considerada, nesse processo, como o primeiro passo do governo revolucionário para formar esse ideal de professor que se pretende discutir a seguir.

### 3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR CUBANO NO PERÍODO DE 1959-1961

Para analisar a formação do professor cubano, o ponto de partida foram os discursos de Fidel Castro, o processo de elaboração do *Manual Alfabeticemos* (1961a), e os resultados do Primeiro Congresso de Alfabetização em Cuba. O primeiro Congresso Nacional de Alfabetização foi realizado com o objetivo de reavaliar a Campanha e definir os objetivos da Educação revolucionária, ocorrido em setembro de 1961 no Hotel Habana Livre.

No que diz respeito aos discursos, dois se destacaram: o discurso de Fidel Castro em setembro de 1960 na sede das Nações Unidas, nos Estados Unidos, divulgando a Campanha de Alfabetização, anunciando assim uma batalha contra o analfabetismo. E o discurso de Fidel Castro em janeiro de 1961, na cidade de Santa Clara, em Cuba, onde inaugurou a escola Abel Santamaria, local que antes se encontrava o Quartel Leoncio Vidal. Neste, Fidel Castro convocou todo o povo cubano à mobilizar um exército de alfabetizadores e apresentou o processo de elaboração e publicação dos materiais que deveriam ser utilizados como recurso pedagógico do professor.

Nesta perspectiva, pode-se compreender os discursos de Fidel Castro realizados em 1960 e 1961, como essenciais para o entendimento de que a Campanha de Alfabetização foi o primeiro passo para uma formação docente revolucionária em Cuba. Pois, neles observam-se o processo de construção do ideal de formação que todo cubano deveria assumir e a missão de ser um professor, um soldado da cultura.

Assim, a formação de professores pretendia um modelo de homem que a princípio era o homem livre, culto e miliciano, e que no decorrer do processo revolucionário ganhou a expressão de *homem novo* como o possível ideal de homem revolucionário. Essa expressão só aparece mais tarde em 1965 no discurso de Che Guevara *O Socialismo e o Homem*, e no Discurso do Fidel Castro em 1967 na Assembleia fúnebre de Che Guevara, o que pretende-se analisar no último capítulo.

É importante ressaltar que em Cuba desde o início do processo revolucionário havia maestros voluntários e que por serem mais experientes se tornaram os responsáveis pelos professores que atenderam o apelo de Fidel Castro (1961c) para participarem da Campanha de Alfabetização. Neste capítulo objetivou-se destacar a formação inicial dos jovens maestros que foram convocados pelo discurso de Fidel Castro (1961d) como professores alfabetizadores e que também ficaram conhecidos como brigadistas. Por isso, fez-se necessário em um primeiro momento elucidar os objetivos da Educação Revolucionária.

### 3.1. Os objetivos da Educação Revolucionária

Os objetivos da Educação Revolucionária cubana, de fazer de cada cubano um professor, foram sistematizados no decorrer da Campanha de Alfabetização. Todavia, pode-se problematizar que foi a partir do período de preparação da mesma, que a formação docente revolucionária foi alvo de maiores discussões e começou a se desenvolver. Esse período de preparação se intensificou após o pronunciamento de Fidel Castro em 26 de setembro de 1960 na Assembleia Geral ONU.

Neste discurso Fidel Castro (1961b) informou que Cuba seria o primeiro país da América Latina livre do analfabetismo e que isso ocorreria em curto prazo. Fidel Castro (1960b), iniciou o discurso relatando que não estava chateado pela forma como as delegações cubanas foram tratadas naquele evento porque Cuba era um país que entendia o porquê das coisas. E, por saber estava irritada e não pararia de fazer esforços para que o mundo também pudesse entender. Explicou:

“[...] Cuba enviou muitas delegações às Nações Unidas, Cuba tem sido representada por pessoas diferentes e, no entanto, recebemos as medidas de emergência: confinamento à Ilha de Manhattan, slogans em todos os hotéis para que não alugamos quartos, hostilidade e, sob o pretexto de segurança, isolamento [...] (CASTRO, 1960b, on-line).

Castro (1960b) continuou seu discurso dizendo que isso não tinha sido tudo, o presidente da delegação cubana encontrou abrigo apenas no Hotel de negros dos Estados Unidos, após estadia da delegação cubana naquele lugar que não os deixou sozinhos, saiu nos jornais que a delegação cubana tinha ficado em um bordel. Neste momento, Castro (1960b) problematizou qual seria o motivo de um humilde hotel no bairro de Harlem, ter que ser considerado um bordel. Para dar a resposta a tal problematização, Castro (1960b) ironizou e fez uma severa crítica aos Estado Unidos dizendo que o motivo para tal difamação seria o fato de saberem que a prostituta do capital financeiro imperialista não tinha conseguido seduzir o povo de Cuba. A prova de que Cuba não tinha se rendido ao canto da sereia, explicitou Fidel Castro (1960b), seria o fato de que Cuba tinha lutado e conquistado a sua libertação e não era mais governada por nenhuma embaixada estrangeira, Cuba era governada pelo povo e para o povo (CASTRO, 1960b).

Esse era o motivo por tanta humilhação: a luta pela liberdade, esclareceu Fidel Castro (1960b), o motivo pelo qual após terem que sofrer agressões aéreas, o povo cubano sofria naquele momento as agressões econômicas e morais (1960b). Sendo assim, continuou Fidel Castro (1960b):

Digo sem amargura: é difícil condenar os homens. Os homens são, muitas vezes, brinquedos das circunstâncias, e nós sabemos o que foi a história de nosso país, nós somos testemunhas excepcionais do que nosso país está vivendo hoje, compreendemos quão terrível é a subordinação da economia e da vida em geral das nações ao poder econômico do estrangeiro. Basta considerar simplesmente, como nosso país ficou indefeso, e algo mais: o interesse de não trazê-lo a ONU (CASTRO, 1960b, on-line).

Fidel Castro (1960b) prosseguiu explicando que entendia então o motivo pelo qual queriam pintar os cubanos como um povo governado por um grupo de homens. No entanto, explicou Castro (1961b), que isso não era verdade, o fato era que se tratava de um povo governando um país. Um povo com consciência revolucionária, que estava empenhado preparando-se para um intensa Campanha de Alfabetização. Foi então, que Castro (1960b) informou: “[...] Cuba será o primeiro país da América que depois de alguns meses poderá dizer que não tem um único analfabeto” (CASTRO, 1960b, on-line).

Assim, esse discurso de Fidel Castro (1960b) ficou conhecido como o dia que a Campanha de Alfabetização foi anunciada e seu objetivo esclarecido a toda população mundial: ensinar a ler e escrever todos os cubanos, até o último. Depois desta explicação, quando Fidel Castro retornou à Cuba, fez em 28 de janeiro de 1961 um discurso no qual convocou todo o povo cubano, para ensinar a ler e escrever aqueles que não sabiam, para que no dia 31 de dezembro de 1961 não houvesse nenhum analfabeto em Cuba.

Fidel Castro (1961d) explicitou que a Revolução havia proposto ganhar uma das maiores batalhas pela cultura, havia se proposto a erradicar o analfabetismo em um ano e por isso todo o povo deveria participar. Fidel Castro (1961d), então argumentou:

Há quem nos diga que nos setores muito afastados, onde os camponeses vivem muito isolados, a campanha será muito difícil. E dissemos que, se necessário, colocaremos um professor de alfabetização em cada casa nas montanhas. Para isso precisamos de você, especialmente os estudantes; com vocês, vamos combater essa batalha, vamos recrutar um exército de 100 mil alfabetizadores entre os estudantes a partir dos 13 anos de idade. E assim, as aulas em todas as escolas básicas e pré-universitárias terminarão este ano em 15 de abril. E imediatamente vamos organizar todos os jovens, mulheres e homens que queiram, e suas famílias concordam para serem eles alfabetizadores (EXCLAMAÇÕES); as meninas nas cidades, os meninos nas montanhas (CASTRO, 1961d, on-line).

No discurso, Fidel Castro (1960d) incentivou a mobilização de todo o povo a se tornar um maestro. Pois, ao fazer isso estariam ensinando uma lição para todos os povos da América Latina, que veriam como uma Revolução deveria combater e liquidar as investidas contrarrevolucionárias: segurando um rifle em uma mão, e, uma cartilha de alfabetização na outra (CASTRO, 1961d). Para tanto, continuou Fidel Castro (1961d), todos aqueles que se alistassem precisavam saber que viveriam nas casas das famílias camponesas e teriam que ter:

[...] uma conduta exemplar como representante da Revolução, eles têm de manter uma conduta irrepreensível para o prestígio da Revolução, para o bem dos camponeses para o bem dos seus parentes, daquelas jovens e moças a quem as famílias concederão a

honra da confiança de permitir-lhes alfabetizar [...] (CASTRO, 1961d, on-line).

Neste discurso, pode-se observar um possível início da construção da formação docente revolucionária em Cuba, uma vez que Fidel Castro (1961d) já anuncia que todos os professores voluntários deveriam ter uma conduta moral impecável e atuar como verdadeiros homens e mulheres de “[...] caráter direto e úteis desde tenra idade a sua pátria, para lá irem como missionários e missionárias da cultura, como porta-estandarte do ensino, como tochas acesas que irão para lá para trazer luz, para realizar as mais belas tarefas” (CASTRO, 1961d, on-line).

Desse modo, os jovens maestros, nesta dissertação, são compreendidos como todos os voluntários que formaram os quadros da Campanha de Alfabetização nas regiões isoladas. Jovens que atenderam ao apelo de Fidel Castro para lutar pela a batalha da cultura, que receberam uma formação apressada de três meses em uma antiga base da guerrilha em Sierra Maestra (HUTEAU; LAUTREY, 1976). Segundo Pereira (1989), a média de idade desses *jovens maestros* oscilava entre 12, 14 e 16 anos. Sobre a procedência escolar dos mesmos, o autor esclarece que eram: “[...] 52% a escola primária, 32% da secundária básica, 5% do ensino universitário, 2% da Escola Normal, 2% de escolas comerciais, 2% de universidades e 3% do magistério” (PEREIRA, 1989, p.62).

Neste sentido, compreende-se que a análise dos discursos de Fidel Castro pode permitir a compreensão da proposta pedagógica e das bases teóricas da formação para a docência revolucionária em Cuba. Após a convocação dos mestres voluntários se pensou em criar um livro, uma cartilha revolucionária que contribuísse para a formação desses jovens maestros nos ideais revolucionários.

Foi necessário então realizar uma investigação para saber qual seria o método mais apropriado para ensinar os professores e os adultos camponeses, pois, deveriam expressar uma linguagem e um conteúdo que elucidasse os problemas específicos do momento. Ao mesmo tempo, em que deveria conscientizá-los da importância de saber ler e escrever. Por isso, organizou-se para tanto, uma investigação com a participação de 3000 pessoas maiores de 16 anos que foram

enviados às regiões montanhosas para conhecer a linguagem dos analfabetos, sua concepção de mundo, sua realidade econômica e social.

A partir desse período de investigação foram elaborados e publicados aproximadamente um milhão e meio de exemplares da cartilha *Venceremos* (1961b) e do manual do professor *Alfabetecemos* (1961a). Então, os jovens maestros receberam um treinamento e iniciou-se a Campanha de Alfabetização.

É importante ressaltar que os objetivos da Educação Revolucionária em Cuba foram construídos em conjunto com a Campanha de Alfabetização. E, a sistematização dos mesmos foram divulgados no Congresso Nacional de Alfabetização realizado em setembro de 1961 como sendo:

Conjugar o amor pela pátria socialista e a solidariedade com os outros povos do mundo através de atividades em favor dos homens e dos povos, que lutam pela sua libertação [...] Refletir e estimular as mudanças decorrentes das transformações revolucionárias, tanto no plano material como no plano moral. Ela deve, antes de mais, dirigir-se à criação de um homem novo, um povo novo que, ao mesmo tempo que se livra das sequelas do passado, seja capaz de criar conscientemente condições de existência individual e social superiores (CUBA, 1961d, p.35).

Esses princípios da pedagogia revolucionária, que a princípio apareciam no Manual de 1961 como princípios norteadores do homem livre, culto e miliciano; podem ser evidenciados anos mais tarde na fala de Che Guevara (1965), quando explicitou a educação do *homem novo*:

Sua educação é cada vez mais completa e não esquecemos sua integração como o trabalho desde os primeiros momentos. Nossos bolsistas fazem trabalho físico durante as férias ou simultaneamente com o estudo. O trabalho em certos casos é um prêmio, em outros um instrumento de educação, mas nunca um castigo. Uma nova geração nasce (GUEVARA, 1965, p.21).

Assim, pode-se considerar que os objetivos da educação revolucionária, esboçados a partir dos materiais didáticos e discursos de 1961, de cunho ideológico, a respeito do modelo educacional de homem a ser formado, se consolida nos objetivos explanados no discurso de 1965 e 1967. Desse modo, compreende-se que a educação em Cuba assim como em países capitalistas apresenta conteúdos

ideológicos. No entanto, a educação ideológica de Cuba pretendia formar um homem que aprendesse a ser, enquanto a educação ideológica dos países capitalistas, na maioria dos casos, pretende formar um homem que aprenda a ter. Para Huteau e Lautrey (1976):

Tudo se passa como se os objectivos do sistema de ensino dos países capitalistas fossem independentes da ideologia da sociedade para o qual esse sistema prepara. E, com efeito, nunca se encontra declaração de dirigente político indicando ao sistema de educação o objectivo de formar uma elite destinada a explorar seus semelhantes e a preparar o maior número a aceitarem ser explorados. A grande força do sistema reside no facto de, para atingir seus objectivos, não ser necessário que eles sejam explícitos e que os educadores tenham deles consciência (deparamos com o problema consciência-alienação) (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.200).

Sobre esse tipo de educação capitalista os autores ainda enfatizam que os profissionais que dela fazem parte acabam se habituando mais com a competição do que com a cooperação. Assim, a formação ideológica neste tipo de sistema apresenta objetivos implícitos. Ou seja, “[...] são atingidos de forma subreptícia, pelo próprio funcionamento da instituição escolar” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.201). Enquanto a educação ideológica produzida em Cuba apresentou seus objetivos de forma explícita e todo o povo devia tomar consciência deles para em conjunto conquistá-los. A respeito desse tema, uma educação revolucionária, que em sua práxis educativa rompe com a moral burguesa, pretende-se discutir no último capítulo.

A partir dessas discussões, pode-se problematizar que formação docente revolucionária em Cuba teve início com o discurso de Fidel Castro (1961d) convocando os jovens maestros a se tornarem um soldado da cultura, e, se consolidou em Sierra Maestra quando os professores voluntários receberam um treinamento de três meses para aprenderem o conteúdo do manual *Alfabetemos* (1961a) e se prepararem para a Campanha de Alfabetização. Segundo Peroni (2006), faziam parte do currículo didático deste treinamento as disciplinas de didática, matemática, um programa de agricultura, psicologia, espanhol, treinamento militar e o currículo oculto. Para a autora:

O treinamento foi dado na Sierra Maestra e durou três meses. Às disciplinas desenvolvidas foram: Didática, com um programa de leitura e escrita para crianças e adultos; Matemática, para as primeiras séries, porque nos lugares onde os alfabetizadores iriam atuar nunca existira escola e deveriam iniciar pelos primeiros graus; e, ainda um programa de agricultura, pois a grande maioria era da cidade e atuaria no campo. Na área da psicologia tiveram algumas noções para trabalhar com o trabalhador rural e sua família (PERONI, 2006, p.34).

A autora ainda argumenta que era possível observar no currículo disciplinas como: “[...] espanhol e também, o currículo oculto” (PERONI, 2006, p.35), e enfatiza que esse treinamento tinha como objetivo formar quadros para contribuir com a construção da nova sociedade. Desse modo, a autora esclarece que “[...] para atingir esses objetivos era necessária muita disciplina e até mesmo treinamento militar, pois deveriam aprender a defender-se e defender a revolução” (PERONI, 2006, p.35).

Dessas disciplinas que faziam parte deste currículo, buscou-se analisar nesta dissertação, as disciplinas de didática, matemática, psicologia e o treinamento militar. Pois, por meio dessas disciplinas foi possível observar tanto o conteúdo, quanto a ideologia da Revolução impressa nestes conteúdos. Ao ensinar matemática, por exemplo, era possível observar em meio aos conceitos matemáticos nas ilustrações dos exercícios o trabalhador colocado como a riqueza do país. No intuito de valorizá-lo e fazê-lo compreender sua função social.

Esta formação do professor em Sierra Maestra teve como suporte o *Manual Alfabetecemos* (1961a), elaborado pela Comissão Nacional de Alfabetização constituída pelo governo revolucionário no ano de 1959. Sem dúvidas pode-se afirmar que o *Manual Alfabetecemos* foi o grande referencial do processo formativo cubano nesse período, que contou também de forma efetiva com a *Cartilha Venceremos* (1961b), e, com a Cartilha de aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c), que complementava o ensino de matemática em uma proposta revolucionária. No decorrer da campanha de alfabetização foi elaborado o *Manual ¡Cumpliremos!* (1961b), pelo próprio Fidel Castro, com o objetivo de complementar às orientações revolucionárias do manual *Alfabetecemos* (1961a), para aprofundar os conhecimentos dos professores sobre a história de Cuba antes e depois da

Revolução, bem como esclarecer as alterações econômicas que estavam acontecendo na ilha.

O conteúdo do *Manual Alfabetecemos* (1961a), fonte dessa dissertação, relacionava-se as lições da Cartilha *Venceremos* (1961b) possibilitando aos professores *brigadistas*<sup>60</sup> levar o ideal revolucionário para toda ilha, pois muitos apesar de boa vontade não possuíam formação política suficiente para transmitir aos camponeses (PERONI, 2006). Como já mencionado, o manual *Alfabetecemos* (1961a) foi criado com o objetivo de politizar os professores voluntários e de direcioná-los com relação ao foco que deveria ser dado as discussões dos temas da cartilha em uma perspectiva didático-pedagógica.

O manual apresentava 24 temas de orientação revolucionária que salientavam os objetivos da Revolução Cubana e, as dificuldades que os professores enfrentariam para que a mesma se consolidasse. Assim como, esclareceu também ao professor sobre como utilizar a Cartilha e aplicar corretamente a metodologia proposta. Todos os temas do manual deveriam ser trabalhados pelos alfabetizadores correlacionados com as 15 lições da cartilha, em um enfoque ao mesmo tempo pedagógico e político, cuja a ênfase estava na alfabetização como condição de liberdade, como poderá ser observado a seguir.

### **3.1.1 A Alfabetização como Condição de Liberdade: Pressupostos teóricos dos Materiais de Formação Pedagógica**

A Campanha de Alfabetização, começou a ganhar forma quando o exército rebelde conquistou o poder, e a primeira ação a ser tomada foi a criação da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental em março de 1959. No mesmo ano, foram criados 844 centros de estudos e alistados 2832 mestres voluntários que responderam ao chamamento de Fidel Castro pela televisão para remediar a falta de professores no campo. A alfabetização, nesse primeiro momento,

---

<sup>60</sup>Nome dado aos professores voluntários da Campanha de Alfabetização em Cuba.

segundo Huteau e Lautrey (1976), apareceu como uma condição democrática elementar.

Contudo, como mencionado, desde que a Revolução se declarou marxista-leninista, os dirigentes da Revolução em especial Fidel Castro e Che Guevara passaram a denunciar que o analfabetismo no país era um inimigo tão poderoso quanto o imperialismo. E, para elevar o nível cultural e desenvolver uma consciência revolucionária na população, a fim de formar o *homem novo*, fazia-se necessário em um primeiro momento erradicar o analfabetismo no país, pois esse seria o primeiro passo para possibilitar à população uma condição de plena liberdade política, econômica e humana.

No entanto, segundo Peroni (2006, p.45), “apesar dos esforços empreendidos e da valiosa experiência acumulada durante o trabalho dos mestres voluntários, poucos adultos haviam sido alfabetizados no período inicial [...]”. Isto porque, existia ainda muita resistência aos mestres por parte dos trabalhadores rurais. Muitos camponeses sentiam ciúmes do jovem da cidade com a esposa, outros se achavam indignos de aprender. Além desses conflitos, existia também o movimento contrarrevolucionário que colocava os mestres como comunistas e os comunistas como aqueles que comiam criancinhas (PERONI, 2006). Desse modo, um esforço intensivo para lidar com esse problema começou a ser pensado. Verificou-se, portanto a necessidade de se realizar um amplo trabalho de convencimento. Era necessário convencer o camponês sobre a importância de se aprender a ler e escrever. Os discursos de Fidel Castro no ano de 1960 demonstram esse empenho de convencer a população rural a aceitar a alfabetização.

Fidel Castro (1976) passou a explicitar que antes das Revolução queriam fazer com que os cubanos pensassem que eram livres, livres para pensar. Mas, no entanto, nem escola os cubanos tinham para lhes ensinarem a pensar. Queriam que a população acreditasse que eram livres para ler, mas não tinham livros e não lhes ensinavam a ler. Faziam a população acreditar que participavam do governo mas a verdade era que pela ignorância da falta de leitura e escrita o povo nada sabia e por isso nada tinha. Castro (1976), passou a explicar a população que:

[...] as revoluções, que pregam a justiça, que têm por fim subtrair os povos à exploração, ensinam, educam, erradicam a ignorância. [...] Temos consciência dos tremendos prejuízos que a ignorância acarreta, pois não há pior inimigo do homem, pior inimigo dos povos, pior inimigo da humanidade do que a ignorância. Esta foi a pior das heranças que o colonialismo, o imperialismo e o capitalismo nos deixaram (CASTRO, 1976, p.10-11).

Fidel Castro (1976), também por meio dos seus discursos, se empenhava em convencer a população que não se podia ser um cidadão consciente, portanto, livre e útil à pátria quando não se sabia ler e escrever. Castro (1976), argumentava “[...] Há que destruir o analfabetismo pela raiz para que toda a gente tenha consciência [...]” (CASTRO, 1976, p.23). Os materiais didáticos produzidos para a realização da Campanha de Alfabetização também foram elaborados no intuito de cumprir esta tarefa de convencimento.

O título da Cartilha *Venceremos* (1961b) refere-se ao processo de luta que estava acontecendo na ilha e praticamente todos os discursos pronunciados por Fidel Castro terminavam com a frase: *Pátria ou Morte, Venceremos!*. Por isso, esse foi o título escolhido para o material didático que seria utilizado pelos adultos que seriam alfabetizados, a fim de motivá-los a lutar pela Revolução e indicando que todos juntos venceriam o imperialismo, assim como o analfabetismo e atingiriam a condição de plena liberdade.

A capa da cartilha representava o povo cubano lutando pela liberdade de sua pátria. Como se pode observar na figura a seguir:

Figura 01 – Foto da Capa da Cartilha *Venceremos*



Fonte: CUBA, 1961b, p.01.

Assim, a partir da capa da Cartilha pode-se problematizar que a ilustração da capa do material foi intencionalmente elaborada para propagar a alfabetização como condição de liberdade plena, tanto do indivíduo quanto da pátria. Isto porque, a explicação da capa do material deixa claro que a Campanha de Alfabetização deveria ser tomada como a batalha da cultura. Quando hasteassem a bandeira, todos saberiam que aquele território teria alcançado a liberdade por meio da união nacional para se ensinar a ler e escrever.

Na contracapa da Cartilha *Venceremos* (1961b), apresentava-se um texto que explicava a imagem escolhida para a capa do material didático:

Nossa capa, representa o povo em luta por vencer o analfabetismo, dizendo presente: exército rebelde, milícias, camponeses,

trabalhadores, profissionais, estudantes, mulheres, crianças, brancos e negros. A bandeira levantada como símbolo de liberdade e união nacional (CUBA, 1961b, p.02, tradução nossa)<sup>61</sup>.

Na mesma página, explicava-se também o motivo do título *Venceremos* (1961b):

Venceremos! O título responde a firme determinação em que estamos comprometidos. Vencer! Não somente em defesa da nossa Pátria, mas também na Campanha de Alfabetização (CUBA, 1961b, p.02, tradução nossa)<sup>62</sup>.

Assim, pode-se observar que existia na Cartilha *Venceremos* (1961b) uma forte motivação para que se relacionasse a condição de estar alfabetizado com a liberdade tão proclamada pela Revolução. Desse modo, essa motivação correspondia aos interesses nacionais daquele período e aos poucos aos interesses individuais do analfabeto que iria utilizá-la.

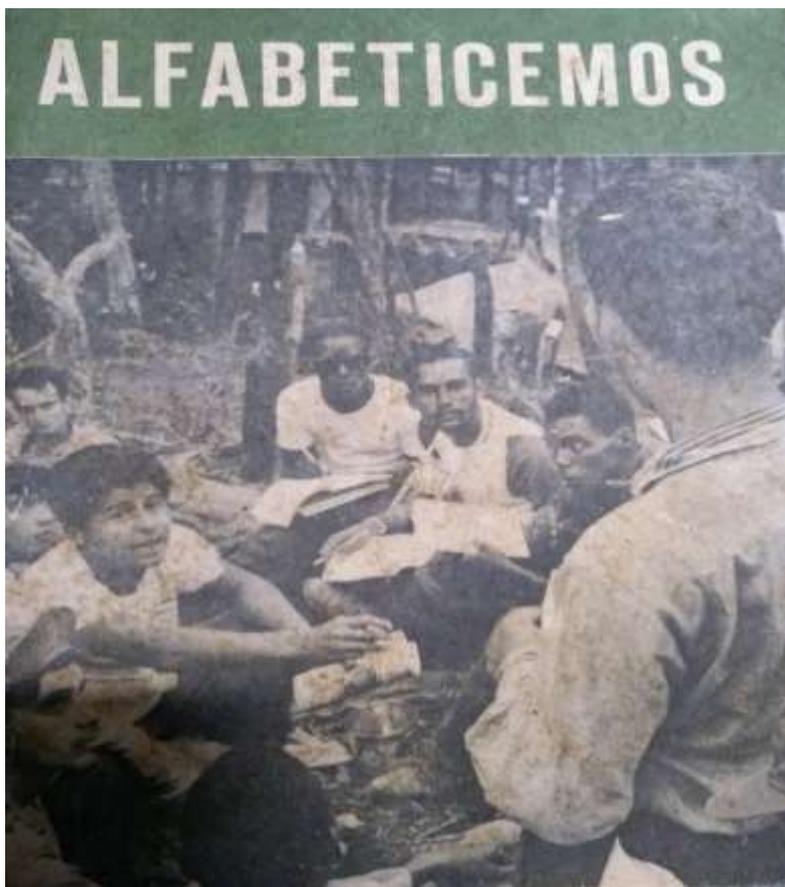
O manual *Alfabeticemos* (1961a) foi assim intitulado para representar ser a alfabetização uma condição de plena libertação do povo cubano. Era, portanto, dever de todos alfabetizar e a sua capa assim como a capa da Cartilha era bastante sugestiva e representava a realidade vivida na época, incentivando que a comunicação entre o professor *maestro* e alfabetizando poderia se dar em qualquer lugar. As vezes até mesmo debaixo de uma árvore, pois o lugar não importava e sim a força de vontade e o patriotismo para elevar o nível cultural do povo cubano. Como elucidado a seguir com a imagem da capa do Manual *Alfabeticemos* (1961a):

---

<sup>61</sup>Nuestra Portada: Representa al pueblo en lucha por vencer el analfabetismo, diciendo presente: ejército rebelde, milicias, campesinos, obreros, profesionales, estudiantes, mujeres, niños, blancos y negros (CUBA, 1961b, p.02).

<sup>62</sup>¡Venceremos! El título responde a la firme determinación en que estamos comprometidos. ¡Vencer! No sólo en la defensa de nuestra Patria, sino también en la Campaña de Alfabetización (CUBA, 1961b, p.02).

**Figura 02 – Foto da Capa do *Manual Alfabeticemos***



Fonte: CUBA, 1961a, p.01.

Assim como na cartilha, a contracapa do manual *Alfabeticemos* (1961a) também explicava o que significava a capa do material:

A capa é uma mensagem. Significa que, no Ano da Educação, alfabetizaremos, Onde? 'O importante é estabelecer o lugar e criar a escola. A escola não é, com certeza, o edifício. A escola é essa comunicação entre o professor e os alunos de qualquer lugar. Às vezes, as aulas podem ser ministradas debaixo de uma árvore'. Essas palavras de nosso líder descrevem nossa capa. Não importa o lugar, com patriotismo e força de vontade se pode contribuir para elevar o nível cultural do nosso povo, ensinando a ler ao que não sabe (CUBA, 1961a, 02, tradução nossa)<sup>63</sup>.

<sup>63</sup>La portada es un mensaje. Significa que, en el Año de la Educación, alfabetizaremos. ¿Dónde? "Lo importante es establecer el sitio y crear la escuela. La escuela no es, por supuesto, el edificio. La escuela es esa comunicación entre el maestro y los alumnos de cualquier lugar. Las clases se pueden dar a veces debajo de un árbol". Estas palabras de nuestro líder describen nuestra portada.

Cabe ressaltar que o líder tratado no texto que explicava o significado da capa do Manual é Fidel Castro, e que em todo o material contém um grau de exaltação a sua pessoa. Todos os temas de orientação revolucionária contidos no manual se inicia com uma imagem acompanhada por um epígrafe e das 24 delas 16 recebem como autoria o próprio Fidel Castro. Dessa forma, evidencia-se uma apologia ao líder revolucionário cubano. Por vezes, não apenas na proposta pedagógica, mas em discursos, reportagens e na fala de Fidel Castro, ele é referenciado como o herói, libertador, símbolo e essência da Revolução cubana o que nos leva a problematizar que essa glorificação pode ser uma das, ou a principal contradição do movimento revolucionário cubano. Pois, o retrato da história no viés do heroísmo individual é uma das maiores críticas dos princípios defendidos por Marx<sup>64</sup> que foram assumidos pela Revolução, quando se declarou socialista.

Desse modo, Fidel Castro não seria dotado de características místicas, mas sim um homem real, humano que apresenta contradições como qualquer outro no movimento concreto da história. Todavia, suas contradições não suprimem suas características de “gênio político e um dos maiores líderes revolucionários” (SWEEZY; HUBERMAN, 1960, p.147).

Ainda sob esta perspectiva, observa-se que a lição da cartilha *Venceremos* (1961b) intitulada: *A Revolução ganha todas as batalhas* iniciava-se com uma imagem da cartilha acompanhada de um rifle e uma pá para mostrar que a Revolução era feita pelos trabalhadores mediante a luta armada e educacional. Colocando mais uma vez a alfabetização como condição essencial para libertação e consolidação do processo revolucionário. Como se pode observar na figura abaixo:

---

No importa el lugar, con patriotismo y fuerza de voluntad se puede contribuir a elevar el nivel cultural de nuestro pueblo, enseñando a leer al que no sabe (CUBA, 1961a, p.02).

<sup>64</sup>Para Marx todos os homens fazem história, não existem heróis da mesma. Dito de outra forma, em uma perspectiva marxista-leninista “o homem é um ser histórico e não ser da história” (BARRIGUELLI, 1982, p.1).

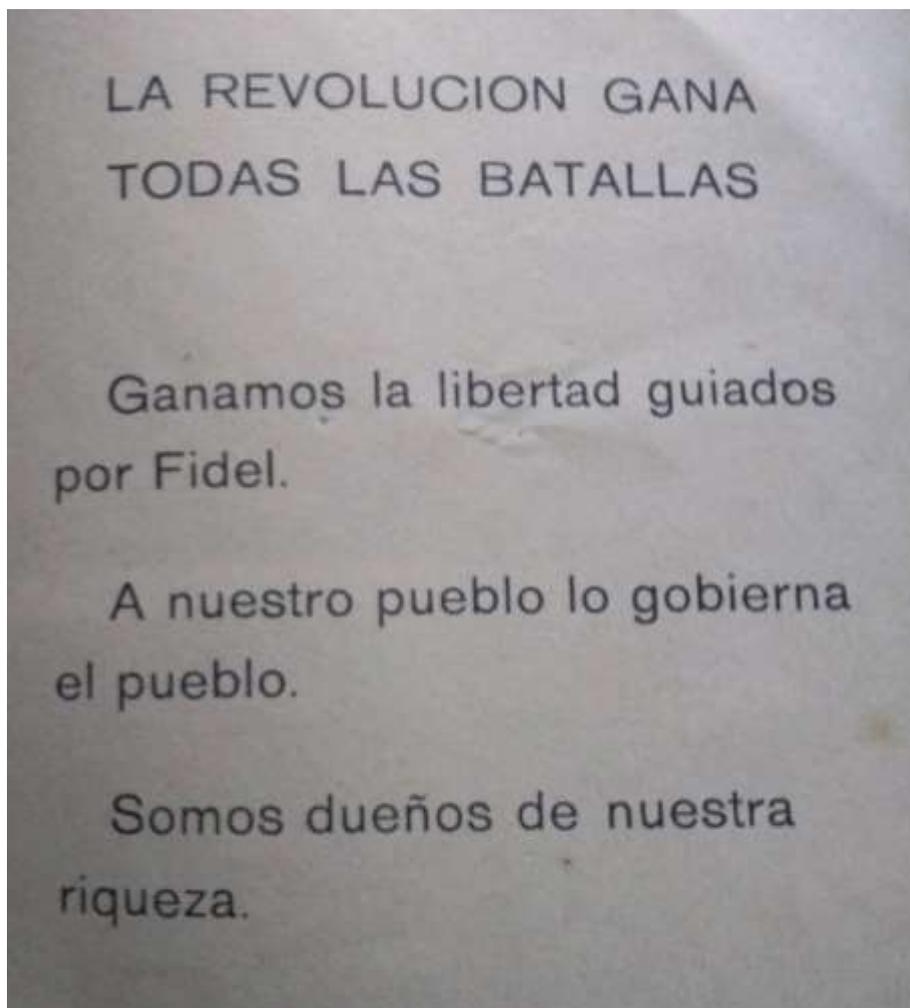
**Figura 03 - Imagem introdutória da Lição da cartilha *Venceremos* intitulada A Revolução ganha todas as batalhas**



Fonte: CUBA, 1961b, p.80.

Assim, é possível observar que a pá representava nesta imagem o camponês, o trabalhador, a necessidade do trabalho. O rifle a luta pela liberdade econômica e política. A cartilha *Venceremos* (1961b), a cultura que seria adquirida pela alfabetização, portanto, a nova consciência. Nesse sentido, esta imagem simbolizava o caminho e os meios que o povo cubano deveria fazer uso para a concretização do sonho de se construir uma Cuba livre e soberana: o trabalho, a luta armada e uma nova consciência. No entanto, a primeira frase do texto que acompanhava esta figura, ou seja, o assunto desta lição consistia: “ganhamos a liberdade guiados por Fidel” (CUBA, 1961b, p.81, tradução nossa), como demonstrado na imagem a seguir:

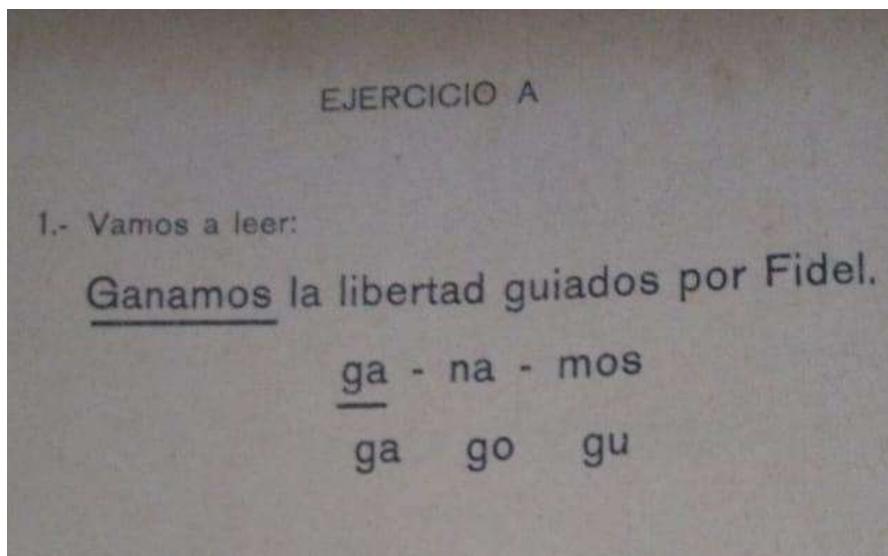
**Figura 04 - Texto da Lição da cartilha *Venceremos* intitulada A Revolução ganha todas as batalhas**



Fonte: CUBA, 1961b, p.81.

Nesse sentido, o texto desta lição da Cartilha *Venceremos* (1961b) que está demonstrado acima, nos permite fazer a seguinte problematização: Como se argumenta que a Revolução ganha todas as batalhas por meio do trabalho, da luta armada e do desenvolvimento de uma nova consciência, mas elucida ao mesmo tempo a libertação por meio de apenas um homem? Essa caracterização de Fidel Castro como herói é enfatizada na Cartilha quando a mesma frase, *Ganhamos a liberdade guiados por Fidel*, é escolhida para ser utilizada nos exercícios de alfabetização, demonstrados abaixo:

**Figura 05 - Atividades da Lição da cartilha *Venceremos* intitulada “A Revolução ganha todas as batalhas”**



Fonte: CUBA, 1961b, p.83.

Assim, o exercício acima, deixa claro que a caracterização de Fidel Castro como herói se fazia necessária. Qual seria o motivo? Sobre estas inquietações é importante também elucidar que as orientações ao professor na proposta pedagógica era que essa lição da cartilha, deveria ser trabalhada relacionada aos temas I-II e XXIII do manual *Alfabetecemos* (1961a), o tema dois do manual era intitulado *Fidel é o nosso líder* na qual referenciava Fidel Castro como o líder revolucionário que deveria receber todo o respeito da nação cubana e todo o povo deveria querê-lo como chefe para fazer de Cuba um país pleno em sua liberdade. Desse modo, evidencia-se que a Revolução Cubana ao mesmo tempo em que defendia um nova sociedade, liberta e consciente, também projetou em Fidel Castro toda glória e essência da Revolução. É importante destacar também, a compreensão de que todo movimento revolucionário exige a caracterização de um líder popular. Portanto, a exaltação de Fidel Castro, em parte, também correspondiam a uma estratégia de fortalecer a Revolução. No entanto, é papel fundamental do historiador enquanto ator político, problematizar a personificação de possíveis falsos heróis (HOBSBAWM, 1995).

Diante destas discussões, é possível problematizar que de fato um dos ideais revolucionários veiculados naquele período era o da alfabetização como condição de liberdade. Portanto se realizou grande esforço para materializá-lo. E, os protagonistas deste processo foram os professores voluntários que se pretende discutir a seguir.

### 3.2 A Formação Dos *Jovens Maestros* no Manual *Alfabeticemos*: Os Protagonistas de um Novo Processo Formativo

Os *jovens maestros* que participaram da Campanha de Alfabetização, como mencionado, foram todos os que assumiram o compromisso de participar da batalha da cultura, como ficou conhecida a Campanha, após o apelo de Fidel Castro para ensinar a ler e escrever todo cubano. A grande maioria desses jovens se encontravam entre 14 e 16 anos de idade e alguns ainda estavam em período de alfabetização, por isso necessitavam de uma formação simples e didaticamente bem construída. Neste sentido a importância de ter um manual em mãos para garantir a correta utilização da cartilha.

Uma vez que, a cartilha de alfabetização era composta de 15 lições e foi elaborada em correlação com os temas da proposta pedagógica manifesta no manual *Alfabeticemos* (1961a) a fim de que, no processo educacional, o *jovem maestro* fosse capaz de fomentar uma práxis revolucionária que almejava naquele momento formar o homem livre, culto e miliciano; e que mais tarde se efetivaria no *homem novo*. Para cada lição da cartilha estava relacionado até três temas de orientação revolucionária de forma didática e de fácil entendimento ao professor alfabetizador, o sumário foi elaborado em duas colunas, a primeira continha o nome das lições da cartilha e a segunda os temas que deveriam orientar a ação pedagógica dos alfabetizadores, conforme a imagem a seguir:

Figura 06 – Foto do Sumário do manual *Alfabeticemos*

A continuación establecemos una relación entre los asuntos de la Cartilla y los temas del Manual, en los cuales Ud. encontrará el material de información necesario para la conversación inicial.

CARTILLA		MANUAL	
OEA . . . . .		Tema XV "La Unidad Internacional".	
INRA . . . . .		Tema III "La Tierra es Nuestra".	
Las cooperativas de la Reforma Agraria . . . . .		Tema IV "Las cooperativas".	
La Tierra . . . . .		Tema I y III "La Revolución" y "La Tierra es Nuestra".	
Los Pescadores Cubanos . . . . .		Tema IV "Las Cooperativas".	
La Tienda del Pueblo . . . . .		Tema IV "Las Cooperativas".	
Cada Cubano dueño de su casa . . . . .		Tema V "El derecho a la Vivienda".	
Un pueblo sano en una Cuba libre . . . . .		Tema XX "La Salud".	
El IN IT . . . . .		Tema XXI "La Recreación Popular".	
Las Milicias . . . . .		Tema XVIII "El Pueblo Unido y Alerta".	
La Revolución gana todas las batallas . . . . .		Temas I-II-XXIII "La Revolución", "Fidel es Nuestro Líder" y "La Revolución gana todas las batallas".	
El pueblo trabaja . . . . .	*	Temas VIII-XVIII "La Industrialización" y "Obreros y Campesinos".	
Cuba no está sola . . . . .		Temas XV-XXIII "La Unidad Internacional" y "La Revolución gana todas las batallas".	
Ya llegó el Año de la Educación . . . . .		Temas IX-XXII "La Revolución convierte Cuarteles en Escuelas" y "La Alfabetización".	

Fonte: CUBA, 1961a, p.08.

Para Vera Peroni (2006), essa correlação entre os temas do manual e as lições da cartilha foi necessária, assim como todo processo educacional precisava estar fundamentado nos discursos de Fidel Castro para que o professor alfabetizador se conscientizasse sobre a realidade vivenciada desde a Revolução, e fosse formado para atender as novas necessidades. Concomitantemente essa correlação proporcionou aos alfabetizandos a possibilidade de estabelecer novas relações e recuperar a sua dignidade por meio da leitura e escrita.

Para aprenderem o conteúdo do manual *Alfabeticemos* (1961a), como manusear a Cartilha e também para serem instruídos sobre a forma que deveria acontecer a Campanha de Alfabetização todos que se alistaram como mestres

voluntários, a princípio, receberam um treinamento em Sierra Maestra. Este treinamento aconteceu aproximadamente de janeiro a abril de 1961. Período este no qual os preparativos da Campanha que tinham começado desde o ano anterior foram intensificados.

Para poder se alistar como mestre voluntário e participar deste treinamento, era necessário que os menores de idade apresentassem uma autorização dos pais. É importante destacar que muitos movidos pelo *espírito* revolucionário que permeava toda a ilha, falsificaram as assinaturas dos pais para que pudessem servir a nação. Quando chegavam em Sierra Maestra recebiam cuidados na área da saúde, todos eram vacinados e faziam exames. Isto porque, tirar os jovens de casa exigia grande responsabilidade por parte da Comissão Nacional de Alfabetização.

Neste treinamento, fazia-se intencionalmente com que os jovens tivessem um choque de realidade, muitos estavam acostumados com o conforto da cidade e precisavam se adaptar a realidade do que enfrentariam nos povoados das montanhas. Por isso, eram-lhes colocadas dificuldades pela convivência coletiva e militar (PERONI, 2006). No entanto, muitos tinham a certeza de que “[...] assim como os guerrilheiros que tinham vivido durante anos naquela Sierra, também eles, brigadistas, teriam que dar a sua contribuição” (PERONI, 2006, p.36).

Após este treinamento inicial, no desenvolvimento da Campanha foi necessário convocar mais professores que receberam a mesma formação mas, em um período mais curto de tempo. No entanto, o manual *Alfabetecemos* (1961a) foi do início ao fim da Campanha de Alfabetização o centro da formação docente revolucionária em Cuba, centrava-se em noções de didática, matemática, psicologia, treinamento militar e do chamado *Currículo Oculto*. Esses princípios serão discutidos a seguir.

### **3.2.1 A formação Didática**

A formação didática do professor cubano centrou-se em divulgar a alfabetização como instrumento de libertação, como propagado nos discursos de

Fidel Castro e no Manual *Alfabetecemos* (1961a). Essa formação consistia em um passo a passo de como utilizar e aplicar as lições da cartilha *Venceremos* (1961b). E, algumas noções do trabalho agrícola, para que o professor pudesse acompanhar o trabalhador rural nas atividades do campo.

Em um primeiro momento, o manual do alfabetizador explicava que o professor deveria observar que todas as quinze lições da cartilha *Venceremos* (1961b) começava com uma fotografia. Essa fotografia deveria ser utilizada para iniciar a aula dando oportunidade para o maestro: “a) Conhecer a experiência dos alunos. b) Esclarecer seus conceitos. c) Exercitar a expressão oral” (CUBA, 1961a, p.13, tradução nossa)<sup>65</sup>.

Após as explicações como deveria começar as aulas, em um segundo momento, o manual orientava que na página da Cartilha em frente a fotografia aparecia o assunto da lição. Para esta página, o professor deveria assim proceder:

a) Uma vez terminada a conversa, diga-lhes que você vai ler a lição em voz alta, clara e devagar, para que eles participem, para que possam fazê-lo mais tarde. Repita a leitura fazendo as observações necessárias. b) Leia a lição com seus alunos agora. c) Que eles leem sozinhos. Esclareça que essa maneira de ler é apenas um reconhecimento das palavras, uma vez que eles não conhecem as letras (CUBA, 1961a, p.13, tradução nossa)<sup>66</sup>.

Ao terminar a leitura, o Manual explicava ao professor que era hora de incentivar os alunos realizarem os exercícios das páginas seguintes. Cada exercício tinha seis pontos e o último exercício de cada lição nove pontos. Todos os exercícios deveriam ser desenvolvidos da mesma forma, caracterizando um processo de treino e repetição. Essa orientação é exemplificada no manual da seguinte maneira:

[...] Em cada lição foi tomado como motivo de estudo uma frase ou oração que serve de base para o estudo dos sons. Essa frase ou oração se decompõe em sílabas. Por exemplo, na lição INRA tomamos a frase A Reforma e a dividimos assim: A Re-for-ma.

<sup>65</sup>“a) Conocer la experiencia de los alumnos sobre el tema. b) Aclarar sus conceptos. c) Ejercitarlo en la expresión oral” (CUBA, 1961a, p.13).

<sup>66</sup>“Una vez terminada la conversación dígales que va a leer la lección alto, claro y despacio, que atiendan para que ellos lo hagan después. Repita la lectura haciendo las observaciones necesarias. b) Lea ahora la lección con sus alumnos. c) Que lean ellos solos. Aclare que esta forma de leer es sólo un reconocimiento de palabras puesto que no conocen las letras” (CUBA, 1961a, p.13).

Observe que cada sílaba se estuda em um exercício diferente. Exemplo: no exercício A da lição citada se estuda a sílaba la. No exercício B a sílaba re e assim sucessivamente (CUBA, 1961a, p.14, tradução nossa)<sup>67</sup>.

Os seis pontos de cada exercício que o manual se refere, diz respeito as tarefas que seriam realizadas no estudo de cada sílaba. Para cada sílaba, segundo o manual, o professor deveria incentivar a realização das tarefas: 1) leitura de uma frase, de uma palavra e da família silábica da letra inicial dessa palavra; 2) leitura e cópia de outras palavras iniciadas com a família silábica estudada; 3) leitura e cópia de frases que continham palavras começadas com as sílabas trabalhadas naquele momento; 4) complete de frases; 5) ditado de frase e 6) cópia de uma frase com letra cursiva (CUBA, 1961a). O último exercício de cada lição, como explicava o manual, continha mais 3 tarefas. Sendo elas: a leitura de um pequeno texto; ditado de um texto e revisão de toda a página que apresentava o assunto que seria trabalhado em cada lição.

O manual *Alfabetizamos* (1961a), também no campo da formação didática orientava o professor como deveria ser o ensino das vogais, das sílabas inversas e mistas bem como dos sinais de pontuação. Enfatizava-se também, no manual, que desde o primeiro dia de aula o professor deveria ensinar o aluno escrever seu nome, ou seja, fazer sua assinatura.

Sobre o trabalho agrícola que o professor deveria realizar junto com o aluno, continha no manual *Alfabetizamos* (1961a), explicações que os alfabetizadores teriam que fazer muitos sacrifícios, pois a maioria deles era da cidade e atuaria em áreas bem afastadas e de difícil acesso (CUBA, 1961a). Manuel Pereira (1989), relembra em seu livro *Rebeldes sem armas: alfabetizadores cubanos em ação*, um dos momentos em que os professores estavam recebendo as orientações didáticas sobre a necessidade de se trabalhar no campo junto com o alfabetizando:

---

<sup>67</sup>[...] En cada lección se ha tomado como motivo de estudio una frase u oración que sirve de base para el estudio de los sonidos. Esa frase u oración se descompone en sílabas. Por ejemplo, en la lección INRA tomamos la frase La Reforma y la dividimos así: La Re- for- ma. Observe que cada sílaba se estudia en un ejercicio distinto. Ejemplo: En el Ejercicio A de la lección citada se estudia la sílaba la. En el ejercicio B la sílaba re y así sucesivamente (CUBA, 1961a, p.14).

[...] \_\_\_\_ Os guajiros são nobres, mas ciumentos: alguns acham que viemos roubar-lhes as mulheres. Por isso é preciso trabalhar como eles para merecermos seu respeito e sua confiança. Não é fácil. Por isso, não brinquem. Ninguém veio aqui para bancar o Don Juan. O mais importante é ensinar-lhes a ler e escrever, embora eles se neguem. Depois, é trabalhar da mesma forma que eles. Quando conseguirem isso, poderão compartilhar sem remorsos a comida e o teto deles [...] Vocês receberam em Varadero um manual e uma cartilha. No manual, vão encontrar as instruções para utilizar a cartilha. [...] A cartilha - continuou o professor - é o instrumento fundamental para ministrar às aulas. Nas últimas páginas há um alfabeto em letra de fôrma e outro em cursiva. [...] quinzenalmente nos reuniremos nesta escola. É preciso organização. Devem madrugar e fazer o que fizer o camponês que ninguém fique colado na rede! À tarde vão dar aulas para as crianças. À noite, o melhor horário para os camponeses, é a vez deles (PEREIRA, 1989, p.23-24).

Algumas páginas posteriores, Manuel Pereira (1989) descreve a primeira vez em que um dos professores brigadistas colocou essas orientações acima citadas em prática. Sobre o primeiro dia de aula, o autor conta que o jovem maestro quase colocou fogo na escola por não se lembrar corretamente como manusear o lampião. Sobre o trabalho no campo, faz a seguinte descrição:

O guajiro se inflamou de orgulho e ofereceu o machado ao brigadista com a mesma leveza com que Joaquín lhe entregava o lápis e a cartilha. Quando o alfabetizador tentou erguer a ferramenta entre suas mãos de estudante, descobriu a debilidade de sua compleição: raivoso e mordendo os lábios, fez um esforço descomunal que milagrosamente não provocou uma hérnia e lhe permitiu dar a primeira machadada de sua vida (PEREIRA, 1989, p.29).

O autor também aborda as dificuldades que os jovens maestros não acostumados com a vida no campo enfrentavam para realizar suas necessidades fisiológicas, uma vez que na maioria das casas dos povoados não tinha banheiros. E, que muitos choravam deitados em suas redes de dormir com saudades de casa ou por medo, mas, no entanto, todos no final se sentiam orgulhosos de não terem desistido.

Na tentativa de aprofundar as orientações didáticas aos professores, foi elaborado também, em meio a Campanha de Alfabetização o manual *¡Cumpliremos!* (1961b). Além desse material, se realizou em Cuba no ano de 1961 o Seminário

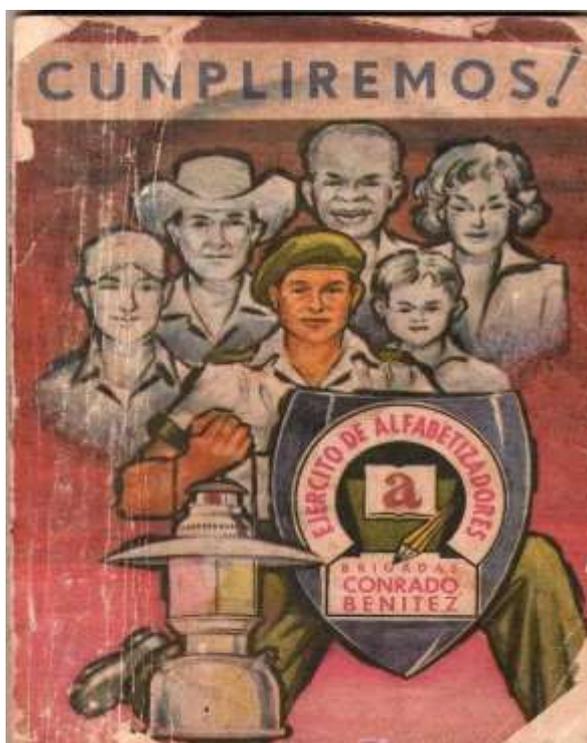
Internacional para a luta contra o Analfabetismo e o Congresso Nacional de Alfabetização.

O manual *¡Cumpliremos!* foi elaborado pelo próprio Fidel Castro para uso dos alfabetizadores com o objetivo de esclarecer, com mais detalhes, a situação vivida pelo país e as modificações que estavam ocorrendo em nível econômico. Ou seja, esse material complementar ao manual *Alfabetícemos* (1961a) procurou aprofundar a formação didática que os jovens maestros haviam recebido em Sierra Maestra. O livro *¡Cumpliremos!* apresentava temas sobre a Revolução divididos em sete capítulos. O capítulo I intitulado *Antecedentes*, tratava da história de como Cuba emergiu da condição de uma colônia espanhola no final do século passado para cair no status de protetorado e semi-colônia dos Estados Unidos. E, sobre os esforços do povo de Cuba para conquistar sua independência e soberania. O capítulo II se dividia em duas partes. A primeira: *A revolução derrotou a tirania e estabeleceu o governo REVOLUCIONÁRIO* incluía os seguintes temas: o governo revolucionário é patriota e cubano; o governo revolucionário é de liberdade e democracia para o povo e o governo revolucionário terminou com a tortura, a humilhação, os crimes e assassinatos impunes. A segunda parte deste capítulo, intitulada: *O estado do povo a serviço do povo* abordava os assuntos: o governo dos trabalhadores e camponeses; a verdadeira democracia; não há discriminação racial; a liberdade de dizer a verdade na imprensa; a recuperação dos ativos desviados e a constituição e a revolução. Já o capítulo III, recebeu o título: *A Revolução derrubou o imperialismo* e tratava dos seguintes conteúdos: Cuba é livre, independente e soberana; se faz o que os cubanos querem; fora da Missão Militar Yankee; contra o pan-americanismo opressor ao latino-americanismo que liberta; nós teremos relações com o mundo inteiro; Independência Econômica e nacionalização de Bancos, Minas, Empresas, etc. Os assuntos abordados pelo Capítulo IV, *Acabou-se o latifundismo*, eram: Camponeses e cooperativas agora trabalham para eles; escolas para os Guajiros; as lojas da cidade; preços justos para os produtores; aumentam a terra de cultivadas e a variedade de cultivos; atenção médica ao campo; as fazendas da aldeia e as cooperativas. No Capítulo V, *Nacionalização das Centrais*, tinha apenas um tópico: a Revolução termina com o desemprego. O penúltimo capítulo, *A Revolução*

*industrializa Cuba*, abordava os temas: fundição de minerais; diversas fábricas; se aproveitará o que agora é desperdiçado; teremos petróleo e nós nos libertaremos da monoprodução. O último capítulo, *Acabou o Mujalismo*<sup>68</sup>, tratava sobre melhorias aos trabalhadores e sobre a participação na economia dos Conselhos Técnicos assessores.

A capa desse material, assim como a capa da cartilha *Venceremos* (1961b) e do manual *Alfabetecemos* (1961a), também representava a importância do momento e a tentativa de convencer a população da necessidade de se alfabetizar.

**Figura 7 – Foto da Capa do Manual *¡Cumpliremos!***



Fonte: CASTRO, 1961b.

<sup>68</sup>Mujalismo é uma expressão desdenhosa que ficou conhecida em Cuba ao se referir aos líderes sindicais operários que se vendiam aos patrões. Eram corruptos e demagogos com posições anti-comunistas. Também conhecida como corrente sindical dos gangsters. O nome mujalismo se deu em referência ao sobrenome do líder sindical cubano Eusebio Mujal Barniol (1915-1985). Mujal como era conhecido, foi secretário geral da Confederação dos Trabalhadores de Cuba, serviu Fulgencio Batista e acumulou para si grande fortuna. Segundo Bell Lara, López García e Caram León (2012), “[...] a luta para erradicar o *mujalismo* não foi apenas por uma mudança de pessoas na direção, mas também de métodos, estilos de trabalho; a eliminação de posições sindicais como vantagens políticas; de divisionismo, setorialismo e economicismo na movimento de trabalhadores”

O soldado da capa ilustrada acima tratava do professor alfabetizador trazendo luz aos camponeses ao estar à frente dos mesmos segurando o lampião na mão. A logo da campanha representava um escudo, sugerindo que a alfabetização seria a proteção do povo. Neste sentido, pode-se compreender que o objetivo expresso no manual *¡Cumpliremos!* (1961c), desse modo, estava em complementar a formação proporcionada por meio do manual *Alfabetícemos* (1961a) para ajudar a convencer o alfabetizador porque ele lutava, porque seu trabalho era tão necessário e útil e o motivo pelo qual deveria se sentir orgulhoso de ser um soldado da cultura e um mestre dos humildes (CASTRO, 1961b). O alfabetizador deveria se sentir orgulhoso, segundo Fidel Castro (1961b), por contribuir ao ensinar ler e escrever, que a maior parte dos cubanos pudessem receber a parte da cultura humana que se poderia encontrar com a palavra escrita. Ajudar a elevar a consciência política do povo que teria a oportunidade de refletir e expressar a sua realidade por meio da palavra escrita. Ou seja, nas palavras do próprio Fidel Castro (1961b), possibilitar a libertação plena do homem cubano e a vitória permanente da Revolução.

Paralelamente a formação de como deveria ser as aulas e o trabalho em conjunto com o camponês, foi necessário proporcionar ao jovem maestro uma formação matemática. Para esse fim, em conjunto com o manual *Alfabetícemos* (1961a), foi elaborada a Cartilha *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) que será discutida a seguir.

### **3.2.2 A formação Matemática**

Os jovens maestros receberam também uma breve formação matemática, para as primeiras séries. Isto porque, segundo Peroni (2006, p.34) “[...] nos lugares onde os alfabetizadores iriam atuar nunca existira escola e deveriam iniciar pelos primeiros graus”. A economia nacional estava agora, segundo o manual *Alfabetícemos* (1961a), graças a Revolução nas mãos do povo. Portanto, para que o velho sistema no qual o trabalhador vendia sua força de trabalho de fato fosse superado pelo sistema de empresas do povo e para o povo, fazia-se necessário

salvar a economia, produzir mais e se organizar. E, para tanto a alfabetização matemática também era fundamental.

Continha no manual *Alfabetemos* (1961a), menções sobre essa necessidade no Tema VIII das orientações revolucionárias: “[...] Esses são os três deveres fundamentais que no campo econômico tem a classe trabalhadora e que o Comandante Guevara aponta: SALVAR, PRODUZIR E ORGANIZAR” (CUBA, 1961a, p.37, tradução nossa)<sup>69</sup>. No entanto, o manual do alfabetizador não se aprofundava na formação matemática do professor. Para atender esse tipo de formação, foi elaborado um material específico, denominado de Cartilha aritmética *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c).

A Cartilha *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) seguia o mesmo padrão das materiais anteriores, uma linguagem de fácil entendimento feita de papel jornal e imagens preto e branco bem como atividades que partiam da realidade de vida do camponês relacionadas a matemática. A diferença é que as instruções aos professores se encontravam no próprio material em nota de rodapé. A capa desse material, representava a produção do trabalho no campo e como a agricultura era essencial para a economia do país. Como demonstra a imagem abaixo:

---

<sup>69</sup> “[...] Esos son los tres deberes fundamentales que en el campo económico tiene la clase obrera y que el Comandante Guevara le señala: AHORRAR, PRODUCIR Y ORGANIZARSE” (CUBA, 1961a, p.37).

**Figura 8 – Foto da Cartilha *Producir-Ahorrar-Organizar***



Fonte: CUBA, 1961c, p.1.

Pode-se observar, por meio da ilustração acima, que a formação do professor para a alfabetização matemática estava naquele período voltada para a necessidade de desenvolver a economia do país. Ao centralizar a imagem dos trabalhadores rurais no centro da capa da Cartilha *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) acompanhada tanto de um lado quanto de outro pela produção demonstra a tentativa do governo revolucionário de ao mesmo tempo ensinar a calcular e convencer o professor, e o aluno sobre a importância do trabalho social e como o desenvolvimento econômico dependeria agora do esforço tanto de um como de outro.

Esse ideal, se confirma a partir das três epígrafes escolhidas para estarem na contracapa da cartilha de formação matemática. A epígrafe de José Martí, escolhida para estar na contracapa da cartilha de aritmética: “*O povo que quer ser livre, seja livre nos negócios*”, aponta para a alfabetização matemática como condição de liberdade econômica. A frase do Fidel Castro, “*A economia nacional está nas mãos do povo*”, enfatiza essa ideia. Sobre a epígrafe de Che Guevara “*Com o sistema de livre empresa, o trabalhador tem que se vender como coisa que trabalha. Nosso sistema é outro: as indústrias serão do povo e para o povo*”, vale ressaltar que foi escolhida para estar na contracapa desse material porque o modelo de

desenvolvimento econômico salvar, produzir e organizar foi proposto por ele quando nesse período assumiu o cargo de ministro da economia de Cuba.

Nesta perspectiva, os exercícios que envolviam a interpretação e solução de situações problemas, bem como de operações de multiplicação e divisão da Cartilha *Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c), tinham como ponto de partida temáticas como *A Safra do povo* e *o Povo trabalha*. Nessas lições, é possível identificar orientações aos professores em nota de rodapé como sugestões para conversar com os alunos sobre a indústria açucareira e como o povo se movimentava naquele ano para cortar toda a cana, ou seja, produzir mais. Como demonstra a imagem a seguir:

**Figura 9 – Foto da Lição a Safra do Povo**



Fonte: CUBA, 1961c, p.13.

É importante ressaltar, que é a partir dessa imagem e das sugestões ao professor de conversar com os alunos sobre a indústria açucareira e a intensificação do corte de cana que a cartilha orienta o professor a ensinar e ou relembrar as noções de multiplicação. O que possibilita a compreensão de que o método utilizado para a formação matemática naquele período estava relacionado aos princípios do trabalho e da produtividade para se construir a riqueza da nação. Pois, a imagem expressa uma situação de produção no qual trabalhadores rurais estão trabalhando

felizes de maneira cooperativa e os caminhões lotados representam o resultado satisfatório de tal ação. A elaboração de situações problemas de multiplicação a partir deste contexto ajuda a reforçar a ideia de que todos juntos produzem mais e melhor. Ou seja, quando o povo trabalha unido a riqueza se multiplica e deve ser dividida com todos.

Nesse sentido, a formação no campo da matemática no treinamento em Sierra Maestra além de formar os professores, tinha o objetivo de desenvolver uma consciência de cooperação e de noções econômicas que ajudaria a formar a nova sociedade. Atrelado a esses conhecimentos e valores, caminhava a formação psicológica, que direcionava como o professor deveria se relacionar com o trabalhador rural e sua família.

### 3.2.3 A formação Psicológica

Além da formação nas disciplinas de didática e matemática. O professor da Campanha de Alfabetização necessitava aprender como deveria se relacionar com o trabalhador do campo e sua família, bem como a lidar com suas emoções em meio as dificuldades que enfrentaria. Por isso, por meio do manual do *Alfabetecemos* (1961a) dava-se as seguintes orientações psicológicas aos professores:

a) Mostre-se corajoso diante das dificuldades, pense que você trabalha para a Pátria lutando contra a ignorância; b) Evite dar ordens. Diga: vamos trabalhar. Vamos estudar. Use expressões estimulantes como: Vai muito bem! Adiante! Perfeito! etc.;c) Evite o tom autoritário, lembre-se que o trabalho de alfabetização é feito em comum entre alfabetizados e analfabetos; d) Se notar fadiga ou cansaço, mude-lhes de trabalho (CUBA, 1961, p.11, tradução nossa)<sup>70</sup>.

No manual do alfabetizador, continha ainda, a ênfase para o professor estabelecer uma relação de amizade com seus alunos, uma relação de respeito e

---

<sup>70</sup>a) Muéstrese animoso ante las dificultades, piense que trabaja para La Patria combatiendo La ignorân-cia; b) Evite dar órdenes. Diga: Vamos a trabajar. Vamos a estudiar. Use expresiones estimulantes como: ¡ Va muy bien! ¡ Adelante! ¡ Perfecto! etc.; c) Evite el tono autoritario, recuerde que la labor de alfabetización se realiza em común entre alfabetizador y analfabeto; d) Si observa fatiga o cansancio cámbieles de trabajo (CUBA, 1961, p.11).

cordialidade, pois eles precisavam da sua ajuda (CUBA, 1961a). Por meio do manual também, orientava-se o professor a mostrar-se interessado e compreender os problemas dos seus alunos e acima de tudo estimulá-los a não desanimarem. O professor deveria em meio a esses estímulos, fazê-los:

[...] compreender que este é o melhor momento para aprender a ler e escrever e os benefícios que isso representa para a Pátria e para ele. Para a Pátria, porque ajudará com seu esforço a aumentar a produção agrícola e industrial e para ele, porque com a leitura não somente adquirirá conhecimentos mas poderá se informar e estará em condições de comunicar-se com os demais por meio de cartas, telegramas, notas, preencher pedidos, recibos, ordens de pagamento e outros documentos que lhe permitirão melhorar seu trabalho (CUBA, 1961a, p.11, tradução nossa)<sup>71</sup>.

O professor, segundo as orientações expressas no manual *Alfabetecemos* (1961a), também deveria entender que os problemas econômicos ou familiares poderiam causar distrações nos alunos, bem como problemas de visão e audição (CUBA, 1961a). Por isso, deveriam estar atentos e se percebessem indícios desses problemas de saúde deveriam realizar o teste de visão e a audiometria e, direcioná-los para que fossem feitos as lentes corretivas e os aparelhos de audição<sup>72</sup>.

Sobre a formação psicológica, Vera Peroni (2006) em seu livro *A Campanha de Alfabetização em Cuba*, apresenta o relato de dois professores voluntários. O primeiro explicou, segundo Peroni (2006): “[...] aprendi muita psicologia profissional, que deveríamos chegar ao trabalhador rural, que o fundamental era conversar muito, conhecer seus problemas, identificar-nos e, sobretudo, que a pessoa aprendesse a amar a revolução” (PERONI, 2006, p.38). O segundo relato, segundo Peroni (2006), demonstra que o treinamento em Sierra Maestra no campo psicológico foi carregado de muita emoção:

---

<sup>71</sup>[...] comprender que este el el mejor momento para aprender a leer y escribir y los beneficios que esto representa para la Patria y para él. Para la Patria, porque ayudará con su esfuerzo a aumentar la producción agrícola e industrial y para él, porque con la lectura no sólo adquirirá conocimientos sino que podrá informarse de lo estará en condiciones de comunicarse con los demás por medio de las cartas, telegramas, notas; llenando solicitudes, recibos, giros y otros documentos que le permitirán mejorar en su trabajo (CUBA, 1961a, p.11).

<sup>72</sup>No final da Campanha de Alfabetização, os professores haviam detectado problemas de vista em uma grande quantidade de camponeses. Aproximadamente mais de 115 mil óculos foram feitos e na armação levavam o emblema da Campanha de Alfabetização (PEREIRA, 1989).

O treinamento foi muito duro, foi fundamentalmente psíquico e moral, [...]. Para um jovem, naquele momento, ir ao campo era algo estranho. Quando começamos a subir a montanha que escorregava, dávamos um passo acima e escorregávamos para trás. Era um esforço, um esforço psíquico e moral, e romper este esforço, ter ar, ter coragem, não ter medo da escuridão, de um animal desconhecido, da vegetação, foi o esforço e a aprendizagem fundamental (PERONI, 2006, p.36).

A formação psicológica durante o treinamento dos professores voluntários, por meio da manual *Alfabetizamos* (1961a), desenvolveu um sentimento de importância, legitimação política e responsabilidade tão forte que os professores criaram várias canções para se motivarem quando estavam diante alguma dificuldade. Dentre elas, destaca-se o *Hino dos Mestres*, cuja a letra está reproduzida a seguir:

As aulas nas montanhas se abrirão para a verdade. As aulas nas montanhas. As aulas nas montanhas seus mestres já as têm e estão prestes a ensinar. Vamos, vamos voluntários, vamos, vamos ensinar... Em uma das mãos os livros. E no peito um ideal. As montanhas e as planícies. Que também viram a luta. As imponentes árvores. Também viram a liberdade. Os rios e riachos virão nos saudar. E as aulas se abrirão. Vamos, vamos voluntários vamos, vamos ensinar... Em uma das mãos os livros. E no peito um ideal (PERONI, 2006, p.35).

Essa canção colaborava para inspirar e motivar os alfabetizadores em meio a saudade de casa, o cansaço, o medo, a solidão e principalmente diante a decisão de não ceder nenhum passo ao perigo de ataque externo e a inculturação. Assim, a formação psicológica que receberam possibilitou ao professor a aprendizagem de compartilhar a vida e, se fosse necessário, também a morte.

Desse modo, pode-se problematizar que o ponto central da formação psicológica da docência revolucionária em Cuba durante a Campanha de Alfabetização foi o relacionamento humano. O Informe da UNESCO publicado no ano de 1965 sobre o os *Métodos e Meios utilizados em Cuba para eliminar o Analfabetismo*, explicita que o segredo do êxito da Campanha de Alfabetização cubana foi um fator muito antigo e alheio a todo recurso técnico: o relacionamento de um ser humano com outros seres humanos que se estabelecem nas reações

intelectuais, sentimentais e sobretudo psicológicas que surgem dentro dessa interação (UNESCO, 1965).

Esse relacionamento humano, objetivado nas orientações contidas no manual *Alfabetecemos* (1961a) à formação do professor alfabetizador, se caracterizou tão forte e certo que além dos ataques de violência os movimentos contrarrevolucionários procuravam desestruturar o trabalho dos brigadistas por meio também de ataques psicológicos. Sobre esta perspectiva, Peroni (2006) explica que quando os mestres voluntários chegavam ao povoado, os pais, os trabalhadores rurais, no início escondiam seus filhos. Isto porque, foi-lhes dito que os professores iriam levar seus filhos para a Rússia para fazer embutidos e convertê-los em salames. Essas dificuldades foram vencidas ao longo do processo na medida em que os professores conquistavam a confiança dos trabalhadores rurais e começaram a exercer influência sobre a comunidade local.

Segundo Peroni (2006), os trabalhadores no início da Campanha davam como desculpas para não irem às aulas o motivo de sentirem vergonha por não terem sapatos. A autora descreveu o relato de um professor contando como reagiu a essas desculpas e aos poucos conquistou a confiança dos camponeses:

[...] me dei conta de que isto era uma demagogia e eu me permiti ser demagogo também, disse: me alegro que não vão à aula de sapatos, porque eu gosto de dar aulas sem sapatos. Então tirei os sapatos [...] então comecei a fazer aos trabalhadores rurais fogueiras, cantar, bailar e fazer mágicas, tirar moedas da orelha, piadas, adivinhar o pensamento, ler a mão, as coisas mais absurdas, tudo o que me ocorria fazia, e os trabalhadores rurais começaram a gostar [...] (PERONI, 2006, p.43).

Com o passar do tempo o relacionamento entre professor/aluno foi se fortalecendo, ao ponto dos próprios camponeses defenderem os professores dos ataques contrarrevolucionários a qualquer custo. Assim, pode-se observar que as orientações psicológicas sistematizadas no manual *Alfabetecemos* (1961a) proporcionaram uma ligação estreita entre as pessoas da cidade e do campo, pois, pouco a pouco, professores e alunos estavam resolvendo juntos seus problemas e cuidando da nação. Neste sentido, o objetivo dessa formação estava em contribuir

para o desenvolvimento do *homem novo* que deveria ser movido por um grande sentimento de amor pela pátria e pelo próximo.

No entanto, a formação didática, matemática e psicológica não seriam suficientes para a efetivação de tal objetivo, era imprescindível que o novo professor cubano também recebesse a formação militar, que será discutida a seguir, para que pudesse defender a Pátria se necessário e acima de tudo adquirir disciplina.

### 3.2.4 O treinamento Militar

Para atingir os objetivos da Campanha de Alfabetização e formar uma docência revolucionária, os dirigentes do governo revolucionário Fidel Castro e Ernesto Che Guevara compreendiam que era preciso proporcionar ao professor o desenvolvimento da disciplina por meio do treinamento militar.

Para Che Guevara (1968), a força fundamental de todo professor revolucionário estaria na sua conduta moral e na sua disciplina. Existia para ele, dois tipos de moral: a moral ética e a moral de luta. Che Guevara (1968) explicitava que “entre os dois tipos de moral, a moral ética e a moral da luta, há um elo de união que as convertem em um todo harmonioso: a disciplina” (GUEVARA, 1968, p.20, tradução nossa)<sup>73</sup>. Para ele, também existia dois tipos de disciplina, a disciplina exterior e a disciplina interior, e os militaristas, segundo Che Guevara (1968), se dedicavam à exterior. Mas um professor revolucionário, portanto o *homem novo*, deveria ter as duas, sendo que a interior precisava ser mais fortalecida.

Esse elo harmonioso, no entendimento de Guevara, entre os dois tipos de moral aproximava-se dos princípios elucidados por Marx (2004), em *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. Para Marx (2004), a divisão social do trabalho em trabalho intelectual e manual fez com que pela necessidade do ter, os sentidos espirituais e físicos do homem cedesse lugar à alienação. Desse modo, quando o homem se apropriasse de sua omnilateralidade, ele o faria de forma total e traria para fora sua riqueza interior.

---

<sup>73</sup>“entre los dos tipos de moral, la moral ética y la moral de lucha, hay un nexo de unión que las convierte en un todo armónico: la disciplina” (GUEVARA, 1968, p.20).

Dessa forma, ao explicitar como deveria ser um professor revolucionário e ou um guerrilheiro, Che Guevara (1968) argumentava que os líderes da Revolução estavam tentando proporcionar, “o mínimo de disciplina mecânica necessária para o funcionamento harmonioso de grandes unidades com o máximo de disciplina interior, vindo do estudo e a compreensão dos nossos deveres revolucionários” (GUEVARA, 1968, p.20-21, tradução nossa)<sup>74</sup>. Nesta perspectiva, Che Guevara (1968), explicitava também que ao atingirem esse objetivo o professor revolucionário, conseqüentemente o *homem novo* pretendido estaria formado:

Quando se conquistar em todas as nossas Forças Armadas a coesão suficiente e à nossa moral de luta se agregar uma alta moral ética com o complemento necessário das disciplinas interior e exterior, terá sido alcançado a base firme e duradoura do grande exército do futuro, que é o povo inteiro de Cuba (GUEVARA, 1968, p.21, tradução nossa)<sup>75</sup>.

Esses princípios de moral e disciplina, estavam contidos na formação docente proposta por meio do manual *Alfabetecemos* (1961a) no campo do treinamento militar. Explicava-se no manual por meio do Tema XVIII, *O Povo Unido e Alerta*, que como a Revolução Cubana era uma revolução anticapitalista. Portanto, fazia-se necessário todo o povo ficar unido e alerta para defendê-la, com a própria vida caso necessário, se os EUA resolvessem atacá-la (CUBA, 1961a). A necessidade do treinamento militar e da disciplina nesta parte do manual aparece no seguinte excerto do texto:

Por isso o povo se organiza em milícias: trabalhadores, camponeses, profissionais, jovens, mulheres, vem nos centros de treinamento para receber ensino militar, renunciando a suas horas de descanso. Os milicianos aprendem a marchar, aprendem a manusear as armas e aprendem também a razão pela qual devem fazê-lo. As milícias são o povo armado e junto das Forças Armadas Revolucionárias, que também são o povo porque surgiram do próprio povo, se dispõem a

---

<sup>74</sup>“el mínimo de disciplina mecânica necessária para el funcionamiento armónico de grandes unidades con el máximo de disciplina interior, proveniente del estudio y la comprensión de nuestros deberes revolucionarios” (GUEVARA, 1968, p.20-21).

<sup>75</sup>“Cuando se logre en todas nuestras Fuerzas Armadas la cohesión suficiente y a nuestra moral de lucha se agreguen una alta moral ética con el complemento necesario de las disciplinas interior y exterior, se habrá logrado la base firme y duradera del gran ejército del futuro, que es el pueblo entero de Cuba” (GUEVARA, 1968, p.21).

defender o território nacional de qualquer agressão estrangeira. O povo está alerta com uma só consigna: Pátria ou Morte! e com a segurança que Venceremos! (CUBA, 1961a, p.58, tradução nossa)<sup>76</sup>.

O excerto acima demonstra a tentativa do governo revolucionário por meio do manual *Alfabeticemos* (1961a) em conscientizar os professores da necessidade de terem o treinamento militar e a disciplina de renunciar suas horas de descanso se necessário, bem como o dever de explicar e convencer os camponeses do mesmo, caracterizando um estímulo moral para o desenvolvimento de dever proteger a pátria e morrer por ela se preciso. Neste caso, a disciplina mecânica da qual tratou Che Guevara estaria na aprendizagem do manuseio das armas e do marchar. Já, a disciplina interior na renúncia consciente do descanso e da própria vida.

Explicava-se por meio do manual *Alfabeticemos* (1961a), no Tema IX das orientações revolucionárias intitulado *A Revolução Converte os Quartéis em Escolas*, que no período da ditadura de Fulgencio Batista, portanto do imperialismo estadunidense, foram construídos muitos quartéis e fortalezas militares poderosas. Mas que esses lugares eram utilizados contra o povo, para defender os interesses dos latifundistas e dos exploradores em geral. O povo, naquele período, explicava-se no manual: “[...] sempre via com ódio as fortalezas militares, pois de lá saíam os que batiam nos trabalhadores, os que despejavam os camponeses de suas terras, os que cometiam abusos contra o povo, chegando inclusive ao assassinato” (CUBA, 1961a, p.38, tradução nossa)<sup>77</sup>. No entanto, deixavam muitas crianças sem aprender a ler e escrever.

Mas, com o triunfo da Revolução, segundo as orientações sistematizadas no manual do alfabetizador, o povo não precisava mais sentir esse ódio dos quartéis e das fortalezas militares. Isto porque, agora os militares eram o próprio povo e

---

<sup>76</sup>Por eso el pueblo se organiza en milicias: obreros, campesinos, profesionales, jóvenes, mujeres, acuden a los centros de entrenamiento para recibir enseñanza militar, renunciando a sus horas de descanso. Los milicianos aprenden a marchar, aprenden a manejar las armas y aprenden también la razón por la cual deben hacerlo. Las milicias son el pueblo armado y junto con las Fuerzas Armadas Revolucionarias, que también son el pueblo y porque surgieron del propio pueblo, se disponen a defender el territorio nacional de cualquier agresión extranjera. El pueblo está alerta con una sola consigna: ¡Patria o Muerte! y con la seguridad que ¡Venceremos! (CUBA, 1961a, p.58).

<sup>77</sup>[...] siempre veía con odio las fortalezas militares, pues de allí partían los que apaleaban a los obreros, los que desalojaban a los campesinos de sus tierras, los que cometían abusos contra el pueblo, llegando inclusive hasta el asesinato (CUBA, 1961a, p.38).

portanto esses locais que antes eram sombrios, agora na Revolução, não tinham mais serventia. Por isso, seriam convertidos em escolas para beneficiarem a população e os mesmos ajudarem a proteger a Pátria com disciplina e uma conduta moral impecável. Nesta perspectiva, explicava-se por meio do manual *Alfabetecemos* (1961a):

Ao triunfar a Revolução, esta, que conta com o apoio de todo o povo, não necessita de quartéis fortificados para se defender. Cada cubano é um soldado da Revolução e cada casa um quartel. Por isso a Revolução converte os quartéis em escolas e agora, nos mesmos lugares em que os antigos capangas bateram e assassinaram muitos homens do povo se abrem centenas de salas de aulas, onde correm felizes as crianças de hoje, homens de amanhã, a receber uma educação jubilosa que os ajudará a construir uma pátria melhor (CUBA, 1961a, p,38, tradução nossa)<sup>78</sup>.

No entanto, o professor deveria estar consciente de sua função de convencer o povo a responder a esse bem com disciplina e disposição. Para tanto, deveriam receber preparo físico, estímulo moral e desenvolver o orgulho cívico. Sobre esta formação, Peroni (2006) apresenta o relato de um professor alfabetizador:

Uma das provas de graduação era subir o Pico Turquino, que tinha 2005 metros do nível do mar, tínhamos de estar preparados e isto não se fazia em um dia. Portanto, nesses dois meses anteriores à subida do Pico Turquino tínhamos de estar preparados fisicamente. Uma coisa inesquecível quando chegamos àquele lugar. Parecia assombrado pela neve, pelo lugar, era tão alto... encontramos ali o busto de Martí que havia sido levado por outros revolucionários e uma bandeira cubana. Nos abraçamos e imediatamente descemos, na descida passávamos por casas de trabalhadores rurais que nos brindavam com coisas de comer, uma grande solidariedade! (PERONI, 2006, p.41).

Este preparo físico do qual trata o relato acima, era necessário tanto para possíveis ataques externos quanto para que os professores conseguissem chegar

---

<sup>78</sup>Al triunfar la Revolución, ésta, que cuenta con el apoyo de todo pueblo, no necesita de cuarteles fortificados para defenderse. Cada cubano es un soldado de la Revolución y cada casa un cuartel. Por eso la Revolución convierte los cuarteles en escuelas y ahora, en los mismos lugares en que los antiguos esbirros apalearon y asesinaron a muchos hombres del pueblo se abren cientos de aulas, donde concurren felices los niños de hoy, hombres de mañana, a recibir alborozados la educación que los ayudará a construir una Patria mejor (CUBA, 1961a, p.38).

aos povoados de difícil acesso. Sobre a dificuldade que os professores enfrentavam para chegarem nos lugares em que a alfabetização deveria acontecer, Pereira (1989), descreve o que o professor responsável lhe disse quando estava a caminho do seu destino:

\_\_\_ Rapazes! - gritou o chefe da Companhia passeando diante do oitavo pelotão. \_\_\_ Daqui pra frente não tem mais cidade. Acabou a luz elétrica. Acabou o asfalto. Acabou a água encanada. O que vem agora é morro e mais morro, rio e mais rio, monte e mais monte. Lá em cima todos são analfabetos. Nossa meta é que eles aprendam a ler e a escrever antes de dezembro. Portanto, que ninguém se cague e desça chorando para a cidade. Vou ler agora a lista de regiões onde vocês são mais necessários: El Purial, Dos Bocas de Caldero, La Gloria, Las Campanas, El Veneno... (PEREIRA, 1989, p.16-17).

Sobre a disciplina e o orgulho cívico correlacionados ao campo da formação no treinamento militar, pode-se observar a partir das regras que deveriam ser cumpridas com excelência pelos professores. O uso de um uniforme parecido com a farda que os guerrilheiro do exército rebelde usavam já simbolizava esse ambiente de rigidez e disciplina. Todos deveriam usar uma farda em tom de verde com a logo da Campanha de Alfabetização em uma das mangas da camisa, botas, cintos e boinas como um soldado, do exército dos alfabetizadores. Peroni (2006) explicita que neste período, foram entregue aos professores da Campanha de Alfabetização 422.655 pares de botas e uniformes; 633.984 pares de meias; 110 mil mochilas, boinas, cintos, redes e lanternas e 40 mil cobertores.

Outro estímulo para o desenvolvimento da disciplina e do orgulho cívico foi a elaboração da *Marcha da Alfabetização* ou *Hino de Alfabetização* que também ficou conhecido como *Hino das Brigadas Conrado Benítez*. Esse hino foi escrito por Eduardo Saborit Pérez (1911-1963) que trabalhava no Departamento de Popularização da Comissão Nacional de Alfabetização, e ficou conhecido como a canção política mais importante naquele período. Sua letra está descrita abaixo:

**Recitação:** Cuba, Cuba! Estude! Trabalho! Rifle! Lápis! Primer! Manual! Alfabetização! Alfabetização! Nós vamos vencer! **Cantando:** Nós somos as Brigadas de Conrado Benítez, nós somos a vanguarda da Revolução, com o livro no alto, cumprimos um objetivo: trazer alfabetização a toda Cuba. Por planícies e montanhas o

brigadista vai cumprindo a pátria, lutando pela paz. **Recitação:** Abaixo o imperialismo! Para cima, liberdade! **Cantando:** Nós carregamos com as letras a luz da verdade. **Recitação:** Cuba, Cuba! Estude! Trabalho! Rifle! Lápis! Primer! Manual! Alfabetização! Alfabetização! Nós vamos vencer! (ECURED, 2015, on-line).

Durante a Campanha de Alfabetização foram entregues à população a partitura do mesmo para que todos conhecessem e cantassem. Isto porque, esta marcha, para o governo revolucionário, continha o sentimento de toda uma geração, pronta para dar tudo para cumprir um ideal. Ou seja, vencer por meio da alfabetização.

Neste sentido, pode-se observar que os professores receberam no período de sua formação um estímulo constante para o desenvolvimento de uma moral de luta e ética, bem como para a disciplina interna e externa elucidadas por Che Guevara. É importante destacar que na prática os professores estimulavam, corrigiam e disciplinavam uns aos outros quando necessário. Isto pode ser evidenciado, quando Pereira (1989) conta em seu livro que um jovem maestro escreveu em seu diário, uma frase na qual relacionava o homem camponês ao homem de Neanderthal. O pai do jovem professor, quando leu tal comparação, escreveu a seguinte nota para o filho:

Os camponeses são tímidos e de pouca conversa, porque levaram... levamos muita paulada dos feitores. Nos condenaram à ignorância, à fome e à miséria e nos negaram o direito à (jurisprudência). Eles só sabem dizer pra cima, pra baixo, choveu ou não choveu. Eu também fui explorado pelos capitalistas, os sem-piedade, os politiqueiros com que Fidel e seu pessoal acabaram. Mas essa herança superficial e falsa do passado ainda sobrevive e a gente precisa ARAR esses bois. Não há outros... Ser ou Não ser. Comandante Veneno, as coisas têm ALMA, o difícil é entender elas, encontrar ou perceber e observar a alma das coisas ou situações ou circunstâncias da vida: - a vida de um homem, grupo, família ou País é um Resumo de casos, circunstâncias e experiências que são a própria história. É preciso ajudar o Bejerano Aromas. Observe as coisas da vida, dia a dia, mês a mês, ano após ano e veja como a experiência é a mãe da ciência. Você vai conhecer pouco a pouco gamas variadas de cores e cheiros. Isso é o homem multifacético. Não precipite nunca um juízo sobre ninguém sem antes pensar duas vezes. Você é jovem e entusiasta, brincalhão, falador. O futuro é teu: respeita e desfruta dele. Mas a CULTURA não é uma simples palavra, é o poder, que redime o homem de ser escravo da sua ignorância. Todos esses

comentários ou conceitos são dialéticos, e definitivos em matéria política (PEREIRA, 1989, p.32).

A intenção do pai, neste sentido, era a de explicar ao filho a necessidade de compreender as coisas além dos que elas parecem ser, e que a maturidade iria ajudá-lo nisso. No entanto, termina sua fala explicando ao jovem maestro que quem ajuda não poderia ao mesmo tempo prejudicar. Ele enfatiza ainda a importância do ensino dos mais experientes nesse processo de desenvolver a maturidade e a ética:

São definições Filosóficas. Quem empurra não dá golpes, e aqui há muitos empurradores. Eu aspiro e respiro. Aspiro a superar e educar a mim mesmo. Eu sei que sei pouco - que, ainda estou começando a subir a longa e empinada escada da vida. E que enquanto eu respire, tenho interesse na LUTA. A mim ninguém ensinou, e não tive a sorte de Bejerano e seus filhos. Eu aprendi, sozinho as regras do jogo e ainda não me pegaram com o Pé Fora da Base (termo de beisebol). Saudações de um camarada que está vivo, rebolando e morto de Rir. Porque vou ser seu amigo até a Morte. Seu: Paipazão Coliseo Iznaga (Selman), Sierra Maestra. El Veneno, Oriente (Berço da Revolução), 28 de maio de 1961) (PEREIRA, 1989, p.32).

Neste sentido, pode-se afirmar que a formação militar do governo revolucionário sistematizada no manual *Alfabeticemos* (1961a) contribuiu para o desenvolvimento do compromisso moral, ético e disciplinado bem como do condicionamento físico tanto dos professores quanto da população por eles formados. Essa conduta moral e disciplinada seria um dos fatores fundamentais para desenvolver a consciência de que cada cubano deveria ser um miliciano vigilante pronto para defender sua Pátria na batalha cultural e na luta armada caso ocorresse alguma intervenção estadunidense. Fidel Castro (1961d) quando convocou os *jovens maestros* explicitou:

Agora, as pessoas devem cooperar; as patrulhas dos trabalhadores da milícia que estão tomando posições e movendo-se dentro das cercas, cada um carrega uma pequena biblioteca e uma cartilha de alfabetização (aplausos). Isto significa que não só vão lutar e liquidar os elementos contra revolucionários mas irão desenvolver, ao mesmo tempo, a campanha de alfabetização (aplausos). É possível que nenhuma força militar na história do mundo tenha reunido esses dois instrumentos: seu rifle e sua cartilha de alfabetização (aplausos) (CASTRO, 1961d, on-line).

Desse modo, esta formação militar à docência revolucionária cubana pode ser considerada como o ponto de partida para a disciplina de Educação Física essencial, segundo Che Guevara (1965) à formação do *homem novo*. Para Che Guevara (1965) a formação física deveria ser o fator contribuinte de uma formação moral e essencialmente humana bem como da disciplina mecânica e interior, como meio de precaução para desenvolver a proteção do país em caso de invasão norte-americana e como manutenção das forças produtivas e da saúde do trabalhador voluntário. Fato este, que tempos depois, fez com que Cuba se tornasse referência na modalidade esportiva. Huteau e Lautrey (1976), citam um trecho da declaração da abertura dos jogos escolares de 1970 realizada pelo então ministro da educação de Cuba Belarmino Castilla:

[...] esta participação cada vez mais ampla no desporto [...] permitir-nos-á atingir os objetivos que nos fixamos, e ver surgir em número sempre crescente, bons atletas, os melhores dos quais representarão o nosso país nas competições internacionais em que defenderão as nossas cores. A participação maciça no desporto fornece igualmente uma nova forma de distração que contribui para a felicidade do nosso povo revolucionário. Do mesmo modo, se estivermos mais bem preparados, se formos mais fortes e mais saudáveis, poderemos encarar melhor qualquer tarefa, quer seja no estudo ou na construção da economia, ou ainda, se tal fosse necessário, na defesa da pátria (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.209).

Assim, pode-se observar que desde o apogeu revolucionário empreendeu-se esforços na área do treinamento militar com vistas a convencer a população de que deveria ser um miliciano. E, na construção do modelo ideal proposto por Che Guevara (1965) na formação Física do possível *homem novo*, foi criado o Instituto Nacional de Educação Física o I.N.D.E.R que ficou responsável em coordenar campeonatos e a política desportiva do país. O 1º Congresso Nacional da Educação e da Cultura de 1971, redigiu em sua Declaração que a Educação Física e a preparação militar em Cuba deveria assumir uma dupla função “treinar jovens no manuseamento das armas e contribuir para a sua formação integral” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.233).

Desse modo, é possível detectar na formação do professor da Campanha de Alfabetização, no que diz respeito ao treinamento militar, a aprendizagem de novos

valores, os quais, Peroni (2006), denomina de *Currículo Oculto* presente na formação didática, matemática, psicológica e militar dos professores da Campanha de Alfabetização. Esses valores serão discutidos a seguir.

### **3.2.5 O chamado *Currículo Oculto***

O manual do alfabetizador *Alfabetecemos* (1961a), como mencionado, contribuiu de maneira significativa para a formação didática, matemática, psicológica e militar dos professores da Campanha de Alfabetização. Em meio a essas disciplinas, pode-se observar que fomentava-se por meio do manual também: o aprender a prescindir, o aprender superar-se ao enfrentar as condições adversas, o aprender a amar a revolução e o aprender a conviver no coletivo. Esses princípios, são denominados por Peroni (2006), como *Currículo Oculto*. Para a autora, o *Currículo Oculto*, consistia em todos os valores que não estavam explícitos na formação dos professores na forma de conteúdos e disciplinas, mas que eram transmitidos como valores que precisavam ser incorporados.

Neste sentido, pode-se problematizar que o *Currículo Oculto* centralizava-se nos novos conhecimentos de caráter político, social, econômico e cultural necessários para o desenvolvimento da consciência revolucionária do professor cubano, ou seja, do *homem novo*. Aprender a renunciar, a dispensar os privilégios, o conforto e os bens materiais fazia-se necessário. Portanto, aprender a prescindir, naquele momento queria dizer tanto romper com uma mentalidade de consumo quanto aprender a hierarquizar o que era realmente importante.

O professor cubano precisava aprender a prescindir tanto no material quanto no espiritual, para convencer a população a fazer o mesmo. O aprender a prescindir na esfera espiritual, segundo Peroni (2006), tratava-se do esforço psíquico e moral para se romper com uma mentalidade egoísta e poder ter o entendimento do que podia e do que não podia prescindir. A disciplina seria o melhor caminho para esse aprendizado. O aprender a prescindir na esfera material, tratava-se de saber priorizar o que realmente deveria ser prioritário, o consumo coletivo e não individual.

No Tema VIII do manual *Alfabeticemos* (1961a), *A Industrialização*, esses princípios aparecem quando é explicado ao professor que o governo revolucionário pretendia criar muitas indústrias e fazer de Cuba um país altamente industrializado. Fato, que proporcionaria trabalho e converteria o povo à prosperidade e felicidade (CUBA, 1961a). No entanto, para que isso pudesse se concretizar, explicava-se no manual:

Os trabalhadores, por outro lado, têm que realizar uma tarefa importante na batalha da industrialização. Os trabalhadores têm que entender que, quando trabalham em empresas estatais, eles não estão trabalhando para um chefe que os explora e contra quem eles têm que lutar para obter alguns centavos de aumento nos salários. Eles têm que entender que, trabalhando em empresas estatais, estão trabalhando para o benefício do país e para garantir que, no futuro próximo, outros trabalhadores também tenham a oportunidade de encontrar trabalho. É por isso que o trabalhador tem que realizar o máximo hoje. Deve esforçar-se por produzir mais, para que o Estado possa investir as riquezas que os trabalhadores produzem na criação de novas indústrias. É por isso que hoje o trabalhador tem que poupar mais para evitar gastos desnecessários e também tem que se organizar para poder render mais à Revolução (CUBA, 1961a, p.37, tradução nossa)<sup>79</sup>.

Assim, é possível observar a ideia de prescindir tanto na esfera material (produzir mais, para que toda a nação se beneficie), quanto na esfera espiritual (entender que os gastos desnecessários e individuais deveriam ser evitados) no momento em que se explica no manual ao professor que era necessário se esforçar ao máximo no seu trabalho e evitar os gastos desnecessários para que a industrialização de Cuba fosse concretizada. Desse modo, com as orientações desse tema, o professor recebia uma formação matemática porque trazia noções de

---

<sup>79</sup>Os obreros, por su parte, tienen que rendir una importante tarea en la batalla de la industrialización. Los obreros tienen que comprender que al trabajar en las empresas del Estado no están trabajando para un patrón que los explota y contra el cual tienen que luchar para sacarle unos centavos de aumento en salarios. Tienen que comprender que al trabajar en las empresas del Estado están trabajando para el beneficio de la patria y para lograr que en un futuro cercano otros obreros tengan también oportunidad de hallar trabajo. Por eso el obrero tiene hoy que rendir el máximo. Tiene que esforzarse por producir más, para que el Estado pueda invertir esas riquezas que los obreros producen en crear nuevas industrias. Por eso el obrero tiene hoy que ahorrar más para evitar los gastos inútiles y tiene además que organizarse para poder rendir más a la Revolución (CUBA, 1961a, p.37).

economia ao mesmo tempo em que internalizava o novo conhecimento econômico e social necessário para desenvolver uma consciência revolucionária.

Da mesma forma, acontecia por meio do manual, uma formação didática para desenvolver noções de agricultura ao mesmo tempo em que fomentava-se a aprendizagem na esfera social do conhecer a realidade e aprender a superar as dificuldades nela encontradas. Essa característica do *Currículo Oculto*, passava pelo ensino de três Temas das orientações revolucionárias do manual: o Tema XVII *Trabalhadores e Camponeses*; o Tema VI *Cuba tinha riquezas e era pobre* e pelo Tema III *A Terra é Nossa*.

Em *Trabalhadores e Camponeses*, explicava-se sobre quem eram os trabalhadores e os camponeses. Deixava-se claro para o professor que os trabalhadores eram aqueles que recebiam salários ao vender seu trabalho às indústrias. E, os camponeses eram os que cultivavam a terra<sup>80</sup> (CUBA, 1961a). Ambos, segundo as orientações sistematizadas no manual, eram os setores mais humildes do país antes da Revolução. Eram explorados através dos tempos, os trabalhadores recebiam salários miseráveis e os camponeses vendiam por preços muito baixos os produtos da terra, enriquecendo dessa forma uma minoria privilegiada de cubanos e algumas empresas estrangeiras (CUBA, 1961a). No entanto, a realidade da Revolução era outra, a realidade da Revolução era garantir o trabalho sem exploração e dar terra e bem estar aos camponeses, por meio da Reforma Agrária (CUBA, 1961a).

Nesse tema, é possível observar as noções didáticas sobre a agricultura, quando se explica quem eram os camponeses e os trabalhadores. Ao mesmo tempo, o princípio do *Currículo Oculto* de se conhecer a realidade para superar as dificuldades, no momento em que se expõe por meio do manual as condições de exploração que ambos eram expostos apontando como superação dessa condição a Revolução e a Reforma Agrária.

É importante chamar a atenção para que a princípio, a superação das dificuldades enfrentadas até então, foram dadas pelo governo revolucionário. Isto

---

<sup>80</sup>Essas explicações do manual, parecem óbvias. No entanto, é importante relembrar que os professores voluntários que estavam recebendo essa formação eram jovens adolescentes de doze anos para mais aproximadamente.

fica, mais evidente no trecho do Tema III, *A Terra é Nossa*: “Quando a Revolução chegou ao poder se propôs resolver o grave problema agrário da país, por considerá-lo fundamental para o desenvolvimento da economia nacional e, ditou a Lei da Reforma Agrária” (CUBA, 1961a, p.25, tradução nossa)<sup>81</sup>. No entanto, já no Tema VI, *Cuba tinha riquezas e era pobre*, o manual, após desenvolver uma explicação sobre como Cuba tinha terras férteis, mares ao seu redor cheios de peixes, minerais como ferro, níquel, cobre, cromo e manganês, o potencial para superar qualquer dificuldade, agora, estava nas mãos do povo. Precisavam, para tanto, conhecer a verdadeira realidade cubana: Cuba tinha muitas riquezas. Aprender como explorá-las e como defender a Revolução.

Correlacionado ao princípio de conhecer para poder superar qualquer dificuldade, estava o conteúdo oculto de esfera política e cultural: aprender a amar a Revolução. Este conteúdo ficava subentendido nos princípios do treinamento militar e da formação psicológica. Fomentava-se por meio do manual, ao trabalhar temas que mostravam os benefícios que o povo estavam recebendo após a Revolução.

Por meio do manual *Alfabetizamos* (1961a), ao tratar de temas como: *O direito a moradia*, *A saúde* e *A recreação popular* conscientizava o professor de todas as melhorias que estavam acontecendo no país ao mesmo tempo em que deixava subentendido a necessidade de amar a Revolução para que essas melhorias se consolidassem. Pois, só quem amasse a revolução estaria disposto a lutar por ela a qualquer custo.

Assim, o Tema V das orientações revolucionárias, *O direito a moradia*, mostrava ao professor que além da lei da Reforma Agrária, o governo revolucionário, tratou de resolver o problema da moradia urbana, criando um plano denominado INAV para construção de moradias. Também, havia institucionalizado a Lei da Reforma Urbana. Segundo o manual, essa lei proporcionava aos inquilinos, a possibilidade de serem proprietários das casas em que habitavam, baixando o custo das mensalidades que antes pagavam como aluguel (CUBA, 1961a). O tema A

---

<sup>81</sup>“Cuando la Revolución llegó al poder se propuso resolver el grave problema agrario del país, por considerarlo fundamental para el desarrollo de la economía nacional y, dictó la Ley de Reforma Agraria” (CUBA, 1961a, p.25).

*saúde, procurava* conscientizar o professor que por meio das melhores condições de vida que estavam sendo proporcionadas ao povo, a melhora da saúde cubana seria uma consequência e que portanto, logo teriam um povo saudável em uma Cuba Livre (CUBA, 1961a). O tema *A recreação popular* explicava ao professor que o governo revolucionário havia criado O Instituto Nacional da Indústria Turística com o objetivo de ofertar ao povo meios saudáveis e econômicos de recreação para que pudessem desenvolver um bem estar espiritual e desfrutar as belezas da nação (CUBA, 1961a).

Após a conscientização desses benefícios econômicos e sociais, era apresentado ao professor o Tema XXIII: *A Revolução ganha todas as batalhas*. Neste tema, o professor era informado das lutas que o governo revolucionário estava enfrentando no processo de consolidação da Revolução; Explicava as agressões que os EUA haviam feito até então na tentativa de impedir a vitória do movimento revolucionário; Explanava de maneira breve que primeiro, o governo estadunidense retirou do mercado norteamericano mais de um milhão de toneladas de açúcar cubano e depois, proibiu as refinarias de petróleo refinarem o petróleo que o governo revolucionário cubano tinha comprado da União Soviética, ao mesmo tempo em que negavam a venda deste combustível tão indispensável na vida moderna. E, naquele momento estavam vivendo o bloqueio econômico, e, recebendo ajuda dos governos da China, Tchecoslováquia, Canadá, Japão e União Soviética (Cuba, 1961a).

O Manual, terminava esta temática conscientizando os professores de que outras agressões dos Estados Unidos poderiam acontecer, inclusive a invasão do território cubano. Por isso, era preciso estar preparado, conscientizar a população e incentivá-los a amar a Revolução para que todos tomassem a firme decisão de resistir a todas as agressões. Só assim venceriam (CUBA, 1961a). Por meio dessas explicações, contidas no manual *Alfabetizamos* (1961a), é possível observar o recurso didático metodológico de mostrar os benefícios, desenvolver um sentimento de gratidão e amor à Revolução para depois explicitar os riscos e garantir o apoio do povo justificando-o como dever cívico. Consolidando, dessa forma, a cultura revolucionária.

Neste sentido, o aprender amar a Revolução desenvolvido por meio da estratégia didático metodológica explicitada acima, foi tão bem internalizado que Hobsbawm (2017) explicita que uma pesquisa de opinião aplicada em Cuba em outubro de 1960, demonstrava o seguinte resultado:

[...] 88% da população dava ao governo apoio total ou praticamente sem reservas: 94% no campo, 91% na faixa etária de vinte a trinta anos, 92% na classe trabalhadora. Por outro lado, a província de Havana dava 'somente' 72% de apoio totalmente acrítico, os trabalhadores de escritório e colarinho-branco, 73% (uma queda acentuada desde 1959), e a pequena classe de proprietários, executivos e profissionais liberais 61% (HOBBSAWM, 2017, p.25).

Esses dados, mesmo os da cidade de Havana, podem ser considerados bons, tendo em vista de que a maioria dos que não demonstravam tanto apoio ao governo revolucionário se tratava de algum setor que de um jeito ou de outro tiveram alguns privilégios suprimidos. Sobre os dados da pesquisa, Hobsbawm (2017) argumenta que para aqueles que nunca estiveram em Cuba esses dados poderiam ser considerados incríveis. E, segundo o autor, para aqueles que visitaram a ilha após a Revolução, esses dados só confirmavam as impressões cotidianas que tiveram dessa Revolução um tanto quanto inspiradora (HOBBSAWM, 2017).

Outro aspecto do *Currículo Oculto*, que era estimulado em todas as disciplinas da formação docente proposta pelo manual *Alfabetecemos* (1961a), era o de aprender a conviver no coletivo. O Objetivo desse item estava em despertar o indivíduo para o coletivo, segundo Peroni (2006, p.39): “[...] para a relação indivíduo/sociedade”. Esse aprendizado, perpassava pelos princípios da solidariedade, amizade e também da disciplina, e pretendia formar o professor para dar a sua contribuição na construção de uma mentalidade coletiva e revolucionária. Os temas do manual que deixavam esse aspecto do *Currículo Oculto* em maior evidência eram: *As cooperativas*, *O comércio internacional*, *A guerra e a paz* e *A unidade internacional*.

O Tema *As cooperativas*, explicava ao professor quais foram os procedimentos tomados pelo governo revolucionário para resolver o problema dos trabalhadores agrícolas que ficavam sem emprego a maior parte do ano, e viviam

em condições miseráveis. Esclarecia-se no manual, que o governo revolucionário estabeleceu nas terras que foram desapropriadas dos latifundistas as cooperativas. As cooperativas, por meio do trabalho em grupo, proporcionavam muitas vantagens tanto ao trabalhador agrícola, quanto ao desenvolvimento da economia agrária do país. Enfatizava-se ainda no manual, nesta temática, que quando a terra era cultivada coletivamente se produzia muito mais com menos esforço e proporcionava o emprego de métodos mais modernos de cultivo. Por meio das cooperativas, elucidava-se no manual que foi possível construir casas mais confortáveis e higiênicas, escolas e consultórios médicos (CUBA, 1961a).

A temática sobre *O comércio internacional*, também enfatizava a importância e os benefícios do trabalho em grupo. Mas, agora em nível internacional. Ou seja, era importante ter bons relacionamentos com os países vizinhos para que juntos pudessem manter relações comerciais saudáveis e libertar-se do monopólio comercial dos Estados Unidos. Neste tema revolucionário, reforçava-se que o trabalho em conjunto entre os países latinoamericanos levaria a libertação política recentemente alcançada em Cuba para toda a América Latina (CUBA, 1961a).

Já, a temática sobre *A Guerra e a Paz* pretendia desvendar para o professor que a mentalidade egoísta de almejar apoderar-se da riqueza dos outros países só trazia destruição e sofrimento para a maior parte da população. No entanto, a guerra para livrar-se do desejo imperialista era necessária e justa, pois partia do desejo coletivo e não individual (CUBA, 1961a). O Tema *A Unidade Internacional*, informava o professor cubano sobre as instituições que muitas vezes eram criadas para conclamarem a paz e a união entre os estados. Mas, na verdade o que faziam era combater os movimentos populares e a verdadeira união entre os povos. Isto porque, visavam atender somente os interesses dos Estados Unidos e os interesses estadunidense não eram os mesmo dos países latinoamericanos (CUBA, 1961a).

Este tema fazia uma crítica a Organização de Estados Americanos (OEA) que discursava que todos os países tinham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades. No entanto, segundo o manual, na hora de votarem sofriam pressão econômica e militar dos Estados Unidos e acabavam cedendo ao que convinha ao imperialismo. Assim, o objetivo desses temas estava em conscientizar o professor

sobre a importância de discernir o que realmente era de fato coletivo e o que era apenas aparência coletiva. E, quais as implicações de ambos os casos, para que o povo cubano nunca mais se deixassem enganar e entendessem que era necessário promover no homem a coletividade verdadeira para cumprir as aspirações do povo: o direito ao trabalho, a educação, a segurança, a liberdade e sobretudo o direito de viver em paz (CUBA, 1961a).

A Campanha de Alfabetização em Cuba, nesse sentido, pode ser compreendida como a materialidade desse processo de trazer o homem para a coletividade. Isto porque, segundo Pereira (1989):

No início do ano de 1961, foram localizados 979.207 analfabetos, dos quais 707.000 já estavam alfabetizados em dezembro. Ou seja, durante a Campanha Nacional de Alfabetização ficaram sem alfabetizar-se apenas 272.207 cubanos: 3,9% da população, pois Cuba tinha então 6.933.253 habitantes. Nesse residual estão excluídos os que se recusaram, os que se alfabetizaram em fevereiro de 1962 e os não-alfabetizáveis por razões de saúde, de idade, e por serem analfabetos em seu idioma, como foi o caso dos 25.000 haitianos residentes nas províncias de Oriente e Camagüey. Não obstante, 3,9% é um dos índices de analfabetismo mais baixos do mundo, somente comparável com os da União Soviética, Tchecoslováquia, Suíça, França, Inglaterra e Japão (PEREIRA, 1989, p.18).

Esse resultado, só foi possível porque as condições materiais eram favoráveis como por exemplo a unidade da língua. Mas o engajamento da população pela coletividade de forma espantosa se sobressaiu (HUTEAU; LAUTREY, 1976). Fato que possibilitou à Revolução que estava ameaçada pelo bloqueio econômico se consolidar e se fortalecer em todo o país. Pode-se então problematizar que o slogan: “que todo analfabeto tenha um alfabetizador – que todo alfabetizador tenha um analfabeto! [...] Se não sabes aprende; se sabes, ensina!” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p. 37), permitiu que todo um povo recuperasse a sua dignidade por meio da leitura e escrita, mas sobretudo pela coletividade.

Esse fator fica ainda mais evidente quando os resultados da Campanha de Alfabetização são comparados com a situação do analfabetismo em outros países da América Latina no ano de 1961. A tabela abaixo, permite demonstrar de forma mais concreta esse processo:

**Tabela 01 - A Situação do Analfabetismo na América Latina no Final do Ano de 1961**

<b>País</b>	<b>Analfabetos</b>	<b>Porcentagem</b>
Argentina	1.541.678	13,6
Bolívia	1.109.385	67,9
Brasil	15.272.632	50,5
Colômbia	2.429.333	37,7
Costa Rica	94.492	20,6
Chile	730.124	19,6
Equador	815.464	44,2
El Salvador	644.514	59,0
Guatemala	138.297	70,6
Guiana	55.402	24,0
Haiti	1.718.278	89,3
Honduras	631.999	64,8
Honduras Britânicas	6.845	18,8
México	8.942.399	42,5
Nicarágua	369.376	61,6
Panamá	132.978	30,1
Paraguai	255.411	34,2
Peru	2.071.637	57,6
Porto Rico	335.799	26,7
República Dominicana	677.293	57,1
Venezuela	1.365.888	64,8
Cuba	272.207	3,9

Fonte: PEREIRA, 1989, p.69.

Os dados acima comprovam o êxito da Campanha Nacional de Alfabetização Cubana. Portanto, comprovam o êxito de trazer o indivíduo para coletividade. Em todo o processo de formação do *jovem maestro*, nesta perspectiva, aprender a coletividade estava além de saber conviver em grupo, consistia no pleno desenvolvimento da consciência revolucionária para aprender a refletir, analisar e agir de maneira crítica e transformadora.

Esse objetivo de coletividade permeou o processo educacional cubano de educação direta, indireta e autoeducação. E, após 58 anos de Revolução permitiu um grande avanço no campo educacional, não apenas na alfabetização como demonstra o quadro a seguir:

**Tabela 02 - Os Avanços Quantitativos da Educação Cubana entre o ano de 1959 e 2011**

<b>Antes de 1959</b>	<b>Em 2011</b>
22 mil professores ativos, além de 10 mil sem emprego por falta de orçamento e escolas, população de 6 milhões de habitantes.	258.126 professores e 15.741 em formação, cursando os últimos anos, população de 11,2 milhões de habitantes
Orçamento da educação: 79,4 milhões de pesos, o que era objeto de roubo por parte dos políticos do momento.	Orçamento da educação: 9,6 bilhões de pesos (2010).
23,6% de analfabetismo na população de 15 anos, com porcentagens similares de semianalfabetos.	0,2% de índice de analfabetismo na população com mais de 10 anos.
Escolaridade média de 3 anos.	Escolaridade média de 10 anos.
Só 55,1% das crianças entre 6 e 11 anos estava escolarizada.	99,7% das crianças entre 6 e 11 anos cursam e terminam a educação primária.
Três universidades estatais com limitado acesso.	65 universidades que permitiram levar os estudos universitários até todos os municípios da Ilha.

Escasso número de alunos formados em universidades.	Um milhão de alunos formados em universidades no período de 1960 a 2010.
Seis escolas normais para formar professores. Com acesso limitado.	16 universidades de Ciências Pedagógicas e 18 escolas pedagógicas para formar os docentes que o país precisa.

Fonte: LÓPEZ, 2011, p.56.

Dos dados acima é importante destacar que o empenho pela alfabetização continuou após o término da Campanha, pois Cuba conseguiu reduzir seu índice de analfabetismo para 0,2% na população com mais de 10 anos. O que pode demonstrar que os objetivos da educação revolucionária se aperfeiçoaram. O que implicou em transformações significativas em todo o campo pedagógico.

Em meio aos avanços quantitativos, a educação cubana também apresentou grande avanço nos aspectos qualitativos. Para Margarita Quintero López (2011) em *A Educação em Cuba: seus fundamentos e desafios*, os avanços qualitativos da educação cubana foi possível por meio da aplicação dos princípios em que se fundamenta. Para a autora, a educação em Cuba está hoje alicerçada nos princípios de: Abrangência da educação, Combinação do estudo com o trabalho, Coeducação, Gratuidade e a participação ativa. Sendo muitos desses, senão todos gestados no período de Campanha de Alfabetização.

A educação em Cuba, nesse sentido, seguiu em seu objetivo para seu aperfeiçoamento e hoje, segundo López (2011) se constituiu em um dever elementar de “[...] humanidade e justiça social, [...] também constitui um imperativo dessa época e a segurança de seu futuro na preparação das novas gerações, para garantir a continuidade da obra revolucionária empreendida há mais de meio século” (LÓZPEZ, 2011, 56).

Por isso, a autora argumenta que a Educação em Cuba deve ser valorizada com modéstia, mas também com muito orgulho. Porque:

[...] a obra educativa realizada, cujos resultados, ainda perfectíveis, são reflexo do esforço coletivo realizado pelo povo e da vontade política de sua direção para consegui-lo. Essa obra está presente em todos os cantos do país, em cada uma das instituições educativas e no trabalho que realizam, dia após dia de forma abnegada, os educadores (LÓPEZ, 2011, p.58).

Neste sentido, pode-se considerar que a educação e a formação docente revolucionária em Cuba, por meio do manual *Alfabetemos* (1961a) caminhou para uma efetiva práxis pedagógica, compreendida como a formação de um homem livre, culto e disposto a ser um soldado de sua Pátria. Esses princípios foram se aperfeiçoaram e observa-se um possível articulação com o *homem novo* elucidados por Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967) que será discutido no próximo capítulo.

#### 4. AS NOVAS NECESSIDADES EDUCATIVAS E A PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: TODO APRENDIZ UM MESTRE

A discussão dos antecedentes da campanha de alfabetização e o conceito cubano de revolução no *Manual Alfabetecemos* (1961a), fez-se necessária para analisar como se efetivou a formação de professores nesse período e a influência que teve o *Currículo Oculto*, ou ideológico nessa formação.

Para responder as questões levantadas nos capítulos anteriores sobre o ideal de formação, para o possível modelo de *homem novo*, foi necessário analisar o discurso de Ernesto Che Guevara *O socialismo e o homem em Cuba* (1995) e o discurso de Fidel Castro, no funeral do Che Guevara em 1997. Nos escritos de Guevara (1995), foi evidenciado o manual de uma pedagogia revolucionária e, na exposição de Fidel Castro (1997) Che Guevara é apontado como o modelo de homem ideal, que atenderia as necessidades cubanas daquele período.

A preocupação, neste capítulo, foi destacar qual o resultado pretendido na elaboração do *Manual Alfabetecemos* (1961a), ao propor um modelo de homem que mais tarde foi construído e nomeado como *homem novo- mestre e aprendiz*, num movimento de autoeducação.

A análise do material didático de formação dos professores apontava para um *homem novo* que foi propagado nos discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967) e, que articulava-se no *Manual* e na *Cartilha* como homem livre, culto e miliciano, e que resultou no *homem novo*.

No I Congresso Nacional de Alfabetização em Cuba, realizado para reavaliar a Campanha de Alfabetização, Fidel Castro explicitou que o objetivo da formação docente por meio do *Manual Alfabetecemos* (1961a) estava também em convencer o professor que seria o maior instrumento de propagação dos ideias revolucionários. Afirmou que Revolução e educação deveriam ser sinônimos (CUBA, 1961d). Neste congresso, Fidel Castro explicou aos participantes:

[...] em poucos outros aspectos da Revolução tem se avançado tanto como no campo da educação. É que não se concebe uma Revolução sem uma grande Revolução também no campo da educação. Quer

dizer, que Revolução e educação são duas coisas quase sinônimas (CUBA, 1961d, p.113).

Ao explicar que Revolução e educação eram sinônimos, Fidel Castro, ainda enfatizou que somente uma Revolução ao transformar seu quadro político, econômico e social poderia levar o homem a ser livre da ignorância que o analfabetismo proporcionava. Por isso o mais importante da escola (naquele período era importante destacar que, segundo os líderes revolucionários, toda a sociedade deveria se converter em uma escola) era o maestro (CUBA, 1961d).

Isto porque, as conquistas relacionadas a Campanha de alfabetização até aquele momento, só haviam sido possíveis, para Fidel Castro, porque o maestro havia chegado as montanhas primeiro do que o edifício e as comodidades de uma sala de aula (CUBA, 1961d).

Exemplificando que o *jovem maestro* cubano havia possivelmente assumido a responsabilidade de transformar seu destino (CUBA, 1961d). Pois só um povo disposto a criar o seu destino demonstraria, segundo Fidel Castro “[...] tal incorporação massiva à uma tarefa, tal amor por uma tarefa, tal febre em criar e tal febre em trabalhar” (CUBA, 1961d, p.128), como o professor alfabetizador que participava ativamente da Campanha.

Essas características de conduta moral, disciplina e força de vontade para superar as dificuldades e transformar qualquer espaço em uma sala de aula, tão salientadas por Fidel Castro em seu discurso, estavam implícitas no *Currículo Oculto* do Manual *Alfabetecemos* (1961): “[...] Não importa o lugar, com patriotismo e força de vontade se pode contribuir para elevar o nível cultural do nosso povo, ensinando a ler e escrever o que não sabe (CUBA, 1961a, p.01, tradução nossa)<sup>82</sup>.

Assim, a formação do professor da Campanha de Alfabetização pode ter sido essencial como ponto de partida para superação das novas necessidades educativas que se desenvolveram em Cuba em meio ao processo revolucionário. Tornara-se necessário, portanto, proporcionar ao povo cubano um novo ideal de cultura, conhecimento, trabalho, política e educação. E, subentendia-se que a

---

<sup>82</sup>[...] No importa el lugar, con patriotismo y fuerza de voluntad se puede contribuir a elevar el nivel cultural de nuestro pueblo, enseñando a leer al que no sabe” (CUBA, 1961a, p.01).

formação recebida por meio do manual *Alfabetecemos* (1961a) proporcionava ao professor a internalização desses novos conhecimentos essenciais ao *homem novo* sistematizado por Che Guevara em 1965.

Ou seja, fazia do professor alfabetizador o próprio *homem novo* que estaria pronto para atuar mediante uma práxis revolucionária. Colocando, dessa forma, o princípio da pedagogia revolucionária de aprendiz e mestre em prática. Nesta perspectiva, este capítulo centrou-se em investigar qual a contribuição do manual *Alfabetecemos* (1961a) na formação docente revolucionária em Cuba, dito de outra forma, na formação do revolucionário *homem novo*. É importante destacar que foi Che Guevara inspirado pelos escritos de Marx quem elaborou o manual da pedagogia revolucionária que visava formar o homem do futuro, o *homem novo* que será discutido a seguir.

#### 4.1 O *Homem Novo*: O Aprendiz e Mestre

Partindo do entendimento de *homem como* um ser genérico, portanto histórico social, conforme as explicações marxistas, Che Guevara, nascido na Argentina, se dedicou de forma prática e teórica, a formar em Cuba um *homem novo* liberto dos dogmas burgueses de propriedade privada e liberdade egoísta, um homem essencialmente humano, com uma atitude crítica diante sua materialidade histórica.

Fidel Castro conhece Che Guevara, como mencionado, no período em que ele e os sobreviventes do movimento 26 de julho decidiram se refugiar no México em 1955, a fim de planejar a Revolução. Ao corroborar com as ideias do grupo, Che Guevara se junta a eles, a princípio como médico das tropas. Che Guevara participou da marcha em direção a Cuba em 1956 no *Granma*<sup>83</sup>, percurso esse que, segundo Fidel Castro (1967), foi muito difícil para Che Guevara que foi acometido

---

<sup>83</sup>Único barco que conseguiram adquirir para retornarem a Cuba, estava em manutenção e não poderia abrigar mais que 12 pessoas. Porém, 82 homens com poucas armas e alimentação insuficiente para a viagem embarcaram no pequeno barco. Essas controvérsias atrasaram a viagem a Cuba em dois dias e o desembarque foi uma tragédia, o *Granma* atolou no mangue e os guerrilheiros tiveram que terminar o trajeto a nado ou a pé.

por uma forte crise asmática. E já nos primeiros combates da guerrilha Che Guevara ganhou a admiração e prestígio do grupo, se destacou como líder, tornando-se de médico à chefe do ataque a *Sierra Maestra*. Fidel Castro (1967) explicou como de imediato suscitou sua admiração:

Essa era uma de suas características essenciais: a disposição imediata, instantânea, oferecendo-se para realizar a missão mais perigosa. E isso, naturalmente, suscitava a admiração, a dupla admiração por aquele companheiro que estava lutando conosco, que não havia nascido nesta terra, que era um homem de ideias profundas, que era um homem cuja mente fervilhava sonhos de luta em outras partes do continente e, contudo, aquele altruísmo, aquele desinteresse, aquela disposição para fazer sempre o mais difícil, a arriscar sua vida constantemente (CASTRO, 1967, p.3, tradução nossa)<sup>84</sup>.

Desse modo, seus escritos e discursos puderam contribuir para o entendimento da pedagogia revolucionária que se pretendia formar em Cuba com vistas à formação do revolucionário *homem novo*.

Che Guevara não sistematizou sua tese sobre o *homem novo* como gostaria, mas seu ideário está explícito nos seus escritos. Compreendia que no momento em que assumem o poder, os revolucionários careciam de “conhecimentos e audácia intelectual necessários para encarar a tarefa do desenvolvimento de um *homem novo* por métodos diferentes dos convencionais” (GUEVARA, 2004, p.261), mas acreditava que nas ações cotidianas, ao transformarem suas consciências forjariam o novo homem cubano, dotado de uma nova moral, a moral comunista.

Newton Ferreira da Silva (2011), explicita que para Che Guevara nada deteria a busca norte americana pela riqueza a não ser uma revolução da consciência, por isso se dedicou com maior ímpeto nos estudos e tentativas práticas de como transformar a consciência do povo e construir uma nova moral.

---

<sup>84</sup>Esa era una de sus características esenciales: la disposición inmediata, instantánea, a ofrecerse para realizar la misión más peligrosa. Y aquello, naturalmente, suscitaba la admiración, la doble admiración hacia aquel compañero que luchaba junto a nosotros, que no había nacido en esta tierra, que era un hombre de ideas profundas, que era un hombre en cuya mente bullían sueños de lucha en otras partes del continente y, sin embargo, aquel altruismo, aquel desinterés, aquella disposición a hacer siempre lo más difícil, a arriesgar su vida constantemente (CASTRO, 1967, p.3).

Para Che Guevara essa transformação da consciência humana não deveria ser um produto final da Revolução e sim os revolucionários já deveriam praticá-la de maneira consciente. Sobre essa perspectiva Florestan Fernandes (1979, p.49) também problematiza que “o *homem novo* e a sociedade nova não constituem produtos finais. São o ponto de partida do verdadeiro desenvolvimento do socialismo e da superação deste pelo comunismo: a garantia de que a revolução permanente persistirá e se fará na direção certa.”

Esse princípio de não esperar as condições estarem prontas para que se comesse a praticá-las se aproxima da explicação dada no *Manual Alfabeticemos* (1961a) sobre o que representava a capa do material. No qual o professor ensinando embaixo de uma árvore queria representar, segundo a explicação do próprio material, que a importância da escola não estava no edifício chamado escola mas na ação e comunicação consciente entre professor e aluno (CUBA, 1961a).

Para Che Guevara (1965), era necessário no processo de formação da nova sociedade erradicar as seduções de um passado que desenvolve uma consciência individual e capitalista. Para ele, o caminho que Cuba enfrentaria para construir uma base econômica socialista e no futuro comunista seria árduo e “a tentação de seguir pelos caminhos do interesse material como alavanca impulsora de um desenvolvimento acelerado é muito grande” (GUEVARA, 1965, p.8), portanto, fazia-se necessário desenvolver uma educação que contemplasse o trabalho social, ou seja, o trabalho voluntário e o socialismo.

Dessa forma, Che Guevara explicitava a importância de se refletir sobre o melhor método e instrumento que deveria ser utilizado para educar o povo e argumentava que o melhor instrumento a ser utilizado seria a propagação por meio da educação e cultura da índole moral e a conscientização da utilização correta dos meios de produção. “Como já disse, num momento de perigo extremo é fácil potencializar os estímulos morais; para manter sua vigência, é necessário que se desenvolva uma consciência na qual os valores adquiram categorias novas” (GUEVARA, 1965, p.9).

Para Che Guevara (1965) com a formação do *homem novo*, o homem seria liberto da alienação e tornaria-se sujeito de sua própria história desenvolvendo uma práxis revolucionária.

O *homem novo* ou homem socialista do século XXI, que para Che Guevara (1965) a sociedade cubana criaria deveria superar:

[...] aqueles cuja falta de educação os faz tender para o caminho solitário, para a auto-satisfação de suas ambições, aqueles que mesmo dentro desse novo panorama de marcha conjunta têm a tendência de caminhar isolados da massa que acompanham, o importante é que os homens adquirem cada dia maior consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores da mesma (GUEVARA, 1965, p.11).

Nesse sentido, o *homem novo* assumiria o dever social de realizar a tarefa pedagógica de ensinar e aprender, gestando a consciência coletiva, que iria inserir o indivíduo na coletividade. Esses princípios elucidados por Che Guevara (1961a) sobre como deveria ser o *homem novo*, podem representar uma possível aproximação com os ideais implícitos no *Currículo Oculto do Manual Alfabetizamos* (1961a). Uma vez, que ao *jovem Maestro* eram proporcionadas atividades que forçava-o a lidar com as dificuldades que enfrentariam naquele período na vida do campo, a falta de luz elétrica, de água encanada e banheiros. Bem como a internalização do dever social de aquele que não sabia deveria aprender e o que sabia ensinar.

Segundo Che Guevara (1965) o *homem novo* deveria se constituir no indivíduo que continuamente se reeducasse para transformar a sociedade, e que por meio dos conflitos sociais construísse seus próprios juízos de valor e se autoeducasse. Um homem que dominaria a ciência produtiva e a ciência humanista e ao mesmo tempo compartilharia o conhecimento produzido.

Para Che Guevara (1965), o *homem novo*, ou seja, o verdadeiro revolucionário deveria ser guiado “por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade” (GUEVARA, 1965, p. 23). Che Guevara (1965) ainda ressalta que: “[...] todos os dias deve-se lutar para que

este amor à humanidade viva se transforme em fatos concretos, em atos que sirvam de exemplo, de mobilização” (GUEVARA, 1965, p.23).

Para que esse fim seja atingido, Che Guevara (1965) compreendia que “a revolução se faz através do homem, mas o homem deve forjar dia a dia seu espírito revolucionário” (GUEVARA, 1965, p.25). Para tanto, os processos educativos explicitados por meio da cultura e da arte deveriam acentuar ao homem que estaria sendo formado:

[...] sua participação coletiva consciente, individual e coletiva em todos os mecanismos de direção e produção, e ligá-la à idéia da necessidade da educação técnica e ideológica, de maneira que sinta como estes processos são estreitamente interligados e seus avanços paralelos. Deste modo alcançará a total consciência de seu ser social, o que equivale à sua plena realização como criatura humana, uma vez quebradas as correntes da alienação (GUEVARA, 1965, p.14).

Michel Huteau e Jacques Lautrey afirmam em *Cuba: revolução no ensino* do ano de 1976, que o *homem novo* seria irmão gêmeo do que Marx denominava de homem integral ou *omnilateral*, pois “é a sua formação integral que lhe permite ser consciente” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.197).

Para Marx (2004, p.117), o homem *omnilateral* é “a ratificação do homem como ser genérico lúcido”, dito de outra forma, corrobora-se com José Joaquim Pereira Melo e Roseli Gall do Amaral da Silva (2007), em *A questão teoria e prática e suas implicações para a formação docente* quando explicitam que o homem omnilateral é aquele em que tem condições materiais e intelectuais “de conhecer, compreender e assumir suas próprias conclusões a respeito da produção da vida como atores e autores do seu momento histórico” (PEREIRA MELO; AMARAL, 2007, p.10).

Para os autores, essas condições são proporcionadas na medida em que os sujeitos conseguem desvelar as contradições do mundo do trabalho. Desse modo, para os autores “desvelar então o mundo do trabalho, é desvelar a própria vida, e compreender como se organizam os homens, permite compreender suas práticas que sempre se embasam em uma teoria de suporte” (PEREIRA MELO; AMARAL, 2007, p.10).

Segundo os autores, o trabalho é o elemento mediador à formação omnilateral, e Marx e Engels contribuíram para a desmistificação da educação por meio da compreensão das relações sociais de trabalho, assim como a compreensão da ideologia burguesa e elucidou “o conhecimento como instrumento que permita desmascarar no processo histórico as relações sociais como construto humano e, portanto cabível de interferências e mudanças” (PEREIRA MELO; AMARAL, 2007, p.2).

Nesta perspectiva, Huteau e Lautrey (1976) ao tratarem sobre o *homem novo* explicitam que além do papel fundamental que ele exerce ao desenvolvimento da consciência comunista, outro aspecto importante é sua contribuição para evitar a formação de uma intelectualidade sem conhecimento do mundo do trabalho o que poderia gerar uma nova burguesia.

Esses mesmos princípios, podem ser observados na proposta pedagógica desenvolvida em Cuba para o processo de formação docente revolucionária, principalmente nos que diz respeito aos ideais de Che Guevara (1965) à construção do *homem novo*, revolucionário e socialista e, por conseguinte o desenvolvimento da consciência das massas, pois para Che Guevara o indivíduo socialista seria formado no bojo das novas relações sociais que se consolidavam em Cuba. E, ao mesmo tempo influenciaria a construção do novo modo de produção em uma relação dialética. Ou seja, na medida em que o *homem novo* fosse se desenvolvendo, ao se autoeducar teria condições materiais e intelectuais para se assumir como autor e ator do seu momento histórico. Na proposta pedagógica esses princípios estariam relacionados na necessidade do professor alfabetizador aprender a trabalhar no coletivo.

Para tanto, para a defesa militar e armada da Revolução, o trabalho e a educação deveria caminhar juntos. Nesta perspectiva, Che Guevara elucida o papel da educação: “[...] e os jovens – eu entre eles, pois me considero um jovem – temos que estudar, e estudar forte. [...] Deve-se estudar de qualquer maneira, sem nenhuma desculpa [...] estudar é uma obrigação revolucionária.” (GUEVARA, 2004 p.155). Do mesmo modo, sobre a educação Fidel Castro (1976) explicitou:

Há de converter a educação numa virtude, e a ignorância num vício; há que fazer com que se envergonhe todo aquele que não saiba ler nem escrever, sobretudo depois desta oportunidade que se vai dar a toda a gente. Que o não saber ler nem escrever se torne um vício e um defeito dos mais condenáveis e dos mais tristes. Porque, enquanto houver cidadãos que não saibam ler nem escrever, e vivam satisfeitos de serem ignorantes, sempre existirão dificuldades (CASTRO, 1976, p.2).

Diante destas constatações, pode-se concluir que o *homem novo*, para os líderes da Revolução, é o homem autoconsciente. Sua formação deveria acontecer em meio ao processo de transição do modo de produção capitalista para o socialista por meio da educação e da experiência solidária. Nesse sentido, o professor deveria adquirir em sua formação os princípios do *homem novo*, para que pudesse ser aquele que constrói e ao mesmo tempo é fruto da nova sociedade.

Para atingir esse fim, foi necessário por meio do manual *Alfabetecemos* (1961a) trazer explicações e orientações, para que o professor da Campanha de Alfabetização internalizasse os novos ideais revolucionários de cultura, conhecimento, trabalho, política, educação e defesa militar. Ao mesmo tempo instruir como o professor deveria agir para que esses novos conhecimentos fossem mediados e também internalizados pelos alfabetizandos.

Os professores da Campanha de alfabetização, eram em um primeiro momento, instruídos a trabalharem com os camponeses nos campos e só a noite exercer o ofício de ensinar a ler.

Nesse período em que passariam juntos, orientava-se no manual *Alfabetecemos* (1961a) que o professor, como elucidado em sua formação didática, deveria estabelecer uma relação de amizade e cooperação com o camponês, como já discutido no segundo capítulo, para que a harmonização entre o estudo com o trabalho fosse colocada em prática. Pois, esse princípio deveria ser a base para a construção da nova sociedade, e, só a partir dele seriam internalizados os novos conhecimentos necessários para a abolição da velha divisão social do trabalho e Cuba socialista seria construída. Por isso, a formação do professor da Campanha de Alfabetização foi fundamental.

Sobre esta perspectiva, dois anos depois em 1962, ao tratar sobre a educação, Fidel Castro (1976) argumentou que a revolução deu grande atenção à

formação do educador e que o mais importante para a revolução era educar. Educar o professor para que o mesmo pudesse educar um verdadeiro cidadão à “ser um irmão de todos os outros cidadãos; educá-lo no espírito do trabalho, educá-lo no espírito do cumprimento do dever, educá-lo nas ideias justas [...] para que não fique nem sombra da sociedade em que vivemos até aqui, egoísta [...] (CASTRO, 1976, p.46).

Assim, para Michel Huteau e Jacques Lautrey (1976), a pedagogia revolucionária atuou de forma mais expressiva na propagação dos princípios do trabalho produtivo e ou voluntário, na formação ideológica e política, nas atividades culturais e na educação física. O trabalho voluntário assume um papel essencial nessa formação, para tanto fez-se importante discuti-lo a seguir.

#### 4.2 Princípios para a formação do *homem novo*: o trabalho Voluntário

Para Che Guevara a consciência comunista em Cuba só poderia ser desenvolvida a partir do entendimento de trabalho como atividade do homem como ser genérico e não como ser individual, ou seja, por meio da prática do trabalho voluntário.

Che Guevara (1965), explicou em seu discurso *O socialismo e o homem* a nova condição que o trabalho deveria atingir por meio dos novos processos educativos:

A mercadoria homem cessa de existir e se instala um sistema, que outorga uma quota pelo cumprimento do dever social. Os meios de produção pertencem à sociedade e a máquina é apenas a trincheira onde o dever é cumprido. O homem começa a libertar seu pensamento da obrigação penosa que tinha de satisfazer suas necessidades animais através do trabalho. Ele começa a se ver retratado em sua obra e a compreender sua magnitude humana através do objeto criado, do trabalho realizado. Isto já não significa deixar uma parte de seu ser em forma de força de trabalho vendida, que não lhe pertence mais, mas significa uma emanação de si mesmo, uma contribuição à vida comum, em que se reflete; o cumprimento do seu dever social. Fazemos todos o possível para dar ao trabalho esta nova categoria de dever social e uni-lo, por um lado, ao desenvolvimento da técnica que dará condições para uma maior

liberdade e, por outro lado, ao trabalho voluntário, embasado na concepção marxista de que o homem realmente alcança sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de se vender como mercadoria (GUEVARA, 1965, p.15).

A prática do trabalho voluntário libertaria o homem dos preconceitos e juízos burgueses, portanto mais do que a sua importância para o desenvolvimento da economia de Cuba naquele momento a sua prática representava, para Che Guevara, o desenvolvimento da consciência dos revolucionários, ou seja, o desenvolvimento, a formação do *homem novo*.

O objetivo de Che Guevara com a prática do trabalho voluntário era romper com o princípio capitalista de divisão social do trabalho, era fazer com que não existisse mais o trabalho dividido por classes, e também para que com o tempo o homem cubano dominasse a técnica e a ciência, a produção e a elaboração conceitual de um produto.

Para Che Guevara o trabalho voluntário era um elo entre os trabalhadores “para preparar o caminho em direção a uma nova etapa da sociedade, onde não existirão as classes e, portanto, não poderá haver diferença alguma entre trabalhador manual e trabalhador intelectual, entre operário e camponês” (GUEVARA, 1982, p.76).

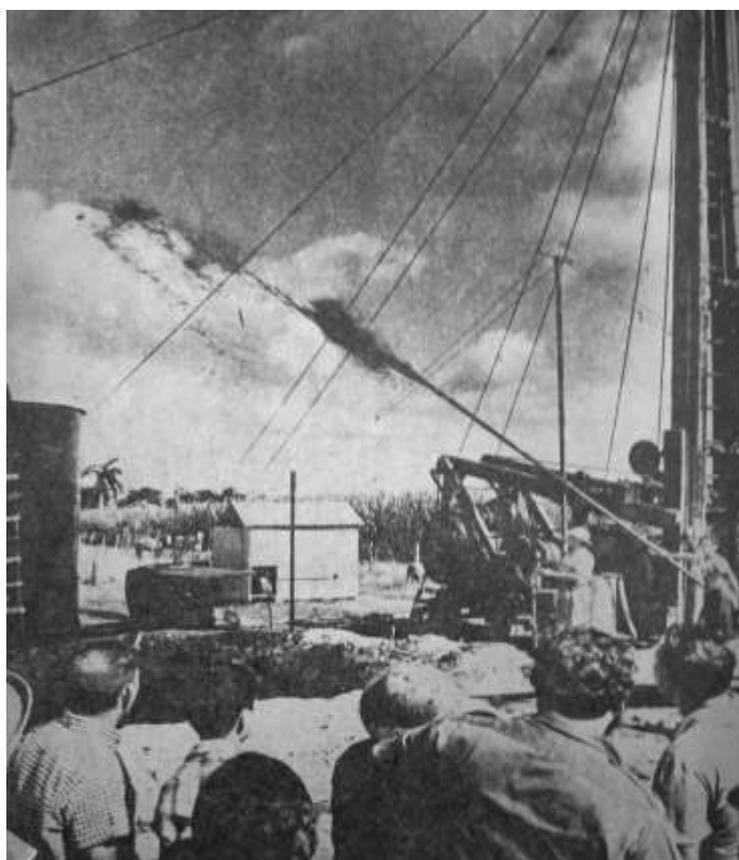
Silva (2011), argumenta que o trabalhador voluntário pode ser considerado a síntese do *homem novo* pretendido por Che Guevara, pois “trata-se de um trabalhador que, ainda na fase de transição socialista, já possui uma consciência e uma atitude mais avançadas, comunistas” (SILVA, 2011, p.108). Ao mesmo tempo que os que fazem essa prática estimulam outros a fazerem também desenvolvem ainda mais a sua consciência e se autoeducam, possibilitando a geração do *homem novo*.

Para Huteau e Lautrey (1976), fazia-se necessário saber se a prática desse tipo de atividade era mesmo voluntária ou se os indivíduos que a praticavam assim faziam por pressão das condições que os envolviam. Para Che Guevara o homem deveria sentir e entender a necessidade do trabalho voluntário, caso ele o fizesse por meio de pressão externa ou moral a alienação persistiria e ele não teria criado nada próprio, verdadeiramente livre.

Essa prática do trabalho voluntário pode ter sido iniciada em Cuba pelos *jovens maestros* durante o período da Campanha de Alfabetização que ao mesmo tempo em que ensinavam a ler e escrever eram ativistas da saúde. Construíram banheiros e poços nas casas e povoados que ficavam hospedados. Pereira (1989), argumenta que ao final da Campanha haviam sido construídas pelos professores brigadistas aproximadamente de 30 a 40 mil banheiros.

Sobre a prática do trabalho voluntário, a cartilha *Venceremos* (1961b), na lição intitulada *O Povo Trabalha* apresenta a seguinte imagem:

**Figura 10 – Foto da Lição *O Povo Trabalha* da Cartilha *Venceremos***



Fonte: CUBA, 1961b, p.86.

Na imagem ilustrada, o professor auxilia a construção de um poço na área rural. Nesse sentido, observa-se o caráter pedagógico implícito na imagem, para gerar na população a responsabilidade de que todos em Cuba eram trabalhadores e

tinham o dever de contribuir para a melhoria do país por meio da prática do trabalho voluntário.

Deveriam seguir o modelo do trabalho voluntário tendo como exemplo o professor que além de dar aulas, prestava serviços na área da saúde auxiliando na construção de poços nas áreas onde se encontrava. Com a prestação desse serviço o professor estava exercendo seu caráter e responsabilidade em servir o Estado no que fosse necessário para o bem de todos, estava por meio do exemplo instruindo a população a fazer o mesmo.

Sobre esta prática, Peroni (2006), traz em seu livro um relato do coordenador nacional da Campanha de Alfabetização:

Junto com a cartilha se fez uma cartilha de saúde pública, para melhorar o meio ambiente, ensinar a todos os trabalhadores rurais a ferver a água, o serviço sanitário, o problema do asseio pessoal, do lugar, do vestuário, tudo sobre saúde pública. Cada brigadista se converteu em um funcionário do Ministério de Saúde Pública. Foram 100.000, em rincões onde nunca o Ministério de Saúde Pública pôde chegar, e a revolução conseguiu ter um representante de saúde pública em cada um destes rincões de Cuba (PERONI, 2006, p.75).

Peroni (2006), também explica que o coordenador da Campanha de Alfabetização argumentou sobre o trabalho voluntário que os professores brigadistas realizavam em acompanhar as crianças e os adultos ao médico, e como contribuíram para realizar os exames de vista nos camponeses. Segundo o relato do coordenador se os professores não tivessem contribuído em vez de 3,9% de analfabetismo residual ao final da Campanha, essa porcentagem teria subido para aproximadamente para 14% ou 16% (PERONI, 2006). A autora também, demonstra como o coordenador explicou a forma que conseguiram viabilizar em pouco tempo tantos óculos:

[...] em Cuba, com o Triunfo da Revolução, os especialistas da vista eram os ricos ou os filhos dos ricos. Como o imperialismo nos roubou tantos profissionais, estes foram os primeiros a ir, ficaram poucos. Como os oftometristas eram mais parte do povo, ao menos naquela época, e havia duas fábricas ou três de óculos, nos pusemos em contato com eles e lhes pedimos apoio, já era outro organismo do Estado apoiando, se esperássemos pelos médicos não poderíamos resolver. Então, Fidel determinou que havíamos de utilizar os

ofmetristas. [...] nossa Revolução não somente resolveu o problema, momentaneamente, para que alfabetizassem, para poder baixar o percentual, mas ao mesmo tempo dar a vista para o 'Seguimento', para ler jornais, para que pudessem se politizar, entreter-se, para que pudessem viver a vida, entende? Lendo... que valor tem esta coisa que parece uma bobagem e a consequência tão maravilhosa isto tem! (PERONI, 2006, p.76).

Vera Peroni (2006) complementa que o coordenador havia relatado que a população recebia estes óculos com grande festa, choravam, cantavam, uma vizinha chamava a outra e com os óculos sentavam-se para ler.

O que chama atenção no relato descrito no livro de Peroni (2006), é a fala do coordenador dizendo que a intenção não era apenas elevar os índices para demonstrar o sucesso da Campanha mas sim em garantir o seguimento dos objetivos da mesma. Além de proporcionar uma vida melhor ao camponês, ele poderia se politizar. Este argumento demonstra o processo de desenvolvimento de uma nova consciência: os esforços empreendidos por todos na Campanha de Alfabetização visava superar o imediato e conjuntural, construir um *homem novo*.

Assim, durante a Campanha de Alfabetização todos participaram do processo de aprendizagem. Todos aprendiam e ensinavam. Os professores aprenderam novos conhecimentos por meio do manual *Alfabeticemos* (1961a), colocavam-os em prática e por meio do exemplo ensinavam os camponeses a prática do trabalho voluntário. E, os camponeses por sua vez, ensinavam os professores a lidarem com a difícil vida no campo. Ambos, aprendizes e mestres, aprenderam a conviver no coletivo e superaram o analfabetismo e contribuíram para formar uma nova geração de trabalhadores. Conscientes da importância social do trabalho humano.

Assim, segundo Huteau e Lautrey (1976), a prática do trabalho voluntário em Cuba, foi estimulada desde o início do governo revolucionário pelo “[...] seu valor pedagógico e também, é evidente, porque constitui uma participação econômica indispensável” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.206).

Do ponto de vista pedagógico, segundo os autores, a prática do trabalho voluntário representou sem dúvidas em Cuba o fator mais importante para desenvolver uma nova consciência nos trabalhadores e para atenuar as relações hierárquicas. Pois aproximava o chefe do escritório e o operário. E, segundo os

autores “[...] coloca os homens numa situação onde só motivações ideológicas, morais podem basear a sua actuação” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.206). Sendo portanto, uma condição de plena humanização, pois contribuiria para evitar o constrangimento físico de ter de se vender como mercadoria (HUTEAU; LAUTREY, 1976).

É importante destacar, que Che Guevara não tinha ilusões, segundo Huteau e Lautrey (1976), sobre o real alcance pedagógico do trabalho voluntário pois fazer o homem se sentir atraído para realizar tal tarefa por uma decisão interna estava diametralmente diferenciada de atraí-lo por meio do ambiente que o rodeava. Para Che Guevara (1968, p.114):

[...] o meio deve ajudar o homem a sentir essa necessidade; todavia, se for apenas o meio ou uma pressão moral que o levar a isso, então continuará a alienação da pessoas no trabalho voluntário; isto quer dizer que ele não realizará qualquer coisa que lhe seja próprio, uma coisa nova realizada em toda a liberdade. Ele continuará a ser escravo do trabalho.

Assim, para Che Guevara (1968), o trabalho para ser de fato voluntário deveria partir do próprio indivíduo e não deveria ser executado por imposição. Nesse sentido, não se pode achar que em nenhum momento não tenha existido em Cuba a prática do trabalho voluntário de maneira coercitiva. Todavia, não se pode negar o esforço que foi realizado para que seu caráter pedagógico fosse qualitativo.

Do ponto de vista econômico, o princípio do trabalho voluntário pode ter sido utilizado para atenuar as dificuldades enfrentadas pela a evasão de grande parte dos técnicos influenciados pelos movimentos contrarrevolucionários e pelo bloqueio econômico por parte dos Estados Unidos.

Nesse sentido, pode-se problematizar, que foi por meio desse princípio econômico do trabalho voluntário, correlacionado ao seu caráter pedagógico e a influência do Espírito Missionário que se desenvolveu por meio dessa prática que faz com que Cuba até hoje envie trabalhadores na área da saúde e educação para todo o mundo. Esse Espírito Missionário pode ser evidenciado no trecho da Primeira Declaração de Havana que se encontra no manual *Alfabeticemos* (1961a):

[...] o dever de cada povo é a solidariedade com todos os povos oprimidos, colonizados, explorados ou agredidos, seja qual for o lugar do mundo em que esses países se encontram e a distância geográfica que os separe. Todos os povos do mundo são irmãos! A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba reafirma sua fé que a América Latina estará em breve, unida e vencedora, livre das ataduras que convertem suas economias em riquezas alienadas ao imperialismo norteamericano e que lhe impedem fazer ouvir sua verdadeira voz nas reuniões onde canceleres domesticados fazem coro infame ao ditador despótico. Ela ratifica, portanto, sua decisão de trabalhar para esse destino comum latino americano que permitirá aos nossos países construir uma verdadeira solidariedade, baseada na vontade livre de cada um deles e nas aspirações conjuntas de todos [...] (CUBA, 1961a, p.75, tradução nossa)<sup>85</sup>.

Nesta perspectiva, pode-se considerar que o trabalho voluntário foi em Cuba uma escola criadora de consciência e esteve presente desde a formação do professor alfabetizador. E, pode representar o esforço realizado na sociedade e para a sociedade de contribuição individual e coletiva para a formação do *homem novo* elucidado no discurso de Che Guevara. Outro principal meio utilizado na sociedade cubana, segundo Che Guevara (1965), para se efetivar a pedagogia revolucionária e materializar o seu projeto antropológico foram as atividades culturais e a formação ideológica, política e artística, discutiremos a esse respeito a seguir.

#### 4.2.1 A Formação Ideológica, Política, Artística e Cultural

As atividades artísticas e culturais seriam de grande importância à formação do *homem novo*, pois, na visão guevarista “falta o desenvolvimento de um

---

<sup>85</sup>[...] el deber de cada pueblo a la solidaridad con todos los pueblos oprimidos, colonizados, explotados o agredidos, sea cual fuere el lugar del mundo en que éstos se encuentren y la distancia geográfica que los separe. ¡Todos los pueblos del mundo son hermanos! La Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba reafirma su fe en que la América Latina marchará pronto, unida y vencedora, libre de las ataduras que convierten sus economías en riqueza enajenada al imperialismo norteamericano y que le impiden hacer oír su verdadera voz en las reuniones donde Cancilleres domesticados hacen de coro infamante al amo despótico. Ratifica, por ello, su decisión de trabajar por ese común destino latinoamericano que permitirá a nuestros países edificar una solidaridad verdadera, asentada en la libre voluntad de cada uno de ellos y las aspiraciones conjuntas de todos [...] (CUBA, 1961a, p.75).

mecanismo ideológico e cultural que permita a pesquisa e destrua a erva daninha tão facilmente multiplicável no terreno beneficiado pela subvenção estatal” (GUEVARA, 1965, p.19). A erva daninha de quem aqui trata Che Guevara seria o imperialismo estadunidense. Para impedir que o povo cubano se pervertesse e pervertesse também a nova geração a ser formada, era necessário para Che Guevara (1965), a formação de artistas autenticamente revolucionários para que ampliasse o campo da cultura revolucionária. Para os cubanos a arte é uma arma da revolução.

Corrobora-se com Huteau e Lautrey (1976), quando argumentam que a formação cultural e ideológica desempenham um papel fundamental na educação moral necessária para o desenvolvimento do modo de produção comunista. Para os autores, os cubanos “põem claramente uma cultura popular, assente no coletivismo, à cultura burguesa repassada de individualismo” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p. 210).

Em junho de 1961 Fidel Castro (1961e) fez um discurso ao final das reuniões realizadas com os intelectuais cubanos na Biblioteca Nacional, que assentou as bases da política cultural da Revolução Cubana. Este discurso ficou conhecido por toda a América Latina como *Palavras aos Intelectuais*. Nele, Fidel Castro (1961e) explicitou:

A Revolução não pode pretender sufocar a arte ou a cultura, quando um dos objetivos e um dos propósitos fundamentais da Revolução é desenvolver a arte e a cultura, precisamente para que a arte e a cultura possam se tornar uma verdadeira herança do povo. E assim como desejamos uma vida melhor para as pessoas na ordem material, queremos uma vida melhor para as pessoas também na ordem espiritual, queremos uma vida melhor para as pessoas na ordem cultural. E assim como a Revolução está preocupada com o desenvolvimento de condições e forças que permitam às pessoas satisfazer todas as suas necessidades materiais, também queremos desenvolver as condições que permitam às pessoas satisfazer todas as suas necessidades culturais (CASTRO, 1961e, on-line, tradução nossa)<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup>La Revolución no puede pretender asfixiar el arte o la cultura, cuando una de las metas y uno de los propósitos fundamentales de la Revolución es desarrollar el arte y la cultura, precisamente para que el arte y la cultura lleguen a ser un verdadero patrimonio del pueblo. Y al igual que nosotros hemos

No entanto, essas necessidades culturais não poderiam estar contra a Revolução. Sobre esta perspectiva Fidel Castro (1961e) argumentou:

A Revolução tem que entender essa realidade e, portanto, deve agir de tal maneira que todo aquele setor de artistas e intelectuais que não são genuinamente revolucionários descubra que dentro da Revolução eles têm um campo para trabalhar e criar; e que seu espírito criativo, mesmo quando não são escritores ou artistas revolucionários, têm a oportunidade e a liberdade de se expressar. Isto é, dentro da Revolução. Isso significa que dentro da Revolução tudo; contra a Revolução, nada. Contra a Revolução nada, porque a Revolução também tem seus direitos; e o primeiro direito da Revolução é o direito de existir. E confrontado com o direito da Revolução de existir e existir, ninguém - porque a Revolução compreende os interesses do povo, porque a Revolução significa os interesses de toda a nação - ninguém pode reivindicar corretamente um direito contra ela. Eu acho que isso é muito claro (CASTRO, 1961e, on-line, tradução nossa)<sup>87</sup>.

Assim, em nome da Revolução, Fidel Castro (1961e), deixa claro que às produções artísticas e culturais deveriam atender a política da Revolução. Este seria um princípio para todos os cidadãos, um princípio fundamental da Revolução. Castro (1961e), justificou tal medida pelo fato de que a cultura burguesa só havia permitido até então que alguns indivíduos se distinguissem.

Destarte, dever-se-ia tomar o máximo cuidado ao convidar algum estrangeiro intelectual para falar em eventos pois esse não poderia ter uma postura contrária aos interesses da Revolução e ao seu caráter político ideológico. Dever-se-ia fazer análises e estudos aprofundados teoricamente para preparar as massas “a oporem-

---

querido para el pueblo una vida mejor en el orden material, queremos para el pueblo una vida mejor también en el orden espiritual, queremos para el pueblo una vida mejor en el orden cultural. Y lo mismo que la Revolución se preocupa del desarrollo de las condiciones y de las fuerzas que permitan al pueblo la satisfacción de todas sus necesidades materiales, nosotros queremos desarrollar también las condiciones que permitan al pueblo la satisfacción de todas sus necesidades culturales (CASTRO, 1961e, on-line).

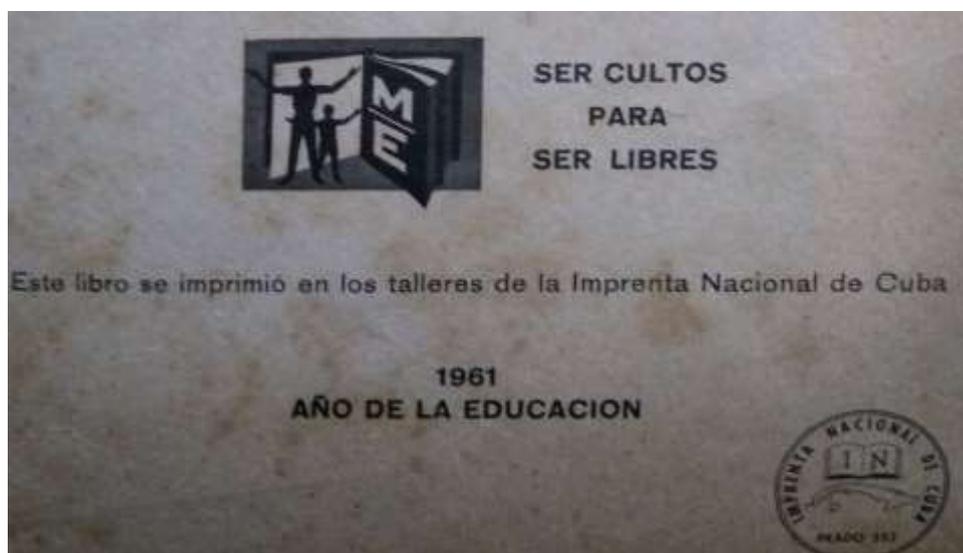
<sup>87</sup>La Revolución tiene que comprender esa realidad, y por lo tanto debe actuar de manera que todo ese sector de los artistas y de los intelectuales que no sean genuinamente revolucionarios, encuentren que dentro de la Revolución tienen un campo para trabajar y para crear; y que su espíritu creador, aun cuando no sean escritores o artistas revolucionarios, tiene oportunidad y tiene libertad para expresarse. Es decir, dentro de la Revolución. Esto significa que dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada. Contra la Revolución nada, porque la Revolución tiene también sus derechos; y el primer derecho de la Revolución es el derecho a existir. Y frente al derecho de la Revolución de ser y de existir, nadie—por cuanto la Revolución comprende los intereses del pueblo, por cuanto la Revolución significa los intereses de la nación entera—, nadie puede alegar con razón un derecho contra ella. Creo que esto es bien claro (CASTRO, 1961e, on-line).

se de maneira crítica a todas as formas de expressão da ideologia burguesa” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.265). Os líderes revolucionários, entendiam que atingindo esses objetivos encontrariam as raízes da “cultura nacional e latino-americana, ponto de partida para a assimilação crítica da cultura universal” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.264).

A partir desse entendimento, todos os tipos de mídias como rádio, televisão, cinema e imprensa assim como todas as futuras produções artísticas e culturais como músicas, pinturas, esculturas e literaturas deveriam ser usadas para ajudar a desenvolver a consciência do *homem novo*. Os mesmos meios culturais que deveriam ser utilizados para desenvolver a consciência do *homem novo* elucidado por Che Guevara (1965), foram instrumentos de conscientização no período da Campanha de Alfabetização. Ao mesmo tempo para convocar novos professores, como também para convencer a população sobre a importância da alfabetização.

Na última página da Cartilha *Venceremos* (1961b), se encontrava a seguinte ilustração:

**Figura 11 - Cultos para ser livres**

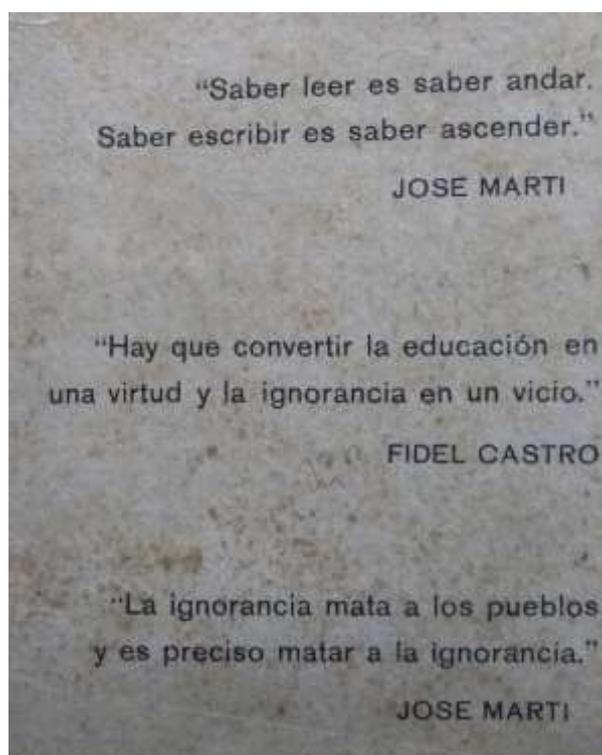


Fonte: CUBA, 1961b, p.110.

A ilustração do homem e da criança saindo de dentro de um livro escuro de braços abertos, ao lado da mensagem *Ser Cultos para Ser Livres* possibilitava a interpretação do professor que levava luz por meio do ensino da leitura, como Fidel

Castro havia dito quando convocou os mestres voluntários. E, como esse processo era importante à libertação do homem e, sinônimo de cultura. Somente a internalização do mundo da cultura, por meio da alfabetização, segundo Fidel Castro (1960d), proporcionaria a vitória da Revolução e a construção de uma Cuba soberana e livre. No verso desta página, foram impressas pequenas frases de José Martí e Fidel Castro:

**Figura 12 - Frases de José Martí e Fidel Castro na Cartilha *Venceremos***



Fonte: CUBA, 1961b, p.110.

A frase de José Martí, “*Saber ler é saber andar. Saber escrever é saber subir*” (CUBA, 1961b, p.110), impressa na Cartilha *Venceremos* (1961b), explicita que saber ler permite uma independência, e saber subir estava ligada a prosperar. Na tentativa de conscientizar o alfabetizando que o caminho para se alcançar o objetivo de *Cuba libre* e da prosperidade coletiva estaria na propagação da cultura.

A epígrafe de Fidel Castro, “*Tem que se transformar a educação em uma virtude e a ignorância em um vício*” (CUBA, 1961b, p.110), ou seja, é preciso combater a ignorância e incentivar a educação, representa a tentativa de

sistematizar uma consciência revolucionária de que não saber ler e escrever seria uma vergonha.

A terceira e última frase impressa na última página da cartilha *Venceremos* (1961b) de José Martí: “*a ignorância mata as pessoas e é necessário matar a ignorância*” (CUBA, 1961b, p.110), estava ali localizada para fundamentar o perigo que o analfabetismo deveria representar ao povo cubano, pois o analfabetismo fundamentava a exploração e, tornava o povo cubano vulnerável. Assim, é possível observar um novo ideal de cultura divulgado desde o processo de formação do *jovem maestro* e da Campanha de Alfabetização.

No Congresso Nacional de Alfabetização, pode ser evidenciado o papel da cultura na formação do homem livre, culto e miliciano:

Cuba faz a sua revolução com base no marxismo-leninismo e nas tradições de luta herdadas da nossa história, que são a nossa riqueza ideológica e cultural. O estudo profundo da cultura do nosso país, das nossas características nacionais, que evoluíram ao longo de um século de luta, é indispensável para elevar o nível ideológico e cultural das massas (CUBA, 1961d, p.130, tradução nossa)<sup>88</sup>.

Desse modo, a imprensa exerceu um papel significativo a favor da Campanha de Alfabetização. Segundo Peroni (2006), realizaram-se programas de rádio de 15 a 45 minutos que se repetiam até 15 vezes ao dia. Esses programas cumpriram um papel fundamental na disseminação de conhecimentos de higiene, saúde, problemas do setor agropecuário e aqueles relacionados à arte e literatura. Ao mesmo tempo em que ofereciam informações, motivaram o adulto para a aprendizagem da leitura, da escrita e do conhecimento elementar da aritmética.

Várias atividades paralelas à alfabetização foram realizadas como visitas a parques, peças de teatro, cinemas e praias. Os artistas populares cubanos dedicavam à Campanha de Alfabetização aproximadamente três horas de programas televisionados para que pudessem ajudar a formar “[...] um clima que envolvia toda a população” (PERONI, 2006, p.74).

---

<sup>88</sup>Cuba hace su revolución con base en el marxismo-leninismo y en las tradiciones de lucha heredadas de nuestra historia, que son nuestra riqueza ideológica y cultural. El estudio profundo de la cultura de nuestro país, de nuestras características nacionales, que han evolucionado a lo largo de un siglo de lucha, es indispensable para elevar el nivel ideológico y cultural de las masas (CUBA, 1961, p.130).

No ano de 1961 aconteceu em Cuba o 1º Congresso Nacional da Educação e da Cultura, a Declaração redigida nesse congresso explicitou os possíveis princípios que seriam elucidados por Che Guevara (1965) de que a cultura deveria ser um instrumento para formar o caráter moral e ideológico do *homem novo*. A cultura portanto:

Não é e nem pode ser apolítica ou imparcial, pois é um fenômeno social e histórico, motivado pelas exigências das classes sociais, pelas suas lutas e os seus direitos ao longo da história. A apoliticidade é uma atitude vergonhosa e reacionária na concepção e na expressão da cultura (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.268).

Assim, a Declaração do Congresso de 1961 redigida na íntegra nos anexos do livro *Cuba revolução no ensino* de Huteau e Lautrey de 1976 elucidada que “Cuba faz a sua revolução com base no marxismo-leninismo e nas tradições de luta herdadas da nossa história, que são a nossa riqueza ideológica e cultural” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.264).

Portanto os meios artísticos e culturais não poderiam contribuir para a alienação e a formação de intelectuais distantes do espírito revolucionário, por isso o Congresso realizado em 1961 declarou que todas as manifestações artísticas deveriam:

Desenvolver as nossas próprias manifestações e valores culturais revolucionários; 2) divulgar os valores culturais dos povos irmãos latino-americanos; 3) assimilar os melhores valores da cultura universal, sem que eles nos sejam impostos de fora; 4) organizar programas didáticos sobre o caráter e origem da música cubana. (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.267).

Assim, dever-se-ia investir na formação teórico, didática, política e ideológica do professor alfabetizador, pois esse seria o responsável em formar ideologicamente as novas gerações (o *homem novo*) e conseqüentemente os novos artistas, pois a cultura também estava a serviço da Revolução.

#### 4.3 A Educação Revolucionária: O autoeducar-se

A educação revolucionária em Cuba teve como princípio norteador a autoeducação. Assim, o processo para se alcançar os objetivos da educação revolucionária, segundo Che Guevara (1965) aconteciam em um duplo processo no qual “[...] por um lado a sociedade atua com sua educação direta e indireta, por outro lado o indivíduo se submete a um processo consciente de autoeducação” (GUEVARA, 1965, p.11).

Neste sentido, autoeducar-se significava a força de vontade e a disciplina de cada indivíduo para buscar dentro de si e trazer à sociedade novas práticas e concepções que atendessem as necessidades da nova sociedade (SILVA, 2012). Assim, segundo Silva (2012), todo cubano tomaria a iniciativa de mudar suas atitudes frente à nova sociedade ao receber a formação necessária e ao verificar o exemplo de outros. Esse processo deveria acontecer de forma consciente e voluntária.

Nesta perspectiva, os princípios da pedagogia revolucionária foram traçados desde a época da luta contra a ditadura de Batista, observam-se iniciativas revolucionárias para educação durante todo o processo de guerrilha. O povo cubano principalmente das regiões montanhosas se encontravam em total abandono e ignorância, e o ensino do alfabeto e a instrução geral era o meio mais eficaz de conscientizar a população sobre o movimento revolucionário e também propagá-lo.

Dessa forma, todo guerrilheiro deveria ser um combatente mas, ao mesmo tempo um organizador social, um propagador de cultura, um formador de opinião, ou seja, um mestre, um professor, em um processo de autoeducação. A relação entre exército rebelde e povo deveria ser uma relação pedagógica de formação de consciência, no qual quem sabia um pouco mais, ensinava o que sabia menos, e assim estabelecia-se um processo autoeducativo.

Para Silva (2012) o processo educacional em Cuba, concentrava-se na conscientização do indivíduo:

“[...] a conscientização adviria com a educação (em geral ofertada pelo Estado Revolucionário liderado pela vanguarda no processo de transição) e com a força de vontade e disciplina de cada cubano que tinha que trazer à tona novos pensamentos (e novas práticas) mais

consonantes com os valores da sociedade socialista em construção (SILVA, 2012, p.5).

Nesse processo educacional tanto o governo revolucionário quanto o indivíduo deveriam tomar para si a responsabilidade do seu dever social. Ambos assumiram, nesse sentido, a condição de autores e atores na construção do novo projeto antropológico cubano. Esta responsabilidade seria tomada de forma consciente a partir do momento em que, o indivíduo percebesse a necessidade de se adequar às novas relações humanas que estavam se estabelecendo. Sobre esta perspectiva, Che Guevara (1965) argumentou:

[...] o processo é consciente: o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está completamente adequado a ele. Sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de se acomodar a uma situação que sente como justa e cuja própria falta de desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora. Ele se auto-educa (GUEVARA, 1965, p.11).

Nesse sentido, a educação indireta que consistia na força do exemplo, assumia neste processo a condição de motivadora, ou até mesmo mediadora do processo de conscientização. É a partir desse entendimento que Che Guevara (1965), afirmava a necessidade de desenvolver estratégias políticas para desmistificar a hierarquização, ou seja, os privilégios que desmotivavam e, criar estratégias motivadoras consideradas justas. Era necessário trazer o indivíduo para a coletividade. Para Che Guevara (2004) em *Contra o Burocratismo*, os caminhos a serem construídos visavam uma educação permanente:

[...] devemos desenvolver com empenho um trabalho político para liquidar as faltas de motivações internas [...]. Os caminhos são: a educação permanente através da explicação concreta das tarefas, desenvolvendo o interesse dos empregados administrativos pelo seu trabalho concreto, através do exemplo dos trabalhadores de vanguarda (GUEVARA, 2004, p.230).

A tomada de consciência, nesse sentido, seria a disciplina necessária de autoeducar-se, seria o ponto chave para que o *homem novo* guevarista se desenvolvesse, e a maneira mais eficaz para levar a consciência seria por meio da educação. Por isso, Fidel Castro desde que assumiu o governo cubano não mediu

esforços para investir em educação, sendo seu primeiro passo a Campanha de Alfabetização para depois sistematizar as outras áreas de ensino do país. Para tanto, foi necessário apresentar ao povo um modelo de homem a ser seguido, o que será discutido a seguir.

#### 4.4 Che Guevara: O Modelo de *Homem Novo*

O modelo de homem explícito no Manual *Alfabetemos* (1961a), em 1961, apontava para um homem que seria livre na medida em que se tornasse culto. No decorrer da campanha de alfabetização, esse mesmo homem, se concretizou em um *homem novo* que também deveria ter na educação um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma nova consciência que o possibilitasse ser um homem de ação e palavra, que se autoeducasse e dominasse tanto a ciência e a técnica. Para Fidel Castro (1967), Che Guevara era o modelo ideal desse *homem novo*.

Para Manolo Monereo Pérez em *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário* de 2001, Ernesto Che Guevara, não era um super-homem, apenas representava uma síntese do período em que viveu e se destacou porque conseguiu viver talvez como nenhum outro revolucionário de forma coerente, intensa e cotidianamente tudo o que pensava e cria.

No entanto, para Fidel Castro (1967), Che Guevara não era apenas um bom combatente, ele era um homem de profunda consciência, de inteligência visionária, cultura e moral inquestionáveis. Fidel Castro (1967) em seu discurso pronunciado no funeral de Ernesto Che Guevara, na Praça da Revolução, em 18 de outubro de 1967 explicitou:

Se quisermos expressar como desejamos que sejam nossos combatentes revolucionários, nossos militantes, devemos dizer sem vacilação de nenhuma índole: Que sejam como o Che! Se quisermos expressar como queremos que sejam os homens das futuras gerações, devemos dizer: Que sejam como o Che! Se quisermos dizer como desejamos que eduquem nossos pequenos, devemos dizer sem vacilação: Queremos que sejam educados no espírito do Che! Se quisermos um modelo de homem, um modelo de homem que não pertence a esse tempo, um modelo de homem que pertence

ao futuro, De cor eu digo que este modelo sem uma única mancha em seu comportamento, sem uma única mancha em sua atitude, sem uma única mancha em sua performance, esse modelo é Che! Se quisermos expressar como queremos que nossos filhos sejam, devemos dizer com todo o coração de revolucionários veementes: queremos que eles sejam como Che! (CASTRO, 1967, p.7, tradução nossa)<sup>89</sup>.

E ainda salienta:

Che tornou-se um modelo do homem não só para o nosso povo mas para qualquer povo da América Latina. Che levou a sua mais alta expressão o estoicismo revolucionário, o espírito de sacrifício revolucionário, a combatividade do revolucionário, e Che levou as ideias do marxismo-leninismo à sua expressão mais fresca, mais pura, mais revolucionária. Nenhum homem como eles nesses tempos levou ao seu mais alto nível o espírito internacionalista proletário! E quando se falar de internacionalismo proletário, e quando se buscar um exemplo de internacionalista proletário, esse exemplo, à cima de qualquer outro exemplo, é o exemplo do Che! Em sua mente e em seu coração haviam desaparecido as bandeiras, os prejuízos, os chauvinismos, os egoísmos, e seu sangue generoso estava disposto a despejá-lo pelo destino de qualquer povo, pela causa de qualquer pessoa e disposto a despejá-lo espontaneamente, e pronto para derramar instantaneamente! (CASTRO, 1967, p.7, tradução nossa)<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup>Si queremos expresar cómo aspiramos que sean nuestros combatientes revolucionarios, nuestros militantes, nuestros hombres, debemos decir sin vacilación de ninguna índole: ¡Que sean como el Che! Si queremos expresar cómo queremos que sean los hombres de las futuras generaciones, debemos decir: ¡Que sean como el Che! Si queremos decir cómo deseamos que se eduquen nuestros niños, debemos decir sin vacilación: ¡Queremos que se eduquen en el espíritu del Che! Si queremos un modelo de hombre, un modelo de hombre que no pertenece a este tiempo, un modelo de hombre que pertenece al futuro, ¡de corazón digo que ese modelo sin una sola mancha en su conducta, sin una sola mancha en su actitud, sin una sola mancha en su actuación, ese modelo es el Che! Si queremos expresar cómo deseamos que sean nuestros hijos, debemos decir con todo el corazón de vehementes revolucionarios: ¡Queremos que sean como el Che! (CASTRO, 1967, p.7).

<sup>90</sup> Che se ha convertido en un modelo de hombre no solo para nuestro pueblo, sino para cualquier pueblo de América Latina. Che llevó a su más alta expresión el estoicismo revolucionario, el espíritu de sacrificio revolucionario, la combatividad del revolucionario, el espíritu de trabajo del revolucionario, y Che llevó las ideas del marxismo-leninismo a su expresión más fresca, más pura, más revolucionaria. ¡Ningún hombre como él en estos tiempos ha llevado a su nivel más alto el espíritu internacionalista proletario! Y cuando se hable de internacionalista proletario, y cuando se busque un ejemplo de internacionalista proletario, ¡ese ejemplo, por encima de cualquier otro ejemplo, es el ejemplo del Che! En su mente y en su corazón habían desaparecido las banderas, los prejuicios, los chovinismos, los egoísmos, ¡y su sangre generosa estaba dispuesto a verterla por la suerte de cualquier pueblo, por la causa de cualquier pueblo, y dispuesto a verterla espontáneamente, y dispuesto a verterla instantáneamente! (CASTRO, 1967, p.7).

De forma resumida Manolo Monereo Pérez (2001), elucida dez valores que podem ser considerados legados de Che Guevara. 1. O humanismo, pois, para Che Guevara o objetivo final era fazer do homem um ser emancipado e movido pelo amor ao próximo, materializando esse amor na solidariedade; 2. Rebelar-se contra qualquer injustiça social porque em qualquer momento e principalmente nas pequenas coisas segundo Che Guevara pode ser um revolucionário que luta contra qualquer forma de opressão e injustiça social; 3. O latino-americanismo, pois os problemas sociais são os mesmos nos diferentes países, o que justifica mesmo ser argentino lutar com intensidade pelas causas da Guatemala, Cuba, Bolívia e México; 4. O espírito missionário, o homem não deveria ser movido pelo sentimento de aventura e sim pela solidariedade, o que faz com que até hoje os cubanos contribuam com os demais continentes nas questões que envolvem saúde e educação; 5. O espírito de sacrifício, todo revolucionário deveria estar pronto para entregar sua vida pela causa defendida; 6. O exemplo do trabalho, o homem deveria ter consciência da importância do seu trabalho para a sociedade e não como apropriação individual; 7. O despojamento dos bens materiais, o homem deveria se livrar das práticas individualistas, egoístas que ferem a moral e os tornam ostentadores de diversidades sociais; 8. A crença na formação das massas, a revolução só teria vitória se o povo se tornasse um exército consciente; 9. A relação entre os dirigentes e as massas, os dirigentes deveriam caminhar junto com o povo e conhecê-lo para poder errar menos e 10. A formação de quadros, quando o povo se desenvolvesse de forma política, moral e intelectual poderia ser chamados de quadros revolucionários. (PÉREZ, 2001).

Assim, Che Guevara apresentava os quesitos necessários e pretendidos do projeto antropológico da educação revolucionária em Cuba. Segundo Pérez (2001), Che Guevara poderia ser considerado como um homem que lutou no plano material e moral contra o modo produção capitalista. Um homem que apresentava ter uma consciência comunista, ou seja, uma consciência coletiva.

Para se concretizar o projeto antropológico pretendido em Cuba “era preciso dar ao povo cubano um modelo concreto e objetivo para o qual tende a revolução” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p. 199). Dessa forma, Che Guevara é dado como

modelo de *homem novo* ao povo cubano por Fidel Castro (1967), pois para ele, Che Guevara era o modelo ideal de *homem novo* porque reunia em sua pessoa o homem de ação e o homem das ideias. Como revolucionário Che Guevara trazia “as virtudes que podem definir como a mais completa expressão as virtudes de um revolucionário: um homem honesto com uma carta completa, um homem de suprema honestidade, de absoluta sinceridade, homem de vida estóica e espartana” (CASTRO, 1967, p.6, tradução nossa)<sup>91</sup>.

Em seu discurso, Fidel Castro (1967), expôs que a morte de Che Guevara foi uma perda lastimável, que doía a inteligência perdida, mas que a perda física não faria com que suas ideias e seu exemplo fossem liquidados. Para o dirigente da Revolução a morte de Che Guevara deveria ser uma semente para que muitos como ele fossem formados, pois explicitou que o exemplo de Che Guevara deveria ser o modelo ideal para o povo cubano.

Para que homem pudesse atingir a consciência comunista e se tornar um *homem novo*, a importância da educação nesse processo sempre foi ressaltada pelo Che Guevara e colocada em prática pelo dirigente Fidel Castro. Para Che Guevara:

O homem através da educação se supera; e quando essa educação se realiza mediante um espírito coletivo, quando o sentido revolucionário de todos ajuda o desenvolvimento da consciência de todos, o salto pode ser gigantesco. [...] e ninguém nos exigiu que temos que saber isso ou aquilo em tal ou qual tempo; o que exigimos, nós exigimos a todos, é saber um pouco mais a cada dia. Esse é o espírito que deve prevalecer (GUEVARA, 2004, p.139).

Corroborar-se com Huteau e Lautey (1976), quando expressam que a maior contribuição da Revolução Cubana para os países da América Latina é a nova forma de educação que une o estudo com o trabalho conforme os princípios marxistas e essa nova forma de entender a educação testifica a vontade de um povo sofrido e marginalizado em instituir valores e modificar a relação entre os homens.

Os movimentos revolucionários buscam uma identidade, quer seja pretérita ou de construção de um projeto futuro como é o caso da Revolução Cubana, mas

---

<sup>91</sup>“las virtudes que pueden definirse como la más cabal expresión de las virtudes de un revolucionario: hombre íntegro a carta cabal, hombre de honradez suprema, de sinceridad absoluta, hombre de vida estoica y espartana” (CASTRO, 1967, p. 6).

em todos esses movimentos o conceito de cidadania está presente, pois é o homem pobre e a margem da sociedade se fazendo ouvir.

Pode-se considerar que a grande catarse do movimento revolucionário cubano foi fazer com que todo guerrilheiro fosse ao mesmo tempo mestre, conscientizando a população camponesa sobre os ideias revolucionários e a necessidade da construção de uma nova moral e forma de trabalho o trabalho produtivo e voluntário.

A educação em Cuba, além de ser um processo escolar ganhou características próprias de formação social, pois cada cubano deveria ser um propagador de cultura, deveria ser aquele que se autolibertou e propõe ao outro a se libertar, esses princípios deveriam vencer as fronteiras, pois o *homem novo* proposto em Cuba seria um homem de guerra que assume suas responsabilidades e não é educado para ele e sim para a humanidade.

Desse modo, além de proporcionar à população um exemplo a ser seguido, também era necessário sistematizar uma nova consciência sobre o conceito de liberdade e autolibertação. A proposta pedagógica cubana pretendeu cumprir esta tarefa que será discutida a seguir.

#### 4.5 O Conceito de Liberdade e autolibertação na proposta pedagógica de 1961

O conceito e a identidade da Revolução Cubana, como já mencionado, se sistematizaram na medida que a prática vivenciada gerou necessidades que exigiram dos líderes revolucionários uma postura ideológica a fim de legitimar a Revolução. Rafael Saddi Teixeira em *O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)* de 2009, argumenta que o que se forma em oposição ao golpe de Batista em 1952 e resulta no assalto ao quartel Moncada em 1953, não é um partido político com uma proposta sistemática e coesa e sim grupos de jovens com concepções variadas, porém todos dispostos a libertar Cuba da ditadura de Fulgencio Batista. Para

Teixeira (2009, p.49), prevalecia naquele momento “um desprezo às questões teóricas e ideológicas e uma supervalorização da ação”.

Nesta perspectiva, para Fernandes (1984), os revolucionários que fomentaram o assalto ao quartel Moncada sofriam da falta de intelectuais e produtores teóricos no seu interior, assim como a falta de experiência política, a tenra idade da maioria e a própria repressão da ditadura de Batista dificultavam uma elaboração teórica e ideológica coesa à Revolução desde seu princípio. Sob esta mesma perspectiva, Teixeira (2009), argumenta que quando foi declarado o caráter socialista da Revolução, uma das primeiras estratégias para legitimar a Revolução foi “tomar Fidel Castro como um revolucionário marxista-leninista ainda quando os seus discursos durante toda a luta insurrecional proclamavam um nacionalismo democrático reformista e, por vezes, anti-comunista” (TEIXEIRA, 2009, p.51).

Dessa forma, Teixeira (2009) explicita que o significado da palavra Revolução em Cuba, a partir da década de 1960 tem sido:

[...] monopolizado pelo pensamento leninista e inscrito como sinônimo de uma ruptura radical com a estrutura do sistema capitalista e constituição de uma sociedade sob novas bases. O socialismo foi associado ao pensamento marxista de eliminação da propriedade privada e constituição de um Estado proletário (TEIXEIRA, 2009, p.56).

Esse mesmo movimento de mudanças no conceito e identidade da Revolução Cubana, perpassa também pela definição de liberdade. Evidencia-se no documento de defesa *A História me absolverá* e nos discursos de Fidel Castro de 1959, a liberdade em Cuba como a liberdade da ditadura de Batista e da mesma forma como no conceito de Revolução no final do ano de 1960 e com maior ênfase a partir do ano de 1961 o conceito de liberdade toma para Cuba a ideia de libertação do imperialismo norte-americano e o direito de todos à saúde, segurança e principalmente à educação.

Em *A História me Absolverá* Fidel Castro (2001), deixou explícito uma revolta e por conseguinte um sentimento de ódio à figura de Fulgencio Batista em quase todo o documento. Ao se referir aos crimes contra a Constituição de 1940 cometidos

por Batista e qual deveria ser a pena do mesmo, Fidel Castro fez uso da metáfora do inferno elucidado por Dante Alighieri (1265 - 1321) em a *Divina Comédia*:

Dante dividiu o inferno em nove círculos: no sétimo pôs os criminosos, no oitavo os ladrões e no nono os traidores. Duro dilema o dos demônios para encontrar um adequado local à alma desse homem... tivesse ele alma! Quem estimulou os hediondos crimes de Santiago de Cuba nem sequer tem entranhas (CASTRO, 2001, p.56).

Páginas depois do mesmo documento, Fidel Castro (2001), de maneira bem didática, o que nos leva a problematizar mais uma vez de que sua intenção por meio da divulgação de *A História me Absolverá* ia além de apenas se defender e sim de conscientizar, conquistar e incentivar a população da necessidade de uma Revolução, explicitou por meio de uma historieta o que estava acontecendo em Cuba. Diante da riqueza didática e de detalhes da história contada por Fidel Castro (2001), optou-se por transcrever aqui a mesma praticamente na íntegra:

Vou relatar-vos uma história: Era uma vez uma República. Tinha uma Constituição, suas leis, suas liberdades; possuía presidente, congresso, tribunais; todo mundo podia reunir-se, associar-se, falar e escrever com inteira liberdade. O governo não satisfazia o povo, mas o povo podia substituí-lo e só faltavam alguns dias para fazê-lo. Existia uma opinião pública, respeitada e acatada, e todos os problemas de interesse coletivo eram discutidos livremente. Havia partidos políticos, horas de doutrinação pelo rádio, programas polêmicos de televisão, atos públicos, e o povo palpitava de entusiasmo. Esse povo sofrera bastante e, se não era feliz, desejava sê-lo, tinha esse direito. Muitas vezes o enganaram e olhava o passado com verdadeiro terror. Acreditava cegamente que o passado não poderia voltar. Orgulhava-se de seu amor à liberdade e vivia envaidecido de que ela seria respeitada como coisa sagrada. Sentia imensa confiança, certeza de que ninguém se atreveria a cometer o crime de atentar contra suas instituições democráticas. Desejava uma mudança, uma melhora, um avanço. E os via próximo. Toda sua esperança estava no futuro. Pobre povo! Certa manhã, a população despertou estarecida. Na calada da noite, enquanto dormia. Agora a tinham agarrada pelas mãos, pelos pés e pelo pescoço. As garras eram conhecidas, as fauces, as gadanhas de morte, as botas...Não. Não era um pesadelo. Tratava-se da triste e terrível realidade: um homem chamado Fulgencio Batista acabava de cometer o horrível crime que ninguém esperava. Aconteceu então que um humilde cidadão desse povo, que queria acreditar nas leis da República e na integridade de seus juizes, a quem viu muitas vezes enfurecer-se contra os infelizes, buscou no Código de Defesa Social para verificar

que castigos a sociedade prescrevia para o autor de semelhante ação [...] Sem dizer uma palavra a ninguém, com o Código numa das mãos e os documentos em outra, o cidadão mencionado apresentou-se no velho casarão da capital onde funcionava o tribunal competente, [...] um libelo, denunciando os delitos e pedindo para Fulgencio Batista e seus dezessete cúmplices a condenação [...] Os dias passaram. Passaram os meses. Que decepção! [...] O povo se cansou de abusos e chacotas. Os povos se cansam! Veio a luta, e então o homem que estava fora da lei, que havia ocupado o poder pela violência, contra a vontade do povo e violando a ordem legal, torturou, assassinou, encarcerou, terminando em acusar perante os tribunais os que tinham ido lutar pela lei e devolver ao povo sua liberdade (CASTRO, 2001, p.71-74).

A história contada por Fidel Castro (2001), explicitou como era Cuba antes de Batista, como o mesmo entrou no poder e tirou a liberdade conquistada por meio do sofrimento do povo, assim como a esperança de um futuro dos cubanos. Fidel Castro na história foi caracterizado como o cidadão humilde que acreditou nos juízes, pois Castro apresentou de fato, antes do assalto ao quartel Moncada, uma acusação formal contra Fulgencio Batista ao tribunal. Fidel Castro, terminou a história narrando o assalto ao quartel Moncada e enfatizou que Batista havia tirado a liberdade do povo e acusava, torturava e assassinava os que lutavam para devolvê-la aos cubanos. Castro (2001) continuou nas páginas seguintes do documento, denunciando que não havia liberdade em Cuba, já que o direito de fazer e refazer a República se concentrava nas mãos de um só homem (Batista), já que por meio do golpe de 1952 Batista nomeou os seus ministros e depois os ministros nomearam Batista como presidente, amparados pelo artigo 257 da Constituição que, segundo Fidel Castro (2001), passara despercebido e seria chave à situação enfrentada de concentração de poder nas mãos de uma só pessoa.

Castro (2001), mais uma vez fez uso de metáforas ao explicar ou explicitar em sua defesa o que o governo de Batista poderia fazer com Cuba se continuasse no poder. Fidel Castro (2001), argumentou que Fulgencio Batista e seus ministros amparados pelo artigo 257, que outorgava aos ministros (constituídos pelo próprio Batista), o poder de realizar qualquer reforma na Lei Constitucional, poderia a qualquer momento dizer que Cuba se tornara uma monarquia, cujo rei seria Batista, vender qualquer parte do território cubano à um país estrangeiro como Napoleão fez

com a Lousiana e principalmente suspender o direito à vida e “como Herodes, mandar degolar as crianças recém-nascidas” (CASTRO, 2001, p.83).

No capítulo XV do documento em sua defesa, Fidel Castro (2001), tratou do direito de resistência e luta a tudo o que tenta privar um povo de liberdade, Castro (2001), mais uma vez de forma didática como a ensinar história, fez uma argumentação a fim de justificar a Revolução pretendida.

Portanto, a luta pela liberdade da era bastitiana, tomando como referencial teóricos como *Montesquieu*, dizeres da monarquia teocrática da antiguidade chinesa, pensadores da Índia antiga, *John de Salisbury* da Idade Média, assim como *Tomás de Aquino*, *Martinho Lutero*, um jesuíta espanhol *Juan Mariana*, o escritor francês *Francisco Hotman*, os reformadores escoceses *John Knox* e *John Poynt*, o alemão jurista *John Althus*, fez menção também à Revolução Inglesa de 1775 e 1789 e sobre as mesmas, argumentou que “[...] esses grandes acontecimentos revolucionários deram início ao processo de libertação das colônias espanholas na América, cujo último elo foi Cuba” (CASTRO, 2001, p.88).

Fidel Castro (2001), continuou seus argumentos sobre o direito de luta pela liberdade argumentando que esse direito teria sua consagração final quando se converteu em postulado de liberdade política com autores como: *John Milton*, *John Locke*, *Jean-Jacques Rousseau*, Fidel Castro (2001, p.89), trouxe para o texto de sua defesa várias citações desses pensadores, mas deu uma atenção especial ao Rousseau quando citou o que significava não ter liberdade explícito em “Contrato Social”: “[...] renunciar à liberdade é renunciar a condição humana, aos direitos da Humanidade, inclusive os seus deveres. [...] arrancar toda liberdade da vontade é privar de moralidade às ações”. Terminou o texto, dizendo que deu argumentos suficientes, sobre o seu ponto de vista, para se defender, explicou que todos os pensadores citados por ele “dão razão aos homens que lutam pela liberdade e pela felicidade do povo. Nenhum justifica os que oprimem o povo, envilecem o saqueiam sem piedade” (CASTRO, 2001, p.90) e que existia um argumento maior do que os referenciados pelos os autores citados, o argumento de ser cubano, e que todo cubano teria o dever de lutar pela liberdade de sua pátria, pois cresceram ouvindo falar em liberdade e que todo cubano íntegro preferia ver Cuba submergida no mar

do que escrava de alguém. Assim, depois desses dizeres complementou com a frase que ficou conhecida em todo o mundo “Condenai-me, não me importa. A História me Absolverá” (CASTRO, 2001, p.93).

O conceito de liberdade caracterizado como a superação do regime ditatorial de Batista, perpassa pelo apogeu revolucionário e durante todo o ano de 1959, que inclusive é denominado de o *Ano da Libertação*. O site do governo revolucionário cubano disponibiliza 69 discursos de Fidel Castro pronunciados no ano de 1959. Nesses discursos a palavra liberdade aparece 419 vezes e palavra libertação 26 vezes. Liberdade apresenta-se como a liberdade em relação à ditadura e libertação para explicitar a libertação Nacional e incentivar a libertação de todos os povos da América Latina.

Fidel Castro (1959d) quando estava a caminho de Havana no dia 07 de janeiro de 1959 fez um discurso em Matanzas e explicou: [...] “o exército tirou nossa liberdade e nossa Constituição. O que havia para fazer? Bem, tirar nossa liberdade e nossa constituição do exército” (CASTRO, 1959d, on-line, tradução nossa). Para Fidel Castro (1959d), a única forma de recuperar a liberdade de Cuba foi a luta armada, pois o povo já tinha sofrido muito nas mãos de Batista: “[...] dezoito anos de tirania parece a 18 séculos; 18 anos sem liberdade é como sofrer 18 séculos, 18 séculos de terror, de desconforto, humilhação, tristeza, infelicidade (aplausos)” (CASTRO, 1959d, on-line, tradução nossa). Desse modo, no primeiro ano da Revolução com a queda de Batista, para Fidel Castro (1959d), ou seja, quando o terror acaba a liberdade foi restaurada.

Fidel Castro (1959e), no Rotary Clube da cidade de Havana, argumentou que não existia país mais livre do que Cuba naquele momento, porque todo o tipo de violação aos direitos do povo cubano tinha acabado, “[...] não estamos na era de Batista” (CASTRO, 1959e, on-line, tradução nossa). Assim, o conceito de liberdade assumido pelo início da Revolução se tratava de uma libertação nacional a fim de resgatar as liberdades públicas que fora tirado de Cuba pela ditadura.

No entanto, da mesma forma como o conceito Cubano de Revolução se sistematizou empiricamente por meio dos embates dentro e fora do processo revolucionário e adquiriu novos conteúdos, o conceito de liberdade em Cuba nesse

período, também sofreu alterações para que pudesse atender os novos rumos da Revolução.

No ano de 1960, nomeado pelos revolucionários de *Ano da Reforma agrária*, Fidel Castro pronunciou 43 discursos, que estão disponíveis no site do governo cubano. A palavra liberdade nesses discursos aparece 121 vezes e o termo libertação 31 vezes. É no discurso pronunciado em 29 de maio de 1960 na cerimônia de encerramento do congresso dos trabalhadores da construção civil, no Teatro Branco que o termo libertação do homem aparece pela primeira vez, no momento em que Fidel Castro (1960a) começou argumentar que ser livre não era somente estar livre da opressão e sim de tudo que aprisionava o homem. Fidel Castro (1960a) iniciou dizendo que os homens tinham o direito de se sentirem livres e esse sentimento de liberdade não poderia ser só o sentimento de liberdade de uma ditadura:

Não só livre da opressão que vivemos, mas livre de tantas pequenas coisas que tiranizam homens, tantos preconceitos que tiranizam os homens, a luta pela libertação do homem não é a luta contra uma única tirania é a luta contra muitas tiranias. Tirania é preconceito racial (aplausos), tirania é todo preconceito, tirania é todo orgulho, tirania é todo sentimento de superioridade social sobre os outros! A tirania é a mentira, a tirania é a ignorância e o obscurantismo! A tirania não era uma! Tirania, tanto quanto a tirania sangrenta de Batista, era fome! Tirania é o desemprego, contra o qual temos que lutar! Tirania é a dor que em tantas ordens o homem teve que sofrer e contra o qual estamos lutando! A primeira, para começar, a tirania política; e, mais tarde, a batalha contra todas as tiranias, para que esse sonho de um povo livre e de um povo democrático possa ser realizado. Como eu disse no dia primeiro de maio: a democracia não era aquela em que vivíamos escravizados por tanta tirania; a democracia é isso, na qual estamos libertando o homem de todas as tiranias (aplausos prolongados) (CASTRO, 1960a, on-line, tradução nossa).

Começara então, um processo de transformação do conceito de liberdade e libertação, isto porque as animosidades com os Estados Unidos aumentara desde a promulgação da Lei da Reforma Agrária, e aos poucos os discursos de luta por liberdade de Batista no ano de 1960 transformaram-se em luta por libertar-se do imperialismo. Pode-se apreender como marco simbólico para transformação a *Primeira Declaração de Havana*, redigida em uma cerimônia em 02 de setembro de

1960 a fim de contrapor a *Declaração de São José da Costa Rica* liderada pela OEA (Organização dos Estados Americanos) que de forma implícita declarou que as ações revolucionárias em Cuba representavam um perigo à unidade do continente, sua paz e segurança. Segundo Prado (2013. p.81), a Primeira Declaração de Havana pode “ser apontada como o principal marco simbólico do estabelecimento da inimizade entre Cuba e Estados Unidos”.

O Artigo I da Primeira Declaração de Havana condenava todos os termos da Declaração de São José da Costa Rica e classificava a mesma como um documento ditado pelo imperialismo norteamericano e por conseguinte como um atentado a dignidade dos povos do continente (CUBA, 1961a). O Artigo 3 rejeitava a Doutrina Monroe, justificando que a mesma fora utilizada até o momento para estender a dominação na América como prevera José Martí e em seu Artigo 6 explicitava: “A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba condena, enfim, a exploração do homem pelo homem, e a exploração dos países subdesenvolvidos pelo capital financeiro imperialista” (CUBA, 1961a, p.74, tradução nossa).

Desde então, os discursos de Fidel Castro denotam críticas severas aos Estados Unidos. No ano de 1961, nomeado como o *Ano da Educação*, Fidel Castro pronunciou 46 discursos que se encontram disponíveis no site oficial do governo de Cuba, nesses discursos a palavra liberdade aparece 125 vezes e a palavra libertação 18 vezes, e observa-se de fato outra conotação para as mesmas. O termo libertação do homem é explicitado 3 vezes nesses discursos. Em 19 de maio de 1961, pouco tempo depois de Fidel Castro ter declarado o caráter socialista da Revolução, no discurso do Movimento Nacional pela Paz, Fidel Castro (1961a, online, tradução nossa) explicitou: “lutar pela libertação dos povos do imperialismo, é lutar pela paz; lutar pela libertação do homem, quer dizer, lutar e trabalhar para que cesse a exploração do homem pelo homem, é lutar pela paz (APLAUSOS)”.

Destarte, na medida em que a Revolução ganhou contornos marxista-leninista, o conceito de liberdade (liberdade política) e libertação (independência econômica) em Cuba, também se aproximaram dos princípios elucidados por Marx e Engels (1986) sobre liberdade e autolibertação. Ou seja, começou-se a se discutir em Cuba sobre a necessidade de superação da divisão social do trabalho e da

emancipação humana. A proposta pedagógica desenvolvida em Cuba em 1961 foi utilizada como um dos pilares fundamentais para a propagação desses princípios à uma formação docente revolucionária que sairia ao campo para alfabetizar.

No ato de entrega de certificados à 4.000 alfabetizados na Campanha de Alfabetização desenvolvida no país, Fidel Castro (1961d) explicou que Cuba antes da Revolução vivia a liberdade da democracia burguesa. Portanto, vivia em uma liberdade falsa, cuja a libertação do homem era negligenciada intencionalmente, pois não podiam aprender ler e escrever:

A escravidão desapareceu como tal, ou seja, a escravidão desapareceu com seus grilhões e correntes, melhor dito, desapareceu grilhões e correntes, mas a escravidão não desapareceu, a exploração não desapareceu, simplesmente trocou de forma. E as classes dominantes da era da escravidão continuaram a dominar também na era da república. E o mesmo interesse que tinham aquelas classes dominantes, proprietárias de escravos, nas quais os escravos não aprendiam; as classes dominantes na república tinham igual interesse em escravos assalariados, camponeses explorados e trabalhadores, não aprendendo. Não usaram o chicote, mas usaram o procedimento de não fazer escolas, usaram o procedimento de não enviar professores aos campos, usaram o procedimento de construir muitos quarteis; eles substituíram o chicote pelo plano do facão. Não havia professores, não havia escolas e seguiu-se a grande massa ignorante; as classes dominantes não tinham interesse em escravos assalariados aprendendo a ler e a escrever. É por isso simplesmente que, em 60 anos, o analfabetismo em nosso país não foi erradicado. E como a Revolução é a libertação do homem, como a Revolução é o desaparecimento da escravidão, é por isso que somente a Revolução, somente quando o poder da classe dominante desapareceu, somente quando as pessoas têm o poder e estão dispostas a trabalhar para isso, então, somente então, em um ano se pode erradicar o analfabetismo (CASTRO, 1961d, on-line, tradução nossa).

Nas primeiras páginas da proposta pedagógica desenvolvida para a campanha de alfabetização *Alfabetemos* (1961a), encontra-se uma explicação sobre a causa do analfabetismo no país, causa esta seria a falsa liberdade em que Cuba foi submetida pelo imperialismo estadunidense: “o analfabetismo, produto do subdesenvolvimento provocado pela intervenção do imperialismo e produto indireto do atraso político e econômico do país” (CUBA, 1961a, p.5, tradução nossa). A

proposta pedagógica também explicita a campanha de alfabetização, ou seja, a liquidação do analfabetismo como o primeiro passo para garantir a plena liberdade e uma unidade incorruptível à Cuba. A palavra liberdade no vocabulário técnico do manual do alfabetizador é conceituada como: “[...] independência. Poder de governar sem estar sujeito a outros” (CUBA, 1961a, p.89, tradução nossa). E libertação, ou seja, autolibertação - como: “colocar em liberdade” (CUBA, 1961a, p.89, tradução nossa), ou seja, libertação e ou autolibertação seria o ato de libertar-se de outros, o poder de autogovernar-se e escrever sua própria história.

A proposta pedagógica explicita que um país verdadeiramente livre mantém relações comerciais com todos os países do mundo, portanto, a luta contra o imperialismo é uma luta pela liberdade e quando o mesmo estiver plenamente derrotado será um grande dia à humanidade e que essa luta é uma luta justa, ou seja, a Revolução é justa pois a libertação é uma aspiração do homem em conseguir ser verdadeiramente pleno e livre em um mundo também livre de todo tipo de exploração e opressão (CUBA, 1961a).

Desse modo, propaga-se no manual *Alfabetecemos* (1961a), ou seja, na proposta pedagógica para a formação revolucionária em Cuba, segundo Rodríguez (2011), a necessidade de que todo cubano atinja a humanização aproximando-se dos princípios marxistas. Todavia, ao mesmo tempo em que a proposta pedagógica se aproxima dos princípios marxistas de liberdade e autolibertação, apresenta também uma contradição e se afasta do que fora preconizado por Max e seus seguidores. Pois o manual do alfabetizador apresenta uma lição de orientação revolucionária dirigida somente a enaltecer as qualidades de Fidel Castro. O título da lição é *Fidel é nosso líder* e inicia com uma epígrafe de José Martí, “assim é um homem representante de um povo” (CUBA, 1961a, p.24, tradução nossa).

Essa lição, fomenta aos professores que o chefe ideal seria Fidel Castro, e todos deveriam respeitá-lo por reunir as melhores qualidades do povo cubano e proclamar a luta por sua liberdade (CUBA, 1961a), trazendo para a Revolução Cubana uma identidade própria que proporcionou o entendimento com o passar dos anos de liberdade como o direito a saúde, segurança e ao conhecimento e nenhum direito de se opor ao regime político do próprio Fidel Castro.

Entretanto, não se pode negar que até o momento foi o governo no qual mais se aproximou daquilo que Marx denominava socialismo (LEAL, 2008), pois rompeu com os princípios éticos e morais burgueses, dentre os quais se destacam os princípios relacionados ao trabalho assalariado, a propriedade privada, a educação, a cultura e a desvalorização da mulher. Assim, será discutido a seguir a contribuição do modelo educacional cubano à história da educação.

#### 4.6 Contribuições do Ideal de Formação Educacional Cubana para a História da Educação

Ao discutir na história da educação a formação de cidadãos que uma nação necessita, faz-se necessário perpassar a economia e a política para o desenvolvimento social que essa sociedade requer, independentemente do modelo que se tenha proposto como paradigma, a educação sempre estará presente nos ideais de independência ou de perpetuação de modelos dos povos.

Nesse sentido, ao estudar o modelo educacional proposto para Cuba no período de 1959 a 1961, pôde-se observar, dentre as contribuições possíveis para a história da educação, o rompimento com os princípios éticos e morais burgueses que foram revelados por meio do *Manual Alfabetecemos* (1961a) e da *Cartilha Venceremos* (1961b) como princípios norteadores de uma proposta pedagógica que almejava uma efetiva transformação social, rompendo com a proposta capitalista em exercício naquele período, e vislumbrando a formação de um novo modelo de homem.

Nessa perspectiva, o estudo pôde contribuir para identificar de forma efetiva um modelo educacional que rompe com as tradições capitalista e aponta para educação transformadora que leva a um outro paradigma educacional. A seguir, será discutido o grande problema que se coloca na ordem do dia para a educação quando se propõe uma revolução radical, profunda na vida de um país em todos os níveis: saber como combater e vencer a influência das velhas ideias, das velhas

tradições, dos velhos preconceitos. E consolidar os novos ideais e convertê-los em questões de domínio público, cristalizando uma nova consciência coletiva.

#### **4.6.1 O rompimento dos princípios éticos e morais burgueses na educação cubana em 1961**

O processo revolucionário, como já mencionado, exigiu dos líderes da Revolução duas coisas consideradas, na perspectiva de Fernandes (1984), vitais. Por um lado a Revolução deveria gerar sua filosofia política, e por outro, transmitir essa filosofia para o terreno da efetivação (FERNANDES, 1984). Nesse sentido, pôde-se observar a preocupação de seus líderes em não se apropriar do modo de produção vivido em Cuba antes da Revolução, para que de fato a mesma se consolidasse. Para Fidel Castro (1976):

Precisamente por ser a revolução uma mudança radical, profunda, na vida de um país, a todos os níveis, o seu primeiro grande problema é saber como se combate e vence a influência das velhas idéias, das velhas tradições, dos velhos preconceitos, e como vão as idéias da revolução ganhando terreno e convertendo-se em questões de domínio público e perfeitamente compreendidas por todo o povo (CASTRO, 1976, p.10).

Nessa tentativa de socializar as ideias da Revolução com todo o povo, Fernandes (1984) explica que ocorreu em Cuba:

[...] um impulso puritano e moralista que não veio das correntes socialistas absorvidas em Cuba. Ele é muito mais fruto de experiências históricas, uma resposta ao repúdio de uma corrupção que ocorreu a sociedade cubana no passado, e produto do despojamento drástico que teve de ser imposto pelo governo revolucionário para tornar possível a acumulação socialista originária. Esse radicalismo moral encontrava um intérprete brando em Che Guevara mas encontra instantes de ira no pensamento de Fidel Castro (FERNANDES, 1984, p.222).

Desse modo, o rompimento com os valores da velha sociedade cubana em relação aos princípios relacionados ao trabalho, ao latifúndio e propriedade privada,

a educação, a cultura e a desvalorização da mulher fez-se necessário. Para Paul Sweezy e Leo Huberman (1960) em *Cuba: anatomia de uma revolução*, esse rompimento se iniciou com a Lei da Reforma Agrária promulgada em maio de 1959. Isto porque “até então, o regime se havia limitado a corrigir abusos e reformas necessárias há muito, que não alteravam porém a estrutura básica da sociedade cubana” (SWEEZY; HUBERMAN, 1960, p.140).

O professor da Campanha de Alfabetização, deveria estar ciente da necessidade de romper com os velhos modelos e ideais burgueses. Por isso, explicava por meio do manual *Alfabetecemos* (1961a) ao professor a necessidade de se romper com o ideal burguês de latifúndio e propagar as cooperativas, justificando, desse modo, a importância da Reforma Agrária. Explicava-se no manual que a Lei da Reforma Agrária em Cuba, para os cubanos “muda a estrutura agrária do país. Dá a terra a quem nela trabalha e erradica o latifúndio” (CUBA, 1961, p.89, tradução nossa), rompendo assim com os princípios burgueses de latifúndio e adotando para si o sistema de cooperativa agrária. Os latifúndios são denominados pelos cubanos como grandes extensões de terras nas mãos de uma pessoa apenas, que na maioria das vezes se mantinha sem cultivar causando atraso na agricultura e miséria dos camponeses (CUBA, 1961).

Os trabalhadores que moravam nas terras que foram confiscadas pelo governo revolucionário e que agora pertenciam ao Estado cubano eram os que geralmente formavam as cooperativas, receberiam salários três vezes maiores e participariam dos lucros quando existissem. Desse modo, deu-se início também, ao rompimento do princípio de propriedade privada em Cuba. E ao mesmo tempo que essas mudanças estruturais se realizaram a educação foi o grande recurso utilizado para fomentar o rompimento do mesmo, assim como transmitir o ideário revolucionário. Para tanto, as casas que foram construídas perto das cooperativas para atender as necessidades dos camponeses ficavam perto de uma escola, assim como muitos quartéis foram transformados em escolas. Cuba, assume também a estratégia de combinar estudo e trabalho. Fidel Castro (1976, p.51) explícita: “[...] há uma idéia que não é nova, uma idéia marxista, uma ideia martiana - a combinação do estudo e do trabalho”, o que se pode observar em sua proposta pedagógica.

Ao romper com o modelo de propriedade privada, o antigo princípio de trabalho assalariado também deveria ser superado. Na nova sociedade o trabalho deveria ser trabalho voluntário e o capital social (mas não Estatal), pois assim a propriedade perderia seu caráter de classe. Isto porque, “na sociedade burguesa, o trabalho vivo é sempre um meio de aumentar o trabalho acumulado. Na sociedade socialista, o trabalho acumulado é sempre um meio de ampliar, enriquecer e melhorar cada vez mais a existência dos trabalhadores” (MARX; ENGELS, 1996, p.10). Desse modo, a proposta pedagógica à formação docente revolucionária se constituiu em um livro aberto para ensinar qual deveria ser a atitude de cada cubano neste processo, adotando para isso orientações revolucionárias no manual *Alfabetemos* (1961a) com temáticas como *As Cooperativas*; *A Terra é Nossa*; *Operários e Camponeses* entre outros.

A lição que pode-se denominar como *chave*, para formar no novo professor cubano o entendimento de que era necessário romper com os princípios morais e burgueses de latifúndio, propriedade privada e trabalho assalariado, é a lição do manual que recebe o título de *Amigos e Inimigos*. Na qual apresenta-se o imperialismo como o inimigo máximo da Revolução, e para os cubanos, o representante concreto do imperialismo era os Estados Unidos. Portanto, o inimigo máximo da revolução seria os Estados Unidos, pois representavam os princípios morais e burgueses de atitudes egoístas (latifúndio), da individualidade (propriedade privada) e da exploração do homem pelo homem (trabalho assalariado) que deveriam ser destruídos para que a Revolução se consolidasse.

Para Fidel Castro, o novo professor (já que se converteria no novo homem e contribuiria para construir a nova sociedade cubana), necessitava romper com a cultura burguesa, pois entendia que essa cultura de classe, era “para a imensa maioria dos homens, apenas um adestramento que os transforma em máquinas” (MARX; ENGELS, 1996, p.10). Desse modo, era necessário que o professor da Campanha de Alfabetização ajudasse a criar em Cuba novas culturas, a cultura do estudo; da disciplina; do trabalho voluntário; do dever social; das obrigações com os outros; a cultura de como deveria ser a conduta de todo ser humano. E desenvolver no povo o amor à pátria, um verdadeiro amor pelo próximo, a justiça e a Revolução.

(CASTRO, 1976). Fidel Castro (1961e), explicitou no seu discurso aos intelectuais: “essa revolução econômico-social tem que produzir inevitavelmente também uma revolução cultural em nosso país” (CASTRO, 1961e, on-line, tradução nossa).

Faz-se importante ressaltar, que para Fidel Castro (1961e) essa Revolução Cultural não se tratava de destruir toda produção cultural e intelectual, mas sim de possibilitar ao povo cubano o acesso a essa produção por meio do ensino da leitura e escrita. Para Fidel Castro (1976, p.23), uma Revolução Cultural consistia em tirar o povo da ignorância, ou seja, ensinar o povo a ler:

É esta a grande herança da humanidade: a herança da cultura. Não é preciso ser rico para se receber essa herança. Qualquer homem humilde, qualquer trabalhador, qualquer filho de qualquer família humilde, é dono dessa herança. Precisa apenas de uma coisa para ter nas mãos o resultado do trabalho de milhões de homens durante milhares de anos: a única coisa de que necessita é saber ler (CASTRO, 1976, p.23).

Neste sentido, para Fidel Castro (1976), “a partir do momento em que se não sabe ler, renunciou-se a essa herança, renunciou-se por completo a toda imensa riqueza cultural produzida pela humanidade” (CASTRO, 1976, p.25) e a maioria do povo por estar submergido na ignorância deixada pelo imperialismo não tinha consciência dessa herança que possuía e que era por isso que enfrentara, até ali, tantas dificuldades.

Assim, fazia-se necessário desenvolver uma consciência, uma cultura da importância da leitura e da riqueza acumulada historicamente pelos homens de que todos têm direito de se apropriar. Para Fidel Castro (1976, p.25), “[...] Quem souber ler e escrever e tiver em sua casa uma biblioteca, tem um tesouro, e pode-se considerar mais feliz do que aqueles que acumulam tesouros de dinheiro, de riqueza egoísta, em vez de tesouros de verdade e inteligência”.

Ao romper com o ideal de cultura burguesa, também se rompe em Cuba com o princípio de educação como privilégio. Em Cuba, o trabalho e a transmissão da herança cultural produzida pela humanidade, converteu-se no valor básico da educação. Consequentemente, para Fernandes (1984):

[...] o uso racional do trabalho e do trabalhador, em termos regionais, setoriais, de qualidade ou rendimento, da sociedade como um todo, impôs ajustamentos profundos (por exemplo: o deslocamento espacial ou ocupacional do trabalhador não pode mais ser regulado pelo mercado e pela competição; os critérios de planificação orientam esse aproveitamento e ao mesmo tempo delimitam os padrões médios de qualificação, supervisão e controle. Os conteúdos da aprendizagem sofreram uma súbita ligação com as orientações concretas do comportamento, com o meio ambiente e com o desenvolvimento econômico (FERNANDES, 1984, p.228).

O manual do alfabetizar, expressa essa necessidade de deixar para trás o antigo ideal de cultura ao tratar de temas como *A recreação popular e a A liberdade de cultos*. E, de romper com o princípio de educação enquanto privilégio de alguns ao retomar no manual epígrafes de José Martí que explicitam o direito de todo homem de se educar e o dever do mesmo de contribuir em forma de pagamento com a educação dos demais (CUBA, 1961).

Nesta mesma perspectiva, Cuba buscou romper também com as velhas articulações burguesas sobre a mulher. Fidel Castro (1979) a esse respeito expôs em *O Homem Novo e a Nova Mulher em Cuba* que “os grandes revolucionários contemporâneos, sempre compreenderam o papel da mulher: Marx, Engels e Lenin [...] não se alcançaria a vitória plena do povo, se não conseguisse a completa libertação da mulher” (CASTRO, 1979, p.79).

Assim, fazia-se necessário que a mulher participasse do trabalho manual, mas, também intelectual e, encontrasse todas as possibilidades para desenvolver suas capacidades. Por isso, a mulher em Cuba, participou ativamente do processo da Campanha de Alfabetização e de atividades que na sociedade anterior estavam à ela proibidas. (CASTRO, 1976).

O Tema XXIV das orientações revolucionárias do manual *Alfabetecemos* (1961a), intitulado de *A declaração de Havana*, aborda a necessidade de romper com as discriminações de todos os tipos e os demais princípios já elucidados. Enfatizando novos princípios educacionais que condenavam, naquele momento a desigualdade, a exploração, as oligarquias e políticas militares que mantinham o povo na pobreza e impediam o desenvolvimento.

Explicita-se no Manual *Alfabetecemos* (1961a) que a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba:

Condena o latifúndio, fonte de miséria para o camponês e o sistema de produção agrícola retrógrado e desumano; condena os salários de fome e a exploração iníqua do trabalho humano por interesses bastardos e privilegiados; condena o analfabetismo, a ausência de professores, escolas, médicos e hospitais, a falta de proteção à velhice que prevalece nos países da América; condena a discriminação do negro e do índio; condena a desigualdade e a exploração das mulheres; condena as oligarquias e políticas militares que mantêm os nossos povos na pobreza, impedem o seu desenvolvimento democrático e o pleno exercício da sua soberania; [...] (CUBA, 1961a, p.74).

Como pôde-se observar, os objetivos da educação revolucionária cubana se diferenciam nos objetivos trilhados. A educação ideológica de Cuba pretendia formar homens e mulheres que aprendessem a ser, enquanto a ideologia capitalistas pretende, em tese, formar um modelo de homem que aprenda a ter.

Para Huteau e Lautrey (1976), outro fator que diferencia o caráter ideológico dos processos educativos de Cuba e de outros países capitalistas é que não se encontra nesses países um dirigente declarando de forma explícita os objetivos educacionais de preparar a exploração do homem pelo homem, para os autores, “a grande força do sistema reside no facto de, para atingir estes objetivos, não ser necessário que eles sejam explícitos e que os educadores tenham deles consciência” (HUTEAU; LAUTREY, p. 200). Dessa forma, a diferença central da educação ideológica produzida em Cuba está em seus objetivos, que são explícitos e todo o povo deveria tomar consciência deles e lutar para atingi-los.

Enquanto em países capitalistas os objetivos são atingidos de forma subreptícia, pelo próprio funcionamento da instituição escolar (HUTEAU; LAUTREY, p. 201). O *homem novo* ou homem revolucionário, ideal de homem pretendido pela formação educacional cubana no período aqui discutido, referencial de homem do século XXI almejado por Che Guevara (1965), deveria “ter consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores da mesma” (GUEVARA, 1965, p.11). Ou seja, o *homem novo* deveria assumir a responsabilidade de mestre e aprendiz, sendo essa a

consciência revolucionária, aquela que parte do indivíduo para o coletivo, que resgataria a dignidade e criaria a identidade social revolucionária.

Um homem que tem consciência, o que segundo Che Guevara significava o indivíduo que recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não pode estar completamente adequado a ele. E que sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de construir seus próprios juízos de valor e se autoeduca. Um homem que possui o conhecimento da técnica e da ciência, que produz riqueza por meio da consciência coletiva e que ao mesmo tempo em que ensina também aprende.

O objetivo central da pedagogia revolucionária desenvolvida por Che Guevara era formar o *hombre nuevo* e desenvolver o conhecimento científico e técnico do país, a fim de que o povo cubano pudesse atingir o máximo desenvolvimento das forças produtivas que segundo Marx seria o comunismo. Para Che Guevara (1965), o grau último do anseio revolucionário era ver o homem liberto da alienação.

Como discutido, o projeto antropológico da educação revolucionária em Cuba é a formação do *hombre nuevo* que tem que lutar no plano material e moral contra o modo de produção vivenciado até então que primava pelo desenvolvimento de um homem individual e egoísta na sua essência. O *hombre nuevo* deveria ser aquele que antes mesmo da transformação do modo de produção comunista já possuía consciência comunista, ou seja, uma consciência coletiva, que apresente uma moral que proporcione o desenvolvimento ininterrupto da consciência.

Para que esse projeto futuro se concretizasse foi necessário dar ao povo cubano um modelo concreto e objetivo, que referendasse a revolução, um exemplo a ser seguido. Nesse sentido, Che Guevara foi dado como modelo de homem proposto por Fidel Castro em seu discurso pronunciado em la velada solemne em memória do comandante Ernesto Che Guevara, em la plaza de la Revolución, em 18 de outubro de 1967. Nele Fidel Castro (1967), explicita que, sem dúvidas, o modelo de homem pretendido naquele momento era Che Guevara, um homem que estava a frente de seu tempo. Fidel Castro (1967) chega e a repetir várias vezes:

¡Que sean como el Che! Si queremos expresar cómo queremos que sean los hombres de las futuras generaciones, debemos decir: ¡Que

sean como el Che! Si queremos decir cómo deseamos que se eduqna sola mancha en su conducta, sin una sola mancha en su actitud, sin una sola mancha en su actuación, ese modelo es el Che! Si queremos expresar cómo deseamos que sean nuestros hijos, debemos decir con todo el corazón de vehementes revolucionarios: ¡Queremos que sean como el Che! (CASTRO, 1967, p.7).

Fidel Castro (1967), explicou que Che Guevara seria o modelo vivo do projeto antropológico de Cuba, pois ele era um caso singular de homem raro que combinava em sua personalidade várias virtudes, as virtudes esperadas para o homem revolucionário, o homem emancipado, liberto da alienação e que se autoeduca.

Considerar-se que a grande catarse do movimento revolucionário cubano foi fazer com que todo guerrilheiro fosse ao mesmo tempo mestre, conscientizando a população camponesa sobre as ideias revolucionárias e a necessidade da construção de uma nova moral e forma de trabalho produtivo e voluntário.

A educação em Cuba, além de ser um processo escolar, ganhou características próprias de formação social, pois cada cubano deveria ser um propagador de cultura, e alguém que, além de se auto libertar, ser capaz de também propor ao outro libertação. Esses princípios deveriam vencer as fronteiras, pois o *homem novo* proposto em Cuba era um homem de guerra que assumia suas responsabilidades educacionais em uma proposta de cidadania solidária.

Discutir a educação em Cuba pode em muito contribuir para a história da educação em suas complexas multideterminações, pois pode estabelecer parâmetros de organização social que se diferem de países capitalistas, permitindo estabelecer aproximações e destacar diferenças quanto aos objetivos e ideais a serem atingidos. Torna-se mais uma possibilidade de reflexão do processo de formação educacional, sem contudo estabelecer apologias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir sobre educação e formação docente revolucionária em Cuba e a construção do *homem novo*, objetivou-se analisar a contribuição do *Manual Alfabetecemos* (1961a) à formação do professor voluntário que participou como principal protagonista da Campanha de Alfabetização em 1961; E, a contribuição dos discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967) para a concretização do modelo de educação revolucionária e o ideal de *homem novo*.

Para tanto, foi necessário compreender os antecedentes da Campanha de Alfabetização, os princípios sociais, políticos e econômicos que fundamentaram a ação do movimento revolucionário e estabelecer relações entre as novas necessidades educativas com os paradigmas que nortearam a formação do professor naquele período.

As informações levantadas no decorrer da pesquisa, por meio de um procedimento bibliográfico e a tentativa de articular as fontes analisadas ao processo de transformação social ao qual pertencem, possibilitaram o entendimento de que o manual *Alfabetecemos* (1961a) foi o principal referencial do processo formativo do professor cubano naquele período.

Ao analisar o manual *Alfabetecemos* (1961a) em conjunto com outros materiais produzidos para a Campanha de Alfabetização como a *Cartilha Venceremos* (1961b), a *Cartilha de aritmética Producir-Ahorrar-Organizar* (1961c) e o *Manual ¡Cumpliremos!* (1961b) foi possível compreender que todos os materiais expressavam os ideais da pedagogia revolucionária desenvolvida para a formação de um homem livre, culto e miliciano. No qual seria sistematizado anos mais tarde, por Che Guevara (1965), como *homem novo*. Na medida, em que pretendiam além de proporcionar as condições necessários para a alfabetização, também politizar o professor na tentativa de convencê-lo a assumir uma postura anticapitalista para que contribuíssem para a construção de uma Cuba livre e soberana, conforme o pensamento revolucionário.

Desse modo, Cuba pretendia formar um professor revolucionário, ou seja, o próprio *homem novo*, protagonista de um processo didático padronizado, em que o *Manual Alfabetecemos* serviu de referencial. Ao tomar consciência de seu dever social, o professor, em meio a um processo duplo de educação e autoeducação, assumiria uma conduta moral e disciplinada, exemplificando um engajamento motivador para que toda a população também internalizasse os princípios do homem livre, culto e miliciano.

Neste sentido, é possível também considerar que o *Manual Alfabetecemos* (1961) foi um material fundamental, um referencial que oferecia informações, um modelo orientador neste processo de tomada de consciência do professor voluntário. Uma vez, que o manual era um guia orientador da metodologia em que se devia ministrar os conteúdos, serviu como orientador de uma formação para as disciplinas de didática e matemática, bem como para o desenvolvimento de noções na área de psicologia e treinamento militar. Ao mesmo tempo em que apresentava um *Currículo Oculto* que visava a tomada de consciência do professor do seu papel social referente aos princípios de prescindir, superar-se diante as dificuldades, a coletividade e sobretudo amar a Revolução.

Assim, é possível considerar que a formação docente revolucionária em Cuba para a Campanha de Alfabetização proporcionada por meio do *Manual Alfabetecemos* (1961a) foi o ponto de partida para a construção de um projeto educacional e um ideal de homem sistematizados em 1965 por Ernesto Che Guevara. Isto porque, o *homem novo* elucidado por Guevara (1965) como o homem ideal para a consolidação do processo revolucionário e a construção do socialismo em Cuba apresentava características similares ao homem livre, culto e miliciano propagado como meio de convencimento sobre a importância de se erradicar o analfabetismo do período da Campanha de Alfabetização.

Faz-se importante mencionar que tanto o material didático quanto os discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967) foram pensados e redigidos em um período de transição capitalista para o socialismo e, mesmo tentando romper com as bases de uma educação elitista e capitalista, optou por manter, no *Manual Alfabetecemos* (1961a), a disciplina de psicologia, que naquele momento histórico

era instrumentalizada pelo capitalismo como formadora de um comportamento padronizado. Esse comportamento padronizado está contido no discurso de Che Guevara (1965) quando o mesmo explicita sobre a educação revolucionária atuar como um constante estímulo moral. E no discurso de Fidel Castro (1967), quando Che Guevara é colocado como modelo de homem a ser seguido, um modelo de homem de ação e palavra.

Desse modo, é possível concluir que a construção do *homem novo*, possível modelo de homem ideal para a educação revolucionária, teve início no processo de formação dos *jovens maestros*, e se concretizou por meio dos discursos de Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967).

Assim, a partir das discussões realizadas no decorrer da pesquisa, foi possível concluir que a história de Cuba, demonstrou o desenvolvimento de uma situação revolucionária que brotou da ordem colonial e floresceu nas condições materiais do neocolonialismo. Cresceu e eclodiu no movimento de luta entre as classes e dentro delas, portanto, a Revolução foi produto de forças internas e externas, que não desapareceram ao longo da história. Ao contrário, se agravaram mediante ao cenário de miséria da população e das condições precárias em saúde e educação desenvolvidas a partir da condição de neocolônia americana, de governos corruptos e intensificados com a ditadura de Gerardo Machado e Fulgencio Batista.

Ao organizar o assalto do quartel Moncada, Fidel Castro iniciou um processo de luta para a construção de uma sociedade livre política e economicamente. Esse processo culminou na Revolução que a princípio apresentou caráter liberal democrático e foi aos poucos tomando para si o caminho social revolucionário do socialismo. Foi então, que iniciou-se um processo de transformação social no qual a educação teve papel significativo.

A Campanha de Alfabetização foi o primeiro passo para tal processo ao mesmo tempo em que se constituiu também no ponto de partida para uma formação docente revolucionária. Foi então, que o manual *Alfabetecemos* (1961a) se tornou o veículo pelo qual foi operacionalizado o processo formativo do professor cubano, o manual fez parte de um conjunto de procedimentos pedagógicos e educacionais. Assim, a formação docente revolucionária em Cuba caminhou para uma práxis

pedagógica que garantiu o êxito da Campanha de Alfabetização e Cuba tornou-se o primeiro país da América Latina livre do analfabetismo.

Essa práxis pedagógica só foi de fato efetiva devido a organização didática dos líderes da Revolução que, por meio do *Manual Alfabetecemos* (1961a) puderam compartilhar informações e orientações para a formação de uma consciência coletiva.

As orientações contidas no manual auxiliavam o professor a explorar o conteúdo da cartilha *Venceremos* (1961b) em suas aulas a partir de uma conversa informal sobre as temáticas revolucionárias, na qual denunciava problemas sociais desenvolvidos em Cuba devido a subordinação aos interesses do imperialismo estadunidense e elucidava como o governo revolucionário atuava para superar essas dificuldades ao mesmo tempo em que demonstrava qual deveria ser a contribuição do povo. O que contribuía assim, para a politização do professor e do aluno. Ao professor, dava-se a orientação de que para cada lição da Cartilha *Venceremos* (1961b) deveria correlacionar algumas temáticas do manual *Alfabetecemos* (1961a) a fim de dar condições ao professor de explorar com maior profundidade a temática proposta na lição da cartilha.

Essas orientações ao professor sobre como utilizar corretamente a cartilha aconteciam por meio da disciplina adquirida no treinamento militar, dos estímulos morais e dos novos conhecimentos de caráter político, social, econômico e cultural transmitidos ao professor. Eram desenvolvidas, desse modo, várias atividades para que o mesmo aprendesse na prática como deveria ser o relacionamento professor/aluno e adaptar-se às condições de vida no campo. Por isso, deveriam cumprir as regras do acampamento, levantar de madrugada, cantar o hino de alfabetização seis vezes ao dia, usar devidamente o uniforme e estabelecer um bom relacionamento com os demais colegas. Essas estratégias permitiriam ao professor voluntário desenvolver uma disciplina interna que exigia esforço em libertar-se de uma consciência egoísta.

Neste sentido, as discussões realizadas foram essenciais para a compreensão de que, o processo de transformação social promovido em Cuba, a partir da Revolução, desenvolveu novas necessidades educativas. Era necessário

um novo ideal de cultura, conhecimento, política, trabalho e educação que configurasse o *homem novo* e, o professor alfabetizador foi primordial nesse processo. Uma vez que o manual *Alfabetecemos* (1961a) orientava-lhe a uma práxis pedagógica consciente, que o convergia no próprio *homem novo* que seria elucidado de forma mais sistematizado somente em 1965.

Era necessário internalizar que a cultura era uma arma da Revolução e, a leitura e escrita permitiam o acesso a esse universo cultural. Portanto, o conhecimento precisava adquirir um caráter técnico e científico. Ou seja, era necessário unificar o estudo ao trabalho. Adotou-se então o princípio do trabalho voluntário, no qual apresentava um caráter pedagógico importante, pois aproximava o trabalhador do escritório ao operário. Ambos aprendiam juntos e socializavam as normas de conduta e os valores que permitiam a aprendizagem da nova cultura do trabalho enquanto promotor de riqueza social e não individual. Assim, o homem cubano poderia se apropriar dos conhecimentos produzidos historicamente e compartilhá-los, ao mesmo tempo em que no voluntariado melhorava as condições estruturais da vida coletiva, como aconteceu na Campanha de Alfabetização, quando os professores brigadistas além de ensinar a ler escrever trabalhavam no campo com o camponês e, ainda prestavam serviços à saúde, ajudando a construir banheiros e poços, identificando problemas oftalmológicos e auditivos. Em um processo solidário que unia ciência e técnica, em uma transformação social e cultural.

Somente a internalização do mundo da cultura por meio da educação direta (oferecida pelo Estado), indireta (força do exemplo) bem como da força de vontade e disciplina de cada indivíduo para buscar dentro de si novas práticas e pensamentos adequados ao novo modelo societário possibilitaria um novo entendimento sobre a função social do trabalho humano. O trabalho deveria ser adotado como uma estratégia coletiva de superação nacional e conseqüentemente individual. Desse modo, a educação (alfabetização) passou a ser condição de libertação nacional tanto na esfera política e econômica. E, quesito de plena humanização do *homem novo*.

Assim, o *homem novo* seria, no caso de Cuba, para Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967), um homem consciente de seu papel de autor e ator da sociedade. Deveria por meio da autoeducação se esforçar ao máximo para se livrar de um passado individualista, assumir uma condição solidária, e uma identidade latinoamericana. Só assim, poderia se despojar dos bens materiais e estar disposto a sacrificar-se pela Revolução a qualquer custo colocando em prática o princípio vocacionado por Fidel Castro de *Pátria ou Morte*.

Para Fidel Castro (1967), Che Guevara apresentava essas qualidades e por isso deveria ser tomado como exemplo concreto de *homem novo* a ser seguido. Portanto, para se construir o socialismo em Cuba, na perspectiva de Fidel Castro (1967), era necessário seguir o modelo de Che Guevara, ser um homem que seguisse um modelo de vida quase estoico e espartano. Ou seja, um homem de ideias, mas, sobretudo, de ação.

No entanto, havia por parte dos dirigentes do governo revolucionário o entendimento de que a construção do *homem novo* não aconteceria de forma linear e direta. Fidel Castro (1967) e Che Guevara (1965) demonstravam a consciência que em meio a esse processo existiria um longo período de avanços ou até mesmo retrocessos mediante ao que não se podia controlar e prever.

Desse modo, tornou-se claro a importância da educação para a Revolução Cubana, pois nela estava o princípio da autoeducação, peça fundamental para a transformação ideológica e material da sociedade. Por isso, a necessidade de fazer de cada cubano um professor, um propagador de cultura e novos conhecimentos políticos, sociais e econômicos.

A necessidade de superação do analfabetismo tornou-se o terreno fértil para desenvolver esta condição de que todos deveriam assumir o dever social de ensinar e aprender. Considera-se, portanto como professor naquele período todo aquele que atendeu ao apelo de Fidel Castro para ser um professor voluntário. E nesse sentido, o *Manual Alfabetecemos* (1961a) foi elaborado de forma simples e didática para que fosse de fácil entendimento, uma vez que como professor voluntário se encontravam jovens que muitas vezes ainda estavam em processo de alfabetização. Desse modo, foi atrelado aos princípios do ideal de homem a ser formado que se constituía no

*homem novo* uma formação simples, centrada na disciplina e autoeducação que objetivava romper com os princípios morais e burguesas da velha sociedade.

Dentre as contribuições da discussão sobre a formação docente revolucionária em Cuba no período de 1959-1961, pôde-se destacar que essa temática contribui para a história da educação pela possibilidade de estabelecer interlocuções, aproximações e distanciamentos entre os objetivos trilhados em uma educação de caráter socialista e de uma educação capitalista.

Nesse sentido, a educação em Cuba objetivou a formação de um homem com uma essência coletiva, que aprendesse a ser, assumindo uma postura contrária dos objetivos de uma educação capitalista que almeja formar um indivíduo que aprenda a ter. Assim, o caráter ideológico da educação em Cuba aconteceu de forma explícita, no qual Estado e cidadãos precisavam estar conscientes de seus objetivos e assumirem para sí em conjunto a responsabilidade de seu êxito ou fracasso. Nesta perspectiva, os objetivos que foram trilhados para a educação cubana permitiram o rompimento dos princípios éticos e morais burgueses de trabalho assalariado, propriedade privada, educação, cultura e a desvalorização da mulher. E foram substituídos pelos princípios do trabalho voluntário, cooperativas, a união do estudo com o trabalho, o acesso a cultura humana por meio do ensino da leitura e da escrita bem como, o respeito e valorização do trabalhador em geral, inclusive a mulher.

Desse modo, pode-se considerar, que naquele momento histórico, Cuba encontrou o caminho da coletividade e instrumentalizou o processo educacional como força transformadora. Pois apesar das contradições econômicas, políticas e sociais que existem no país hoje, o sistema educacional não é contraditório, se desenvolveu e continua a desenvolver-se a ponto de se tornar referência mundial.

A educação em Cuba, sobretudo após Fidel Castro ter declarado o caráter socialista da Revolução, foi instrumentalizada como um dos pilares fundamentais do governo revolucionário para conquistar o apoio do povo e consolidar os princípios de uma educação caracterizada como transformadora a educação como direito de todos, a combinação do estudo com o trabalho, a coeducação, a gratuidade e a participação ativa de todos os envolvidos no processo. Estimulou uma participação

ativa em todos os aspectos relativos à educação, tanto no individual como também na coletividade.

Nesta perspectiva, Cuba cumpriu o princípio de educação para todos demonstrando que é possível desenvolver uma educação politécnica, quando de fato a educação torna-se preocupação central do Estado e do povo. E ao longo de várias décadas tem demonstrado ainda que, apesar de enfrentar condições econômicas adversas, a chave para uma formação do homem enquanto sujeito histórico e social está no princípio do ato educativo como dever do Estado, na tentativa de unificar o estudo com o trabalho, na educação direta e indireta e na autoeducação.

## REFERÊNCIAS

ADAMNS, John Quincy (org.). **Writings of John Quincy Adams**, Vol VII, 1820-1823. Nova Iorque, Worthington Chauncey Ford (org.), The Macmillan Company, 1917.

ARDAO, Arturo. **La idea de la magna Colombia de Miranda a Hostos**. Centro de Estudios Latinoamericanos, Facultad de Filosofía y Letras, Coordinación de Humanidades, Universidad Nacional Autónoma de México, UDUAL, 1978.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Editora Record, 2009.

BARRIGUELLI, José Cláudio. **Investigação Histórica**. Universidade Federal de São Carlos: São Paulo, 1982.

BELL LARA, José; LÓPEZ GARCÍA, Delia Luisa; CARAM LEÓN, Tania. **Documentos da Revolução Cubana 1959**. 2012

BEVERIDGE, Albert. **Congressional Record**, 9 January, 711, 1900.

BLANCO, Abelardo; DÓRIA, Carlos A. **Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868 – 1859)**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRUIT, Hector. **Revoluções na América Latina**. São Paulo: Atual, 1988.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política I**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **Hernán Cortés e os Franciscanos: a educação e a dominação espiritual do México**. 196f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2013.

BRUNS, Barbara; LUQUE, Javier. **Great Teachers: How to Raise Student Learning in Latin America and the Caribbean**. Washington: World Bank, 2014.

CARVALHO, Andreia de Souza de. **De revolução salvadora à conspiração maligna: representações da Revolução Cubana na imprensa escrita brasileira. (1959 a 1964)**. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientadora: Lená Medeiros de Menezes. Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. O livro de leitura de pé no chão: 1963 (uma cartilha democrática). **Anais do IV Seminário Nacional HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil**, 2015.

CASTRO, Fidel. **A História me absolverá**. Tradução: Pedro Pomar. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Comandante Fidel Castro Ruz, em LIBERDADE PARK CITY MATA, a caminho de Havana, 07 de janeiro de 1959d**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acesso em: 31/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso do comandante Fidel Castro Ruz, Primeiro-Ministro do Governo Revolucionário No Ato Do Congresso encerramento dos trabalhadores da construção no teatro Blanquita, 29 De Maio 1960a**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acesso em: 31/07/2018.

\_\_\_\_\_. **DISCURSO DO COMANDANTE FIDEL CASTRO RUZ, Primeiro-Ministro do governo revolucionário, na sede da Nações Unidas, ESTADOS UNIDOS, 26 de setembro de 1960b**. Disponível em: <<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>>>. Acessado em: 28/02/2019.

\_\_\_\_\_. **Discurso do comandante Fidel Castro Ruz, Primeiro-Ministro do governo revolucionário em homenagem a LE tributados CTC REVOLUCIONÁRIA E do Movimento Nacional para a Paz, devido a ter sido galardoado com o prêmio "LENIN PAZ" REALIZADA EM 19 DE MAIO DE 1961b**. Disponível em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080559e.html>>. Acesso in: 31/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado pelo comandante Fidel Castro Ruz, em sua chegada em Havana, na cidade da Liberdade, em 8 de janeiro de 1959a**. Disponível em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acesso in: 26/07/18.

\_\_\_\_\_. **Discurso Pronunciado pelo comandante Fidel Castro Ruz, no Rotary Club de Havana, em 15 de janeiro de 1959e**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acesso em: 31/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de la reunion del comite ejecutibo de la union internacional de estudiantes, efectuada en el Capitolio Nacional, el 8 de junio de 1961c**. Disponível em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080559e.html>>. Acesso in: 31/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el parque central de New York, Estados Unidos, el 24 de abril de 1959b**. Disponível

em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acceso in: 26/07/18.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración celebrada a su llegada del extranjero, en la Plaza Cívica, el 8 de mayo de 1959c.** Disponible em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acceso em: 16/04/2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario, en el Acto de entrega de certificados a 4 000 alfabetizados, celebrado en la Ciudad Deportiva, el 18 de junio de 1961.** Disponible em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080559e.html>>. Acceso in: 01/08/2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario y secretario del PURSC, como conclusion de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961e.** Disponible em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080559e.html>>. Acceso in: 02/08/2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité central del partido comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la velada solemne en memoria del comandante Ernesto Che Guevara, en la plaza de la Revolución, el 18 de octubre de 1967.** Disponible in: <<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f181067e.html>>>. Acceso in: 14/11/17.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por el presidente del consejo de estado de la república de Cuba, fidel castro ruz, en la tribuna abierta de la juventud, los estudiantes y los trabajadores por el día internacional de los trabajadores, en la plaza de la revolución, el primero de mayo del 2000.** Disponible in: <<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2000/esp/f010500e.html>>> Acceso in: 14/06/18.

\_\_\_\_\_. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961a.** Disponible em<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080559e.html>>. Acceso in: 26/07/18.

\_\_\_\_\_. **¡Cumpliremos! Temas sobre la Revolución para los Alfabetizadores.** La Habana, Cuba. 1961b.

\_\_\_\_\_. **Discurso Pronunciado Por El Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro Del Gobierno Revolucionario, En El Acto De Inauguración De La Ciudad Escolar “Abel Santamaria”, Donde Antes Estaba El Cuartel Militar “Leoncio Vidal”, En La Ciudad De Santa Clara, El 28 De Enero De 1961d.** Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso in: 11/03/2019.

\_\_\_\_\_. **Educação em revolução.** Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976.

\_\_\_\_\_. **O homem novo e a nova mulher em Cuba.** 1ª ed. São Paulo: Global, 1979.

\_\_\_\_\_. **Foi assim que Fidel Castro falou.** Ediciones Idea, 2008.

CORAZZA, Gentil. O todos e as partes: Uma Introdução ao Método da Economia Política. **EST. Econ.** São Paulo, v. 26, n. ESPECIAL, p. 35-50, 1996.

CUBA, Ministerio de la Educación. **Alfabetizamos manual para el Alfabetizador.** La Habana: Imprenta Nacional, 1961a.

\_\_\_\_\_., Ministério de la Educación. **Venceremos.** La Habana: Imprenta Nacional, 1961b.

\_\_\_\_\_., Ministerio de la Educación. **Producir-Ahorrar-Organizar.** La Habana: Imprenta Nacional, 1961c.

\_\_\_\_\_., Ministerio de la Educación. Congreso Nacional de Alfabetización. La Habana: Imprenta Nacional, 1961d.

\_\_\_\_\_., **Texto da Emenda Platt.** 1903. Disponível em: <<<http://www.historyofcuba.com/history/platt.htm>> acessado em: 22/09/17 às 01h27min.

CUÉTARA LÓPEZ, Ramón y PÉREZ CAPOTE, Manuel. "En defensa de la Geografía". In: **Revista Varona**, n. 26-27, La Habana: Instituto Superior Pedagógico Enrique José Varona, enero-diciembre de 1998, p. 48-52.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição:** elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. O conceito de América Latina: uma visão francesa. **Caligrama**, Belo Horizonte, 12:129-148 dezembro de 2007.

ECURED, Enciclopédia Cubana. **Marcha da Alfabetização**, 2015. Disponível em: <<[https://www.ecured.cu/Marcha\\_de\\_la\\_alfabetizaci%C3%B3n](https://www.ecured.cu/Marcha_de_la_alfabetizaci%C3%B3n)>> Acessado em 28/02/2019.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana.** 1ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

\_\_\_\_\_. **O que é revolução.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As Veias abertas da América Latina.** Tradução de Galeno de Freitas, 6ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GÓES, Moacyr. **De pé no chão também se aprende a ler: 1961 - 64: uma escola democrática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. Cuba - Recife - Natal: ou o sonho de três cartilhas de alfabetização para mudar o mundo. **Contexto & Educação. Revista de Educación en América y el Caribe.** p.45 - 64, jul/set. 1995.

GOTT, Richard. **Cuba: Uma Nova História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. \_\_. **Cadernos do Cárcere: Maquiavel, notas sobre o Estado e a Política,** 1976.

GUEVARA, Ernesto Che. Notas para o Estudo da Ideologia da Revolução Cubana. In: SADER, Eder (org.). **Che Guevara – Política.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Contra o Burocratismo.** In: SADER, Eder (org.). Che Guevara – Política. São Paulo: Expressão Popular, 2004a.

\_\_\_\_\_. **O socialismo e o homem em Cuba.** Semanário Marcha, Montevideo. Março de 1965.

\_\_\_\_\_. **Obras de Che Guevara Tombo III.** Paris. François Maspero, 1968.

\_\_\_\_\_. Uma Atitude Comunista frente ao Trabalho. In: **Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo.** 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982.

\_\_\_\_\_. **Venceremos! Os Discursos e Escritos de Ernesto Che Guevara.** Touchstone, 1968.

HERNÁNDEZ HERRERA, Pedro Ángel. **La enseñanza de la Geografía de Cuba: um estudio histórico crítico desde 1959 hasta el año 2000.** La Habana: Instituto Central de Ciencias Pedagógicas, 2005, Tesis de Doctor en Ciencias Pedagógicas, 199 p.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Viva la Revolución: A era das Utopias na América Latina.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HUTEAU, Michel; LAUTREY, Jacques. Cuba: revolução no ensino. Trad. De Manuela Leandro e Fernanda Campos. Coimbra: Centelha, 1976.

INSTITUTO DE HISTÓRIA DE CUBA. **Fidel Castro: El Moncada y La Historia Me Absolverá (selección temática 1953-2003)**. Habana, 2005.

KOSÍK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LAS CASAS, Bartolomé de; LLORENTE, Juan Antonio. **Brevísima relación de la destrucción de las Indias**. Fontamara, 1974.

LAS CASAS, Bartolomeu de. **História de las Índias III**. Edición de Augustín Millares Carlo. Estúdio preliminar de Lewis Hanke. Ed. Fondo de Cultura Econômica. México, 1992.

LEAL, Leovegildo Pereira. **Marxismo e Socialismo-Análise crítica da Revolução Cubana**. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

LÊNIN, V.I., Se Sostendrán los Bolcheviques en el Poder? In: **Obras Escogidas**, Tomo 2, 1961.

LÓPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. **estudos avançados**, v. 25, n. 72, p. 55-72, 2011.

MANACORDA, Mario A. Marx e a Pedagogia Moderna. Trad. Newton Ramos de Oliveira. Campinas: Alínea, 2007.

MARTÍ, José. **Nuestra América**. Venezuela:Fundação Biblioteca Ayacuch, 1985.

MARTINS, Fabiana de Oliveira. **Martí e Fidel: Apropriações e Negociações**. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

MARX, Karl. **A Questão Judaica**. 2. ed., São Paulo: Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. 2º Ed. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004

\_\_\_\_\_. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Boitempo Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os pensadores).

\_\_\_\_\_.**Crítica do Programa de Gotha** / Karl Marx ; seleção, tradução e notas Rubens Enderle. - São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 5. ed. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Crítica da educação e do ensino**. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

NEPOMUCENO, Eric. **Cuba: Anotações sobre uma Revolução**. São Paulo: Alfa – Omega, 1981.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. In: **Cultura brasileira e identidade nacional**. Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Manuel. **Rebeldes sem armas: alfabetizadores cubanos em ação**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PEREIRA MELO, José Joaquim. **A Educação no Império dos preferidos do Sol**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23. 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2000. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. **De Cuba a Tenochtitlán. A busca dos “segredos da terra”. Estudo da trajetória de Fernando Cortés no México (de 18 de fevereiro a 8 de novembro de 1519)**. Maringá: Eduem, 2017.

\_\_\_\_\_. Fontes e Métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais. In: COSTA, Célio Juvenal; PEREIRA MELO, Joaquim José; FABIANO, Luiz Hermenegildo (Org). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010. p. 13 - 35.

\_\_\_\_\_. **Santo Agostinho e a educação como fenômeno divino**. Revista Educação e filosofia, Uberlândia, v. 24, n.48, jul./dez. 2010, p. 409-434.

PEREIRA MELO, José Joaquim; AMARAL, RG. Roseli Gall do Amaral da Silva. **A questão teoria e prática e suas implicações para a formação docente**. In: VI Congreso Internacional de Salud Mental Y Derechos Humanos, 2007, Buenos Aires. Trabajos 6º Congreso, 2007.

PEREIRA, Fábio Inácio UEM; PEREIRA MELO, José Joaquim. **JOSÉ MARTÍ E A EDUCAÇÃO EM CUBA**. UEM, 2010.

PÉREZ, Manolo M. **Che Guevara: Contribuição ao pensamento revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

PÉREZ-GALDÓS, Valencia. **Un hombre que actua como piensa**. La Habana: Editora Política, 1988.

PERONI, Vera Maria Vidal. **A Campanha de Alfabetização em Cuba**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

PIZZOLATTI, Rômulo. **Em torno da ideia de Revolução em Marx, Engels e Lênin**. 1998. 91f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.

PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação da Revolução Cubana (1959-2009)**. 2013. ix, 258 f., il. Tese (Doutorado em História) —Universidade de Brasília. Orientadora: Jaime de Almeida. Brasília, 2013.

QUENTAL, Pedro de Araújo. A latinidade do conceito de América Latina. **GEOgraphia**, v. 14, n. 27, p. 46-75, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E.(ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REID-HENRY, Simon. **Fidel e Che: uma amizade revolucionária**. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

REIS, Roberto. O espaço da latino-Americanidade, **Crítica Literária Latino Americana**, Lima, 1988, p.25-37.

RODRÍGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. **Estud.** av. vol.25 no.72 São Paulo May/Aug. 2011. Disponível in<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142011000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200005)> acesso em set/2016.

SADER, Emir. **Cuba: um socialismo em construção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SANTOS. Christina Aparecida dos. **Bartolomeu de Las Casas: o educador das Índias**. (101 f.). Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico – crítica: primeiras aproximações**. 8. Ed. Campinas, Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 2011.

SEGRERA, Francisco López. **A Revolução Cubana: propostas, cenários e alternativas**. Tradução Mário Luiz Neves de Azevedo, Gilda Teresa Contreras López. Maringá: Eduem, 2012.

SILVA, José Herculano da, et al. **Quem sabe, ensina; Quem não sabe, aprende: A educação em Cuba**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

SILVA, Karina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Karina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009

SILVA, Lúcia Maria Leite da. **Brasil, Cuba e Finlândia: um diálogo entre práticas docentes pela excelência do letramento**. 2012. 222 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília. Orientadora: Vera Aparecida de Lucas Freitas. Brasília, 2012.

SILVA, Newton Ferreira da. **O pensamento de Che Guevara: um homem novo, trabalho e consciência na Revolução Cubana**. 2011.

SILVA, Newton Ferreira da. "Educação para a Revolução: Che Guevara e a construção do homem novo cubano". **VII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS**. Anais: Vol. 1, Nº 1. ISSN: 2238-9156. Marília, 2012.

SOARES, Eliane. **O processo político da revolução nacional-democrática e o socialismo na América Latina: um estudo comparativo sobre os programas da Revolução Cubana de 1959 e da Revolução Bolivariana da Venezuela**. (364 f.). Tese de Doutorado em Ciências Sociais, com especialidade em Estudos Comparados sobre as Américas – Universidade de Brasília. Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro. Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **O pensamento de Che Guevara: um homem novo, trabalho e consciência na Revolução Cubana**. (152 f.). Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Orientador: Prof. Dr. Paulo Rodrigues Ribeiro da Cunha. Marília, 2011.

SOUZA, Ailton. América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, n. 4, p. 29-39, dez. 2011.

SWEEZY, Paul M.; HUBERMAN, Leo. **Cuba: anatomia de uma revolução**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1960.

TAYLOR, Robert J.; Mark Friedlaender. **Diary of John Quincy Adams**. Cambridge: Belknap Press, 1981.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952 a 1958)**. (211 f.). Tese de Doutorado em História - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Orientador: Prof. Dr. Luis Sérgio Duarte. Goiânia, 2009.

TROJAN, Rose Meri. **Educação Básica e Formação Docente em Cuba: Prós e Contras**. *Jornal de Políticas Educacionais*. Nº 3, p. 53 – 54, jan - jun. 2008.

UNESCO, **Informe sobre los métodos y medios utilizados en Cuba para eliminar el analfabetismo** . Informe oficial de la UNESCO. Ciudad Libertad 6 de Julio 1965.

VASQUEZ, Adolfo Sanches **Ética**. 25<sup>a</sup>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

ZANATTA, Loris. **Uma breve história da América Latina**. Tradução Euclides Luiz Calloni. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2017.